Ill.mo José Paraes de Macedo
(Na Secretaria da Marinha)

3.° ANNO—1866.

ARCHIVO

DE

PHARMACIA.

E

SCIENCIAS ACCESSORIAS

DA

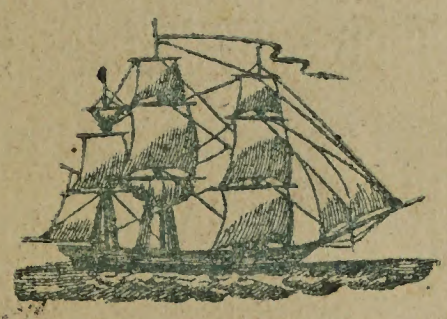
INDIA PORTUGUEZA

PUBLICADO E REDIGIDO

POR

ANTONIO GOMES ROBERTO.

Professor da pharmacia na Eschola Medico Cirurgica de Nova Goa, 1.° Pharmaceutico do Quadro de Saude Militar do Estado da India, Delegado da Sociedade pharmaceutica Lusitana. &.



NOVA GOA

IMPRENSA NACIONAL.

22900240951

ARCHIVO

DE

PHARMACIA

E

SCIENCIAS ACCESSORIAS

DA

INDIA PORTUGUEZA.

ARCHIVO

DE

PHARMACIA

E

SCIENCIAS ACCESSORIAS

DA

INDIA PORTUGUEZA,

PUBLICADO E REDIGIDO

Pelo Primeiro Pharmacêutico

DO QUADRO DE SAUDE MILITAR DO ESTADO DA INDIA.

ANTONIO GOMES ROBERTO.

3.º ANNO. 1866

NOVA GOA

IMPRENSA NACIONAL.

WELLCOME INSTITUTE
LIBRARY

Coll.	welMOmec
Call No.	

ARCHIVO DE PHARMACIA

E

SCIENCIAS ACCESSORIAS

DA

INDIA PORTUGUEZA.

Numero 25 Janeiro de 1866 3. Anno

A necessidade de haver em Lisboa um muséo, ou gabinete onde se reunam amostras de todos os productos medicinaes das nossas colonias.

Todos os que conhecem as nossas possessões ultramarinas pela pratica, ou pela theoria, concordarão com nôsco nas vantagens que poderião auferir-se do estabelecimento, em Lisboa, d'um gabinete ou museo, em que se reunissem amostras dos muitos e variados productos medicinaes, que se encontram nas nossas colonias, muitos d'elles de valor, e alguns completamente desconhecidos em Portugal.

Este gabinete poderia estabelecerse no hospital de Marinha debaixo da direcção do Conselho de Saude naval e do ultramar.

A acquisição dos productos seria facil ao Conselho por meio dos seus delegados de saude do Ultramar, prestando-lhe o governo todo o auxilio e os meios precisos, não só para a organisação do gabinente, como tambem para outras despesas que tivesse a fazer na acquisição dos differentes objectos.

A medicina, a pharmacia, e as artes tirarião, com certesa, grandes vantagens d'esse estabelecimento.

Portugal vai ao estrangeiro comprar muitas drogas medicinaes que abundam nas nossas colonias, donde as podia obter por um preço inferior ao que actualmente lhe custam, se tivesse dellas conhecimento, o que facilmente obteria existindo o gabinete que propomos, e que este fosse accessivel ás pessoas competentes ou interessadas, as quaes não só poderião ali ver a sua qualidade, mas tambem saber o preço aproximado por que as poderiam obter em Lisboa.

Uma vêz estabelecido o transporte d'essas drogas da India e d'Africa para Portugal, difficilmente seria interrompido, porque os lucros que indubitavelmente darião haviam de fazel-o progredir.

Outra vantagem que resultaria d'esse gabinete, seria a de reunir ali tanto as drogas que são já do dominio da sciencia, como aquellas que vogam nas mãos dos empiricos, em algumas das quaes já a medicina scientifica principia a confiar, e a reconhecer n'ellas uma forte acção medicamentosa.

Estas drogas, as de reino vegetal,

convenientemente dessecadas, com o fructo, flores e folhas, e enviadas ao gabinete, podiam ser não sô ensaiadas no hospital de marinha, como tambem estudadas e analisadas ou pelo Conselho de Saude Naval, ou por uma commissão de especialistas, nomeada para esse fim.

Haverá talvez quem nos interrogue sobre as drogas medicinaes que as nossas colonias podem fornecer á Metropole; anticipamos já a resposta.

Na India, temos os *Tamarindos*(1) que se compram por um preço inferior, e que se venderiam em Portugal com vantagem; custam aqui a 6 xerafins a arroba – (940 reis fortes), e são de excellente qualidade: temos a boa *nóz vomica*, que abunda em muitas provincias, e que não tem preço no paiz por que cada um que a precisa, manda apanhal-a em qualquer parte: a *Canna fistula* (ainda que pouco usada hoje) abunda na India e na Ilha de S. Thomé, não tem preço nem consumo: a *gomma de cajueiro* (anacardium occidentale) e a *gomma* de *ambareiro* (spondias manguifera) desconhecidas em Portugal, e que são já hoje usadas e consideradas pelos ingleses como superiores á gomma arabica(2); estas gommas que poderiam ser exportadas em grande escala, com especialidade a *gomma* do *cajueiro*, não se faz uso algum d'ellas, nem na Africa, nem na India, onde apenas os pintores consomem alguma em tintas: alem d'estas drogas temos as sementes do *ricinus communis*, o *calamo aromatico*, a *abutua*, e muitas outras de que já demos noticia neste jornal: temos o *croton tiglium*, que corre no commercio com o nome de *pinhões* da *India*, grãos das Molucas, e sementes de Tilly (3), de que se obtem o excellente oleo do mesmo nome, que está tendo hoje muito consumo na Europa, onde tem um valor subido; este arbusto, e outros da mesma familia, de especies differentes, abundam nas nossas provincias das Novas Conquistas, na de Bardez, e em todas as outras, em mais ou menos quantidade; as sementes do *croton tiglium* estão actualmente sendo ensaiadas no nosso hospital militar de Pangim pelo distincto facultativo do quadro de saude deste Estado o Sr. João Stuart da Fonseca Torrie, que nas paginas d'este jornal dá uma curiosa noticia d'ellas.

Agora as plantas empregadas pelo empirismo e desconhecidas ainda pela sciencia, seria preciso um grosso volume para as enumerar todas; temos o *Tupcoty*, que já hoje é empregado pelos nossos medicos, nas pneumonias, como espectorante, e disem que com vantagem; o *Cuddó* (ou vulgarmente chamado-quina dos pobres) dotado d'um principio muito amargo, e usado pelo empirismo no tratamento das febres intermittentes; e outras muitas substancias que julgamos occioso mencional-as aqui, por havermos já tratado d'ellas no nosso jornal.

Passemos agora ás nossas posses-

(1) *Archivo* n.º 8 de agosto de 1864 pag. 121.

(2) *Archivo* n.º 23 de novembro de 1865 pag. 163, *Apontamentos sobre alguns agentes p armaeologicos da India Portugueza*, por J. Stuart da Fonseca Torrie.

(3) *Materia Medica* do Sr. Doutor Beirão tomo 2.º pag. 203.

sões d'Africa occidental; além de muitas gommas que lá possuimos, e que já hoje são do dominio do commercio, ali temos a *Taculó* ou *Hula* de Golungo Alto, citada pelo Sr. Dr. Welwistch (4), de que os naturaes extrahem uma tinta vermelha, que applicam como remedio tonico, e para tingir varios objectos de uso domestico; o conhecimento d'esta planta podia interessar á medicina e ás artes: as folhas do *Calusangue*, arvore da familia das *apiaceas*, que se encontra nas matas virgens dos districto montanhosos do interior de Angola, e que são usadas pelos naturaes, em quanto recentes, em cataplasmas, ou em infusão contra as tosses chronicas e outras molestias do peito: a casca do *Quibaba*, arvore que se encontra no Golungo Alto, e que diz o Sr. Dr. Welwistch, que talvez podesse fornecer um succedaneo da *quina*, pelo principio muito amargo que contem: a casca da arvore *Quibaba* do Mussengue ou do Hungo, que tem as mesmas propriedades da antecedente: a *Resina* da arvore *Motuné*: a casca da *N-panda* ou *Umpanda*, empregada no curtimento de couros: a *Resina* da arvore *Mirahonde*, que os pretos vendem como *Sangue de Drago*: *Abutua* (ou butua), muito usada pelos pretos as raizes pisadas, folhas, casca do tronco e os fructos em cosimento contra as diarrheas, gonorrheas, e varias outras doenças syphiliticas inveteradas, nas mordeduras das serpentes, e como sudorifico nas constipações: a *Resina* de *Mubafo*, a *Gomma de Mubango*, a *gomma* de *Muance*, e muitas outras drogas, enviadas já a Lisboa pelo Sr. Dr. Welwistch, das quaes porém, não nos consta até hoje se tenha feito uso ou estudo algum.

Em abril de 1864, animados d'estas ideas, enviámos á Sociedade Pharmaceutica Lusitana uma pequena e imcompleta collecção de productos medicinaes da India; em agosto de 1865, como seu Delegado, dirigimos-lhe um officio suscitando a ideia de organisar um gabinete para o fim que hoje lembramos, respondeu-nos porem em 14 de outubro de 1865, que já a nossa ideia tinha sido discutida na Sociedade, havia proximamente um anno, discussão de que não tivemos conhecimento, talvez porque entre alguns dos numeros do Jornal da Sociedade, que se nos teem desencaminhado, fosse aquelle em que viessem as actas da Sociedade em que foi descutido tal objecto; a Sociedade acha civilisadora a ideia, e trabalha para a levar a effeito, vê-se porem embaraçada pela falta d'uma caza com as accommodações precisas para um estabelecimento de tal ordem, e talvez tambem com a falta de meios para fazer face ás muitas despesas com que se sobrecarregaria, não só com a organisação do edificio, como tambem com a aquisição de todos os productos medicinaes das colonias; podia por tanto o governo dar á Sociedade um edificio adaptado para esse fim, e um subsidio annual, sem o qual lhe seria difficil sustentar tão util estabelecimento; ou

(4) *Synopse* explicativa das amostras de madeiras, drogas medicinaes e d'outros objectos, mormente ethnographicos, colhidos na provincia de Angola, &c., pelo Doutor Frederico Welwistch.

então encarregar o Conselho de Saude naval e do ultramar da sua formação, pois que talvez no vasto edificio do hospital de marinha haja espaço para isso, e existão já muitos productos das nossas colonias, (5) mandados em virtude do Decreto de 11 de dezembro de 1851, artigo 12 P. 2.°, que diz = *Os mesmos Delegados* (de Saude) *serão obrigados a colligir na capital da provincia, e a remetter annualmente ao Conselho de Saude Naval e do Ultramar exemplares devidamente preparados dos productos de Historia Natural. As despesas com a colheita e preparação dos referidos objectos serão feitas, no Estado da India á custa do Cofre da Junta de Saude, e nas outras provincias á custa da Fasenda, quando os cofres das juntas não possam supprir essas despesas.* = O decreto de 28 de outubro de 1862 approvando o Regulamento geral do serviço de Saude das provincias ultramarinas, diz no *Capitulo* 9.° das *Instrucções* que fazem parte do mesmo regulamento — *Devem mencionar as drogas proprias do paiz, a sua abundancia e escassez, preço medio, e modo mais facil de as obter etc.* Vê-se pois que de ha muito tempo o governo lançou os alicerces para a formação do estabelecimento, que hoje lembramos, e pedimos se amplie por forma que possa prehencher os fins desejados.

A. Gomes Roberto.

5) Pela Junta de Saude do Estado da India forão já mandadas algumas drogas medicinaes; entre ellas a Salsa parrilha, que foi já ensaiada no Hospital da Marinha.

Apontamentos sobre alguns agentes pharmacologicos da India Portugueza.

(*Continuação do n.° antecedente.*)

Purgantes.

Em nada he tão rica a India, como em purgantes, se relativamente á quantidade bastará dizer, que das euphorbiaceas o numero das especies enumeradas chega a 112, e o das cucurbitaceas vai até 160 (1); para mostrar a grande variedade de acção, sufficiente tãobem he o dizer-se, que a par do *croton tyglium* e *jotrophas curcas*, activissimos drasticos, temos a *leurites triloba* e varias outras substancias, laxantes mais suaves do que o oleo do ricino.

Ao considerar pois o grande numero e extraordinaria variedade que neste grupo de medicamentos se observa nesta vasta região, mais uma vez avultão os recursos que do seu estudo pode colher a sciencia.

E se no dizer da pluralidade dos especialistas das doenças dos climas quentes, os purgantes de origem vegetal devem sempre preferir-se aos minerais, porque destes ás vezes resultão graves damnos; mais uma rasão para insistirmos no uso daquelles de preferencia aos purgantes exoticos, que se reservarão para casos excepcionais.

Euphorbiaceas.

Caracteres botanicos da familia. São hervas, arbustos ou grandes arvores, que em geral crescem em toda

1 Waring. Log. cit pg. 216 e 232.

a parte, mas de preferencia nos paizes quentes.

Diz De—Candolle, que os vegetais desta familia são carnosos, semelhando á familia dos cactos, dos quais differem, em possuir um succo leitoso que os cactos não tem; todos tem um ar sombrio e triste; são de um verde pouco intenso.

As folhas são oppostas, as flores unisexuais, pequenas; o calice monosepalo, com 3 a 6 incisões, munido interiormente de apendices escamosos ou glandulosos; a corolla nulla, monopetala ou polypetala; os estames numerosos, que em certos casos se devem considerar cada um, como uma flor redusida á minima simplicidade; o ovario livre e sessil, com 2, 3 ou muitos loculos, contendo cada um, de 1 a 2 ovulos suspensos ao angulo interno; 3 estigmas: o fructo he sêco ou carnoso, e tem tantos coquilhos quantos os loculos.

Propriedades medicas.

Todas as partes destas plantas são mais ou menos purgativas.

O principio activo encontra-se commummente no fructo, em varias especies tãobem abunda nas folhas e raizes, como p. ex: no *croton tiglium* e *ricinus communis*; e até por vezes se acha no succo leitoso, p. ex. na *euforbia antiquorum*.

Parece que para todas o principio activo he o mesmo, e que existe na forma de resina que nas analyses de algumas plantas desta familia, sempre se tem encontrado.

Em todas ha maior ou menor porção de oleo fixo, onde está diluido e principio purgativo,

Admittido o que fica exposto, bem se explicaria o porque as altas dozes destes purgantes produzem os mesmos symptomas, isto he, hypercatharsis, vomitos, horriveis dores no abdomen, suores frios, prostração e syncope; o como sempre as necropsias mostrão inflammações dos intestinos; e o porque o çumo de lima ou mitiga ou debella o incommodo.

Pelo maior ou menor gráo de dissolução no menstruo oleoso tãobem se explicaria a differença de actividade, assim o croton tyglium pouco abundante em oleo seria activissimo, e o ricino commum, no qual ha abundancia de oleo seria de acção suave.

O Dr. Rorke classificou os oleos provenientes das plantas pertencentes a esta ordem, do seguinte modo (2):

Oleos emeto-cathárticos	Dozes em que operão
Oleo de croton tiglium	1 a 2 g.t^as
Jotrophas curcas.....	8 „ 12 „
Euphorbia latyris....	15 „ 30 „
Anda gomesi (do Brasil).....	75 „ 150 „
Hura crepitans (da America).....	75 „ 150 „
Ricinus communis..	1 „ 2 oç^as
Oleo simplesmente purgativo	
Oleo da aleurites triloba	1 a 2 onças
Oleo inerte	
Oleo da omphale a triandra.	1 a 2 onças
Oleos de propriedades ignotas	
Elococa verucosa	
Stillingia sebifera.	

Croton tiglium.

He um arbusto de 15 a 20 pés de

2 Ann. de Therap. 1859 p. 117.

altura, que se encontra em muitas partes da India, em Ceilão, Java e Moluccas.

Crê-se geralmente que o croton tiglium he o mesmo que o granum moluccum de Rumphio, o sr. Hamilton examinando bem a descripção e figura que se encontra nos escriptos de Rumphio, diz que o celebre naturalista se referia ao *croton pavana* e não ao *tiglium* (3); qual seja a verdade não podémos decidir, visto não possuir os livros antigos.

Todos as partes da planta possuem propriedades purgativas.

Raizes, caule e folhas.

As raizes e folhas são purgativas, e segundo diz Murray (4) quando ingeridas inflammão os labios, bocca, e esophogo até ao anus.

A madeira (*lignum pavane*, ou *moluccense*) he esponjosa, leve, esbranquiçada, coberta de uma casca cinzenta, o cheiro he desagradavel, e o gosto pungente e cautisco.

Foi muito usada como purgante na doze de 5 a 10 grãos, hoje já se não emprega pela incertesa do effeito.

Em menores doses produz effeitos sudorificos (Murray).

Sementes.

Synonimos. Pinhões pequenos da India---em opposição ás sementes do *jotrophas curcas*, denominadas *grandes pinhões: grana* ou *semina tiglii, grana tilli, grana tilla, grana moluccana, nuclei pinei moluccani.*

São do volume de uma avelan, compoem-se de um envolucro e uma amendoa: o envolucro he formado de tres camadas, uma externa, pulverulenta, côr de pinhão; outra interna, esbranquiçada e transparente, a terceira que está no meio das outras, he dura e negra.

Destruido este envolucro encontra-se a amendoa de um branco baço, do volume pouco mais ou menos de dois pinhões, e com um gosto extremamente acre e caustico.

A primeira menção distincta destas sementes deve-se ao notorio naturalista Hespanhol Acosta e data de 1578 (5); mas quem verdadeiramente authorisou as suas propriedades, foi Ainslie que em 1813 na sua Materia Medica do Hindostão, publicou as observações de White e Marshall.

Em quanto ao seu emprego diz Rumphio que os Indios davão as sementes na dóze de semente e meia a duas, em todos os casos em que erão indicados os drasticos.

Diz o mesmo escriptor que tãobem se empregavão para matar peixes e maridos, servindo-se as mulheres para este ultimo fim de quatro sementes. (6)

Parece-me inexacta esta asserção de Rumphio, relativa as mulheres, porque sendo estas sementes extremamente acres e causticas, para fazerem engulir aos maridos, quatro, só á força, e então mais valia espingardea-los, porque o alarido não seria maior, e a execução muito mais facil.

Diz-se he verdade que as mulheres

3 Hamilton. Linnean. trausact tom. 4.° pg. 269.

4 Murray. Apparatus medicamminum. 1795. tom. 4.° pag. 69.

5 Acosta. Clusius exot. por 292.

6 Murray. Log. cit. tom 4.° pag 69.

recorrem ás sementes do *croton tiglium* para fins criminosos, mas he para abortarem.

O sr. Wilson diz ter obtido muito bons resultados como applicação estimulante, nas *doenças* de *pelle;* do alcooleo feito com uma parte de sementes contusas, para quatro de alcool.

O mesmo auctor elogia muito, contra o *exema*, *lichen*, *prurigo*, *ichthyose*, e outras doenças rebeldes da pelle, o seguinte preparado: alcooleo de sementes de croton tiglium uma oitava, alcooleo de rosmaninho uma onça, agoa de rozas tres onças. (7)

Temos feito varios ensaios com as sementes a fim de bem graduar a doze em que operão como purgante: e em resultado obtivemos o que se segue.

Um quarto de grão não produzio effeito em nenhum individuo; um terço de grão, nada produzio.

Meio grão fez com que tres individuos se desonerassem mais uma vez do que de ordinario, mas sem dor alguma.

Dois terços de grão produsirão magnificio effeito, houverão de 3 a 6 evacuações.

Quatro quintos de grãos dados como dóze a 8 doentes, derão logar, de 4 a 12 evacuações havendo em 3 individuos 11 evacuações.

As materias evacuadas erão fecais e depois aquosas: em muitos havia dores abdominais.

O oxido de magnesio e o carbonato derão um bom intermedio: a juncção de um grão de opio a cada pilula de dois terços de grãos modificou a acção de modo que as evacuações forão quasi sempre em numero de tres a cinco, nunca mais, e as dores abdominaes não as houve.

Estamos ainda continuando as experiencias com as mesmas sementes, que em breve publicaremos.

Não sabemos tãobem que antiguidade tem as sementes que empregamos, e que forão offerecidas á Eschola Medico-Cirurgica por S. Ex.ª o Governador Geral; todavia esperamos em breve sementes novas e então poderemos determinar qual a differença da acção segundo a sua antiguidade.

O que se pode desde já asseverar he que com as sementes se podem obter todos os effeitos purgativos, isto he, não só os laxantes como os catharticos e drasticos: havendo a grande conveniencia e economia de n'uma caixa de obreias poder encerrar 200 a 300 purgantes, cujo custo não excederá uma rupia.

Ainda por ultimo temos a notar que nos parecem erradas as dozes prescriptas por Rumphio e outros auctores, porque semente e meia a duas sementes, tendo como quasi sempre tem cada semente, quatro ou cinco grãos, he uma dóze excessiva para qualquer individuo, e muito perigosa.

Oleo de croton tiglium.

He de côr amarellada, ou avermelhada, quando as sementes forem torradas, o cheiro he nauseoso, o sabor acre e caustico.

Compoem-se de *acido crotonico* dissolvido n'um oleo fixo; e de um prin-

7 Wilson, Diseases of the skin. pag. 177 e seg.

cipio acre volatil. Suppoz-se em tempo que as propriedades deste oleo erão devidas ao acido, mas o sr. Redwood provou que nem o acido crotonico, nem os seus sais são purgativos. O oleo de croton da India he insoluvel no alcool mesmo com o auxilio do calor segundo diz o sr. Neligan: (8) obtido das sementes em Inglaterra he segundo o Dr. Pereira soluvel em egoal volume de alcool sem auxilio do calor, formando uma mistura trasparente que se não separa pela quietação.

A extracção faz-se pulverisando as amendoas, levando-as á prensa, e deixando depositar o oleo que corre, por 12 a 15 dias para depois o filtrar: pode-se tambem obter pelo alcool e ether, mas mais dispendiosamente.

Acção physiologica.

O oleo de croton tiglium ingerido, produz uma sensação dolorosa na mucosa buccal e das fauces, no estomago sente-se calor, e nos intestinos colicas e evacuações, mais ou menos abundantes.

He das substancias que purgão irritando a mucosa; como porém injectado nas veias mata e nas necropsias se encontra a mucosa intestinal inflammada, parece possuir uma acção especial sobre esta membrana.

Posto sobre a pelle intacta irrita, e produz inflammação dando logar a formação de pustulas; julgou-se que por meio de fricções sobre a pelle se podião obter os effeitos purgativos, o sr. Andral por suas experiencias achou ser isto falso. O sr. Rayer assevera que, desnudando a pelle e lançando no ponto sem epiderme uma a duas gottas, se obtem perfeitamente os effeitos evacuantes.

Usos medicos.

Constipação do ventre.--Tontini que sobre si experimentara, aconselhava o oleo de croton tiglium para uso ordinario, na dóze de meia gotta em q. s. de liquido conveniente; mas sobre tudo nos casos de embaraço gastro-intestinal, e nos constipados por abuso de opio.

He muito valioso nas constipações que acompanhão as *inflammações cerebrais*, na *mania* e outros affecções cerebrais, porque alem de purgante he derivativo e revulsivo.

Na constipação dos *hypocondriacos* e *hystericos*, nos casos de *paraplegias* e outras paralysias, em que ha atonia intestinal.

Finalmente na *colica metallica* que efficazmente se cura com uma gotta de oleo, diariamente, fazendo desapparecer a constipação e com ella a doença, na maioria dos casos.

Apoplexia.— He um dos melhores meios, porque posto sobre a baze da lingua produz effeito purgativo.

Hydropsias.— No caso de estarem indicados os hydragogos, he preferivel ao elaterio, por ser mais rapido na sua acção, e causar menor incommodo.

Cholera.—O sr. M. Gregor julga-o um dos melhores meios para combater a doença, dado conjunctamente com o opio e meimendro: diz elle que 9 grãos de opio e 15 gottas de

(8) Neligan Materia Medica 5.ª ed. Ig. dI3.)

oleo, em dózes fraccionadas quasi sempre allivião o estado do doente; (9) o sr. Tom. tambem o *elogia* muito na mesma doença. (10)

Febre remittente. — M. Gregor julga que nas remittentes he este um dos melhores meios de combater a doença, e sem usar do qual nunca se deve administrar o quinino.

Nas *nevralgias, tic douloureux* e *sciatica* o sr. Newebigging achou que todos os angustiosos symptomas minoravão ou desapparecião, pelo uso interno deste oleo, crê elle que o croton tiglium tem uma acção especial nesta doença, independente da evacuante. (11)

O sr. Hunt. obteve tãobem notaveis resultados no tic. douloureux devido á dyspepsia. (12)

Doenças de creanças. — O Dr. Tomson diz ter notado que nas creanças o oleo de croton tiglium he menos irritante, e por isso he recommendavel quando forem indicados os drasticos.

No rheumatismo, catarrho pulmonar, affecções de *coração* e *febre typhoide* tem-se tãobem dado com bons resultados.

Externamente.

Na *roquidão* e aphonia tem produzido curas notaveis depois de falharem todos os outros meios.

Na *bronchite* e *pneumonia chronicas* he um magnifico contra-irritante.

Na *phthisica laryngea.* o Dr. Graves recommendava muito um linimento composto de vinte a trinta gottas de oleo, e uma onça de linimento camphorado. (13)

Na tuberculisação pulmonar o sr. Rayer empregou-o com bons resultados; o proprio doente deitado, vertia sobre o peito uma mistura composta de vinte e quatro gottas de oleo e algum azeite, friccionando com a palma da mão: com esta fricção alliviava-se a dyspineia, o desassocego nocturno e a febre: a mão nada soffria porque a espessura da pelle nas palmas a resguardava.

Na *sciatica* e outras *nevralgias* as fricções na região do nervo produsírão em resultado a cura.

No *rheumatismo articular chronico* he um dos melhores meios.

No *prurigo senilis* o Wilson emprega o seguinte preparado. — oleo de croton tiglium = meia a uma oitava, aseite = uma onça.

Dózes. = De uma a tres gottas internamente. Externamente de 5 graos a uma oitava.

Preparados. — O melhor modo de administrar internamente este oleo, he em pilulas: externamente emprega-se com azeite ou oleo de coco.

(Coutinúa.)

J. S. da Fonseca Torriè.

9 M Gregor Diseases of India cap. de cholera.

10 Thom Medical Times tom 14.° 1847 p 151,

11 Newbigging. Edin. Med. Surg. journ janeiro 1 de 1841.

12 Hunt. Ou tic douloureux 1844.

13 Graves Clinical lectures tom 2 p 128.

CHOLERA MORBUS.

(Continuação do n.º antecedente.]

II.

Conferencia medico-diplomatica para propôr os meios de atalhar seus progressos.

O governo francez, ou porque esteja persuadido da verdade da proposição, que no fim do artigo antecedente enunciámos, ou porque não julgue de prompto exequiveis os trabalhos de salubridade, que demandaria o Delta do Ganges na hypothese de ser elle o exclusivo productor dos miasmas cholericos, concebeo o pensamento de fazer acceitar por todas as potencias europeas e orientaes, mais interessadas neste particular, as providencias, que obstem aos progressos, e desenvolvimento da cholera, seja qualquer o ponto, onde ella tome a forma epidemica. Neste intento os seus ministros dos negocios estrangeiros, e o da agricultura, commercio, e obras publicas dirigiram ao Imperador, e este approvou a proposição, que se contém no Relatorio seguinte:

Senhor—Desde o começo da ultima invasão da cholera no Oriente, o governo de V. M. se preoccupou dos perigos de que o apparecimento do flagello ameaçava a saude geral em França. Foi sob a inspiração deste previdente pensamento que se determinou enviar immediatamente ao Egypto uma commissão medica, cujo fim era não somente prestar ás victimas da epidemia uma esclarecida assistencia, mas ainda estudar as causas, a marcha, e o character da doença, para, tanto quanto fosse possivel, lhe atalhar os progressos, e prevenir a sua introducção no territorio do Imperio.

Os agentes diplomaticos e consulares prestaram aos membros da commissão medica um zeloso concurso, que facilitou o seu trabalho, e por sua parte o governo de V. M. não cessou de applicar a sua mais seria attenção ao exame da importante questão, que se trata de resolver.

Temos a honra de submetter ao Imperador as reflexões, que este exame nos suggerio.

Para preservar as nossas populações e toda a Europa contra os accommettimentos periodicos da cholera, parece que mais depressa se deveria tratar de suffocar o mal á sua nascença, que pôr-lhe tropeços a sua marcha.

Não basta oppôr-lhe em cada um dos lanços que percorre, obstaculos, que causam ao commercio damnos reaes, e não offerecem á saude publica mais que garantias muitas vezes improficuas: seria mister sobre tudo organisar no ponto de partida um systema de providencias preventivas concertado com as auctoridades territoriaes por meio de arranjos internacionaes.

As averiguações feitas pelos agentes consulares, e confirmadas pelos relatorios unanimes dos medicos, provam até á evidencia que a epidemia foi importada no Egypto pelos peregrinos que recolhiam de Mecca e de Djeddah (Judá). Ora está verificado que a cholera existe todos os annos entre as caravanas de musulmanos, que vão áquellas cidades santas, depois de fadigas e privações de toda a natureza, que os tornam mais accessiveis á enfermidade. Esta predisposição he singularmente favorecida pelo estado em que vivem essas multidões, acampando ao ar livre, expostas a um calor torrido, e á influencia dos miasmas pestilenciaes, que diffundem os montões de immundicies, e os despojos putrefactos d'animaes offerecidos em sacrificios propriciatorios. Estas causas permanentes d'infecção foram ainda mais activas este anno em consequencia de certos factos, que podem reproduzir-se, e que nós julgamos dever signalar á attenção de V. M.

D'uma parte a affluencia de peregrinos reunidos na Mecca para o *Kourban-bairam* (festa dos sacrificios), foi por uma circunstancia particular de rito musulmano muito mais consideravel que os annos precedentes. Não se avalia em menos de 200$ o numero dos individuos de todas as idades, e de todos os sexos, vindos de diversas regiões mahometanas para cumprir as cerimonias sagradas, e a conta dos carneiros e camellos sacrificados, e cujos restos ficam abandonados á flor da terra, passou de um milhão. Não he de admirar que esta aglomeração da gente humana, e esta enorme quantidade de substancias animaes em de-

composição, tenham desenvolvido em proporções excepcionaes as condições de insalubridade, que os peregrinos habitualmente encontram.

Por outro lado cumpre notar que em outro tempo o movimento principal dos peregrinos se effectuava por via de terra. e que o caminho pelo deserto contribuia para melhorar o estado hygienico das caravanas, isolando e dissipando os elementos morbidos que ellas transportavam. Hoje pelo contrario, graças á facilidade e aos recursos da navegação a vapor, he por mar, e em um mui curto espaço de tempo que se completam pela maior parte estas viagens por meio de paquetes, nos quaes se apinham aos milhares os musulmanos de todas as nacionalidades. Esta accumulação, assim como a brevidade do transito he certamente uma das causas que mais contribuem para o desenvolvimento dos focos epidemicos.

Estas circunstancias novas chamam sobre as operações de embarque e de transporte dos peregrinos uma vigilancia e fiscalisação, que parece ter sido até agora totalmente inefficaz. Comprehende-se quanto importa que o estado sanitario a bordo dos paquetes não possa ser dissimulado, ou pelos commandantes dos navios, ou pelas auctoridades que concedem a admissão, e a livre pratica. He licito pensar que se um regimen de observação e de vigilancia tivesse existido no ponto de partida, e se relatorios exactos sobre os casos de doença acontecidos durante a viagem, tivessem solicitado a tempo a vigilancia das intendencias sanitarias locaes, ter-se-hia podido extinguir ou isolar os focos de infecção, cuja irradiação se extendeo successivamente á Syria, ás costas da Asia menor, e a uma parte da Europa meridional.

Do complexo dos factos que temos enumerado somos levados, Senhor, a deduzir esta conclusão de que he chagada a verdadeira opportunidade de provocar a reunião de uma conferencia diplomatica, onde sejam representadas as potencias interessadas como nós nas reformas, que reclama a organisação actual do serviço sanitario no Oriente, e que, depois de haver estudado as questões sobre as quaes temos tido a honra da chamar a attenção de V. M. proponha as soluções praticas. Os membros desta conferencia devem particularmente examinar se será ou não necessario constituir nos pontos de partida e de chegada dos peregrinos da Mecca, isto he, em Djeddah e Suez, administrações sanitarias tendo um caracter internacional, que assegure a sua independencia, e dê a sua fiscalisação todas as garantias possiveis de leal imparcialidade. Devemos contar com uma activa cooperação da parte dos governos orientaes. cujos estados no decurso destas epidemias são os primeiros a padecer os effeitos da devastação do flagello, e da interrupção das relações commerciaes.

Se, como nos atrevemos a esperar, V. M. se dignar conceder o seu assentimento ás considerações que temos tido a honra de lhe expôr, o governo do Imperador se daria pressa a pôr-se em communicação com os governos estrangeiros, a fim de combinar de commum accordo n'uma conferencia um complexo de providencias, cuja necessidade he demonstrada por dolorosos e recentes acontecimentos. Somos com respeito &c.

O Ministro dos negocios estrangeiros. *Drouyn de Lhuys.*—O Ministro da agricultura, do commercio, e obras publicas. *Armand Behic.* Paris, 5 de outubro de 1865.

Como complemento deste Relatorio, e principio de execução da resolução imperial. expedio o ministro competente aos representantes da França nas cortes estrangeiras esta circular :

Paris, 13 de Outubro de 1865.

Senhor. A recente invasão da cholera no Egypto, donde esta doença se derramou successivamente por muitas outras provincias do imperio ottomano, e bem assim por algumas partes da Europa, suscitou a solicitude dos diversos governos sobre os perigos, que appresenta para a saude publica a insufficiencia actual das barreiras oppostas ao desenvolvimento do flagello.

Todos estes governos, assim aquelles, cujos estados tem sido accommettidos, como aquelles. cujos territorios preservados até hoje, podem ser mais tarde ameaçados, comprehendem que he do seu dever acautellar as populações contra uma calamidade duplicadamente temivel, assim pelos males que comsigo traz, como pela perturbação que lança nas relações internacionaes.

Assim cada potencia tem adoptado, ou espontaneamente, ou por satisfazer ás instancias da opinião publica, as disposições que lhe tem parecido mais efficazes para defender o seu territorio da invasão da doença mas a experiencia tem demonstrado quanto estas providencias preventivas tomadas isoladamente, e variando segundo as localidades, são difficeis de conciliar com os habitos e necessidades de nossa epocha impaciente de todo o tropeço, que tolha a liberdade das transacções commerciaes

Conhecedor dos inconvenientes desta situação, o governo do Imperador procurou se ao mesmo tempo que se faz diligencia por atalhar o mal no seu curso, se não devia tratar principalmente de investi-lo na sua origem, combatendo-o energicamente nos proprios lugares onde nasce por meio de um systema de providencias concertadas com as auctoridades territoriaes Para alcançar este fim pensou que era urgente estabelecer um accordo previo entre as potencias interessadas, e provocar para este effeito a reunião de uma conferencia, no seio da qual entrassem a par dos delegados dos differentes estados os homens de sciencia que forem reputados os mais aptos para esclarecer as deliberações da assemblea por suas luzes especiaes.

Esta conferencia terá por objecto averiguar as causas primordiaes da cholera, determinar seus pontos de partida principaes, estudar-lhe os caracteres e a marcha; em fim deve propôr os meios praticos de a circumscrever, e de a suffocar na sua origem Não temos com tudo a pretenção de delinear antecipadamente o programma de seus trabalhos, devemos deixar esse cuidado aos membros distinctos, que serão chamados a tomar parte na conferencia, e que certamente hão de receber instrucções assaz amplas para que seus estudos possam abraçar todas as questões que importa profundamente resolver. Mas fique bem entendido desde já que a conferencia, conservando sim a maior liberdade em suas apreciações, não terá todavia que intervir em acto algum de administração interior nem que tomar a iniciativa de proposição alguma que seja de natureza a tolher o livre exercicio da soberania territorial. As providencias, cuja adopção a conferencia aconselhar, não deverão ser postas em pratica no territorio de cada Estado senão pela auctoridade independente que dominar nesse mesmo Estado.

Em razão de sua situação geographica os paizes do Levante são os primeiros a commettidos do flagello; são pois os governos orientaes particularmente interessados nos melhoramentos que se trata de introduzir em beneficio geral na organisação do serviço sanitario; e nós podemos contar confiadamente com a sua cooperaçaõ em providencias, de que seus subditos serão os primeiros a sentir os beneficos effeitos.

Não devemos esquecer que, graças ao concurso perseverante da Porta, aos aperfeiçoamentos successivos que ella tem introduzido na administraçaõ da saude publica, he que o problema da suppressão da peste foi felizmente resoluto: he pois da parte da Turquia que a conferencia poderá achar para seus trabalhos a mais efficaz assistencia, he com seu auxilio que ella colligirá os melhores elementos de soluções praticas.

Estas considerações, cujo valor será, como eu conto que seja, apreciado pelo gabinete de ... me parecem indicar mui naturalmente a cidade de Constantinopla como a sede da conferencia. Postos em contacto mais immediato nesta capital do imperio ottomano com as provincias onde a epidemia tem seus focos principaes, os representantes das potencias estrangeiras acharão junto do conselho superior de saude, que funcciona sob a alta direcção da Porta, preciosos esclarecimentos.

Estas condições tão favoraveis tornarão alli mais que em qualquer outra parte facil a satisfação de importante missão, para cujo bom resultado a administração do Sultão fará timbre de contribuir. Peço-vos, senhor, que tenhaes a bondade de participar estes desejos ao gabinete de ..... Dar nos ha uma viva satisfação saber que elle lhe presta o seu assentimento. No caso em que, como nos apraz esperar, a adhesão das diversas potencias permittisse reunir em breve praso a conferencia eu vos farei conhecer quaes são os delegados por nós escolhidos.

Achareis incluso um exemplar do Relatorio, que eu juntamente com S. Exª o Ministro da agricultura, do commercio e obras publicas tive a honra de apresentar sobre este assumpto ao Imperador, o qual foi servido approvar as suas conclusões.

Este documento não he destinado a ser communicado ao governo, junto do qual vós estaes acreditado, mas podeis tomar delle

os argumentos, que justificam os pensamentos expostos nesta circular. Recebei &c. —*Drouyn de Lhuys.*

A imprensa franceza, que havia proposto o remedio, que lhe parecia radical, do arroteamento e enxugo do Delta do Ganges, não ficou satisfeita com a resolução do governo. O Doutor Montanier, primeiro e mais acerrimo defensor daquelle plano, escrevendo acerca do Relatorio ao Imperador (a), applaude sim as ideias dos ministros, acha-as excellentes, mas não sufficientes; e fica na esperança de que os commissarios passem muito alem dos limites que ellas circumscrevem. E discorrendo novamente sobre a natureza da cholera, diz ainda o Doutor Montanier:

Um profundo estudo das diversas epidemias da cholera me tem levado a admittir os pontos seguintes. A cholera he producto de um verdadeiro envenenamento miasmatico, e não he contagiosa. Este envenenamento pode produzir-se de diversas maneiras: 1.º ou os miasmas são transportados directamente pelo ar, sem o concurso dos proprios enfermos, ou com elle, como parece ter acontecido em 1832 e em 1849: 2.º ou são directamente transportados pelos enfermos, que então lhe servem de vehiculo. Mas em ambos os ca os para que a doença se desenvolva em estado de *epidemia*, he mister absolutamente o concurso de certas condições atmosphericas, ainda não determinadas, em virtude das quaes o miasma pode desenvolver-se e propagar-se mais ou menos rapidamente, e muitas vezes com excessiva intensidade. Por outras palavras, he mister o germen, o fermento, e alem disso o terreno propicio a seu desenvolvimento. Este terreno he o ar modificado, alterado de certo modo. Sem esta segunda condição, o germen morrerá no proprio sitio onde se cria, ou pelo menos produzirá effeitos quasi insignificantes, e que promptamente se atalham.

Se estas duas condições especiaes se não acham combinadas, poder-se-hão sim observar alguns casos isolados, uma especie de *endemia*, até mesmo uma epidemia local, mas nunca uma grande e mortifera epidemia.

Houve occasião de se observar, ha alguns annos, um facto confirmativo desta hypothese na epidemia de febre amarella, que grassou em Saint-Nazaire, e que graças aos ceos, causou mais susto que mal. O navio que veio do Mexico, continha dentro de sí o germen da febre amarella, mas a atmosphera das nossas costas não foi de natureza propria a desenvolvê-lo, e a febre amarella desapareceo mui rapidamente.

Dest'arte se pode comprehender e explicar como certos lugares situados no transito ou na visinhança da epidemia, tem podido ficar salvos, ou porque a atmosphera ambiente não estivesse naquellas condições, em que a doença se pode desenvolver, ou mais provavelmente porque a columna de ar não houvesse transportado a esses lugares o miasma cholerico.

Igualmente dahi se comprehende que sem intervenção do *contagio* propriamente dito, a epidemia se tenha muitas vezes desenvolvido em certos lugares pela chegada de um individuo procedente de paizes já infectados, por haver provavelmente este individuo transportado comsigo os miasmas, os quaes terão achado para se desenvolver as condições atmosphericas que temos signalado.

Estas condições particulares, sem embargo de louvaveis esforços tentados, são ainda desconhecidas; o microscopio, a chimica, a physica, nada tem ensinado: quando muito tem-se encontrado algumas modificações insignificantes no ozona do ar. Com tudo cumpre procursar ainda, na esperança de se ser mais feliz, e porque se podem tirar indicações de uma importancia sem duvida capital.

Poder-se-hia perguntar na verdade se os proprios doentes não são capazes de criar em todos os seus elementos aquella atmosphera, que convem ao desenvolvimento da cholera. Não podemos admittir esta hypothese, porque então nos seria impossivel explicar a diminuição e desaparecimento da epidemia.

E concluindo, diz o Doutor Montanier.

Todavia louvamos sem restricção algu-

[a] N'um artigo intitulado =*Le rapport ài' Empereur sur le cholera* =na *Opinion Nationale*, de 11 de outubro de 1865.

ma o Relatorio ao Imperador; faz elle a maior honra aos dous ministros, que o conceberam e redigiram, e temos a satisfação de ver a França pôr-se á frente de uma tal crusada; mas temos confiança certa que a commissão irá avante do ponto que o texto do Relatorio parece indicar, e que ella proporá a mesma questão, que nós já proposemos; a saber, se se poderia por trabalhos de salubridade impedir a producção da cholera nos proprios paizes onde ella se desenvolve espontaneamente.

Com o respeito devido ao Doutor Montanier, tomamos a liberdade de ponderar que nos não parece esta sua opinião conter-se nos principios por elle mesmo assentados. Se a cholera saltou o dique do Ganges, e como he notorio, se acclimou, ou tornou endemica em muitos outros pontos da India, desde uma a outra costa, e desdo o alto Hindostão até ao Cabo Comorim; se os miasmas cholericos, procedentes dos proprios doentes, são transportaveis do modo que o auctor diz; se a epidemia se pode desenvolver dado o germen miasmatico, e o concurso de certas circunstancias, que a sciencia ainda não pôde descobrir; se por isso mesmo não podemos affirmar que em qualquer parte do globo o ar não possa ser modificado daquelle modo especial á producção, ou propagação da doença; como poderemos lisongear-nos de que trabalhos de salubridade no Delta do Ganges, mais ou menos extensos, mas em todo o caso circumscriptos a uma limitada área, possam impedir a producção da cholera epidemica nas outras regiões, onde ella já se tornou endemica, e permanece sempre vivo o seu germen ameaçador? O perigo, repetimos aqui, tanto pode pois hoje provir das margens do Ganges, como das do Godavery, do Krisná, do Cavery, do Tapty, do Narbadá, ou do Indo.

A imprensa ingleza da Europa tambem commentou á seu modo o Relatorio dos ministros francezes, e concordando na conveniencia do congresso proposto, não deixou todavia de fazer sentir certa desconfiança no ponto de vista politico; parecendo-lhe que a França se dirige nisto a ganhar maior influencia no Egypto, estabelecer-se na Arabia, e assim dominar o caminho que vai de Inglaterra para as suas possessões da India.

Participou sem duvida destas aprehensões o proprio governo inglez que a principio teve repugnancia de acceitar a proposição franceza; mas depois a acceitou com a condição de que a conferencia medica, alem de ser congregada em Constantinopla, o fosse sob a immediata inspecção do Sultão, e quasi sob a presidencia do primeiro ministro da Turquia. (b)

A imprensa ingleza da India tem-se occupado menos deste assumpto; com tudo o excellente jornal de Bengala, *The Friend of India* (c), louva a proposta, acha-a digna do Imperador; e he de opinião que havendo tanta disputa e incerteza sobre a natureza da cholera, e modo como ella se propaga, convem chamar a um centro, e debater todas as opiniões, e experiencias accumuladas ha quarenta annos na India; que todos devem rivalisar em prestar ao congresso medico de Constantinopla a maior somma de informações possivel; que investigações apropriadas, e extensivas a toda a área, e a todos as linhas affectadas, não podem ser levadas ao cabo pelos governos locaes; que o congresso formará um centro de communhão entre todas as nações civilisadas, facilitará as investiga-

[b] N'uma *correspondencia* de Paris, de 27 de outubro de 1865, ao *Carnatic Telegraph and Madras Exchange Gazette*, publicadá na folha de 2 de dezembro.

[c] Folha de 21 de dezembro de 1865, artigo=*The cholera congress at Constantinople*=, reproduzido na *Bombay Gazette* de 29 do mesmo mez.

ções, diffundirá uteis informações, e salvará muitas vidas; que a India, berço da enfermidade, deve ministrar a este congresso membros experimentados, homens praticos, cujos extensos meios de observação darão peso a suas opiniões nesta assemblea dos mais eminentes facultativos das nações europeas; e espera que a India será alli bem representada.

E por esta occasião não devemos occultar que as proprias nações musulmanas, antes da proposição do governo francez, haviam da sua parte tomado muito a peito prevenir-se com os pareceres dos homens competentes para estarem aparelhadas a acudir com o remedio conveniente ás futuras invasões da cholera.

Logo que esta enfermidade accommetteo o Egypto o governo do Pachá nomeou uma commissão para a estudar, e determinar quanto possivel a sua origem, e as causas de seo desenvolvimento. Esta commissão, diversa daquella que o governo francez enviou por sua conta ao Egypto, mas talvez composta, ao menos em parte, de medicos francezes, apresentou o seu relatorio ao Pachá, e nesse relatorio estábeleceo que o germen cholerico trazido pelos peregrinos hindús se desenvolvera entre as caravanas dos musulmanos, que annualmente vão a Mecca em numero de um milhão de pessoas de differentes regiões, verificou que o habito de não mudar de roupa, a pratica de dilatados jejuns, a alimentação exclusiva de fructas, e outros mantimentos pouco nutrientes, a escassez de agua, o abandono debaixo de um sol ardente dos residuos e das pelles das ovelhas sacrificadas por cada peregrino, produzem a dysenteria, que os mata ás centenas; demonstrou que os cadaveres dos crentes (musulmanos) enterrados debaixo de uma mui ligeira camada de arêa, accrescentavam os miasmas da corrupção humana aos dos animaes sacrificados; declarou que as caravanas dos peregrinos da Mecca levavam este anno em si todos os germens da infecção, que devastou o Egypto, a Italia, a Turquia, e a França; e concluio dizendo que todos aquelles, que communicaram com os peregrinos, foram accomettidos de cholera fulminante. O governo do Pachá depois de haver examinado o relatorio da commissão sanitaria, declarou que as potencias europeas deviam tomar este negocio em consideração.

A Porta Ottomana nomeou tambem outra comissão, que foi á Arabia, e especialmente ás cidades de Djeddah (Judá), Mecca, e Medina, inquirir sobre as causas de ultima epidemia, e sobre as precauções, que para o futuro se devem impôr aos peregrinos durante todo o transito de suas jornadas. Esta comissão dirigindo-se ao Egypto embarcou para seu destino em Suez n'uma fragata a vapor da marinha egypcia. Porora não temos noticia do resultado dos seus trabalhos, Todavia a Porta não esperou por esse resultado para mandar já tomar algumas precauções no Hedjaz (Arabia occidental banhada pelo mar vermelho), mormente para obstar o que os cadaveres e despojos dos animaes fiquem sobre a terra; e como o governo receia que haja resistencia da parte dos peregrinos a esta providencia, porque os musulmanos hão por sagrados aquelles despojos, e seguem como rito religioso o uso de os deixar expostos ao sol até seccarem completamente, mandou augmentar o corpo de tropas, que faz a guarnição daquella provincia.

Das nações da Europa sabemos que pela maior parte já tem adherido a enviar seus comissarios ao congresso de Constantinopla. E ainda que não vimos nomeado o nosso Portugal, temos fé que seria dos primeiros a chegar-se a esta mesa redonda da civilisação.

Em França a commissão encarregada de formar as Instrucções, que hão de levar os commissarios daquella nação, he composta de MM. Rayer, do Insti-

tuto; Tardieu, decano da faculdade de medicina de Paris; Herbet, chefe de direcção no ministerio dos negocios estrangeiros; Melier. inspector dos serviços sanitarios; Raynaud, inspector do serviço de saude de marinha; Michel Levy, director da eschola de medicina militar.

Esperamos que em mui breve tempo nos sejam conhecidas as resoluções do Congresso.

J. H. da Cunha Rivara.

Productos Vegetaes do Canará do Norte.

(Continuação do n.º 23)

Os productos vegetaes do Canará do Norte podem ser convenientemente distribuidos em seis grandes classes commerciaes, a saber:

I Oleos. II Madeiras, III Fibras, IV. Alimentos, V. Tintas, VI. Drogas.

Que nós passamos a considerar por menor nesta mesma ordem.

OLEOS.

O primeiro dos oleos em importancia commercial he o *oleo* ou *azeite de côco* (chamado em lingua canará *Tenkena onnay*).

A planta que o produz he a Palmeira, commumente chamada Coqueiro. (*Cocos Nucifera*) .

Em lingua Canará— *Luckena mara*
Hindustani—*Naril*.
Tamul—*Sayuga*.
Telegú — *Narikadam*.—

He abundantemente cultivada por todo o Canará, mas principalmente á beira-már, onde medra muito melhor, do que nos logares do sertão. Naquella primeira situação dá fructo no fim de cinco annos, na ultima não he frequente dá-lo antes dos vinte e cinco, e ainda assim mui escasso.

O Coqueiro demanda para bem medrar terreno solto e arenoso, adubado de quando em quando com folhas caidas, ou cinza; situação quanto seja possivel proxima da praia do mar, e repetidas régas até dar fructo, e ainda um pouco depois, na estação secca.

As arvores devem ser plantadas na distancia de tres ou quatro jardas umas das outras, em alameda; e as folhas seccas, que começam a cair ao terceiro anno, devem ser mui cuidadosamente cortadas O terreno intermedio, quando as palmeiras estam bem pegadas, deve ser semeado de batatas doces, ricino, ou aloes. Assim plantada e tratada, cada àrvore dará no anno tres colheitas de 50 a 60 côcos, ou de 150 a 180 ao todo. As arvores continuam a dar fructo por 70 ou 80 annos.

O oleo he extrahido do miolo do fructo por dous modos; ou machucando o miolo, e depois fervendo-o, e quando o oleo vem ao de cima, tirando-o ás colheres, ou pondo primeiramente o miolo a seccar ao sol, ou ao calor artificial, e então se chama *copra*, e depois expremendo-o. Este ultimo modo he geralmente seguido em preparar grandes quantidades de oleo; e dá muito maior proveito que o primeiro, especialmente quando se usa de prensa a vapor.

O residuo depois de extrahido o oleo forma um mantimento bom para engordar gado, e tem bom preço no mercado. Seis côcos devem produzir um quartilho (*quart*) de oleo. O preço que elle tem no bazar he de 5 rupias e 4 annas (a) por *mão* de 28 arrateis, ou em Inglaterra de 45 a 50 libras esterlinas por tonellada commumente, posto que ás vezes tem subido além deste preço. He provavel que como se forem descobrindo

(a) A *Rupia Chirina* [que he a de que usa o auctor] he igual a 400 reis da moeda de Portugal. O *Aná* he a decima sexta parte da rupia, e por tanto igual a 25 réis. O *Poisá* he a quarta parte do aná, igual a 6 réis e uma quarto. O *Poi* he a terça parte do *Poisá*, igual a 2 para 3 réis.

novos usos deste oleo, irá cada vez mais subindo a sua procura e o seu preço.

Alem do oleo dá esta arvore muitos outros productos, que serão referidos nas classes das Fibras, Madeiras, Alimentos, e Tintas.

O lucro que dá um palmar mostra-se das seguintes taboas, em que de proposito vai avaliado por baixo.

Custo provavel de trazer 200 acres de terra á cultura de palmar no Canará do Norte:

	Rupias.
Foros ao Governo por 200 acres, a 12 rupias por anno cada acre, por 6 annos	14$000
Abertura de póços a 150 rupias cada um	1$500
Compra de 30 juntas de bois a oitenta rupias a junta.....	1$600
Sustento de 40 bois, incluindo o salario de 20 homens, um por cada junta, calculando-se ao todo a 13 rupias por junta de bois ao mez, e por 6 annos	9$648
Trinta mil palmeirinhas a 4 annás cada uma.....	7$400
Despesas varias, como para os póços, e para o gado, ferramenta, & &.....	$732
Total nos 6 annos. ..	54$000
Importancia do juro simples e composto de 54$000 rupias a 5 por cento no anno.....	18$363
Custo total nos 6 annos	72$363
Receita provavel annual de um palmar de 200 acres, no fim do 7.º anno:	
Pelo producto de 30$000 arvores, calculando a 150 côcos cada uma, vendendo-se as partidas de côcos a razão de 6 *pôis* por côco.	140$623
Pelo valor do cairo vendido por junto, calculando-se que cada arvore dá cinco mãos por anno, e sendo 30$000 arvores.	28$125
Pelo valor das olas velhas, que cáem, e se tiram annualmente, a 10 olas por arvore, e vendidas a uma rupia cada mólho de 25 ólas.....	1$200
Pelo valor das cascas caidas, usadas como combustivel, dando cada arvore 8 cascas por anno, vendidas em montes de 50 a um anná por casca....	$300
Receita total no 7.º anno.	170$250

Deducção e abatimento annual:

Foros ao Governo por 200 acres a 12 rupias..	2$400
Sustento de 40 bois, e paga do conductor calculando a 13 rupias por mez a cada junta.....	3$120
Salario de 15 trabalhadores a 4 rupias, e dous maioraes a 7 rupias cada um por mez.....	1$608
Despesas varias por anno	$122
Total por anno.....	7$250

O que deixa um rendimento liquido annual de 163$000 rupias, continuado por 50 ou 70 annos.

(Continúa.)

Novas luzes e suas applicações.

A indagação de luzes poderosas e baratas he hoje o objecto d'incessantes estudos, tanto em França, como na Inglaterra.

Ninguem ignora as variadas applicações da luz.—Uma luz poderosa he muito desejada para a illuminação das cidades e edificios.—Muitos pho-

tographos em Londres se teem visto na necessidade de empregar a luz artificial.

A bella luz produzida pelo magnesium he hoje conhecida, como tambem a sua applicação á photographia.

M. James Wilkinson affirma que queimando-se uma mistura de uma parte de phosphoro e duas partes de azotato de potassa, se obtem uma luz, que he visivel no mar a uma distancia de 2.000 milhas inglesas.— Muitos photographos, servindo-se desta luz artificial, teem obtido, em dous minutos, provas negativas d'uma grande bellesa, e comparaveis ás que dão os raios solares.

Uma das mais uteis applicações que modernamente procuram fazer da luz he ás *boias*.

Ninguem deixa de saber que, em linguagem maritima, se chama *boia* a um corpo fluctuante, retido por um cabo delgado, de sufficiente comprimento;— Umas servem para marcar o logar onde a ancora foi lançada, outras denunciam os escolhos e as passagens difficeis. Estas ultimas prestam importantes serviços; ellas evitam muitos naufragios, e são estabelecidas em todos os portos com muito cuidado. — Mas durante a noute, ou em quanto durar um denso nevoeiro, quando estiverem occultas aos olhos do navegante, semelhantes *boias* cessam de ser uteis.

Para evitar este grave inconveniente, se tem indicado muitos meios, que teem todos por fim tornar as *boias* luminozas.

M. Alfredo Verlaques pertende obter *boias* luminosas por meio do hydrogenio, extrahido da agua. O systema de M. Verlaques se funda em alguns principios elementares da chimica.—Sabe-se, com effeito, que o zinco decompõe a agua sob a influencia de acidos, e que assimilando-se um dos seus elementos constitutivos, o oxigenio, dá lugar a um desenvolvimento de hydrogenio. — Ora, este gaz possue a propriedade de se inflammar ao contacto da espuma de platina, que neste caso, se torna subitamente incandescente.—Uma *boia* feita de ferro, e forrada interiormente de chumbo, contendo quantidades arbitrarias d'agua e d'acido, e que seja provida interiormente d'um cylindro occo, servindo de gasometro, satisfará, segundo a opinião de M. Verlaques, a todas as condições.—A pratica não confirmou ainda esta theoria.

M. Cuchemin procurou chegar ao mesmo fim por meio da electricidade; um dos seus aparelhos estabelecidos ha mais de tres mezes em Fécamp, não tem cessado de funccionar e tem dado bons resultados.—A *boia* electrica de Cuchemin he d'uma grande simplicidade; compõe-se d'um pedaço de cortiça que supporta um disco feito de carvão, encerrando uma pequena placa de zinco. Este systema fluctuante he lançado ao mar, communicado, por meio de fios conductores, a um carrilhão electrico. A corrente, que se estabelece immediatamente, he sufficientemente forte para produzir faiscas.

Uma *boia* deste genero, collocada em um canal, a uma certa altura, indica a elevação do mar; a electrici-

dade se desenvolve logo que a pilha esteja em contacto com a agua, e o carrilhão posto em movimento.

Com uma *boia* de dimensões convenientes, M. Cuchemin espera poder denunciar, durante a noite, os perigos, e marcar os differentes niveis da agua em algarismos de fogo, por meio de aparelhos analogos aos tubos scintillantes, usados nos gabinetes de physica.

Nova-Goa 13 de dezembro de 1865.

J. de Mello.

A Sociedade Medica do Collegio de Grant, em Bombaim.

A Eschola Medica de Bombaim he intitulada Collegio Medico de Grant, derivando o seu nome do do governador daquella Presidencia, seu fundador. Encostada á Eschola, ou como filial della, formou-se a Sociedade Medica, que tomou o mesmo titulo da Eschola, onde pela maior parte foram doutrinados os membros da Sociedade.

Honrou-nos esta Sociedade enviando-nos o 1.º volume das suas *Memorias* (*Transactions of the Grant College Medical Society*, n.º 1.—1865.) Mui gostosos agradecemos á Sociedade a offerta.

O volume contem o seguinte:

Memoria sobre o tratamento da Dysenteria pelo senhor S. A. de Carvalho, graduado no Collegio Medico de Grant, Presidente da sociedade.

Noticia de um caso de Menstruação succedanea, com observações, pelo senhor A. P. d'Andrade, graduado no mesmo Collegio.

Observações sobre o diagnostico do Empyema, pelo mesmo.

Memoria sobre a WRIGHTIA ANTIDYSENTERICA, e seu alcaloide, pelo senhor Narayan Cajee, graduado no mesmo Collegio.

Cartas Medicas de Sawunt Waree, escriptas pelo senhor Burjorjee Ardaseer, cirurgião sub-assistente naquella estação.

Actas da Sociedade desde o anno de 1860.

Opportunamente daremos noticia mais por menor do que estas Memorias contem.

A sociedade he composta, alem dos Professores da Eschola, de graduados nella, sem distincção de classes nem de seitas. Acha-se na lista promiscuamente o catholico, o protestante, o hindú, o parse, e o musulanno.

Eis a lista dos Socios do anno de 1865, com declaração da nação, ou gremio religioso, a que pertencem. Os que tem nomes portuguezes não carecem de indicação, e pertencem á classe portugueza indiana, e uns são nascidos em Goa, outros em Bombaim.

Presidente.

S. A. de Carvalho, Esq.

Vice-Presidentes

Anunta Chundroba, Esq. —Atmaram, Pandoorung, Esq.

Commissão administrativa

O Presidente, o Vice-Presidente, e o Secretario.

P. F. Gomes, Esq. Muncherjee Sorabjee, Esq.

Muncherjee Byramjee Cola, M. D.

Secretario.

M. A. Misquita, Esq.

Socios.

Abdool Kurrim Lookmanjee, Esq. (*Musulmano*)
Ambaram Kevelram Esq. (*Hindú Baniane*)
A. P. d'Andrade, Esq.
Anunta Chundroba, Esq. (*Hindú Parabu*)
Ardaseer Jamsetjee, Esq. (*Parse*)
Atmaram Paudoorung, Esq. (*Hindú*)
Balkrishna Chintoba, Esq. (*dito*)
Balkrishna Sukharam, Esq. (*dito*)
G. R. Ballingall, M. D. (*Inglez*)
Bhawoo Dajee, Esq. [*Hindú Parabú*)
Bhicajee Amroot, Esq. (*dito*)
Burjorjee Dorabjee, Esq. (*Parse*)
Burjorjee Ardaseer, Esq. (*dito*)
Burjorjee Framjee, Esq. (*dito*)
Burjorjee Byramjee, Esq. (*dito*)
Byramjee Nowrosjee, Esq. (*dito*)
W Campbell, M. D. (*Inglez*)
H. J. Carter, Esq., F. R. S. (*dito*)
H. V. Carter, M. D. (*dito*)
S. A. de Carvalho, Esq.
Cowasjee Hormusjee, Esq. (*Parse*)
Cowasjee Nowrosjee, Esq. (*dito*)
A. M. C. Coutinho, Esq.
Cooverjee Dorabjee, Esq. (*Parse*)
Cursetjee Framjee, Esq. (*dito*)
Dadabhoy Jamasjee, Esq. (*dito*)
Dheerajram Dulputram, Esq. [*dito*)
Dossabhoy Bazunjee Esq. (*dito*)
Dossabhoy Pestonjee, Esq. (*dito*)
Dorabjee Hormusjee, Esq. (*dito*)
W. Dymock, Esq. (*Inglez*)
Eduljee Nusserwanjee, Esq. (*Parse*)
Framjee Shapoorjee, Esq. (*dito*]
Fundoonjee Byramjee. Esq. (*dito*)
H. Girand, M. D. (*Inglez*)
P. F. Gomes, Esq.
[illegible]shewram. Esq. (*Hindú Parabú*)
[illegible] Haines, M B. (*Inglez*]
[illegible]jee Eduljee, Esq. (*Parse*)
A. N. Hojer, Esq.
H[illegible]usjee Bazunjee, Esq. (*Parse*)
J. A. Howell, Esq. (*Inglez*)
W. G. Hunter, Esq. (*dito*)
J. M. Hyslop, M. D. (*dito*)
Jamsetjee Byramjee, Esq. (*Parse*)
Jejeebhoy Bazunjee, Esq. (*dito*)
C. Joynt, M. D. (*Inglez*)
Kaikhusro Rustomjee, Esq. (*Parse*)
J. C. Lisboa, Esq.
Manookjee Aderjee, Esq. (*Parse*)
J. T. Mackenzie, M. B. (*Inglez*)
J. N. Mendonça, Esp.
M. A. Misquita, Esq.
P. S. Mootesawmy Medelly, Esq., *Madras*. (*Hindú Babú*)
C. Morehead. M. D., F. R. C. P. (*Inglez*)
Moreshwar Janárdhun, Esq. [*Hindú Parabú*)
Muncherjee Byramjee Cola, M. D. (*Parse*)
Muncherjee Sorabjee, Esq. (*dito*)
F. Mouat, M. D., *Bengal*. (*Inglez*)
Narayan Dajee, Esq. (*Hindú Parabú*)
Nussarwanjee Dhunjeeboy, Esq. [*Parse*)
Nussarwanjee Jehangeer, Esq. (*dito*)
R. De C. Peelc, Esq. (*Inglez*)
J. Peet, M. D, F. R. C. P. (*dito*)
Pestonjee Bomanjee, Esq. (*Parse*)
Bestonjee Muncherjee, Esq. (*dito*)
Pestonjee Nowrosjee, Esq. (*dito*)
L. P da Rozario, Esq.
Rustomjee Merwanjee, Esq. (*Parse*)
Rustomjee Cawasjee, Esq. (*dito*)
Rustomjee Nussarwanjee, Esq. (*dito*)
Rustomjee Jamsetjee, Esq. (*dito*]
Ruttonjee Hormusjee, Esq. (*dito*)
Saifoodin Sumsoodin, Esq. (*Hindú Boree*)
Shaik Abdool Kurrim, Esq. (*Musulmano*)
Shaik Sultan, Esq. (*dito*)
Shamrao Narayan, Esq. (*Hindú Parabú*)
Shamrao Juggonath, Esq. (*dito*)
Shantaram Wittul, Esq. (*dito*)
A. de Souza, Esq.
P. C. de Souza Esq.
P. J. L. de Souza, Esq.
F. S. Stedman, Esq. (*Inglez*)
Succaram Arjoon, Esq. (*Hindú Parabú*)
Wamon Wassoodew, Esq. (*dito*)

ARCHIVO DE PHARMACIA

E

SCIENCIAS ACCESSORIAS

DA

INDIA PORTUGUEZA.

Publicado e redigido pelo Pharmaceutico — Antonio Gomes Roberto.

Numero 26 Fevereiro de 1866 3. Anno

Apontamentos sobre alguns agentes pharmacologicos da India Portugueza.

(Continuação do n.º antecedente.)

Jatropha curcas, de Linneo :

Synonymos—Curcas purgans—curcas purgativo — ricino da America—pinheiro de purga do Brasil—maluco da India Portugueza.

He um arbusto do tamanho do croton tiglium,copado, de cor esverdiada, folhas cordiformes, e flores brancas; que se encontra em abundancia em todas as regiões intertropicais, e que na India Portugueza existe na maior parte dos palmares escorando as palmeiras, ou formando parte das sebes.

Desta planta as sementes merecem grande importancia.

Sementes.

Synonimos — Grandes pinhões da India—pinhões da Barbaria— nozes de Barbadoes — nozes medicinais da America.

São do volume das sementes do ricino commum, tem uma casca dura e escura, fendilhada em todas as direcções, a qual quebrada deixa perceber uma amendoa envolvida numa pellicula transparente, cujo gosto semelha o da noz.

Destas amendoas extrahe-se por meio da prensa um oleo incolor, muito fluido e que deposita stearina, e he tal aporção de oleo que contem, que o sr. Guibourt de 655 grammas de amendoas obteve 265 grammas de oleo (I)

Este oleo serve para falsificar o de croton tiglium, como purgante não se usa porque segundo diz o sr. Christison são muito incertas as dozes em que opera, assim nas mãos do distincto medico escossês, o oleo extrahido das sementes de Barbadões, produzio effeitos semelhantes aos do oleo de ricino, na doze de 10—15—ou 20 gottas; o oleo extrahido das sementes de Jamaica não produzio o mesmo effeito se não na doze de 30 gottas, e mesmo nesta doze, foi por vezes inerte. (2)

Em quanto ás sementes todos os auctores que tenho lido, são inexactos em quanto á doze em que operão medecinalmente.

I Guibourt. Log. cit tom. 2.º pg. 335

2 Christison. Edinburgh Dispensatory pg. 794.

Assim, Labat diz, que tres sementes, isto he as amendoas de tres sementes, dão um bom purgante (3): Guibourtcrê que os Americanos as deem na mesma doze (4): Annesley recommenda duas a tres (5): finalmente ha quem as considere perfeitamente innocentes quando privadas do germen e envolucro.

De 68 experiencias que fizemos no Hospital Militar de Goa colhemos o seguinte, que he novidade em Materia Medica.

O gosto da amendoa he semelhante ao da noz e não he acre.

Ingerido na doze de 2 a 5 grãos purga bem com pequenas colicas, dando logar de 4 a 8 evacuações.

Os effeitos purgativos apparecem 2 a 4 horas depois da ingestão do medicamento.

Nunca se obtem effeito purgativo com menos de 2 grãos, nem são precisos mais que 5, isto he, approximadamente, uma semente.

A quantidade das materias evacuadas he variavel, as ultimas evacuações aquosas.

Como para a semente do croton tiglium, a magnesia e o seu carbonato, são optimos intermedios; do mesmo modo, o opio na doze de 2 grãos para 5, da substancia medicamentosa, diminue o numero das evacuações, e faz desapparecer as pequenas colicas.

Em conclusão, as sementes do jotropha curcas dão um bello purgante, na doze de 2 a 5 grãos, que pela sua extraordinaria abundancia he extremamente digno da attenção dos praticos da India Portuguesa, que nelle encontrarão um agente seguro, prompto e efficaz.

Ainda mais, o seo gosto agradavel deve dar-lhe no futuro summa importancia como purgante para as creanças: neste sentido já o temos empregado, todavia o numero de casos he tão limitado que nos não authorisa, por ora, a inferir as necessarias regras para o seu uso.

Experiencias feitas com as sementes contusas, como epithema irritante, e bem assim com o oleo: serão a seo tempo mencionadas no capitulo dos irritantes: os effeitos do mesmo oleo como purgante serão mencionados findas as experiencias.

Ricinus communis, de Linneo, arvore do oleo de ricino—mamona.

Esta planta abundantissima em todos os tropicos he conhecida da mais remota antiguidade.

Dioscorides que no começo da nossa era escrevia, diz, chama-se croton, e kiki pela semelhança que tem com aquelle animal(a): he uma arvore do tamanho de uma pequena figueira, com folhas como as do platano, mas maiores, mais lisas e mais escuras, e que tem o caule e ramos occos como canas. Os fructos são em racimos, e privados do seo envolucro parecem-se com os carrapatos.

3 Labat. Nouveau Voyage, tom 3. pg. 299.

4 Guibourt. Log. cit.

5 Veja-se Merat et Delens Log. cit. tom 3.° pg. 674.

a Em grego croton he o nome do carrapato, o qual em latim se diz ricinus.

Estes fructos dão o oleo dicto *kinkinon* inutil para comer mas bom para as lampadas e emplastros. Mundados e machucados, bebidos na doze de trinta grãos, evacuão inferiormente a cholera, a agoa e fleuma, e provocão o vomito: a sua acção purgativa he porém molesta e incommoda porque revolve fortemente o estomago.

No mesmo author já se menciona a propriedade galactopoeetica dos epithemas feitos com as folhas (1); propriedade que o dr. M' William ha tempos publicou, como um facto novo, derivado da sua observação dos usos da Africa occidental (2).

A grande facilidade com que se poderião obter enormes quantidades de sementes de ricino na India Portugueza, he facto digno de attenção, e que poderia dar grande interesse.

O melhor meio de extracção, he levar as amendoas bem divididas a prensa, e depois de deixar em repouso, separar o oleo da mucilagem que se deposita: as sementes dão $^1/_3$ do seo peso de oleo.

Usos.

Todos os authores mencionão tão completamente as propriedades do oleo de ricino, que pouco será necessario dizer sobre o assumpto. He applicavel em todos os casos em que são necessarios os laxantes, e tem sobre a maior parte delles a vantagem de não produzir a constipação do ventre consecutiva ao uso dos purgantes.

A sua acção purgativa he especifica porque purga as creanças depois de ser empregado em uncções sobre o ventre. (3)

Na dyspepsia

Acompanhada de inflammação do pyloro e duodeno, dado em doses de uma oitava diariamente, ao deitar da cama, obra como um opiado, removendo completamente o ardor do pyloro e duodeno (4).

Na cholera.

Em dozes de meia onça cada meia hora, até haver abundantes evacuações he recommendado pelo dr. Johnson (5); já se vê que como todos os tratamentos recommendados nesta doença, tem alguns factos a favor, mas o maior numero contra.

Nas feridas

Que occorrem nos individuos que estão muito tempo na cama, como succede nos doentes de tipho e febre typhoide, o dr. Murchinson, diz ser bella applicação, a seguinte—oleo de ricino, duas partes—balsamo peruviano, uma parte—estenda em fios de linho, cubra com uma cataplasma de linhaça e mude tres vezes por dia (6).

As sementes purgão bem na doze de 2 a 3 segundo ouço dizer: tencionamos em breve experimentalas. (a)

---

1 Dioscorides Materia Medica Liv. 4.°, cap. 65.

2 M'William. Lancet Septembro 7 de 1850.

3 Beirão. Materia Medica, tom 2.° pag. 207.

4 T. J. Todd. Cyclopedia of practical Medicine, tom, 2.° pg. 652

5 G. Johnson. Med. Times septembro 9 de 1854.

6 Murchinson. On fevers, pg. 286.

Aleurites triloba de Froster: Arvore de Belgão, Nogueira da India.

Esta bella arvore da India tem umas sementes das quaes se extrahe grande porção de oleo (50 a 60 por cento) limpido, de cor amberina, inodoro, insoluvel no alcool, muito saponificavel com os alcalis e secante.

Usos.

Segundo a Commissão droguista de Madrasta este oleo tem em grão muito superior, todas as propriedades do oleo de linhaça (1); devendo por isso em breve assumir grande importancia nas artes.

Medicamente.

Tem todas as vantagens do oleo de ricino, sem inconveniente algum, isto he, sem incommodar pelo mau gosto e cheiro, e sem dar occasião ás nauseas, engulhos e mesmo vomitos, que ás veses succedem ao emprego daquelle purgante; sem produzir hypercatharsis que ás vezes se dá com o oleo de ricino.

O seo modo de obrar he desconhecido, mas crê-se que estimula a tunica musculosa intestina (2).

He especialmente adequado para combater a *constipação habitual* dos climas quentes, e a *constipação* das mulheres gravidas.

Na *diarrheia* e *dysenteria* quando estão indicados os laxantes, he o preferivel: o mesmo se deve dizer nas *febres*.

1 Madras medical reports, 1855, pg. 428.

2 O Korke. Log cit.

O seo nenhum sabor tornães-o valioso quando seja necessario laxar as creanças.

Este laxante ainda mal conhecido deve, brevemente ser considerado como importa tornando-se um valioso agente therapeutico, e importante artigo de commercio : chamamos por isso a attenção dos clinicos sobre este ponto.

Euphorbia antiquorum, de Linneo.

He abundantissima em toda a India Portugueza, servindo para fazer sebes.

O seo succo que he leitoso tem propriedades purgativas e irritantes muito notaveis, sendo por isso recommendado nas constipações rebeldes, que acompanhão as doenças do figado e baço, e as ascites.

Tem porém contra si o não se saber ainda bem as dozes em que opera: o que na verdade he para lastimar pela abundancia desta substancia.

No Taleef Shereef lê-se que o succo, he pungente, laxante, que augmenta o appetite, he contraveneno, e meio efficaz para curar a hydropesia e as affecções do baço, marasmo, (1)

Euphorbia canariensis, de Linneo.

Abunda nos mesmos logares que a anterior e he confundida em geral com ella.

As suas propriedades são as mesmas que as da euphorbia antiquorum.

Euphorbia tortilis de Rottler

Como as antecedentes abunda em

1 Talleef Shereef pg. 105.

toda a India, sendo o çumo a parte mais importante, e que na doze de dez grãos he empregada conjunctamente, com o assucar da palmeira, para produsir effeitos drasticos.

O çumo leitoso das euphorbias denominadas, quando concreto, constitue o

Euphorbio.

Não se sabe ao certo qual a especie que produz o euphorbio, antigamente supoz-se que era a euphorbia antiquorum, actualmente crê-se que a maior parte deriva da euphorbia canariensis; creem porém muitos que de todas as que enumeramos se pode extrahir o euphorbio dessecando o succo leitoso que possuem.

Encontra-se em pedaços arredondados, de cor amarellada, ou escura, o cheiro he pouco intenso ou quasi nullo, o sabor acre e depois caustico, de tal modo que no dizer de Dioscorides quem o prova sente um tal ardor, que por muito tempo tudo lhe sabe a euphorbio. (1)

Os usos internos são limitadisimos na actualidade, por causa de irritar, inflammar mesmo a bocca, fauces, estomago e intestinos quando ingerido; foi já empregado nos tempos antigos como purgante drastico nas doenças mentais, e nas hydropesias.

Externamente foi recommendado por Dioscorides contra as cataractas, as quaes desapparecião, diz elle, debaixo desta applicação (2)!

Como agente da medicação irritante tem grande importancia, como no respectivo capitulo se verá: não podemos todavia deixar de mencionar já, que o euphorbio he um perfeito succedaneo da sabina, para conservar as superficies vesicadas em suppuração; facto este de extraordinaria importancia para a therapeutica dos climas quentes; porque como he sabido, a sabina perde em pouco tempo as suas propriedades nestes climas, e sem o euphorbio o clinico achar-se-ha em grave difficuldade.

A forma de applicação, a melhor, he a seguinte: euphorbio em pó, 15 a 20 grãos—ceroto de spermacete uma onça.

Alem das euphorbiaceas já mencionadas ha outras de menos importancia na India Portugueza, varias outras importadas. e muitas mais, das quais não fallaremos se não de fugida, para não exceder os limites que nos impozemos.

Croton polyandrum, de Roxburgh.

Existe em grande abundancia no norte do Hindostão e as sementes são reputadas um bom purgante na doze de 2 a 3 trituradas em agoa (1).

Croton pavana, de Hamilton.

Abunda nos mesmos logares que a antecedente, dá umas sementes muito menores que as do croton tiglium, das quais se extrahe um oleo de propriedades analogas ás do croton tiglium.

Croton oblongifolium, de Roxburgh.

Como os antecedentes dá-se em todo o norte da India, segundo Irvine,

1 Dioscorides. Log. cit. Liv. 3.º cap. 90.
2 Dioscorides. Log. cit.

1 Waring. Log. cit, pg. 223.

a amendoa das sementes he purgante na doze de 1 a 3 grãos (1).

Jatropha multifida, de Linneo--petit medicinier—ou medicinier d' Espagne.

As sementes são um forte drastico que segundo Barham (2) se preparão bem para uso, assando-as, e mergulhando-as em vinho da Madeira, depois de as privar da casca e embrião.

Diz Lindley(3) que formão um dos melhores emeticos e purgantes, obrando depressa, mas sem inconveniente; diz mais o mesmo auctor, que qualquer demasia de acção se susta immediatamente por meio de um calix de vinho branco: qual seja a verdade destas asserções não sabemos, achamos sim um assumpto digno de investigação porque como se sabe, esta planta que he oriunda da America, está hoje naturalisada na India, encontrando-se quasi em todos os jardins.

Jatropha glandulifera, de Roxburg

Cresce em toda a India: as sementes fornecem um oleo de propriedades irritantes que em seo logar será estudado; em alguns pontos são uzadas como purgante.

Jatropha manihot, de Linneo—*tapioca, mandioca=mandiiba.*

A raiz, quando fresca, produz hypeccatharsis, mas não he usada em Medicina.

Lê-se na Materia Medica do Hindostão, que a jatropha manihot só existe no sul da India, o que leva a pensar que aos Portugueses se deve a introducção deste util e agradavel artigo alimentar: infelizmente em Goa não se faz caso deste importante genero alimenticio, não se fabricando mesmo tapioca alguma, que eu saiba.

Phyllanthus embelica, de Linneo

He uma das arvores que em toda a India occidental attinge soberbas proporções: O fructo quando verde he notavelmente purgativo, quando secco he bom adstringente e antiscorbutico, devendo como tal occupar-nos nos respectivos capitulos.

(Continúa.)

J. S. da Fonseca Torrie.

1 Irvine. Materia Medica of Patna pg. 128.
2 Barham. Hortus Americanus pg. 144.
3 Linddeley. Flora Medica, pg. 185.

Productos Vegetaes do Canará do Norte.

(Continuação do n.º 25)

Oleos [continuação.]

Nas taboas antecedentes calcula-se que as arvores não dão fructo antes do 7.º anno, para compensar os erros no calculo das despesas, ou seja por pobreza do terreno, ou por morte do gado &.; mas as arvores, se for junto da costa, e se se lhes acudir com o tratamento e régas, que vão incluidas no calculo das despesas, darão fructo no 4.º ou 5.º anno, ao mais tardar. Nestas circunstancias o producto annual de cada arvore será mais proximo de 200 do que de 150 côcos. Isto compensa a falha possivel de algumas arvores.

He melhor comprar as palmeirinhas pelo preço indicado de 4 annás cada uma, (preço que cobre o custo do transporte, transplantação, e risco da perda de algumas logo em novas) do que semear o proprio lavrador o côco, que custa 6 até 10 *pois* com risco de se perder; e que além disso causa muito mais trabalho e molestia.

O valor das olas velhas he posto na columna do credito a começar somente do 6.º anno, ainda que caem desde o 3.º; porque he proveitoso queima-las, e applicar-lhe as cinzas, que contem grande quantidade de potassa, como estrume, até que as arvores comecem a dar fructo. As cinzas das plantas marinhas ministram ainda mais rico estrume ás palmeiras.

Devem-se fazer rêgos, que vão dos poços ou direitamente, ou em ramificações até ás raizes das arvores; e cada poço deve ser provido de duas rampas, e um reservatorio, em que a agua possa ser lançada por duas juntas de bois, como he o modo commum de irrigação usado na India meridional. As arvores devem ser regadas ao menos duas vezes ao dia na estação secca. Durante o inverno não he mister réga, e então os bois, ou podem alugar-se, ou applicar-se ao carreto do estrume; ou botar-se a prado, para poupar dispendio durante aquelle tempo.

Um palmar não tem risco de padecer no seu producto falha de qualquer especie, salvo a do abatimento do preço do mesmo producto; o qual agora em vez de abater, he provavel que vá augmentando de valor. Uma prensa de azeite no palmar ainda pode augmentar mais o lucro.

Na beira-mar do Canará do Norte ha ainda muitos centenares de acres de terra propria para esta cultura, que se podem aproveitar, tomando-se pelo respectivo foro ao governo para plantação de palmares.

OLEO DE PUNA

Puna— (*Calophyllum inophyllum*)

Em inglez	*Alexandrian Laurel*
Hindustani	*Suttam champa*
Tamul	*Pinnay*
Telegú	*Ponna*
Canará	*Onay mara*
Concani	*Onday Pobaruk*

He esta arvore cultivada, ainda que pouco, na costa do Canará do Norte por amor de suas fragrantes flores brancas, e pelo oleo, que o seu fructo dá. Medra melhor em terreno arenoso, e perto do mar; e exige mui pouco cuidado.

Florece e dá fructo duas vezes, e diz-se que até trez vezes no anno; cada colheita produz de 20 a 24 *quarts* de oleo.

Os naturaes geralmente criam as plantas, que nascem de sementeira natural. Um mez ou dous depois de cada colheita, algumas plantinhas nascidas das sementes, que cairam da arvore, começam a brotar ao redor do tronco principal; e então transplantam-nas, regando-as, se he mister, No fim de quatro ou cinco annos começam a florecer.

Cem plantas podem ser creadas em um *acre* de terra de tão esteril natureza, que não poderia produzir outra alguma planta util. A despesa da cultura he pequena, e o lucro, que dá, consideravel. As plantas pequenas podem-se obter ao preço de um *anná* cada uma, e crear-se até cinco ou seis annos de idade pelo custo quando muito de uma rupia e meia até duas rupias por planta, incluindo renda etc.

As sementes contem 60 por cento de oleo; pouco mais ou menos. Este he expresso das sementes frescas pelo processo usual, que he extremamente defeituoso. O uso das prensas a vapor daria dobrado producto.

He usado principalmente para luzes, e para untar maquinas, e suppõe-se com algum fundamento que preserva a madeira da invasão dos insectos;

por isso o applicam misturado com chuname (cal de obra) no casco dos patamarins, e outras embarcações, de que usam os naturaes, no intento de as livrar da destruição que nellas faz a *Teredo corniformis*, e *Martesia striata*, que são mui communs nesta costa.

Vende-se por grosso a preço de 4 rupias e 12 annás por mão, preço, que tende a subir. Acham-se ao longo da costa deste districto muitos centos de acres de terras incultas, proprias para a cultura da Puna.

OLEO DE LINHAÇA

Linho (Linum usitatissimum)

Em inglez	*Common Flax.*
hindustani	*Tisi.—Alleeveray.*
canará	*Allim.*

O linho he cultivado, posto que não mui extensamente, no concelho (*taluq*) de Supá ou Supem, terreno rico e humido, e clima temperado, mui proporcionado a esta cultura.

Só lhe aproveitam a linhaça (sementes), e não fazem caso da planta, nem da fibra. He geralmente semeado em outubro juntamente com o *nachinim*, e principalmente nos *cumerins* (roças nos oiteiros), e colhida em janeiro. Só lhe aproveitam, como se disse, a linhaça, que em geral se exporta antes da expressão do oleo, de que dá quasi vinte por cento mais que a linhaça de Inglaterra.

O plano seguido pelos cultivadores, ou seja por cubiça, ou por ignorancia, de semear o linho com o nachinim, mostarda, etc. não só faz perder o valor da linhaça, mas de feito impede a formação de boa fibra. A linhaça produzida commumente no paiz he a unica usada no districto. Para ser cultivada com bom exito a planta do linho, cumpre escolher um terreno rico, humido, ou por si proprio, ou por ser facilmente regado. Todavia um terreno permanentemente humido corrompe a fibra.

Largos tractos de terra mui bem proporcionada á cultura do linho se encontram nos concelhos [*taluqs*] de Supá, e Yellapor; e melhores se tornarão, se forem cobertos de folhas seccas, ou mato, que alli mesmo seja queimado, para supprir o estrume. A terra deve ser bem lavrada, os torrões desfeitos, e se for possivel, ser gradada. A linhaça (americana, ou ingleza) deve ser semeada no principio de outubro. A planta deve ser colhida antes de estar bem madura, e as sementes separadas, e postas em montão, para amadurarem pela fermentação; os caules são então atados em feixes, e no dia seguinte lançados em agua para ficarem de molho de dous até oito dias, depois dos quaes as fibras se porão a seccar ao sol, e então ficam promptas para ser sedadas. A fibra assim preparada vale 50 ou 60 libras por tonellada, fóra as sementes, que tem alto preço no mercado. No mesmo terreno, se for bem adubado, se pode semear arroz ou outro cereal, de fevereiro ou março até setembro Poucas empresas poderão dar mais lucrosa remuneração do que uma plantação de linho no concelho de Supá.

OLEO DE GERGELIM

Gergelim (*Sesamum Indicum*)

Em inglez	*Gingelley oil plant.*
bengali	*Til*
tamil	*Yellu eheddie*
telegú	*Nuwulu*
canará	*Yerulu*
concani	*Tulú*

O gergelim he extensamente cultivado no Canará do Norte, tanto acima como abaixo dos Gates; mas ainda resta muito espaço para sua cultura. Duas variedades são cultivadas, o branco, e o preto; o primeiro dos quaes he mais apreciado que o segundo, por que o oleo, que delle se expreme, he havido por superior. Uma e outra variedade se semea pouco antes da entrada do inverno, em maio, e a colheita faz-se geralmente em setembro. Medra bem, e dá abundante colheita no terreno ordinario do districto.

O oleo que he expresso das sementes de gergelim (em canará, *olla ennay*) he um dos mais uteis que a India produz, e está começando a ser exportado para outros paizes, e esta exportação tende a augmentar He extremamente brando, e permanece sem ranço durante qualquer tempo. Tem grande venda na Europa, onde com certa pequena preparação,, se usa na mesa como o azeite de oliveira. Na India usa-se principalmente na cozinha, e para luzes. Seu preço em grosso nos bazares he de 5 rupias por mão de 28 arrateis, e em Inglaterra de 40 a 50 libras por tonellada. As sementes são largamente importadas em França, e outros paizes da Europa, onde o oleo he preparado com mais cuidado que na India.

Ainda que a cultura do gergelim he mui remunerativa, e requer mui pouco trabalho, todavia raras vezes se faz delle grandes sementeiras, principalmente, segundo cremos, porque os cultivadores não gostam de plantas, que dão uma só colheita. Podia-se com vantagem semear esta planta nos espaços, que medeiam entre as arvores de um palmar.

(Continúa.)

PHARMACIA

Formulas empregadas pelo dr. José Moreno Fernandes no tratamento da cholera morbus.

Para a cura do primeiro periodo.

A infusão theiforme de violetas, borragens, salva, boglossa, tilia e papoulas feita com uma onça ou onça e meia destas flores em uma libra d'agua fervendo: as mesmas quantidades podem servir para o decocto de escabiosa e graciola.

Para a cura do segundo periodo.

Decocto branco de Sydenham	1 lib.
Electuario diascordio.....	1 oit.
Laudano de Sydenham.....	1 esc.

Misturem-se.

Para tomar uma chicara cada tres horas, cada duas, ou ainda em intervallos mais curtos segundo a necessidade.

O cosimento de guaiaco, sassafraz, raiz da China, e salsa parrilha faz se pondo uma onça destas subtancias, cortadas em pequenos troços, por cada libra d'agua, que deve ferver até ficar em duas terças partes: póde usar-se na dóse de meia libra cada tres ou quatro horas.

Para a cura do terceiro periodo.

Alcoolato de alecrim	2 onças
Tinctura de cantharidas....	1 ,,
Ammoniaco liquido.....	1 ,,

Misture-se.

Para fricções.

Eter sulphurico.....	1|2 onças
Laudano de Sydenham ..	2 oitavas
Alcooleo de guaiaco... ..	2 onças
Xarope de papoulas.. ..	2 ,,

Mixturem se.—Para tomar uma colher cada meia hora.

Para a cura do quarto periodo.

Emulsão arabica.... .. .	2 libras

Para tomar meia libra de cada vez.

(*Jorn. de Ph. e Sci. Acc. de Lisboa*).

CHOLERA EM PORTUGAL.

Instrucções para prevenir e combater esta enfermidade, mandadas publicar pelo Conselho de Saude Publica do Reino.

Os excessos de qualquer natureza, tudo quanto contribue para debilitar-se o individuo, a falta de limpeza nas casas e de aceio no corpo, a vida desregrada e dissoluta, as paixões violentas, o terror e o susto, o resfriamento, o excesso de comida, o abuso de vinho e de bebidas aguardentadas, etc., são outras tantas causas, que predispõem para ser atacado do cholera, e para tornal-o mais violento e fatal. Cumpre por tanto, que todas as pessoas, ainda antes de apparecer a epidemia na povoação, observem as seguintes cautelas ou

PRECEITOS HYGIENICOS.

I.°

Conservar bem limpas e no maior aceio, as casas, varrendo-as e deitando fóra o lixo e as immundicies todos os dias, lavando ou caiando de tempo a tempo os sobrados, paredes, tectos, portas e alisares. A limpeza e a caiação das casas são essenciaes para conservar a pureza do ar.

2.°

Lavar a miudo as pias, as latrinas e cannos de despejo com mistura de partes iguaes de cal viva e pó de carvão diluido em agua, ou com sulfato de ferro (caparrosa verde)dissolvido na proporção de 500 grammas [ou um arratel) para duas canadas d'agua. Tambem se póde usar de chlorureto de calcio liquido na proporção de 500 grammas para oito canadas d'agua de *Labarraque*. Todas estas lavagens, porém, não dispensam os syphões, que deve haver nas pias e nas latrinas, tendo o cuidado de os ter sempre cheios d'agua limpa.

3.°

Não conservar dentro de casa, aves ou animaes immundos, nem nos saguões, nem nos pateos proximos, depositos de estrumes ou immundicias. Quando haja immundicias accumuladas serão, antes de se tirarem, misturadas com partes iguaes de carvão e cal, e metade de sulfato de ferro, reduzido tudo a pó. Na falta de carvão e de cal, póde supprir o cisco de carvão, e barro ou gésso calcinado, ou terra.

4.°

Arejar as casas, abrindo as portas e janellas de manhã e de tarde, mas tendo o cuidado de não fazer correntes fortes de ar. A ventilação é dos meios mais energicos para purificar o ar das casas.

5.°

Não dormir ao relento, nem em quarto ou lugar humido, nem com as janellas abertas, nem com pouca roupa.

E' necessario toda a cautela com a lavagem dos quartos de dormir, que deve ser feita rapidamente, enxugando bem os sobrados logo depois de lavados. Prefira-se quarto estucado e com janella, a quarto sem luz e com forro de papel.

6.°

Ter o maior cuidado na limpeza do corpo, mudando de roupa a miudo, em andar bem calçado e bem enroupado, usando de vestidos de lã e d'algodão sobre a pelle.

A roupa da cama deve ser arejada todas as manhãs, a roupa suja rémovida para lugar afastado, e os colchões batidos de tempo a tempo.

7.°

Evitar os resfriamentos, principalmente de noite, e tudo quanto possa causar as constipações. Convém por isso não frequentar, ao menos durante e epidemia, as assembleas e espectaculos, onde se reune muita gente. N'estas casas, o calor é sempre excessivo, e o ar viciado por falta de ventilação regular.

8.°

Comer sómente ás horas do costume, e só quando o estomago estiver desembaraçado da ultima comida; tendo sempre em vista que as ceias sejam leves.

9.°

Evitar as comidas que por experiencia se tiverem reconhecido indigestas; e comer aquellas que forem de uso e costume no estado de boa saude; evitando comtudo os molhos e comidas picantes, o marisco, as conservas, as saladas, e as frutas verdes ou mal sazonadas.

10.°

Não comer de mais para não ter indigestões, que são muito perigosas, nem de menos para não perder as forças tão necessarias para reagir contra a molestia.

11.°

Evitar o excesso das bebidas espirituosas, como são o vinho, aguardente, os liquores, etc., porque o abuso d'estas bebidas é muito prejudicial á saude, e dispõe mais que tudo para ser atacado do cholera-morbus.

E' permittido, com tudo, beber bom vinho, quando se esteja n'este habito, mas em pequena quantidade, e só ás comidas.

12.°

Não beber agua fria, nem expor-se a correntes d'ar frio, nem mudar de repente para fato mais leve, em quanto se estiver muito quente ou suado.

O resfriamento é muito perigoso, principalmente em tempos de epidemia.

13.°

Evitar todo o excesso de trabalhos do corpo e do espirito, e toda a especie de fadiga e as vigilias continuadas.

14.°

Evitar todas as emoções fortes, as paixões violentas, o mêdo e o terror, confiando na Providencia Divina e procurando distracções compativeis com a saude.

15.°

Fugir dos charlatães e dos remedios de segredo, porque não ha nenhum, que livre da doença ou a cure infallivelmente. Os unicos meios preservativos ou especificos, que ha contra o cholera-morbus, reduzem-se á rigososa observancia dos preceitos da salubridade domestica e da hygiene individual, que ficam aconselhados.

TRATAMENTO.

que se deve empregar em quanto não chega facultativo.

A cura do cholera-morbus depende essencialmente da prompta applicação dos primeiros remedios. Quanto mais promptamente se combaterem os primeiros symptomas, tanto mais fraco será o ataque e mais favoravel a sua terminação-Por isso, todo o indivlduo que de repente sentir quebrantamento de corpo, dôr de cabeça, frio nos pés e mãos, acompanhado de anciedade e dôr no estomago, nauseas ou vomitos, rugidos do ventre e diarrhea, deverá metter-se logo na cama, tendo-a primeiro feito aquecer com ferros quentes, ou botijas de agua a ferver, ou por outro qualquer meio;—fará em seguida esfregar as pernas e os braços com toalha grossa, com escova, ou baetas quentes, ou com agua bem quente e mostarda, tudo isto feito com todo o agasalho debaixo da roupa da cama;—depois se lhe porão em volta do corpo botijas d'agua a ferver, ou saquinhos de areia bem quente ou tijolos bem quentes, embrulhados em panno.

Feito isto beberá uma chavena de chá da *India* com uma colhér de aguardente, de genebra ou de vinho do Porio, tudo bem quente para provocar o suor, tendo muito cuidado em não se descobrir.

Para alimento tomará unicamonte caldos de franga ou de galinha com arroz ou miolo de pão, em pequena quautidade, ou caldos de vitella ou de vacca simples.

Se no fim de tres ou quatro horas não tiver passado o frio nem a diarrhea, mande logo chamar o facultativo, e em quanto elle não chega, beberá cosimento d'arroz ou cosimento branco (uma libra com uma onça de xarope de diacodio) dividido em quatro porções, para tomar uma de hora em hora; e usará pequenos clysteres (a terça parte de um quartilho), de duas em duas horas, do cosimento de farellos ou de arroz com pos de gomma, ou com um ovo batido (clara e gemma], juntando a cada clyster seis gottas de laudano liquido de *Sydenham*-Deverão continur além d'isso, cada vez mais, as frieções nas extremidades, e tambem ao longo da espinha, para mais depressa se restabelecer o calor. D'aqui por diante seguir-se-hão os conselhos do facultativo.

E' muito conveniente, para mais prompto tratamento, que todos os chefes de familia tenham em casa os seguintes remedios, a fim de que o facultativo possa logo lançar mão d'elles como julgar conveniente, sem esperar que venham da botica, que póde estar longe, havendo por isso demora na applicação de taes remedios:

« Raspa de ponta de veado.
« Gomma arabica em pó.
« Mostarda em pó.

« Ipecacuanha em pó, dividida em papeis de 4 grãos.
« Essencia de mostarda.
« Essencia de terebenthina.
« Acido sulphurico.
« Laudano liquido de *Sydenham*.
« Agua de herva cidreira.
« Agua de hortelã pimenta.
« Genebra.
« Massa caustica.

Apontamentos para a historia da pharmacia e da medicina portuguesa na India.

Uma carta do V. Rei D. Jeronimo de Azevedo a S. M.

Dezembro 1613 (L.º 12, fl. 51)

O Doutor Paulo Ximenes, fisico mór deste Estado, veio em companhia do Viso Rey Lourenço de Tavora para servir o dito cargo, e ficou continuando ; depois que entrei neste governo procede com satisfação, e cura o hospital, religiões, e soldados, e aos que são pobres de graça, e com cuidado. Diz que quando veio lhe fez V. Magestade mercè do habito de Santiago, de que somente se lhe havia passado portaria; e porque elle procede com a satisfação que fica dito, e os fisicos móres passados tiverão sempre o habito, com que authorisavão o cargo, será justo que V. Magestagade lhe mande deferir ao que sobre isto se requerer por sua parte.

A molestia das trichinas.

Os habitantes de Hedersleben teêm estado em um espantoso estado de consternação, produzido por uma molestia, cuja causa todos ignoravam.— Mais de cem pessoas succumbiram, em um só dia, depois de haverem soffrido as mais horriveis dores.

Tendo-se procedido á autopsia, todos os orgãos se acharam em um estado satisfatorio, e só o microscopio he que pôde descobrir, nos musculos, uma quantidade incalculavel de piquenos vermes, aque dão o nome de *trichinas*;—a presença destes vermes foi tambem constatada na carne de dous porcos, mortos e vendidos na vespera. — Estes parasitas, que não atacavam primitivamente senão os animaes domesticos ja doentes, se introduzem no organismo humano, pelo acto da digestão, no estado de ovulos; levados ao tecido interfibrinoso, alli ganham o seo inteiro desenvolvimento, e arranjam uns casulos nos quaes elles se desenrolam em spiral.

Os individuos de pouca idade, atravessando o involucro, vão levar atè mais longe as suas devastações, e dar lugar aos accidentes terriveis, mortaes de que acabamos de fallar.

A molestia das *trichinas*, contra a qual a therapeutica tem sido até hoje impotente, pode felizmente ser evitada submettendo a um exame minucioso todas as viandas suspeitas;— o governo prussiano acaba de dar as ordens convenientes para que semelhante exame seja encarregado a homens especiaes.

Para achar os vermes, toma-se uma agulha, que se introduz por baixo d' uma camada delgada de fibras musculares da vianda, no sentido opposto á sua direcção; levanta-se uma porção desta camada, que, humedecida em glicerina, he collocada entre duas laminas de vidro, e submettida ao exame microscopico.—Na carne fresca, aquecida ate 40° Reoumur, as *trichinas* começam a mover-se; a té 45°, o movimento he mais vivo; ellevando-se o calor de 45 a 48°, o movimento he convulsivo; a um calor mais intenso, o parasita morre.

N. Goa, 24 de fevereiro de 1866.

J. de Mello.

VARIEDADES.

O Chronista de Tissuary.

Publicou-se o primeiro numero d' este importante jornal, de que è Redactor o Snr. Conselheiro Dor. Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara. Tão conhecido é o nome do auctor, pelos seus muitos escriptos, que seria ocioso recommendar ao publico a leitura de tão util jornal, que já o primeiro numero nos dá a conhecer documentos preciosos, e que derramam muita luz sobre os successos, que no oriente. em epocas remotas tiveram logar com os portuguezes, successos muitos dos quaes estavam mal averiguados, e pouco conhecidos.

Contem o 1.º numero os seguintes artigos: Prologo ;—Tissuary;— Victoria de Nuno Alvres Botelho, em Malaca, 1629;—Relação dos successos da Missão da China, em Macáo no tempo do Patriarcha de Antiochia (Cardeal de Tournon);= Noticia das praças e terras da Provincia do Norte, por André Ribeiro Coutinho, 1728;= Bibliographia, Discurso de M. Garcin de Tassy na abertura da aula da lingoa hindustani em Paris, a 4 de Dezembro de 1865. =

O prospecto do mesmo jornal, que nos foi offerecido com o primeiro numero, que muito agradecemos, é o seguinte:

O CHRONISTA

DE

TISSUARY.

PERIODICO MENSAL.

REDACTOR

JOAQUM HELIODORO DA CUNHA RIVARA.

Servirá este Jornal para registar em suas folhas as informações, memorias, e relações de successos antigos e modernos, que já achar escriptos, ou for ordenando agora, tocantes á historia e geographia das regiões orientaes, e especialmente á boa ou má fortuna dos Portuguezes neste vasto theatro de suas acções.

O Chronista de tissuary sairá uma vez cada mez em folhetos de 24 paginas. Se tiver acceitação, e por esse respeito *assignantes*, será para o futuro maior o numero das paginas, sem por isso se accrescentar o preço da *assignatura* aos senhores, que a houverem feito durante o primeiro anno.

A Redacção fará diligencia por ter bons correspondentes não só na India, más em Moçambique, Macáo, Lisboa, Porto, Coimbra,e Evora, para facilitar a acquisição do jornal.

Não se pedem assignaturas, mas agradecem-se todas.

O preço da assignatura he:

	Por anno	Por semestre
Em Goa - - - - - - - - - -	5 Rupias - - - - - - - - - - - -	2 1/2 Rupias
Bombaim, Damão e Dio (porte pago) - - - - - - - - -	6 Rupias Chirinas - - - - - -	3 Rupias Chirinas
Moçambique (porte pago) -	2¼ Patacas - - - - - - - - - -	1⅛ Pataca
Macáo (porte pago) - - - - -	2½ Patacas - - - - - - - - - - -	1¼ Pataca
Portugal (porte pago) - - -	2600 reis - - - - - - - - - - -	1300 réis
Avulso, cada n.º - - - - - - -	5 tangas	

Assigna-se em Goá na Loja da Imprensa Nacional.

Opportunamente se fará declaração dos nomes dos correspondentes fora de Goa.

A CREAÇÃO

Segundo as leis de Manú, filho de Brahmá.

(Continuado do n.º 22.)

60. ,, Bhrigú, grande e sabio, tendo assim sido eleito por Manú, para promulgar suas leis, dirigio-se a todos os *Rishis* com affectuoso animo, dizendo : Ouvi !

61. ,, Deste Manú, chamado Swáyambhuva, ou *procedente do que por si proprio existe*, vem seis descendentes, outros Manús, ou *perfeitos entendedores da escriptura*, cada um dos quaes deu origem a uma raça sua, todas exaltadas em dignidade, eminentes em poder;

62. ,, Swáróchisha, Uttama, Támasa, Raivata, e semelhantemente Khákshusha, radiante com gloria, e Vaivaswata, filho do sol.

63. ,, Os sete Manús (ou os que primeiro foram creados, os quaes hão de ser seguidos de outros sete) de quem Swáyambhuva he cabeça, produziram, e conservam este mundo de seres moveis e fixos, cada um em seu proprio *antara*, ou *periodo de seu reinado*.

64. ,, Dezoito *nimeshas*, ou *que piscam de um olho*, são um *káshthá*; trinta *kásthahás* um *kalá*; trinta *kalás* um *muhùrta*; e justamente outros tantos *muhúrtas* considere o genero humano como a duração de seu dia e noite.

65. ,, O sol he quem distribue

o dia e a noite, assim divina como humana ; a noite sendo applicada ao repouso dos varios seres, e o dia a seu exercicio.

66. ,, Um mez de mortaes he um dia e uma noute dos *Patris*, ou *patriarchas habitantes da lua* ; e a divisão de um mez sendo em duas ametades, aquella que começa na lua chea he seu dia para as acções; e a que começa na lua nova he sua noite para o somno.

67. ,, Um anno de mortaes he um dia e uma noite dos deoses, ou *regedores do universo assentados ao redor do polo do norte* ; e ainda a sua divisão he esta, que o seu dia he o curso septemtrional do sol, e sua noite o curso meridional.

68 ,, Sabeis agora a duração de um dia e uma noite de Brahmá, e das varias idades, que serão mencionadas em ordem succintamente.

69 ,, Os sabios tem dado o nome de *Kritá* a uma idade, que comprehende quatro mil annos dos deoses; o crepusculo que a precede consta de outras tantas centenas de annos, e o crespusculo que se lhe segue o mesmo numero.

70 ,, Nas outras tres idades, com seus crepusculos, precedente e seguinte, os milhares e as centenas tem a diminuição de um.

71 ,, Os annos divinos, nas quatro idades, que acabo de enumerar, sendo sommados, a sua somma, ou doze mil, he chamada a idade dos deoses.

72 ,, E compútando um milhar destas idades divinas, ter-se-ha conhecido um dia de Brahmá : sua noite tem igual duração :

73. ,, As pessoas que melhor conhecem as divisões dos dias e noites, são aquellas que entendem que o dia de Brahmá, que dura até ao fim de mil daquellas idades, dá origem a virtuosos exercicios : e que a sua noite dura tanto como o dia.

74. ,, No fim dessa noite, tendo longamente repousado , accorda, e accordando, exercita o entendimento, ou reproduz o grande principio de animação , cuja propriedade he existir sem ser percebido pelos sentidos :

75. ,, O entendimento, chamado á acção por sua vontade para crear mundos, forma ainda a obra da creação; e daqui primeiramente se escapa o subtil ether, a que os philosophos attribuem a qualidade de transmittir os sons;

76. ,, Do ether , effeituando uma mudança na forma , resulta o puro e poderoso ar , vehiculo de todo o olfacto ; e o ar he havido por dotado da qualidade do tacto;

77. ,, Depois, desse mesmo ar, operando uma mudança, sáe a luz ou o fogo, fazendo os objectos visiveis, expellindo as trevas, espargindo resplandecentes raios; e he declarado ter a qualidade de figura;

78. ,, Da luz porem, havendo uma mudança, vem a agua com a qualidade do gosto, e da agua he depositada terra com a qualidade do cheiro : taes foram estas cousas creadas no principio.

79. ,, As sobreditas idades dos Deoses, ou doze milhares dos seus annos, sendo multiplicados por setenta e um, constituem o que aqui se chama

um *Manwantará*, ou reinado de um Manú.

80. ,, Ha innumeraveis *Manwantarás*; e innumeraveis creações e destruições de mundos: e o ente supremamente exaltado executa tudo isto com tanta facilidade como se fosse por puro passatempo; muitas e repetidas vezes, para o fim de conferir ventura.

81. ,, Na idade de *Kritá* o Genio da verdade e da justiça, na fórma de um touro, está firme sobre os seus quatro pés; e não permitte que aos homens provenha vantagem alguma da iniquidade;

82. ,, Porem nas seguintes idades, em razão dos ganhos injustos, he privado successivamente de um pé; e alem disso os lucros justos, são gradualmente diminuidos da quarta parte, pelo prevalecimento do roubo, da falsidade, e da fraude.

83. ,, Os homens, isentos de enfermidades, logram toda a sorte de prosperidade, e vivem quatrocentos annos na idade de *Kritá*; mas na idade de *Tretá*, e nas subsequentes, sua vida vai diminuindo gradualmente um quarto.

84. ,, A vida dos mortaes, que he mencionada no *Véda*, as recompensas das boas obras, e os poderes dos espiritos unidos a corpos, são fructos proporcionados entre os homens á ordem das quatro idades.

85. ,, Certos deveres são cumpridos pelos homens bons na idade de *Kritá*; outros na de *Tretá*; alguns na de *Dwapara*; outros na de *Kali*; na proporção que estas idades vão diminuindo em duração.

86. ,, Na idade de *Kritá* a virtude predominante he declarado ser a devoção; na de *Tretá* o divino conhecimento; na de *Dwapara* os santos sabios chamam sacrificio ao dever que principalmente se satisfaz; na idade de *Kali*, he só a liberalidade.

(*Continúa.*)

Receita para soluços.

Temos visto muitas receitas publicadas em differentes jornaes para suspender os soluços, que ás vezes perseguem muito, e sem cessar. Isto nos fez lembrar a receita do famoso Medico gentio, Madeva Oidó de Querim, de Pondá. A receita e sua operação é mui simples, e de facil experiencia. E' metter em qualquer das duas ventas do nariz um palito ou couza semelhante, e mechel-o athé sahir um espirro, que faz cessar os soluços. Se o primeiro espirro não sortir effeito, tire-se mais um ou dous, e acabar-se-hão logo os soluços.

Ignoramos a razão; mas a experiencia mostrou-nos que a receita é infallivel. Experimente-se. Nova-Goa 6 de fevereiro de 1866.= *Suriagy Ananda Rau*,

---

Tenia, novo remedio para a destruir.

Muitos teem sido os remedios propostos para expellir este parasita. Ultimamente M. Lortel, e Bertolus affirmam, *segundo refere o Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana* haver tirado bons resultados, mesmo em doentes, nos quaes todos os meios se tinham esgotado, da ingestão de uma sô vez de 60 grammas de ether, seguido, duas horas depois, de 30 grammas de oleo de ricino.

ARCHIVO DE PHARMACIA

E

SCIENCIAS ACCESSORIAS

DA

INDIA PORTUGUEZA.

Publicado e redigido pelo Pharmaceutico — Antonio Gomes Roberto.

Numero 27. Março de 1866 3. Anno

Apontamentos sobre alguns agentes pharmacologicos da India Portugueza.

(Continuação do n.º antecedente.)

Cucurbitaceas.

Caracteres botanicos da familia.

As cucurbitaceas são em geral herbaceas, o caule he tubuloso e piloso, são annuais, e rastejão ou são trepadeiras.

As folhas que por veses attingem grandes dimensões, são alternas, pecioladas e loboladas.

As gavinhas simplices ou ramosas.

As flores amarellas ou brancas, no maior numero, unisexuais e monoicas, em mui poucas, hermaphroditas: calix gamosepalo, dividido em 5 lobulos na parte superior: corolla formada de 5 petalas, as quais reunidas por meio de limbo calicinal formão uma corolla gamopetala: os estames 5: as flores femeas tem um ovario inferior, que raras vezes he unilocular e uniovulado, mas sim constituido por 3 a 5 carpellos, que se curvão até ao centro, formando septos espessos e pulposos, os quaes se reflectem para a circumferencia, dilatando-se em trophospermas parietais »(1):o estylete he curto e espesso e termina em 3 a 5 estigmas.

O fructo denominado *peponide*, tem o envolucro espesso, que pode ser fibroso; dividido, offerece 3 a 5 loculos, que tãobem se achão reduzidos a um só, as sementes existem nestes loculos envolvidas por tecido cellular filamentoso; são achatadas, de epiderme gelatinosa e tegumento cartilaginoso.

Usos.

A abundancia dos seos fructos nos tropicos, e sobre tudo nos logares aridos e dezertos, torna-os preciosos recursos alimenticios, principalmente no tempo de maior calor; servindo de alimento de facil digestão, e calmando a sêde pela abundancia de partes aquosas; pelo mesmo motivo dão-se nas pyrexias e phlegmasias.

Bastantes dos fructos são bons purgantes.

As sementes, sem envolucro, produzem oleo que he emolliente.

---

1 Guibourt. Log. cit. tom. 3.º pg. 236.

Cucumis colocynthes, de Linneo—coloquinthidas

Caracteres botanicos.

He uma planta rasteira, notavelmente pilosa, com fôlhas grandes, lobuladas e pecioladas; gavinhas curtas; flores axillares e fructos esphericos, de cor amarellada e do volume de uma laranja; tem o pericarpo duro coriaceo: e uma polpa que quando sêca, he branca ou amarellada, esponjoza, contendo as sementes que são achataadas, e escuras: esta polpa que he a parte empregada em Medicina he inodora, e notoriamente amarga, como bem se sabe pelo que aconteceo aos discipulos de Eliseo (1):existe em grande abundancia no sul da Europa e em todas as regiões tropicais.

Caracteres chymicos.

Segundo Vauquelin compoem-se da *colocynthina*, a que deve as suas propriedades; de uma substancia resinosa amarga insoluvel no ether; de materia extractiva, olèo gorduroso e sais.

No dizer de Bracanotae Heberger o *colocynthina* offerece-se em pedaços amarello-avermelhados, translucidos, friaveis, de sabor extremamente amargo; he soluvel em 5 partes de agóa fria, no alcool, e ether; e he precipitavel quando em dissolução, pelos acidos e sais deliquescentes, e não pelos alcalis: he considerada como azotada e de reacção alcalina.

Acção physiologica

Ingerida em pequenas dozes produz diarrhea e colicas; a diarrheia começa feculenta e acaba seroza.

Em dozes elevadas causa nauzeas e vomitos, fortissimas colicas, abundantes e frequentes dejecções; podendo dar logar á morte, mostrando as necropsias, inflammação de todo o tubo digestivo.

A propriedade purgativa não depende só da acção irritante, parece ser especifica, podendo obter-se por meio de fricções sobre a epiderme do ventre, ou applicação nas superficies ulceradas.

A sua acção purgativa exerce-se especialmente nos intestinos grossos.

A juncção de camphora á polpa, minora as colicas, o mesmo succede com o meimendro (2).

No dizer de Thunberg, no Cabo da Boa Esperança, os habitantes destroem o amargo, e as propriedades purgativas das coloquintidas, preparando-as em conserva, e he tal a mudança que experimentão, que são diariamente consumidas como artigo alimenticio, ou mais propriamente, como condimentos, (3): estamos averiguando experimentalmente a exactidão deste facto, que muito desejariamos fosse verdadeiro pelo grande beneficio que a sciencia colheria, em poder manejar uma substancia de reconhecida virtude, mas que tem contra si, o pessimo sabor, e a sua acção que por demasiada, tem dado occasião a estados morbidos muito graves, e mesmo á morte.

Usos.

Dioscorides e Mesue mencionão o

Biblia sacra. 2.º Reg. v. 35

2 Waring. Manual of practical therapeuticaes v. pg. 260.

3 Thunberg. Travels, tom. 2.º, pg 171.

emprego das coloquintidas, interna e externamente, e quasi nos mesmos cazos que os modernos.

Dioscorides que internamente se atrevia a administrar as coloquintidas na doze de 48 grãos, recommendava-as como purgante, drastico, e em clyster, contra a *sciatitica* e *paralysia*: diz já o mesmo escriptor que as dejecções podem ser sanguineas, e que offendem o estomago (he inimigo capital do estomago) (3).

Mesue considerava-as um bom purgante para combater as *cephalagias antigas e rebeldes*, a *epilepsia*, a *apoplexia*, *as bronchites*, *a asthma*, *hydropisia*, a *gotta*; e em fricções como adequadas a debellar a *morpheia* a *elephantiase* e *lepra*; o mesmo escriptor nota que he necessario corrigir a propriedade de offender o estomago, figado, intestinos & (4).

Ve-se pois que os antigos empregavão as coloquintidas em muitas doenças, principalmente nas inveteradas, ou graves, ou, como diz Geoffroy todas ás vezes que era necessario sahir de um perigo por meio d'outro (5): actualmente são pouco uzadas, e segundo Murray deverião completamente deixar de o ser, porque são incertas, violentas e dolorosas na sua acção (6).

Parece-nos excessivo o rigor do medico inglez, e inadmissivel como uma substancia que pela sua abundancia, e virtudes reconhecidas he um valioso agente nas mãos de um pratico illustrado; he conveniente que sejão empregadas com escrupulo, e só perfeitamente indicadas, mas de nenhum modo proscreve-las completamente.

Affecções cerebrais.

Quando se tiver em vista evacuar e derivar, formão um bom drastico, indicado por isso nas *hyperemias encephalicas*, nas *poplexias*, e na *mania*.

Dispepsia e gasirodynia.

Barlow (7) elogia muito em algumas formas destas doenças, as pilulas que abaixo são prescriptas, e que ha mais de 50 annos são empregados com bom resultado em Bath Hospital.

Extracto composto de coloquintidas ———— quatro grãos
Proto chlorureto de mercurio — um grão
Misture e faça uma pilula

Todas as noites toma-se uma destas pilulas, podendo juntar-lhe um a dois grãos de extracto de meimendro.

Como adjuvante aconselha a seguinte bebida:

Carbonato de soda ———— onça e meia
Agua pura e accido sulphurico diluido ———— meia onça
Confeição aromatica (Ph. de L) tres onças
Alcooleo de ortelam pimenta · tres oitavas

Esta bebida tem 324 grãos de sulphato de soda e 433 de carbonatos: a doze em que se dá, he uma onça.

Na dyspesia acompanhada de grande sensibilidade dos nervos do estomago, e sem desarranjo da secreção biliar, o dr. Johonson recommenda a seguinte formula:

3 Dioscorides. Log. cit. Liv. 4.º, cap. 78.
4 Mesue. Opera, 1611, pg. 52.
5 Geoffroy. tom, 3.º pg 141.
6 Murray Log. cit. tom. 1.º pg. 48

7 Barlow. Cyclopedia of pratical medicine tom. 2.º, pg. 331.

Extracto composto de coloquintidas	dois escropulos
Massa pilular composta, de ruibarbo	seis grãos
Sabão	seis grãos
Oleo de cravo	quatro gottas.

Misture e faça 16 pilulas.

Toma-se 1, 2 a 3 pilulas ao deitar da cama (8).

Constipação de ventre.

Na constipação de ventre rebelde, e extracto, na doze de 6 a 12 grãos, combinado com 3 a 6 grãos de calomelanos, raras vezes deixa de curar a doença: he porem contra-indicado em todos os estados phlegmazicos do tubo digestivo.

Na colica metallica he bom succedaneo do croton tiglium.

Pode administrar-se pelo methodo endeimico na doze de 6 grãos, a qual produz segundo o sr. Salgues (9), um effeito purgativo muito pronunciado.

Vermes intestinais.

He bom meio de expulsar as lombrigas, obra todavia só como purgante, porque como diz Murray (log. cit). Rede mergulhou os vermes num liquido em que havia a polpa de coloquintidas, e nem por isso os vermes morrêrão.

Amenorrheia.

Van Swieten dava-as para provocar a fluxão menstrual; juntando-lhe pós inertes, de modo que a doente não tomasse mais que ½ de grão de 3 em 3, ou 4 em 4 horas: o sr. Trousseau crê que para este fim, serião preferiveis os clysteres. (10)

Leucorrheia.

O sr. Claude obteve bons resultados na leucorrheia das jovens, com os clysteres de coloquintidas: mandava primeiro injectar uma porção de agoa, e depois o clyster preparado com coloquintidas (11): um fructo bastava para tres clysteres.

Uretrite blennorrhagica.

Conta Colombier que alguns soldados tendo comido o fructo da cucumis colocynthis, se curarão de uretrites blennorrhagicas.

Fabre louva muito o alcooleo de coloquintidas contra a mesma doença, e o sr. Trousseau recommenda muito aos praticos a formula de Fabre, que produz maravilhas nas uretrites chronicas (12).

A formula de Fabre he a seguinte:

Coloquintidas em pó grosso	uma e meia onça
Cravos da India	numero seis
Aniz	uma oitava
Assafrão	doze grãos
Acetato de potassa	uma onça

Em digestão por espaço de um mez, em 20 onças de alcool.

O modo de administração recommendado por Fabre he o seguinte:

O doente toma por espaço de tres dias seguidos, em jejum, duas oitavas do alcooleo, misturado com 2 a 3 onças de vinho da Espanha, pára ao quarto dia, recomeça ao quinto, continuando mais tres dias, e assim por-

8 Johnson. On the influence of tropical climates, 6 ed. pg. 662

9 Salgues. Ann. de Therap. 1845 pg. 154.

10 Trosseau Matera medicale tom. 1.º pg. 710.

11 Claude Journ. fur Kiud, 1859, pg. 9.

12 Trousseau. Log. cit. pg. 711 tom. 1.º

diante até vinte e cinco dozes: uma hora depois da ingestão do medicamento, bebe um copo de decocto de cevada ou gramma; e se sobrevierão colicas, uza clysteres emollientes(13).

Dalberg, Tode e Schroder julgão as coloquintidas, aptas a combater a syphilis constitucional.

Sementes.

De Candolle Segundo são e mollientes (14); o dr. Pereira achou-as sempre amargas, e o mesmo assevera o sr. Waring. (15)

Em Travacore são empregadas como anthelminthicas (o oleo expresso): em varios pontos da India, o mesmo oleo só serve para as lampadas.

Dozes.

Parece incrivel que Dioscorides désse as coloquintidas internamente na doze de 4 obolos (48 grãos), mas não nos deve maravilhar quando Aetio manda administrar uma oitava (16), Mesue havido como moderado, receitava a mesma substancia na doze de 10 ceratrios (17) (quarenta grãos): como se expliquem estas dozes, não sabemos; hoje a doze he de 2 a 15 grãos do pó; de 2 a 4 oitavas do oinoleo; de 1 a 2 oitavas do alcooleo.

Cucumis acutangula, de Linneo: gonçalinho.

Esta planta de notoria abundancia em toda a India, onde o fructo he muito estimado como artigo alimenticio, tem as sementes pretas que nas Mauricias se usão descascadas em numero de deseseis para obter effeitos drasticos: são tãobem havidas como emeticas (1): qual seja a verdade não o sabemos, não tivemos occasião de experimentar; rogamos, por isso aos nossos collegas o obsequio de nos communicarem observações que sobre este assumpto tiverem, ficando nós de fazer os nossos ensaios em tempo proprio.

As raizes pulverizadas são tidas do mesmo modo como evacuantes.

Trichosantes dioica, de Roxburg.

Muito abundantemente cultivada por toda a India por causa do fructo, o qual quando verde se come.

O'Shaugnessy diz que o extracto alcoolico do fructo verde, na doze de tres a cinco grãos, repetidos de 3 em 3 horas até produzir effeito, he um dos poderosos e seguros catharticos. (1)

O Professor Wilson achou que na antiga Medicina Hindu, era este um dos medicamentos em que muito se confiava no tratamento da lepra (2).

Trichosantes cucumeriana, de Linneo.

Produz um fructo semelhante á bringella, muito amargo, que he um energico purgante, ignora-se ainda a doze em que, sem inconveniente, produz os effeitos purgativos.

He tãobem tido como bom febrifu-

13 Fabre, Traité des malãdies veneriennes, tom. 2.o pg, 368.
14 Candolle. Essai sur les proprietes medicales &. pg. 191.
15 Waring. Log. cit, pg. 233.
16 Aetio Tetrabiblos 1512 pg. 140
17 Mesue Log cit.

1 Bouton Medical plants of the Mauritius, pg 63.
1 O'Shangressy. Bengal Dispensatary, pg. 351.
2 Wilson. Transactions Mer. and Phys. de of Calcutta tom. 1.o pg. 42.

go, e tonico nevrosthenico, e como tal em seo logar será estudado.

Ha tão bem ao norte do Hindostão a **Cucumis pseudo** —colocynthis de Royle.

Parece-se muito esta planta, com a que dá a verdadeira cucumis colocynthis, e isto a ponto de dizer O'Shaugnessy, que o dr. Royle, o primeiro que na India descreveo esta planta, se enganou; descrevendo como pseudo-colocynthis o que nada mais era que cucumis colocynthis(1): parece porém que O'Shaugnessy he que se enganou, sendo verdadeira à descoberta de Royle, e cabendo a uma especie particular, que Sir Bartle Frere, introduzio de Beloochistam, na Presidencia de Bombaim (2).

O fructo he perfeito succedaneo em tudo, das coloquintidas.

Cucumis Hardiwvickia.

Cresce nas faldas dos Himalayas, e tem propriedades analogas ás das coloquintidas e cucumis pseudo-colocythis. *J Stuart. F. Torric.*

(Continúa.)

Productos Vegetaes do Canará do Norte.

(Continuação do n.º 26.)

Oleos [continuação]

Oleo de Ricino ou de Mamona,

Ricino ou Carrapateiro (Ricinus communis.)

Em inglez ——— *Castor oil plant.*
Tamil ——— *Valluk.*
Canará ——— *Kul – Khnid—Arcud*
Telegú ——— *Sittamandi*
Concani ——— *Yerundi*

São communs no Canará do Norte duas variedades de Ricino ou Carrapateiro, e se distinguem pelas sementes grossas e miudas. A primeira he planta annual, a segunda perenne. Aquella cultiva-se extensamente nos campos de mistura com o nachinim; esta cultiva-se escassamente nas hortas. Ambas preferem um terreno moderadamente secco, e não mui rico, junto á beira-mar. Os lucros que dá são avultados, e mais daria, se houvera o devido cuidado na cultura da planta, e preparação das sementes, que produzem quasi 50 por cento de oleo.

A variedade das sementes grossas dá um oleo (em Canará *Shepata ennay*) que posto que possua as propriedades purgantes do oleo de ricino medicinal, he aspero de mais em sua natureza para ser usado, salvo na medicina veterinaria, na qual he tão efficaz como a variedade mais branda. O seu principal uso he para luzes, e vende-se nos bazares a 5 Rupias por mão de 28 libras. A má cor e cheiro forte deste oleo provavelmente procede do grosseiro, posto que facil modo de sua extracção; e não ha ahi duvida que se houvera mai cuidado nesta preparação, subiria consideravelmente em preço, e em procura.

A planta das sementes grossas he geralmente semeada com o nachinim no principio do inverno, e colhida no fim, dando cada planta pouco mais ou menos duas *seiras* de sementes [a].

As plantas depois de colhidas são seccas ao sol, e as sementes debulhadas, tostadas ao fogo, machucadas, e lançadas n'uma caldeira de agoa a ferver. O oleo, que sobrenada, he tirado ás colheres, e fica prompto para a venda, e posto que seja aspero, he abundantemente exportado.

Outro melhor modo de preparação, e que dá oleo mais puro, he botar de molho as sementes por 12 ou 24

1 O'Shaugnessy. Log cit. pg. 345.
2 Dalzell and Gibson. Bombay Flora, pg. 103

[a] A *seira* he medida de capacidade, igual (proximamente a 58 pollegadas inglezas cubicas. vid. *Estudos sobre o systema metrico decimal, para uso das escholas do Estado da India.* a Nova Goa. 1862.

horas em agua fria, depois ferve-las por 2 ou 3 horas, e secca-las ao sol por tres dias. São então machucadas, lançadas em agua a ferver, e o oleo, que vai subindo á superficie, tirado ás colheres, coado, e engarrafado.

Outro plano ainda melhor he comprimir brandamente as sementes limpas, de maneira que se lhe quebrem as cascas, que se botam fora, depois mettem-se as sementes em *gunes* limpos, ou em outros saccos de grossaria, e apertam-se entre folhas de ferro, ou outra materia semelhantemente rija, em prensa ordinaria, ou hydraulica. O oleo, que daqui sair, deixe-se assentar por algum tempo, para que o albumen da semente, que foi de envolta com elle, se separe, e depois côe-se por flanella. Ou tambem, o oleo, como sàe da prensa, misture-se com uma pouca de agoa (1-12 ávos) e ferva-se, mas durante este processo haja toda a vigilancia para que a vasilha, em que está ao fogo, possa ser removida logo que toda, ou quasi toda a agua se haja evaporado. Então filtre-se o oleo por flanella, engarrafe-se, ou ponha-se em potes, ou barris, para exportação, ou consumo no paiz. Uma plantação com a sua prensa a vapor renderá cento por cento ao anno.

O oleo medicinal (em Canará *Chittul ennay*) he produsido pela variedade das sementes miudas, que he perenne, e cresce até altura de 8 a 10 pés, florecendo ao segundo anno. He escassamente cultivada nas hortas pelos pobres, que a criam só para seu provimento particular; e por isso mui pouco oleo vai a vender aos bazares.

A planta requer pouco cuidado; e cada pé dá 5, ou 6 *seiras* de semente, que dão 50 a 60 por cento de oleo, em geral extrahido pela fervura das sementes machucadas, processo que faz o oleo desagradavel no gosto e cor. Quando se quiser extrair um oleo tão efficaz e puro como em qualquer fabrica da Europa, use-se de um ou outro dos dous ultimos processos, que acima recommendamos para a extracção do oleo da variedade das sementes grossas.

A cultura desta planta, e a preparação do seu oleo seria tambem mui proveitoso emprego.

Oleo de Noz terreste.

Noz terreste [*Arachis hypogaea*]

Em inglez —— *Earth nut — Ground nut,— Manilla nut.*
Hindustàni —— *Moong-phullee.*
Telegú —— *Nela sanagalee.*
Tamil —— *Nelay caralay.*
Canará —— *Idem*
Concani —— *Boon chenay.*

A noz terreste he cultivada em consideravel extensão no Canará do Norte, mas só nas hortas, e mais para uso alimentar, que para extracção do oleo. Da-se facilmente em quasi todo o terreno, e as colheitas não são sujeitas a falhas. As sementes são lançadas á terra distantes umas das outras no principio do inverno, e estam proprias para a colheita em 4 ou 6 mezes. Como he seara de inverno, não demanda trabalho em régas, nem em outra alguma cousa, de sorte que se podem occupar com ella grandes extensões de terreno com muito pouca despesa. Os lucros andam por 200 por cento, porque cada acre produz 60 alqueires de noz, pouco mais ou menos.

O oleo (em Canará *nella cud layennay*) geralmente he expresso nas moendas usadas na terra, que não podem extrahir mais de 50 por cento do oleo contido nas nozes. O residuo serve para alimento do gado, e da mesma sorte as folhas da planta.

O oleo da noz terreste he extremamente brando, e pode converter-se em uma excellente imitação do oleo

de oliveira, para uso de mesa, para o que he largamente importado em França. Os naturaes servem-se delle frequentemente para a cosinha nos districtos onde he cultivado. Para luzes he um dos melhores que se conhece; não deita fumo, e dura mais do que outros oleos. Tambem he mui estimado para untar maquinas. O seu valor em Inglaterra excede um pouco o de oleo de coco.

OLEO DE NIME.

Nime (*Azadirachta indica.*)

Em inglez——————*Neem tree*
Hindustani——————*Neem*
Tamil——————*Vaipum*
Telegú——————*Veypa*
Canará——————*Leki mara*

A *Nime* dá-se no Canará do Norte, posto que não mui extensamente.

O involucro da semente ou pericarpo dá um oleo aspero, usado para luzes, e pelos naturaes da terra applicado como remedio em forma de linimento na sarna, lepra, e affecções rheumaticas. Tambem he usado na pintnra. He raro nos bazares do Canará do Norte, e por isso só se acha a preço alto. Todavia he pouco cultivada a planta, posto que ontras partes della, taes como a madeira, e a gomma, tenham serventia. O oleo (em canará *Bavoo ennay*) he preparado descascando a semente, e moendo esta casca no moinho, ou fervendo-a.

OLEO DE NOZES DE BELGÃO.

Nogueira de Belgão (*Aleurites triloba*)

Da-se espontanea nos districtos de Belgão, Dharwar, e Maissur(Mysore), e pode florecer tambem nos climas analogos e terreno do Canará do Norte acima dos Gates. A noz produz pouco mais ou menos 35 por cento de um mui bom oleo para luzes, e que facilmente se extrahe. Fabrica-se em grande extensão em Ceilão, e parece ir rapidamente crescendo em acceitação.

OLEO DE MAHOA' OU MAURA'

Mahoá ou Maurá (*Bassia latifolia*)
Em inglez——————*Mahwah tree*
Canará——————*Moie*

Dá-se nos mattos. As sementes produzem uma boa quantidade de oleo crasso util para a fabricação, do sabão. Das flores destilla-se um espirito; e a madeira he flexivel, forte e estimada,

OLEO DE PAPOULA DO MEXICO.

Papoula do Mexico(*Argemone mexicana*]
Em Inglez——————*Mexican poppy*
Canará——————*Burmadunda*

Esta planta da-se abundantemente no districto, e pode-se cultivar com pouco gasto. Das sementes exprime-se um oleo, que he usado pelos pintores, e he excellente para luzes. He tambem frequentemente applicado como remedio pelos naturaes; e tem bom preço.

VARIOS OLEOS.

Do *Jasmim*, *Sandalo*, e *Canella* tambem se fabrica oleo no districto, mas não em tanta extensão, que mereça menção especial. Todavia o estabelecimento de uma fabrica daria lucro.

(Continúa.)

PHARMACIA

Formulas recommendadas no tratamento da cholera

Poção de bi-carbonato de soda e hydrolato d'hortelã:

Pelosnr. Ernest Baudrimont.

Carbonato de soda (bi) ..	2 oitavas.
Hydrolato d'hortelã pimenta	1 onça.
Xarope simples..	1 «
Agua.....	2 onças.

Toma-se por uma só vez; no caso porém que o estomago a vomite, repete-se o seu uso até que elle a tolere.

A quantidade do bi-carbonato póde ser elevada até 3 oitavas. Para as creanças a quantidade d'este deve ser de 1 a 2 oitavas.

O auctor recommenda o uso d'esta poção, quando os doentes apresentarem os seguintes symptomas: diarrhea branca, vomitos, caimbras, arrefecimento das extremidades, cyanose, excavação dos olhos, torpôr, etc., mesmo durante o periodo algido.

Poção de quina e canella:

Pelo mesmo auctor.

OEnoleo de quina.....	4 onças.
Alcooleo de canella.....	1 oitava.
Xarope de casca de laranja azeda.....	1 onça.

Misture.

Toma-se ás colherés, duas de quatro em quatro horas

O auctor dá preferencia a este preparado, depois que o doente tem entrado em reacção, assim como na convalescença.

Poção d'acetato de morphina e acetato d'ammoniaco:

Pelo sr. Pierlot.

Acetato de morphina.....	5 grãos.
Acetato d'ammoniaco liquido	3 onças.
Hidrolato d'hortelã pimenta.	16 «
Acido acetico distilado (para solver o acetato de morphina).....	q. b.

Solva o acetato de morphina no acido acetico, junte o acetato d'ammoniaco, e depois o hydrolato. Conserve em frasco bem fechado.

Toma-se na dóse de duas onças, diluida em agua assucarada, de meia em meia hora.

Mistura de carvão e sulfato de ferro:

Recommendada como desinfectante das dejecções dos colericos;

Pelo snr. Bonjean.

Carvão vegetal em pó..	32 onças.
Sulfato de ferro em pó..	16 «

Misture.

Lançam-se duas ou tres colheres, d'esta mistura no fundo dos recipientes, onde se recebem as dejecções, e igual porção sobre as que teem de ser lançadas immediatamente nas latrinas.

(Revista de Pharm. e Sci. Acc. do Porto.)

Elementos de construcção

por

Candido José Mourão Garcez Palha.

Recebemos a 1.ª Caderneta d'esta importante obra, que se está publicando na imprensa do governo, escripta pelo distincto lente da Eschola mathematica e militar do Estado da India, o Sr. conselheiro Candido José Mourão Garcez Palha, coronel commandante do corpo de engenheiros; obra, approvada pelo conselho da eschola mathematica e militar d'este estado para texto da cadeira de construcção da mesma eschola. O seu auctor conhecido já pelo seu talento e vastos conhecimentos nas sciencias a que se dedicou, presta nesta publicação um serviço importante aos alumnos da eschola, que ali encontrarão as

materias expostas com admiravel claresa. Esta obra não só faz muita honra ao seu auctor, como tambem ao paiz que o vio nascer.

Muito lhe agradecemos a deferencia que lhe merecemos offerecendo-nos a sua primeira caderneta.

A. Gomes Roberto.

OS ENGANCHADOS.

Quando no n.º 18 deste *Archivo*, de junho de 1865, demos uma breve noticia da festividade hindú dos *enganchados*, concluiamos assim:

— « No Estado de Goa ja estas « praticas foram abolidas pelo Senhor « Governador Pestana desde o an- « no de 1844 (*Boletim do Gover- « no*, n.º 50 de 1844). Mas es- « tará a pratica de todo extincta? « Não nos atrevemos a affirma-lo. « Pode ver-se uma excellente descrip- « ção desta estupida e horrivel ce- « rimonia dos *Enganchados* no *Ency- « clopedico*, jornal de instrucção e « recreio, publicado em Goa, vol 2.º « n.º 1.º de janeiro de 1842, escripta « por uma testemunha de vista, que « assistira á festa na Aldea de Cun- « daim, da Provincia de Pondá.=

Ora quem nos diria á nós naquelle tempo que teriamos hoje occasião de voltar novamente ao assumpto, e informar nossos leitores mais por muido daquella absurda pratica hindú, e principalmente da instancia, que grande numero de *cidadãos portuguezes* fazem para se lhes restituir este innocente e religiosissimo uso, de cuja abolição dizem elles tem procedido horrorosos males. Pois he verdade. E como cousa digna de ser sabida de todos, reproduziremos aqui a fiel descripção da cerimonia, e ajuntar-lhe-hemos o theor da moderna supplica dos *cidadãos* gentios.

O artigo de *Encyclopedico* he este.

Os enganchados.

No dia 11 de Dezembro ultimo, se terminou o *Zatrá* [a] de Cundaim, Aldêa pertencente á Provincia de Pondá, com a barbara ceremonia dos *Enganchados*, que consiste em serem suspensos, a huma altura não pequena, com ganchos de ferro enfiados nas costas, quatro Gentios de casta *Sudra*, de familias, que, a preço de mediocres porções de terreno, que lhes dão para cultivarem, se obrigam voluntariamente a tão doloroso sacrificio; e para presenciarmos este acto, tendo embarcado na Villa de Pangim n'huma *Tona* com alguns companheiros, e gasto pouco mais ou menos, 5 horas de viagem por mar, e 20 minutos por terra, alli nos achamos no tempo em que começava a concorreneia de Gentios de ambos os sexos, e o estrepitoso, e aborrecivel rebombo dos *Arab*, *Dôll*, *Sômor*, *Chinga*, *Cornon*, e outros instrumentos gentilicos, que de quando em quando feria aquelles valles. Huma guarda d'hum cabo e alguns soldados do Batalhão de Infantaria N.º 2, collocada em posição conveniente, velava para que não houvesse qualquer desordem entre a multidão.—A situação nada offerece de notavel, he uma povoação baixa, plantada de arvores, com hum Pagode, que he o maior, a respeito d'outros, elevado sobre hum teso, rodeado de pequenos, e terreos edificios, que servem de alojamen-

---

[a] *Zatrá*, huma das festas mudaveis dos Gentios sectarios do Bracmanismo, que nem em todos os Pagodes he ao mesmo tempo, porem no de Cundaim veio a ser este anno no dia 11 de Dezembro, por ser o bissexto dos Gentios; mas em os seus annos communs ella recahe depois d'huma das fazes da Lua do mez de Novembro

to aos individuos, que acodem de fora, como ha em quasi todos os Pagodes. —Ao lado esquerdo da entrada principal d'este Pagode, distancia d'uns 40 passos, estavam erguidos verticalmente dous mastros de 20 covados de alto, guardando entre si o intervallo de 5 ditos: a estes mastros, que eram de páo de *mangueira*, uniam-se troncos de *arequeira*, atravessados horisontalmente de páos de *bambu* d'hum covado, formando degráos, que facilitavam a subida aos topos dos mastros: nestes topos se apoiava o eixo d'uma roda, do feitio d'huma dobadoura, que tinha hum movimento de rotação horisontal, composta de quatro raios perpendiculares de cada lado, com as suas extremidades oppostas, ligadas com páos de madeira rija, e inflexivel: por baixo da roda estava atravessada sobre os mastros huma taboa larga.—Pouco depois da nossa chegada, trouxèram os Gentios da mesma casta dos *Sudros* hum Bode preto, que arrastado em roda do Pagode com muitos alaridos, e grandes toques o conduziram a hum outro Pagode mais pequeno, situado no recosto d'hum oiteiro, distante quasi 120 passos, na porta do qual foi offerecido em sacrificio a uma horrido Idolo denominado *Betal*.—Espaçadas algumas horas appareceram as quatro victimas humanas, que deviam ser *enganchadas*, e assentadas no chão, pouco longe dos mastros, alli foram barbeadas, ao effectivo, e lugubre som d'uma musica infernal e horrorosa, por dous Barbeiros da Aldêa, que tambem lhes appararam as unhas das mãos, e alguns cabellos da cabeça, e raparam os do sobaco.— Alguns mais da sua casta aproveitaram esta occasião para igualmente se barbearem.—Seguiu-se a purificação, encaminhando-se as mesmas quatro victimas a hum pequeno, e proximo tanque, aonde, com os pés mergulhados n'agoa, e todos reunindo reciprocamente uma das mãos, espargiam sobre ellas, com a outra, agoa do mesmo tanque, e respondiam á voz d'hum ancião, que parecia ser o mestre de ceremonias d'esta funcção, huma lamentatoria oração aos seus Deoses para serem bem succedidos no sacrificio, que lhes hiam offerecer;—Os devotos tambem tocavam as suas mãos nas dos suppostos purificados; e as mulheres fecundas, e as estereis procuravam sofregamente beber a agoa, que lhes cahia das mãos, porque assim crêem estas, que se tornam fecundas, e aquellas estereis ! ! ! Finda a purificação, em que gastaram muito tempo, passaram para junto d'huma pedra, que estava a pequena distancia, e lá se lhes ministrou o vestuario, que constava d'hum *Rumal* [lenço branco de tecido espesso, e algum tanto grande] e hum *Puruem* (certo panno que enrolam na cintura], e se lhes fez tambem entrega de huma vara lacreada imitando huma espada, e de huma corda de linho, que produzia quatro alças, em hum só nó, em cada huma das quaes se enfiava hum gancho de ferro, com que tinham de ser *enganchados*, em forma de anzol de pesca, sem farpa, da grossura, quando muito, de linha e meia, e de ambito 6 pollegadas; e dizem que n' aquella occasião se lhes dá a fumar em um *Gurgury* o *bangue* [huma preparação de opio], o que não nos foi possivel verificar, pela difficuldade que, achamos em nos deixarem aproximar.—Deste logar, tendo aquellas quatro victimas nas mãos a tal vara lacreada, que effectivamente maneavam; na cabeça o *Rumal* arranjado em forma de Touca, coroado com grinaldas de flores, e o *Puruem* circundando os quadris, com muitos toques, e vozeria dos que faziam parte do seu sequito, dançando como e pavoridos, ou antes alienados, deram voltas á roda dos mastros e do Pagode maior, onde finalmente entraram.— Começava o crepusculo da manhãa a apontar, quando duas *Bailadeiras*, a quem as Graças tinham negado os seus dons, romperam o baile ao toque e visagens d'hum *Murdangueiro* [a], e pouco depois sahiram as mencionadas quatro victimas do Pagode precedidas de grande acompanhamento, e da tal dissonante musica, com a predita corda de linho ao pescoço, que dando huma volta crusava no peito, e hia reunir os estremos nas costas, segurando os ganchos com uma mão para não os trazerem dependurados, e empunhando com a outra a referida vara lacreada sem alteração alguma nos adornos, com que ultimamente se haviam trajado; e com estes exoticos enfeites foram ao pequeno Pagode, em que foi immolado o mencionado bode, e demorando-se alli hum curto espaço de tempo se

[a) Homens da familia das *Bailadeiras*, que tocam hum instrumento, a que se dá o nome de *Murdangue*, e que servem de *corretores* ás mesmas.

dirigiram, com igual sequito, estrondo, e dança, mais pavorosa do que agradavel, para um palmar, afastado 400 passos proximamente, e do qual não se avistava nenhum dos pagodes, nem os mastros,—Aqui se deu principio á horrivel ceremonia da perfuração, sendo hum após outro *enganchado* com os quatro ganchos, por operantes tão barbaros, como fanaticos, os quaes obrigando a respectiva victima a crusar os braços por cima dos hombros de hum individuo, que se lhe punha em frente, a fim de offerecer o dorso em huma posição quasi vertical, regulavam no meio das costas quatro pontos, que em quadrado não occupassem distancia maior, do que hum palmo; e tomando em prega os tegumentos, em cada hum destes pontos, o ferreiro da aldêa, fazia hum furo com hum ferro exactamente do feitio do chanfro d'huma penna de escrever, e hum outro finalmente introduzia, pelo lado opposto, o gancho, á proporção, que o dito ferreiro, retirava o ferro. Assim foram todos *enganchados* sem a minima repugnancia, á excepção d'hum só, a quem o fanatismo não foi bastante para encubrir o susto, e as dores, que bem manifestava por suas gesticulações.—Daqui encaminharam-se para os mastros, aonde chegados treparam logo acompanhados de alguns da sua casta, e pondo-se hum na taboa, que ficava por baixo da roda, e outros no eixo da mesma roda, os que os haviam seguido, desenrolando a corda a ataram no pão horisontal superior, de maneira que pudesse girar livremente, passando depois a dobrar e atar com huma cinta os joelhos para não tocarem os pés no eixo da roda, no seu movimento de rotação, advertindo-os primeiro para que tivessem o corpo encolhido e suspenso pelo braço esquerdo, crusado por cima da referida vara horisontal, posição em que se conservaram até que todos fossem atados da mesma forma.—Acabada esta operação se ouvio o unisono grito dos que se achavam sobre os mastros, que foi correspondido por huma parte dos espectadores, e então aquelles largando os braços, ficando suspendidos pelos ganchos, que lhes estendiam os tugumentos em proporção do peso do corpo, e nesta penivel e horrorosa attitude, meneando a varinha lacreada com o braço direito, e com o esquerdo, soffreram tres voltas completas da referida roda lentamente movida pelos que se tinham collocado junto ao eixo d'ella; e tornando a reproduzir o mesmo grito, apoiaram-se da mesma forma sobre os braços, e desatados, dous a dous, desceram dos mastros, sendo saudados e abraçados, hum a hum, por seus amigos e parentes.—Finalmente foram ao pagode proximo, e alli estendidos no chão, com as costas para cima, lhes tiraram os ganchos pela maior parte ensanguentados.—Terminou-se em fim desta maneira o *Zatrá* de Cundaim, aonde para assistir a este acto concorrem muitos centos de pessoas; e he para sentir, segundo o nosso fraco entender, que, a par da civilisação, que, ha mais de tres seculos, gosam felizmente estes povos, não tenhão desaparecido estas scenas de crueldade do paganismo, para que seus enfurecidos Deoses, não vejam diante de si fenecer victimas humanas, como por ventura pode acontecer.[a]

Ordem do Governo prohibindo a ceremonia dos Enganchados.

Não sendo possivel que uma Nação civilisada permitta que diante de seus olhos se commettam atrocidades, taes como suspender individuos por meio de ganchos, perfurando as carnes, embora se tolerem quantos usos religiosos, e não religiosos se queiram seguir, uma vez que não sejam sanguinolentos e atrozes; mandei chamar á minha presença o escrivão da aldeia de Cundaim de Pondá, a quem fiz saber a desapprovação do governo de Sua Magestade Fidelissima a similhantes actos, e o encarreguei de evitar sobre sua responsabilidade a pratica na sua aldeia deste acto, deste anno em diante, promettendo-lhe evitar o emprego de meios violentos, para fazer respeitar esta benefica intenção de Sua Magestade, e que iguaes medidas serão tomadas a

(a) Consta-nos que em Bally ha outro *Zatrá* dos *Enganchados*, e que o *Zatrá* de *fogo* em Sirgão, Aldêa da Provincia de Bicholim, he outra igual prova da barbaridade da crença destes povos.

(Gravado por Gonoba-Zó). (Ferreiro.)

OS ENGANCHADOS

respeito de outros pontos, onde hajam similhantes praticas.

E para que assim conste ao dito escrivão e seus successores, e á mesma communidade, fiz lavrar a presente pelo secretario do governo geral, e vai por mim proprio assignada. Palacio do governo geral em Nova-Goa, 6 de dezembro de 1844.—*José Ferreira Pestana*, governador geral.

No mesmo sentido se expedio para Adcolná em 7 de dezembro, e em 11 para Betequí, e para os Cagís dos Mouros, citando-se os precedentes.

Petição de varios cidadãos *gentios ao Governo do Estado em 9 de Fevereiro de 1866 para se lhe conceder a graça da restituição da cerimonia dos enganchados.*

Illm.º e Exm.º Sr. Com todo o acatamento e respeito chegam a representar perante a magna pessoa de v. ex.ª, os gancares da communidade de Betqui, e mais habitantes da dita aldeia abaixo assignados, que confiados na alta solicitude de v. ex.ª pelo bem estar dos povos deste estado, cujo governo está novamente entregue por Sua Magestade á sabedoria de v. ex.ª, se animam a expor o seguinte.

Exm.o sr., ainda que a ordem assignada por v. ex.ª na data de 6 de dazembro de 1844 só proscrevia a ceremonia das enganchados de Cundaim, por serem contrarios á civilisação do paiz, não havia com tudo prohibido uma igual ceremonia, que os supplicantes faziam na sua aldeia Betqui; porém as authoridades locaes prohibiram tambem na aldeia Betqui.

O *Zatará* dos enganchados na aldéa dos supplicantes he talvez mais antigo ao de Cundaim, e com quanto fosse prohibida por v. ex.ª por suas sabias considerações, toda via esta prohibição longe de ser proveitosa e benefica á communidade, e aos mais habitantes da aldeia, tem sido pelo contrario, a fonte de toda sorte de males e desventuras successivas para os habitantes da aldéa, a qual tem sido affligida seriamente por doenças epidemicas, mortandade immensa, absoluta falta de producção nos campos, e a subsequente miseria, e desgraças inremediaveis.

Por quanto durante os vinte annos que já decorreram a essa prohibição, os supplicantes tem experimentado na aldeia toda a sorte de calamidades, resultante da segagem das lagoas das agoas, que outra ora eram bastantes para regadura dos seus campos, e sobejavam, hoje não chega nem á terça parte dos campos, e daqui resultando a falta da producção, accrescentando a isto os males phisicos, e mortandade de gente, a aldeia dos supplicantes tornar-se-ha em pouco tempo um montão de ruinas e desolação.

Segundo a crença antiga, a população se persuade, que deve attribuir todos esses males á falta da ceremonia dos enganchados, e porque os successos de que a aldeia tem sido theatro durante os vinte annos vem a confirmar a mesma crença, e alem disto o oraculo do deus tambem o diz.

Conseguintemente para restabelecer a prosperidade na aldeia dos supplicantes já lhes não resta outro meio, mais do que abraçar os pés de v. ex.ª, e supplicar mui humildemente, que attendendo ao exposto, e ser aquella uma innocente pratica antiga, de que não resulta prejuizo a ninguem, visto que similhantes praticas existem em outros pontos da India; imploram a v. ex.ª para que se sirva permittir, que os supplicantes possam fazer a ceremonia dos enganchados em beneficio da sua aldeia; e por tanto—P. a v. ex.ª sr. governador geral deste estado a graça requerida—E R. M.—*Minguel da Costa* o fez. A 9 de fevereiro de 1866. Signal de Pondulicá Fortó, dito de Vassu Fortó, dito de Vitolá Fortó, dito de Santú Fortó, dito de Hory Fortó, dito de Venti Fortó, dito do escrivão Naraná Rognata Sinay.

Despacho.

Quando o traductor dos desejos dos supplicantes, Minguel da Costa, que este fez, me vier persuadir que da privação do Zatrá dos enganchados em Betqui he que aos supplicantes tem provindo os males, que referem; será possivel considerar este requerimento.—Palacio do governo 9 de fevereiro de 1866. O governador geral, *José Ferreira Pestana.*

Bibliographia

Relatorio acerca da situação e necessidades da secção zoologica do Museu de Lisboa, apresentado a s. ex.ª o Ministro e Secretario d'estado dos negocios do reino, por José Vicente Barboza du Bocage, director da secção zoologica do mesmo Museu, &c. &c. &c. Lisboa. Imprensa Nacional, 1865.

Fomos honrado pelo illustre director da secção zoologica do Museu de Lisboa com a remessa de um exemplar deste seu excellente *Relatorio*, que contem tres capitulos:

I. Situação das collecções zoologicas

II. Publicações relativas á nossa fauna, e á fauna das nossas provincias ultramarinas.

III. Providencias e melhoramentos indispensaveis.

Do contexto deste escripto se vê claramente quanto a sciencia deve ao laborioso e douto director, por cujas diligencias se pode dizer que foi criado o Museu. Tal era o acanhamento e imperfeição daquelle estabelecimento quando delle foi encarregado.

Não nos sendo possivel transcrever para este *Archivo* todas as 28 paginas do *Relatorio*, limitar-nos-hemos á parte onde trata das collecções que tem reeebido da nossa India, e onde o illustre director faz a devida justiça aos homens dedicados, que o tem auxiliado, dizendo assim:

O antigo museu, muito pobre em productos zoologicos do paiz, não se achava em melhores circumstancias quanto a specimens da fauna do ultramar.

Carecia de attender-se sem duvida com egual promptidão e diligencia a esta necessidade, era preciso conseguir a todo o custo que os representantes zoologicos d'essas vastas e opulentas regiões viessem, pouco a pouco, povoar o nosso museu, a quem mais do que a nenhnm outro competia o direito e a obrigação de os possuir.

Apresentava porém a realisação d'esta empreza difficuldades capazes de inutilisar os esforços da mais robusta vontade, difficuldades com que fôra demencia lutar sem a protecção official do governo e dos seus delegados n'aquellas possessões.

Essa protecção indispensavel tive eu a fortuna de alcançar, e cabe-me agora dizer como desde então as minhas diligencias têem sido coroadas de mais feliz exito.

O sr. José da Silva Mendes Leal, que o nosso paiz sauda ha muito como uma das nossas primeiras illustrações litterarias, durante o breve periodo em que exerceu o elevado cargo de ministro da corôa, acolheu constantemente com a maior benevolencia as minhas solicitações a favor do estabelecimento que me estava confiado, e mostrou-se incansavel em adoptar todas as medidas e providencias que podessem promover e facilitar a aquisição de productos zoologicos das nossas colonias.

O illustrado ministro, que não tinha por improprio da sua alta posição interessar-se pela prosperidade de um de nossos primeiros estabelecimentos scientificos, achou em algumas das auctoridades do ultramar a coadjuvação sincera e intelligente de que carecia.

A India foi de todas as nossas possessões a que primeiro acudiu em auxilio do museu da metropole. Ali o governador geral, o sr. conde de Torres Novas, o secretario geral o sr. Rivara, o physico mór, o sr. Eduardo de Freitas e Almeida, empenharam-se todos vivamente em satisfazer as instantes recommendações do ministro, e tiveram tambem a singular fortuna de encontrar auxilliares habilissimos e dedicados.

Em Pangim o sr. Gomes Roberto, distincto pharmaceutico do governo, bem conhecido pelo afan com que consagra a trabalhos uteis os raros ocios da sua profissão, foi incumbido de colligir e preparar os specimens zoologicos que houvessem de remetter-se para o reino; e arrostando difficuldades e fadigas com corajosa resolução, tem-se havido no desempenho d'este difficil encargo por maneria digna dos maiores elogios. Por proposta de um ministro que não se descuidava nunca de galardoar o merito, não tardou o sr. Gomes Roberto em receber da munificencia regia uma merecida demonstração do apreço em que eram tidos os seus serviços.

Já por tres vezes têem entrado para o museu remessas da India devidas a este laborioso correspondente. Constam princi-

palmente de aves, mammiferos e reptis, e em geral os exemplares têem chegado em bom estado de conservação e nas condições de poderem ser collocados nos nossos armarios, onde com effeito já se acham scientificamente determinados. e com as indicações que traziam dos nomes indigenas e das localidades onde foram colhidos. Reservo para um trabalho especial, que estou preparando, e que em breve sairá á luz, tratar mais extensamente não só das collecções devidas ao sr. Roberto, mas de todas as outras acquisições de productos coloniaes.

Alem do sr. Roberto, outras pessoas nos têem favorecido com productos da India. O sr. F. Lourenço da Silva, que é tambem um habil pharmaceutico d'aquelle estado, aproveitou a occasião de uma visita que fez a Damão em commissão de serviço publico, para colligir e preparar todos os animaes d'aquella localidade que lhe foi possivel obter, e remetteu-nos o anno passado uma collecção de aves e reptis, collecção muito notavel pelas species que contém, muitas das quaes ainda não havia no museu, e mais notavel ainda pela extraordinaria pericia com que se acham preparados os specimens. Um preparador de profissão e dos mais habeis não se haveria melhor.

O nosso terceiro e ultimo correspondente na India é o sr. Antonio Lopes Mendes, veterinario lavrador em commissão n'aquelle estado. D'este intelligente funccionario, recebi uma curiosa collecção de mineraes das Novas Conquistas, e varias conchas colligidas nas costas de Margão.

A nimia bondade do auctor associou o nosso nome ao daquelles benemeritos, mas a verdade pede que se diga que da nossa parte nada mais temos feito do que dar, quanto cabe em nossas forças, cumprimento ás ordens superiores.

J. H. da Cunha Rivara.

VARIEDADES.

A CREAÇÃO

Segundo as leis de Manú, filho de Brahmá.

(Conclusão)

87 ,, Por amor de preservar este universo, o ente, supremamente glorioso, designou separados deveres áquelles que procederam respectivamente de sua bocca, de seus braços, de suas pernas, e de seus pés.

88 ,, Aos *Brahmanes* designou os deveres de ler o *Veda*, de o ensinarem, de sacrificar, de ajudar outros no sacrificio, de dar esmolas, se forem ricos, e, sendo pobres, de as receber:

89 ,, Defender o povo, dar esmolas, sacrificar, ler o *Veda*, evitar as delicias dos prazeres sensuaes, são, em poucas palavras, os deveres do *Kshatriya*:

90 ,, Guardar rebanhos de gado, fazer larguezas. sacrificar, ler a escriptura, dar-se á mercancia, emprestar a ganho, e cultivar a terra são as cousas prescriptas ou permitidas ao *Vaisya*:

91. ,, Um principal dever assignou o supremo Regedor ao *Sudra*; a saber, servir as sobreditas classes sem menospreço.

92. ,, As mais puras partes do homem são as que ficam acima do embigo; mas o Poder, que a si proprio se creou, declarou que a sua parte mais pura he a bocca.

93. ,, E porque o *Brahmane* procedeo da mais excellente parte, por que foi o primeiro nascido, e porque

possue o *Veda*; he por direito o cabeça de toda esta creação.

94. „ O Ente, que existe por si mesmo, produzio de sua bocca no principio aquelle que tendo praticado sagrados ritos, pode apresentar manteiga clarificada aos deoses, e bollos de arroz aos progenitores do genero humano, para a preservação deste mundo:

95. „ Que ser creado pois pode exceder aquelle, com cuja bocca os deoses do firmamento continuamente se regalam de manteiga clarificada, e os manes dos progenitores de bollos consagrados!

96. „ Das cousas creadas as mais excellentes são aquellas que são animadas; das animadas as que subsistem pela intelligencia; das intelligentes, a raça humana; e dos homens, a classe sacerdotal;

97. „ Dos sacerdotes, os eminentes na sabedoria; dos sabios, os que conhecem os seus deveres, dos que conhecem os seus deveres; os que os cumprem virtuosamente; e dos virtuosos, os que procuram a bemaventurança por meio de um perfeito conhecimento da doutrina das escripturas.

98. „ O nascimento dos *Brahmanes* he uma constante incarnação de *Dharma*, o Deos da justiça; porque o *Brahmane* he nascido para promover a justiça, e alcançar a suprema ventura.

99. „ Quando um *Brahmane* sáe á luz, he nascido acima do mundo, como cabeça de todas as creaturas, destinado a guardar o thesouro dos deveres, religiosos e civis.

100. „ Quanto existe no universo, tudo he em effeito, posto que não na forma, fazenda do *Brahmane*; porque o *Brahmane* tem direito a isso tudo por sua primogenitura, e eminencia de nascimento:

101. „ O *Brahmane* não come se não o seu proprio mantimento; não traja senão o seu proprio vestido; não dá de esmola senão o que he seu; e pela benevolencia do *Brahmane*, na verdade, logram a vida os outros mortaes.

102. „ Para declarar em devida ordem os deveres da classe sacerdotal, e os das outras classes, o sabio *Manú*, procedente do que existe per si proprio, promulgou este codigo de leis:

103. „ Codigo, que deve ser estudado com extremo cuidado por todo o *Brahmane* instruido, e plenamente explicado a seus discipulos, mas não pode ser ensinado por outro homem de uma classe inferior.

104. „ O *Brahmane*, que estuda este livro, tendo praticado sagrados ritos, he perpetuamente livre de peccado no pensamento, palavras, e obras:

105. „ Confere pureza a sua familia viva, a seus ascendentes, e a seus descendentes até á septima geração; e elle só merece possuir esta terra toda.

106. Este mui excellente codigo produz tudo quanto ha de favoravel; este codigo accrescenta o entendimento; este codigo alcança fama, e longa vida; este codigo conduz á suprema bemaventurança.

107. „ Neste livro apparece o systema de leis em sua plenitude, com as boas e más propriedades das ac-

ções humanas, e os costumes immemoriaes das quatro classes.

108. „ O costume immemorial he uma lei transcendente, approvada na sagrada escriptura, e nos codigos dos legisladores divinos: por tanto cada homem das tres principaes classes, que tem a devida reverencia pelo supremo espirito, que nelle mora, observe diligente e constantemente o costume immemorial.

109. „ Um homem das classes sacerdotal, militar, ou commercial, que se desvia do uso immemorial, não prova o fructo do *Veda*; mas pela exacta observancia do dito uso colhe aquelle fructo perfeito.

110. „ Desta maneira os santos sabios, conhecendo que a lei he fundada no costume immemorial, tem abraçado como fundamento de toda a piedade, os bons usos ha longo tempo estabelecidos.

111. „ A creação do universo, as formas de instrucção e educação, com as observancias e procedimento de um estudante de theologia; as melhores regras para a cerimonia quando torna de casa de seu mestre;

112. „ A lei do casamento em geral, e das bodas em suas differentes formas; os regimentos dos grandes sacramentos, e a maneira, primitivamente ordenada, de praticar os funeraes;

113. „ Os modos de ganhar a vida, e as regras que deve observar o maioral de uma familia; os mantimentos permittidos e prohibidos, com a purificação das pessoas e dos utensilios;

114. „ As leis que dizem respeito ás mulheres, a devoção dos eremitas, e dos anachoretas totalmente applicados á final bemaventurança; todos os deveres de um rei, e a decisão judicial das controversias;

115. „ Com as leis das provas e exame judicial, leis relativas a marido e mulher; preceitos das heranças; prohibição do jogo; e punição dos criminosos;

116. „ Regras ordenadas para as classes mercantil e servil, com a origem das que são mixtas; os deveres e direitos de todas as classes em tempo de carestia; e as penas para expiar peccados;

117 „ As varias transmigrações neste universo, causadas por peccados de tres especies; com a ultima bemaventurança, que acompanha as boas acções, segundo se tem praticado o vicio e a virtude;

118 „ Todos estes titulos de leis, promulgadas por *Manû*, e occasionalmente os costumes de differentes regiões, differentes tribus, e differentes familias, com regras concernentes aos hereges, e ás companhias de mercadores, são discutidas neste codigo.

RESPOSTA

ao

Nota Bene

do

Sr. Dr. Miguel Antonio Dias — Ex-medico da Santa Casa da Misericordia de Torres Novas,

POR

Joaquim José Alves.

Pharmaceutico de 1.ª Classe.

Recebemos o folheto que tem es-

te titulo, e que nos foi offerecido pelo seu auctor o distincto pharmaceutico do hospital de Marinha o Sr. Joaquim José Alves. O seu objecto he repellir as accusações, que lhe fez o Sr. dr. Miguel Antonio Dias n'um outro folheto que escreveu sobre o formulario de que se servia no hospital da Santa Casa de Misericordia de Torres Novas. O Sr. Alves, hoje um dos ornamentos da classe pharmaceutica, desenvolve n'este pequeno folheto, na analyse feita das formulas do mesmo formulario, os seus vastos conhecimentos chimicos e pharmaceuticos. Sentimos porém que taes polemicas se suscitem entre individuos, que para bem da sciencia deviam sempre andar unidos como irmãos.

Cholera morbus.

Considera-se extincta no estado da India portugueza esta terrivel epidemia. Não passou da classe indigente. Da classe europea foi apenas atacado um soldado, de vida pouco regular, que succumbio.

Bexigas,

Continuam a fazer estragos em differentes provincias da India portugueza.

Os delegados da Junta de saude, com quanto se esforçem para propagar a vaccina por toda parte, e por todas as classes da sociedade, parece todavia que encontram, em algumas classes, grande resistencia e difficuldade em as sugeitarem á vaccinação, especialmente a classe gentia.

Despacho.

Por decreto de 18 de Novembro pp. foi despachado 2.º pharmaceutico do Quadro de saude deste estado o Sr. João Herculano de Moura, que chegou a Nova Goa no dia 2 de Fevereiro.

Puberdade extemporanea.

—O dr. Piazza acaba de ser chamado para tratar d'uma menina de 29 mezes, que parecia affectada de hemorrhagias: feitos os devidos exames, elle reconheceu que nos orgãos sexuaes tal doença não existia, e pelo contrario a menina havia chegado á puberdade apezar de não contar mais de 29 mezes de edade! Seus orgãos sexuaes estavam guarnecidos de cabellos negros, os grandes labios tumefactos, e em contacto sem que houvesse lezão alguma; o sangue apresentava todos os caracteres do fluxo menstrual, os peitos uniformemente desenvolvidos, e finalmente tudo que caracterisa esta edade. O fluxo menstrual continou depois a apparecer com toda a regularidade.

(*J. de Ph. de Lisboa.*)

Cadaveres dos chloricos.

—O professor Ercolani, de Bologna, diz ter encontrado em todos os cadaveres dos cholericos, que submetteu á sua observação, e que não foram em pequeno numero, uma *alga* microscopica, que deve ser a causa especial da cholera, e que se póde introduzir no interior assim pelo ar como pelos alimentos.

Ignora-se por em quanto quaes os meios de que se deva lançar mão para evitar sua absorpção.

[*J. de Ph. e S. Ac. de Lisboa.*]

ARCHIVO DE PHARMACIA

E

SCIENCIAS ACCESSORIAS

DA

INDIA PORTUGUEZA.

Publicado e redigido pelo Pharmaceutico — ANTONIO GOMES ROBERTO.

Numero 28 — Abril de 1866 — 3. Anno

Productos Vegetaes do Canará do Norte.

(Continuação do n.º 27.)

Madeiras.

TECÁ. (*Tectona grandis*, Eng)

Em inglez——— *Teak tree*
hindustani——— *Sagwan*
tamil ——— ——— *Shaikoo marum*
telegú——— ——— *Teka*
canará——— ——— *Sagwanee marum*
concani ——— — *Sagwan erook*

A Teca da-se livremente no Canará do Norte, mas em mais abundancia nos concelhos [*talooks*) de Supem e Yellapur, do que nos outros. A madeira he de menores dimensões do que a que vem do Pegú, Tenasserim, e outras partes, mas excede todas as outras em rijeza e durabilidade. Medra melhor nas encostas dos outeiros, onde posto que cresca mais paulatinamente, a sua textura he mais firme, que a da que se dá nos terrenos mais ricos dos valles e planicies. A arvore cresce comparativamente com maior rapidez nos primeiros oito ou dez annos, mas depois o seu crescimento he mui vagaroso, e não chega á mudureza antes dos 60 até os 90 annos.

As seguintes dimensões da arvore nas suas differentes idades são dadas pelo Doutor Cleghorn em sua interessante obra sobre as *Mattas e Jardins da India Meridional* ;

Aos 10 annos de idade a circumferencia a 6 pés acima do chão,

	pés	polleg.
he.....	1	6
Aos 22 dito dito.....	3	0
Aos 27 dito dito.....	4	6
Aos 62 dito dito.....	6	0
Aos 93 dito dito.....	7	6

Esta taboa he em geral boa guia pratica, mas devem-se-lhe dar os descontos das differenças na rapidez do crescimento devidas á pobreza ou riqueza do solo.

As mattas de Teca no Canará do Norte estam inteiramente na mão do governo, e he lastima que em vez de desenvolver os recursos florestaes do districto, o que seria no tempo vindouro de grande proveito assim ao Estado como aos particulares, o governo passado apparentemente se empenhasse em obstar a que o valor das mattas do districto fosse conhecido, nomeando para a direcção dellas empregados não só profundamente ignorantes dos mais communs principios da sciencia botanica, mas tambem, ao que parecia, igualmente ignorantes do modo de gerir os negocios do governo. Receamos que ainda agora se não possa dar uma correcta ideia do rendimento annual das mattas do districto, por que julgamos que aos compradores

contra os regulamentos, se tem concedido espera de grossas sommas e por largos prasos.

A nomeação de um homem mais diligente e scientifico para dirigir a repartição das mattas de toda a presidencia, pareceo ser sufficiente; mas infelizmente a nomeação não confere a potencia da ubiquidade.

Pouco ou nada se tem feito no Canará do Norte para multiplicar as plantas mais uteis, de sorte que, se as cousas continuam como agora, n' um tempo comparativamente limitado, as mattas estarão exhaustas, e o terreno, que convenientemente aproveitado poderia dar um rendimento de 30 ou 40 laques, degenerará n' um matto contendo apenas lenha para o fogo.

Ha hoje algumas milhas de encostas de montanhas, nos concelhos de de Supem e Yellapur (sitios os mais excellentes) que podiam ser cobertas de mattas de florentes Tecas para consumo dos tempos vindouros, mas que nada produzem senão esteril matto.

E nenhum progresso se poderá fazer em quanto toda a repartição das mattas do districto não for reorganisada sob um chefe scientifico e pratico, que não somente seja idoneo para o serviço habitual de um couteiro, mas que tambem possua sufficiente conhecimento scientifico para desenvolver os ainda não conhecidos recursos da repartição a seu cargo. Uma companhia de trabalhadores, para quem haveria sempre alli sufficiente occupação, devia ser conservada na repartição das mattas, e esses se tornariam mais peritos neste mister do que meros *coollies* assalariados a jornal, que n'um dia são admittidos, e no outro despedidos.

Devem-se estabelecer viveiros de Teca e outras plantas valiosas em diversos pontos, em lugares apropriados; e em quanto alli houver sementeiras, aquelles tractos de montanha devem ser limpos de todas as plantas inuteis queimando-se estas, sendo possivel, nos proprios lugares.

As sementes da Teca devem ser colhidas em Dezembro ou Janeiro, logo quando estam maduras, postas de molho por 24 ou 36 horas em agua, em que se haja dissolvido estrume, que favorece o seu seguro e rapido brotar, e plantadas em buracos de meia ou uma polliegada de fundo, e quatro ou cinco distantes entre si. Depois cubram-se as sementes levemente com terra, e ponha-se por cima de tudo palha, erva, ou folhas velhas para conservar a humidade, e abrigar as plantas novas da intensidade dos raios do sol. Reguem-se todas as tardes, e começarão a abrolhar entre tres a quatro ou cinco semanas depois da sementeira.

As mais fortes das novas plantas sejam com muito cuidado transferidas ao logar, onde hão de ficar permanentemente, e postas em renques, e distantes quarenta pés pouco mais ou menos entre si, porque ficando bastas acanha-se e retarda-se o seu crescimento. As plantas que se intentam remover para logar distante dos viveiros a fim de ser transplantadas, devem ser semeadas em caixas ou cestos, que serão levados do viveiro em carros, ou ás costas de homens. Deve-se contar com a perda de ao menos um terço das sementes, e muitas vezes acontece que a perda he muito maior, o que se deve attribuir provavelmente á falta de cuidado na escolha das sementes.

Muitas vezes se vêm numerosas plantinhas pequenas ao redor das arvores adultas, resultado da germinação das sementes que tem caido, e essas podem ser transplantadas com cuidado para logares apropriados: mas em geral deixam-nas afogar-se umas ás outras, ou pelas ervas ruins.

No anno proximo futuro podiamo-se plantar 200$ Tecas novas nos incultos declives das montanhas de Supem e Yellapur, e muitas mais na margens dos rios Kala Naddy, Gungawalley, e Sarawutty, com grande perspectiva de beneficio futuro para o Estado, e actual dos districtos febris, onde se trocariam milhas de insalubres e emaranhados mattos por limpas florestas de Tecas.

He verdade que hão de passar muitos annos antes de se auferir algum rendimento de taes plantações; porem he não menos evidente que quanto mais se dilatar esta empresa, mais se dilatarà aquelle importante rendimento.

A madeira, e especialmente a que he propria para construcção naval, vai-se tornando cada vez mais rara e mais cara, não só na Europa, mas tambem na India, e se olharmos ao tempo em que as arvores agora plantadas hão de chegar á madureza, o preço da madeira de Teca chegara a dobrar, e he mais que provavel que a procura continurá por muitos annos a exceder o supprimento do mercado.

O páo de Teca he avaliado segundo a sua idade. O que chegou á madureza, como he mais rijo, e mais facilmente aprestavel para a obra, e tambem mais duravel, tem maior valia em comparação do páo mais novo.

Depois da transplantação as mattas de Teca requerem mui pouco cuidado salvo a limpeza dos *ladrões* até o tempo em que se hão de desbastar as arvores que abafam as outras. Deve-se introduzir o uzo da serra para o corte e poda destas arvores em logar do machado, porque não só se poupa muito trabalho, mas tambem material; e as arvores devem ser cortadas o mais junto da raiz que ser possa, para se não perder madeira aproveitavel. O processo de fazer um corte circular na arvore, que he frequentemente adoptado no intento de facilitar a madureza, deve abandonar-se, porque se conhece que não satisfaz ao fim, e influe prejudicialmente na durabilidade da madeira.

Quando as arvores estam em sitio que torna difficultoso o transporte dos páos, serem-se em pranchas de devida grossura, e as partes aproveitaveis dos ramos sejam convenientemente decepadas no proprio sitio.

As actuaes mattas de Teca devem ser limpas, tanto quanto for possivel, das arvores inuteis e dos *ladrões*, que impedem a circulação do ar, extrahem a materia nutritiva do terreno, e assim atalham o devido crescimento da arvore.

SANDALO (*Santalum album*, Eng.]

Em inglez	*Sandalwood*
hindustani	*Climdoie*
tamil	*Chandanum*
telegú	*Chundanum*
canará	*Gandathu mara.*

O Sandalo do commercio da-se extensamente nas mattas de Sirey e Supem, e raramente em outros concelhos do Canará do Norte. Produz tanto a madeira branca como a amarella, sendo a primeira o *alburno*, ou páo externo e novo, a ultima o *duramen, cerne*, ou páo interior. Este ultimo he mais rijo, mais fragrante, e de mais valia.

Em regra o Sandalo produzido no Canará do Norte he inferior em dimensões e qualidade ao produzido no territorio adjacente do Maissur (*Mysore*); o que se deve attribuir a que as arvores neste ultimo districto são melhor tratadas do que no primeiro (onde são muito despresadas), por quanto o solo e clima dos dous districtos he totalmente identico em muitas partes. No Maissur acham-se arvores de 20 a 30 pés de altura, e $2\frac{1}{2}$ ou 3 pés de circumferencia; no Canará do Norte raras vezes exce-

dem 20 pés de altura, e $1\frac{1}{2}$ ou $2\frac{1}{2}$ pés de circumferencia. Medra melhor em terreno mattoso, composto de residuos vegetaes como nas mattas densas, e bem longe do mar.

He exportado em consideravel escala, e tambem usado largamente pela *gudigares*, marceneiros, ou entalhadores do districto, alguns dos quaes foram premiados na Exposição de 1852, e julgamos tambem que na de 1862.

Em muitos districtos o precioso oleo de Sandalo he preparado em larga quantidade; e posto que para este fim se possa applicar com grande proveito toda a madeira delgada e dos residuos, todavia só se fabrica o oleo em mui limitada extensão no Canará do Norte, e tanto que não o incluimos na nossa relação dos oleos do districto.

A sua preparação he por um processo bem tosco. As raspas e os cavacos he o que somente se usa para este fim; e são postos u'um vaso chato furado no fundo com muitos buraquinhos em forma de ralo: este vaso he posto sobre outro vazio e limpo, e um terceiro com carvão acceso põe-se em cima daquelle que contem os cavacos do sandalo. O calor na parte superior faz sair oleo em gotas dos cavacos, e passar pelo ralo ao vaso inferior, do qual no fim da operação se tira o oleo, e se guarda em garrafas para uso, ou para a venda. A fabricação deste oleo em maior escala seria commercialmente importante. Madrasta exporta annualmente o valor de 62$ rupias, a maior parte para Bombaim e Persia.

A plantação das arvores de sandalo podia facilmente, com grande beneficio do governo, triplicar-se do seu estado presente, porque abundam as terras incultas proprias para esta cultura. Podiam estabelecer-se viveiros para criar esta planta, como se disse da Teca. A sua sementeira e creação requer menos trabalho e cuidado, e o resultado he mais certo que nas Tecas. Algumas milhas quadradas podiam ser plantadas no proximo inverno; e como a arvore chega á madureza em 25 ou 30 annos, e pode ser cortada antes daquelle periodo, os lucros serião muito mais promptos que os das plantações de Tecas.

Pao preto—Sissó—(*Dalbergia latifolia*, Eng.)

Em inglez ——————*Blackwood*
hisdustani— *Shelslunn Keluckday.*
tamil— —— *Karoongalee marum*
telegú——— *Viroo-goodoo-chawa*
canara —— *Beetie mara*
concani —— *Sherha Lacoodoo.*

Esta madeira, a mais preciosa para moveis que ha no districto, da-se abundantemente nos concelhos de Yellapur, Supem, e Ancolá, e em certa extensão nos outros concelhos tambem, mas em nenhum em tanta abastança como a natureza do terreno o permittira.

O páo preto prefere um terreno bom, mas não muito rico, e um clima moderadamente quente, tal como he o de cima dos Gates: e as arvores para poderem bem desenvolver-se, não devem estar muito bastas. A madeira produzida pelas arvores do Canará do Norte he de boa qualidade, posto que bastante delgada, por estarem as arvores apinhadas na matta, e admitte um bonito polimento. A sua cor he boa, e assemelha-se á do páo rosa, quando he convenientemente trabalhada. He muito procurada esta madeira para fabricação de moveis, a que se amolda muito bem.

As arvores requerem a idade de 25 a 30 annos para estarem sasonadas para o corte; e maior idade ainda provavelmente faria a madeira mais preciosa. Quando chegam a completo crescimento são capazes de dar pranchas de 3 pés de largura.

Pode-se haver por sementeira, e por meio de viveiros se poderia propagar esta cultura com grande proveito, como está recommendado quanto ás tecas e sandalo.

Seria vantajoso que os operarios de Bombaim se provessem desta e de outras madeiras nas mattas do Canará do Norte, em vez de as importarem de maiores distancias, e com mais avaltada despesa. Acham-se mui bellas arvores á borda dos rios do districto, donde facilmente poderiam ser levadas em jangada até ao mar, e alli embarcadas.

Ha no Canará do Norte outra especie, a *Dalbergia sissoides*, que tambem dá páo preto do commercio, posto que inferior ao da *Dalbergia latifolia*.

(Continúa)

CINCHONA.

Como annunciámos a pag. 101 do volume do anno passado, as plantas de Cinchona, que então vinham do Neilgherries para esta cidade, não poderam ser aqui recebidas. Para atalhar pois aos inconvenientes do transporte das plantas, vendo o Sr. Mc. Ivor que neste anno a maior parte das suas Cinchonas estavam floridas, tomou a deliberação de nos mandar não as plantas, mas as sementes. He o que já começou a fazer com as da Cinchona Calisaya, as quaes foram logo recebidas, e entregues a pessoas competentes, que apreciam e sabem dirigir esta especie de cultura, segundo se verá dos documentos que se seguem. Parecenos pois que está vencida a primeira e a maior difficuldade para a introducção desta preciosa planta na India Portugueza.

J. H. da Cunha Rivara.

(*Traducção*).

N.º 148—Jardins do governo, em Ootacamund, 21 de março de 1866.

Do Superintendente das plantações de Chinchona do governo, em Ootacamund.

Ao doutor J. H. da Cunha Rivara, secretario de s. ex.ª o governador geral de Goa.

Senhor.—Tenho a honra de enviar inclusos para s. ex.ª o governador geral dous embrulhos de sementes frescas da Chinchona Calisaya, uma das mais preciosas entre as que produzem quina. Estas sementes estam em excellente condição, e germinam aqui aos milhares, e julgo que se darão muito bem na Reunião e em Argel.

2. Muitas das outras especies de Chinchona, aqui cultivadas, brevemente produzirão sementes perfeitas, das quaes vos serão enviadas algumas porções de tempo em tempo, á proporção que forem amadurando.

3. Estas sementes sem duvida hão de germinar; e como ellas soffrem com muito mais segurança o transporte do que as plantas, facilitar-vos-hão muito os meios de introduzir as melhores especies nas vossas colonias.

Terei sempre muito prazer em vos auxiliar, quanto em mim for, nesta empresa.

Tenho a honra de ser, senhor, vosso mui obediente servo.—*W. G. Mc. Ivor*, Superintendente das plantações de Chinchona do governo.

N.º 12—Ao Illm.º sr. W. G. Mc. Ivor, Superintendente das plantações de Chinchona de Oocatamund.

Recebi a sua carta de 21 de março com as sementes da Chinchona Calisaya, que s. ex.ª o sr. governador

geral agradece muito a v. s.ª e fica esperando pelas das outras especies que v. s.ª promette enviar a seu tempo competente.

Tenho a honra de ser

De v. s.ª

Nova-Goa, 6 abril de 1866.

mt.º obediente servo.

J. H. da Cunha Rivara,

Secretario do governo geral.

N.º 11.—Illm.º sr.—Tendo s. ex.ª o sr. governador geral deste estado, recebido esses volumes de sementes da *Cinchona Calisaya* do Neilgherries, manda que eu as envie a v. s.ª para que de accordo com o medico veterinario lavrador, Antonio Lopes Mendes, as faça semear nos lugares que lhe parecerem mais proprios, tomando as providencias que julgar opportunas para o bom resultado daquella sementeira.

Deos guarde a v. s.ª Secretaria do governo geral. 27 de março de 1866. —Illm.º sr. administrador fiscal da 2.ª divisão — O secretario do governo geral. *Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara.*

N. B. Igual *mutatis mutandis* se expedio a Antonio Lopes Mendes sob o n.º 55.

N.º 33—Illm.º sr.— Respondendo ao officio de v. s.ª n.º 11 de 27 de março ultimo, cumpre-me dizer que recebi a semente da *Chinchona Calisaya*, e de accordo com o agronomo Antonio Lopes Mendes distribui tres partes pelos plantadores estrangeiros Thomaz B. Scott. Hugo Baldwem Major, e John Nimmo, que me agradeceram a remessa, e ficaram de darme opportunamente todos os esclarecimentos, quanto á sementeira e desenvolvimento das plantas, como v. s.ª se dignará ver das cartas, que remetto inclusas. A restante quarta parte ficou em meu poder para eu fazer a experiencia.

Deos guarde a v. s.ª Sanquelim, 19 de abril de 1866.—Illm.º sr. secretario do governo geral de estado.— *Jose Maria Rodrigues*, administrador fiscal.

Pangim, 3 de abril de 1866

Illm.º sr. Rodrigues.

Participo que recebi o seu officio contendo a semente de Chinchona, de que agradeço muito a v. s.ª

Já tenho dado minhas ordens para ser ella plantada e tratada devidamente, e do seu resultado farei sciente a v. s.ª no tempo competente. Sou.

De v. s.ª &c.

Thomas B. Scott

(*Traducção*)

Ao sr. José Maria Rodrigues, Fiscal &

Sanquelim—Satary.

Plantação Louisiana, Satary, 9 de abril de 1866.

Caro Sr. Recebi em seu devido tempo o vosso officio de 2 de abril acompanhado do embrulho das sementes da Chinchona Calisaya.

Tratarei destas sementes com a devida attenção, e terei muita satisfação de dar conta do resultado.

Fico, caro Senhor, vosso obediente servo—N.M. Ellís por H. B. Major.

Satrém, 16 de abril de 1866.

Illm.º sr.

Recebi a sua estimavel datada de 10 de abril, qual foi-me impossivel de responder por que o nosso escrivão não se achava presente, de que não repare.

Recebi do sr. Lopes Mendes uma porção de semente de Cinchona, de que fico-lhe muito grato.

Esta semente tenho semeado no dia sabbado passado aos 14 do corrente, e fico de dar a v. s.ª opportunamente a historia do desenvolvimento das plantas.

De V. S.ª

am.º att.º v. c.

Jolin Nimmo,

Documentos para a historia da medicina empirica na India.

Requerimento ao Governo do Estado.

Em 16 de Novembro de 1865,

Illm.º e exm.º Sr. — Dizem Antonio João de Souza, Antonio Luis Pinto, Pascoal Gonçalves e outros moradores em Mapuçá, que na sua Aldea tendo grassado o mal de cholera-morbus, e febres epidemicas, e durante este flagello os supplicantes tendo sido obrigados a recorrer a Tholentino Gabriel Fernandes da mesma, não he facultativo mas sim homem de experiencia concernente aos ditos males como tambem differentes muitos outros, que tem podido deixar desembaraçados ou curados a mais de cincoenta pessoas da sua Aldea e outras tantas das Aldeas circumvisinhas, todas perpetradas das sobreditas doenças e algumas das outras, e ora como as doenças em objecto se achão espalhadas e tendo os supplicantes recorrido ao dito herverario, este pelo immediato ameaço e receio do outro facultativo não quisera administrar o seu efficaz medicamento, a cuja falta tem causado immensas mortes, recorrem porisso a graça de V. Ex.ª de conceder-lhe licença de administrar o seu medicamento para todo e qualquer individuo que for acomettido das ditas doenças não obstante algum impedimento medical.

Os supplicantes no principio da laboração destas doenças atacantes, não havendo outro regresso se não de recorrer ao medicõ facultativo quem tendo podido administrar o medicamento antes tem provado desefficaz, já depois de gastarem imenso dinheiro; e o herverario de quem os supplicantes apetecem não so por que tem podido deixar curados, mas até não recebendo dinheiro algum tanto do seu medicamento quanto sua visita pessoal.

A pessoas pobres que mal podem sustentar as suas familias não podem recorrer ao medico facultativo por falta das possibilidades, e assim dão cabo das suas vidas, e pedimos nós todos Aldeanos encarecidamente prostrando perante V. Ex.ª que faça a caridade pedida por amor de Deos, por tanto P. a V. Ex.ª Sr. Governador Geral deste Estado seja servido fazer a graça requerida. E R. M. 16 de Novembro de 1865.

Antonio João de Souza,—Antonio Luis Pinto. — Pascoal Gonçalves, — Jeronimo Paulo Pinto.— Constancio Gabriel de Bragança— Rosario de Souza,—Domingos João Fernandes, —Raimundo Fernandes,—Nicoláo de Fonceca,—Augusto Placido de Nasareth,—Sinal de Madevá Xette Caricar,—Lourenço Gaspar Pinto,—Antonio Francisco de Souza,—José Januario Fernandes,— sinal de Diogo de Bragança ✠ dito de Antonio Luis de Bragança ✠ de Miguel Bragança ✠ de José de Souza ✠ de Reginaldo de Souza ✠ de Reginaldo de Bragança ✠ Sebastião Pinto. ✠ de Constancio de Souza ✠ Diogo Fernandes ✠ de Antonio de Souza ✠.

Reconheço como proprias e veridicas as vinte e quatro assignaturas, retro e supra. por assim me affirmarem José Sertorio Alves, e Antonio Luis Pinto, moradores nesta villa de Mapuça; e as ditas assignaturas são de Antonio João de Sousa, Antonio

Luis Pinto, Pascoal Gonsalves, Jeronimo Paulo Pinto, Constancio Gabriel de Bragança, Rosario de Souza, Domingo João Fernandes, Raimundo Fernandes, Nicolau da Fonceca, Augusto Placido de Nasareth, Lourenço Gaspar Pinto, Antonio Francisco de Souza, Josê Jeronimo Fernandes, Diogo Bragança, Antonio Luis de Bragança, Miguel de Bragança, José de Souza, Reginaldo de Souza, Reginaldo de Bragança, Sebastião Pinto, Constancio de Souza, Diogo Fernandes, Antonio de Souza, Tolentino Gabriel Fernandes, todos moradores na freguesia desta Villa, sendo das mesmas assignaturas dez de signaes de cruz, e os ditos Alves e Pinto que disserão tambem conhecer os signatarios assignaram aqui. Eu Gustavo Adolfo de Frias, Tabelião de notas nesta Comarca de Bardez, o fiz, e assignei como o meu sigal publico e raso seguintes,— Mapuça 16 de Novembro de 1865. Deste oito tangas vinte sette reis. — Em testemunho da verdade. G. A. F. Gustavo Adolfo Frias, José Sertorio Alves, Antonio Luis Pinto.

Outro de 18 de Dezembro de 1865.

Illm.º e Exm.º Sr.—Os abaixo assignados moradores em Siolim, e Oxel, animados pela benevolencia e promptidão com que V. Ex.ª acode as necessidades deste paiz, se propõem a supplicar de V. Ex.ª huma graça, huma mercê, hum beneficio para localidade habitada pelos supplicantes.

Não he Exm.º Sr. a affeição para um, nem odio para outro, que empelle aos abaixo assignados a supplicar de V. Ex.ª esta graça, he necessidade e necessidade summa, necessidade que joga com a vida dos homens que a tantos impelle.

Grande, Exm.º Sr. he a falta dos medicos, nos pontos que habitão os Supplicantes, porque o unico que ha é Bento Manoel Fernandes, morador em Siolim, já hoje pela sua adiantada idade e achaques choronicos não pode acceder de prompto os enfermos como outra ora o fasia.

De presente quem pode prestar o serviço, que outra ora prestava o referido medico, he o seu filho Belchor Mariano Fernandes, morador em Siolim, que com bastantes conhecimentos, especialmente praticos, está nas melhores circunstancias de accudir á humanidade, em apertos taes como de huma doença.

Effectivamente porem não accode de prompto, receando que os seus emulos sirvão de um pretexto para o perseguir, e que o serviço feito á humanidade, em vez de lhe attrahir premios, lhe faça passar por vexames etc. é só por esta consideração que elle deixa de acudir aos enfermos, cuja consequencia pesa sobre a humanidade.

V. Ex.ª he só quem pode acabar com esse grande inconveniente, conceder attentas as circunstancias relativas, licença ao dito Belchor Mariano Fernandes para curar.

He essa a graça. He essa mercê. He o beneficio que os abaixo assignados implorão a V. Ex.ª

Digne-se por tanto V. Ex.ª fazer esta graça, e satisfazer a esta necessidade que he das primeiras, sendo preciso informar-se das authoridades respectivas, por tanto: P. a V. Ex.ª Sr. Governador Geral deste Estado seja servido prover no pedido. R. Mce.— Marcelino Fernandes, — Antonio Francisco Gomes, — Miguel Antonio Fernandes Paes,—Pde. José Aureliano de Sousa, —Antonio José da Costa, — João Basilo Gomes, — Aleixo Fernandes,—João Baptista de Souza, —Pedro Vicente da Cruz,— Antonio Mendes,-Pde. Apolinario Caetano Jo-

sé Fernandes,—Pre. Lodovico Alberto da Conceição Gomes,—Miguèl de Souza, — Oligario Mateus Joaquim Fernandes, —Pedro Alcantra de Souza,—Pio Hilario Fernandes,—Gabriel Fernandes,—Ignacio de Noronha,—Manoel Cardozo. — Sebastião Fernandes,— João Baptista Fernandes, —Luis Antonio Fernandes,—Antonio Cardozo,— Diogo Antonio da Costa, —Antonio Rodrigues Lobo,—Marcelino Fernandes,—Sebastião Cardozo, —Celestino Reis. — José Belarmino da Costa. —Domingos Rosario Costa —Pedro Cardozo Piedade—José Xavier Lobo, — Camillo Fernandes, — Christovão Estacio Leitão, —Gaspar Donga,—Gregorio Francisco Xavier Lobo, — Pe. Elias José Xavier Lobo, — Antonio Fernandes,— João Caetano Lobo.

Outro de 20 de Fevereiro de 1866.

Illm.º e Exm.º Sr.—Os abaixo assignados moradores em Bicholim com o devido respeito, e profundo acatamento, expoem a V. Ex.ª o seguinte.

Que sendo a Provincia de Bicholim habitada por uma população numerosa, e não havendo nella Facultativos legalmente hablitados, para os representantes poderem recorrer a elles nas suas molestias e das suas familias, alem dos dous Facultativos do 3.º Batalhão de Infanteria, estacionados na mesma, e do cirurgião da Provincia, e tendo por essa falta acontecido não poucos casos fataes; por isso que os ditos dous Facultativos do corpo sobrecarregados, como se achão, do respectivo serviço, e ora algumas vezes por estarem ausentes do respectivo quartel pelo motivo de se acharem destacados, e por que o cirurgião da Provincia habita em Sanquelim distante de Bicholim, local em que rarissimas vezes se encontra o tempo, por que tem de percorrer toda a Provincia, os representantes tem sido obrigados recorrer a Cosme Miguel Godinho, natural de Margão da comarca de Salcete, e residente na mesma de Bicholim, que promptamente e com cuidado, tem não poucas vezes tratado dos representantes, das suas familias, de varios individuos, e até dos officiaes do corpo, usando de differentes medicamentos de segredo, que o mesmo possue, porem com muita repugnancia, por não ser legalmente habilitado, como fazem certo pelos inclusos documentos em nove meias folhas desde fl. 1 a fl. 9 firmadas pelo proprio punho do Coronel Commandante da Provincia, da maior parte dos officiaes do dito 3.º Batalhão, e dos habitantes de Bicholim.

A cuja vista implorão os representantes a V. Ex.ª como pai dos caritativos a graça de conceder licença ao referido Godinho para fazer os curativos das molestias na dita Provincia, no impedimento dos mencionados facultativos, aliás tem os representantes e suas familias de serem victimas de enfermidades, como tem acontecido não poucas vezes; porisso que o mesmo Godinho não pode affoutamente tratar das molestias, sem a competente licença, pois, Exm.º Sr. a não ser uma necessidade urgente, por certo que não dirigirião essa a V. Ex.ª de quem esperão merecer a graça requerida atento o exposto, e as circunstancias especiaes da Povincia, no que RR. Mce. Aos 20 de Fevereiro de 1866.

Luis Antonio Lobo o fez
Santa Anna Salvador Pacheco.
José Mariano Pacheco
Luis de Souza
Assignado de Gonobá Naraná Sinay, Carapurcar.
Luis Mascarenhas Gonçalves de Souza
Simão Pascoal Fernandes
Vencu Xette

João Francisco Crasto
Francisco Lopes Pereira
Assignado de Ramachondra Xette Fulary
Bahu Esvonta Sinay
Crusna Vassu Desporobo
Dulbá Suriá Rau
Zolvonta Suria Rau
José Francisco Caldeira
Nellu Sinay Codcodo
Domingos Fernandes
Manoel Fernandes
Antonio João Fernandes
Camillo Nicoláo de Souza
Pedro Dias
Sebastião da Costa
Lourenço Piedade Diniz
José Paulo Crasto
Rafael Dias
Visnum Sinay
José Niccláo Fernandes
Visnum Ramachondra Dubaxy
Assignado de Vissuonata Sinay

Documentos.

Attestado do Coronel Francisco Xavier de Pinho em como Cosme Miguel Godinho tem feito differentes curativos a varias praças do Batalhão, e aos paizanos moradores na Provincia. 7 Fevereiro 1866.

Requerimento de Luis de Souza, Gonobá Naraná Sinay Carapurcar, Ramachondra Xette Fulary, e outros moradores em Bicholim ao Coronel Commandante do 3.º Batalhão pedindo que permita que os senhors officiaes do corpo, e os officiaes inferiores declarem se Cosme Miguel Godinho tem curado varias molestias de que alguns dos ditos senhores officiaes tem sido acometidos, bem como os officiaes inferiores, soldados, e varios outros individuos, e finalmente se no impedimento dos facultativos do corpo, unicos que existem na Provincia, o povo recorre ao mesmo Godinho nas suas afflições e ataques, e se este acode promptamente,

Despacho. — Podem declarar querendo. Quartel em Bicholim 7 de Fevereiro de 1866 — *Pinho* — Coronel commandante.

Declarações annexas ao requerimento antecedente.

D. Alexandre de Sousa e Menezes consta-lhe ter Cosme Miguel Godinho feito varios curativos a muitos individuos daquella Provincia usando de remedios de segredo que elle sabe, e estando doente a filha delle declarante com hum abcesso na perna direita, para cujo curativo tendo-se applicado medicamentos d'arte, e outros, a final recorrendo ao dito Godinho, este com as applicações do seu remedio fez resolver o mesmo abcesso.

Joaquim Francisco da Costa Maia declara que o Godinho tem feito differentes curativos a muita gente da Provincia applicando remedios de seu segredo que elle sabe, e com muita caridade com que tem livrado completamente do mal daquellas pessoas de quem elle tem-se encarregado, sendo huma dellas a filha do Tenente D. Alexandre de Sousa e Menezes, que he seu visinho.

Miguel Lobato de Faria que o dito tem feito varios curativos a muitos individuos da Provincia usando de remedios de segredo que elle sabe, com que se tem achado quasi todos livres.

Assencio José de Espinola que o dito tem tratado de alguns doentes que padecião mal venereo, abcessos, e erisipellas, e os tem melhorado com os remedios de seu segredo.

Francisco Vicente Lobato de Faria declara por ouvir dizer que o dito tem curado tumores e abcessos applicando um resolvente que possue.

Francisco José de Mello e Sampaio consta-lhe por ouvir dizer que o dito tem curado algumas molestias,

Epiphanio Francisco de Miranda,

Tenente Quartel Mestre ,que o dito tem tratado de differentes molestias de algumas pessoas, e terem sido melhoradas.

Outras declarações ao mesmo sentido de

João Mariano Pereira
Victoriano Maria de Sant Anna
José Mathias de Souza Malaquias.
Napoleão Baptista Joaquim Coutinho
José Phelipe do Carmo
D. Antonio Sebastião de Menezes
Joaquim Mendes de Freitas
Salustiano José Sampayo
Henrique de Sousa
Miguel Salvador de Brito
Joaquim Sebastião Coutinho
José Caetano de Sousa
Luis Manoel Fernandes
Naraná Naique
Horgi Naique Dargolcar
E outros muitos.

NB.

Segundo somos informados o despacho destes requerimentos foi o que manda o *Regulamento Geral do Serviço de Saude nas Provincias Ultramarinas*, de 28 de Outnbro de 1862, no seu artigo 12, §2.º parte final.

Com satisfação damos publicidade no nosso jornal ao Relatorio do nosso amigo o Sr.Dr. Lucio Augusto da Silva, cirurgião-mór de Macáo, dirigido ao Conselho de Saude Naval e publicado nos Boletins Officiaes d'aquella colonia numeros 34-35-36-37-38 41-44 e 45 de 1865. E' um trabalho que muita honra faz ao seu auctor, não só pelos muitos e variados conhecimentos que revela possuir, como tambem pelas minunciosas e instructivas noticias que nos dá de Macáo, já na parte topographica, já na parte meteorologica, e sobre tudo na hygiene publica em geral; ramo este, que tão olvidado tem sido em muitas das nossas colonias do Ultramar, devendo ser aquelle para que mais se devia olhar, porque involve em si a saude, a vida, e o bem estar dos povos.

Vê-se por este relatorio os importantes melhoramentos hygienicos que o intelligente e zeloso governador d'aquella possessão o Sr. Conselheiro José Rodrigues Coelho do Amaral tem praticado, aproveitando as judiciosas e instructivas indicações do seu distincto cirurgião-mor. Continuem pois tão dignos funccionarios a velar pela saude dos pòvos, que estão confiados á sua protecção, que elles bem dirão sempre os seus nomes, e estes ficarão gravados nos importantes melhoramentos hygienicos que em Macáo teem praticado.

A. Gomes Roberto.

RELATORIO

A'cerca do serviço de saude de Macau apresentado ao conselho de saude naval e do ultramar pelo dr. Lucio Augusto da Silva, cirurgião-mor de Macau (Em Junho de 1865.)

Illm.º e Exm.º Sr.

Tendo mensalmente dado conta a V. Ex.ª do serviço de saude desta cidade desde janeiro de 1862, epoca em que comecei a exercer as funcções do meu cargo, enviando circunstanciados mappas nosologicos, em que declarava a naturalidade, idade, sexo, constituição, temperamento, profissão, dias de estada nos hospitaes e

tratamento dos doentes, cumpro hoje mais estrictamente as disposições dos artigos 12.º, § 16.º e 19.º do regulamento geral do serviço de saude das provincias ultramarinas, apresentando a V. Ex.ª sobre o mesmo assumpto um relatorio geral respectivo aos tres ultimos annos.

Neste relatorio tenho de me referir a muitos factos que já forão communicados a V. Ex.ª Alguns delles serão desenvolvidos-outros alterados pela correcção que já tiveram, e outros finalmente apenas indicados por terem sido expostos com sufficiente desenvolvimento.

Ha ainda outros objectos de que não poderei fallar por ora com a devida precisão por demandarem trabalhos e estudos que só com tempo poderá concluir quem tem a seu cargo deveres mui variados Estas ciscunstancias e a exiguidade das minhas forças fallarão por mim para que o illustrado Conselho a que V. Ex.ª preside se digne relevar as imperfeições do presente relatorio.

Permitta-me V. Ex.ª que eu comece.

I

Topographia de Macau.

No meu relatorio sobre a epidemia de cholera morbus que se manifestou no anno de 1862, indiquei a latitude, longitude, altitude e orientação da pequena peninsula de Macau, a natureza do seu solo, accidentes do terreno, vegetação e aguas potaveis. Pouco mais tenho a acrescentar neste capitulo ao que já foi descripto.

Alem da peninsula de Macau, dependente da ilha de *Hians-an* ha as ilhas da *Taipa*, *Ribeira da prata*, *Colovan* e *Lai-chivan* ás quaes se estende a jurisdição portugueza desde o governo de João Maria Ferreira do Amaral. Este energico governador começou, apezar da opposição dos chins, por estabelecer na primeira destas ilhas, um posto e mais tarde um forte, com o fim de proteger dos piratas os navios que estacionavam no ancorodouro da mesma ilha. Não é pequeno o rendimento que ellas dão á Fazenda publica, mas a sua população é toda chineza, á excepção da pequena guarnição portugueza do indicado forte e a de um posto na ilha de Colovan (1). O territorio da peninsula pois é o que mais nos importa conhecer.

Ha tres ancoradouros para os navios que demandam Macau. O ancoradouro do porto exterior fica a tres milhas de distancia, a es-sueste da cidade e é ali que surgem e recebem a sua carga os navios de alto bordo; o da ilha da Taipa é mais proximo ao sul; e o do porto interior fica a oeste, no canal que existe entre a peninsula e a ilha da Lapa. Neste ultimo porto só entram carregados os navios de pequeno porte.

As fontes da peninsula já foram mencionadas A analyse chimica das suas aguas só poderá ser feita quando estiver de posse da caixa de reagentes chymicos que requisitei. Não ha fontes de aguas mineraes no territorio portuguez.

II

Condições Physicas e Moraes dos habitantes.

Em tres grupos se podem separar, em geral, os habitantes de Macau: chins, europeus e seus descendentes, e os descendentes do encruzamento destas raças.

Os europeus, que são em menor numero, apresentam o temperamento e constituição proprios dos individuos de cada uma das nações de que procedem, com os caracteres typicos que lhes imprimem os climas dos paizes em que nasceram. Mas estes individuos, em mais ou menos tempo de residencia nesta localidade sob a influencia de um clima diverso, soffrem alterações organicas importantes que modificam e chegam a degenerar as contituições e temperamentos primitivos.

A luz, o calorico e a electricidade atmosferica, activando vivamente as funcções da pelle e do figado e deprimindo as da circulação e respiração, imprimem geralmente os caracteres da anemia ainda nas pessoas de temperamento sanguineo e da melhor constituição, postoque não tão promptamente como nos paizes mais proximos do equador. A circunstancia de se succeder gradualmente nas duas estações extremas do anno uma temperatura do 8.º, 7.º, e mesmo 6.º a outra de 32.º a 33.º centigrados, modificando assim até certo ponto a actividade das primeiras d'aquellas funcções e excitando as segundas, parece que retarda mais ou menos aquelles effeitos.

O maior numero dos europeos são por-

(1) Devo estes e outros esclarecimentos ao Sr. Gregorio José Ribeiro, digno Secretario do Governo de Macau.

tuguezes, outros, poucos, inglezes, allemães, holandezes, hespanhoes, etc., dos quaes muitos se retiram para o paiz depois de maior ou menor numero de annos.

Os europeus que fazem residencia fixa neste paiz não adquirem geralmente notavel longevidade, com tudo alguns portuguezes se encontram de avançada edade. Entre os seus descendentes porém e principalmente entre os chins vêem-se frequentes exemplos de caducidade. Não poucas vezes se notam até todos os traços de uma atrophia senil e os individuos deixam de existir pelos seus effeitos.

A profissão dos europeus estrangeiros é a commercial. Os portuguezes pela maior parte são empregados publicos, civis e militares, outros maritimos. Os seus descendentes seguem estas mesmas profissões e tambem se empregam no commercio. Exceptuando a arte typographica, a que se entregam alguns naturaes de Macau, não ha nesta cidade portuguezes nem estrangeiros que se dediquem ás artes e officios, de que unicamente se occupam os chins.

A religião dos portuguezes é a catholica apostolica romana. Os estrangeiros são geralmente protestantes. Os chins, que não teem religião alguma se tomar-mos esta palavra na sua verdadeira accepção, seguem o culto de *Confucio* ou dos *lettrados*, adoptado pelas classes mais elevadas do imperio, o de *Táo tseo* ou da razão e o de *Fo-tho* ou *Fo*, que é o culto de *Boud-dha*. Na manifestação dos seus sentimentos religiosos praticam muitas vezes os mesmos actos supersticiosos e ridiculos ainda que pertençam a differentes seitas e religiões. Ha muitos chins, que, tendo abraçado a nossa religião, não abandonam muitas praticas adoptadas nos tres referidos cultos e em outras seitas e religiões, como o islamismo, o judaismo, etc., que tambem teem proselitos no paiz.

Os costumes dos europeus e seus descendentes são mais inglezes que portuguezes, ou então um mixto dos costumes destas duas nações, muitas vezes resentindo-se de habitos chinezes. Os estrangeiros, principalmente os inglezes, teem adoptado na estação quente um vestuario bastante acommodado a este clima e muito em harmonia com os preceitos da hygiene, como são os seus factos largos e brancos, botins ou sapatos da mesma côr, grandes chapeos com forma de capacete, de côr clara, leves e munidos de ventiladores, etc. Não acontece outro tanto entre os empregados portuguezes, principalmente militares, cujos vestidos e uniformes não são adequados ao clima em que vivem. Da alimentação e habitações já tive occasião de fallar no meu relatorio sobre a cholera morbus.

Os chins são em numero excessivamente maior que todos os outros habitantes de Macau. No vasto imperio da China a diversidade dos climas originam caracteres physicos diversos nos seus habitantes, não alterando porém o typo fundamental. Os que habitam o sul deste imperio diversificam um pouco dos habitantes do norte na côr da pelle, na estatura e mesmo na physionomia. Os primeiros, que são os que habitam Macau, teem a pelle menos clara, geralmente de um amarello azeitonado, são menos robustos e de menor estatura. Em geral porém possuem constituição forte, temperamento lymphatico, rosto achatado e anguloso, malares salientes, nariz largo na ponta, narinas abertas, olhos pretos, affastados, semiabertos e obliquos, cabellos grossos, pretos e raros, pouca ou nenhuma barba, bocca grande, labios grossos, dentes incisivos e largos e proeminentes.

Os chins são naturalmente brandos, pacificos e cortezes, mas astuciosos e desconfiados. São industriosos em uma serie de producções bem conhecidas na Europa, manifestando-se assim por exemplo na fabricação da porcelana, das sêdas, tintas, vernizes, de varias obras de marfim, filagrana&. Entregam-se ao commercio, ás artes e officios. A agricultura, que é tão considerada entre elles, pode-se dizer que não existe em Macau por ser pequeno o seu territorio. Vivem na polygamia, sendo a primeira mulher mais considerada do que as outras, que a ella ficam sujeitas, e que não são recebidas com as mesmas ceremoniaes e festejos.

Usam os chins desde remotas eras os mesmos vestuarios acommodados ao clima do seu paiz e ás differentes estações do anno, servindo-se indistinctamente tanto um como outro sexo de vestes talares ou de calças. Possuem porém muitos habitos e costumes anti-hygienicos e inconvenientes. As suas habitações limitadas e demasiadamente subdivididas, a pequenez das aberturas para a entrada do ar e da luz, a accumulação semultanea de pessoas, de

moveis, de immundicias, de outros objectos e até de animaes, são circunstancias inseparaveis deste povo, impossiveis de evitar. e causas de varias doenças que grassam endemica e epidemicamente entre elles transmittindo-se muitas vezes á população portugueza, que vive em melhores condições. E bem conhecida a persistencia dos chins em conservar os seus antigos habitos e costumes, ainda quando reconheçam a utilidade de os abandonar ou modificar, persistencia proveniente das maximas e conselhos de Confucio aos quaes se deve, diz um publicista, o ter se mantido compacto até os nossos dias o vasto imperio da China.

A base da alimentação dos chins, bem como entre todos os povos da Asia, é o arroz. Este cereal dá duas e até dizem que tres colheitas por anno em muitos terrenos; mas os chins ainda se vêem obrigados a importar este genero no seu paiz. O peixe, a carne de porco, adem e ovos salgados, hortaliças, legumes, e uma infinidade de conservas adocicadas entram alternadamente na sua alimentação. As pessoas abastadas usam de alimentos mais apetitosos e variados, dentre os quaes apontarei os apreciados ninhos de passaro e bicho do mar. A classe pobre nutrem-se exclusivamente de arroz, legumes e peixe. Os vinhos, extraidos de arroz e de frutas, são todos alcoolicos e bebem-se quentes. A tudo isto acrescentam-se variados doces e confeitos que nem todos são agradaveis a outros paladares.

Não deixarei de lembrar aqui o uso estabelecido entre os chins de fumar o opio depois de passado por certa preparação, que o reduz á metade do seu volume primittivo. Foi este uso communicado segundo parece do visinho imperio de *Annam*, onde já existia havia muito tempo, sendo pela primeira vez introduzido este artigo na China pelos portuguezes. O habito de fumar o opio, sobre que tanto se tem discutido, uns combatendo-o energicamente, outros affirmando ser tão indifferente como o de fumar o tabaco, é inconstestavel que produz na economia humana alterações bem apreciaveis, como são uma physionomia caracteristica, palidez e magreza extremas, falta de appetite inaptidão para os exercicios tanto corporaes como intellectuaes, excesso na secressão de algumas mucosas etc. Os individuos que adquirem este habito soffrem muito se o abandonam, ainda que por alguns dias, e difficilmente o perdem. Não o fumam se não deitados e assim permanecem horas seguidas e ás vezes dias na embriaguez e ociosidade. E pois com rasão, não tratando mesmo do desequilibrio contra a China na balança do commercio que o governo chinez tem por vezes tomado severas medidas para evitar a introducção do opio no seu paiz.

Os descendentes dos Europeus e chins vivem de baixo da influencia dos usos e costumes de uns ou outros, segundo as circunstancias em que se vêem, e ás vezes participam dos de ambas as raças de que procedem. A perfeiçoam-se os caracteres physicos dos individuos que se assemelham mais aos europeos e ás vezes quasi sem traço algum que denote a origem chineza. Quando porém os individvos provenientes deste encruzamento, affastando-se das relações com os europeus, se ligam aos indigenas, dão as vezes origem a seres em que os caracteres physicos dos chins se exageram de uma maneira notavel.

Taes são as condições physicas e moraes dos habitantes de Macau. Para as exigencias e limites de um relatorio á cerca do serviço de saude, parece-me haver sufficientemente escripto sobre um objecto, que daria materia para um grosso volume.

III

Higiene publica em geral.

A cidade de Macau pode considerar-se dividida em dois grandes bairros, um portuguez, outro chinez. O bairro portuguez corre do noroeste para o norte, leste, sul e sudoeste, formando por assim dizer o contorno de uma meia ellipse, dentro da qual se projecta o bairro chinez. Este bairro porém vai-se irradiando pelo que é occupado pelos portuguezes, e destes não poucas familias pobres ou menos providas de commodidades vivem internadas n'aquelle bairro.

A parte da cidade occupada pelos portuguezes, como já tive occasião de dizer, tem casas espaçosas, bem arejadas, algumas com jardim e quintal. A parte habitada pelos chins principalmente o *bazar*, tem ruas estreitas, habitações pequenas, escuras, humidas e extremamente subdivididas

E' deploravel a maneira porque as ruas foram calçadas e se fizeram canos para o despejo das aguas e immundicias da cidade. Estes canos foram apenas cobertos por

grandes lageas, não convenientemento preparadas para esse fim, e por conseguinte mal unidas e muitas vezes pouco fixas. Aos lados destas lageas, que formam como um passeio pelo meio das ruas são estas calçadas de pedras de todos os tamanhos e feitios, sem nivelamento algum, de modo que se tornam bastante incommodas aos viandantes. Nas ruas declives esta disposição das lageas e das pedras torna se alem disso perigosa.

Da má construcção dos canos resulta que por toda a cidade se espalham os effluvios e miasmas exhalados dos mesmos canos pelas fendas que deixam as lageas entre si, e pelos buracos que os chins praticam em frente de suas casas, quebrando os angulos das lageas, a fim de fazerem por elles os seus despejos sem maior trabalho.

Apontei no meu relatorio sobre a cholera morbus varias outras causas de insalubridade. Disse que era inconveniente a maneira porque se fazia o deposito e o despejo das materias fecaes e outras immundicias, que havia muitos depositos destas em varios pontos da cidade, e que o matadouro do gado e os logares onde se fazia a venda da carne, do peixe e das hortaliças apresentavam pessimas condições de salubridade. Depois de escripto aquelle relatorio e da chegada de S. Ex.ª o actual governador, o Sr Conselheiro José Rodrigues Coelho do Amaral, têem se effectuado consideraveis melhoramentos, que continuam sem interrupção, e de que muito hade lucrar a saude publica. E'com solicitude qne se attende presentemente á hygiene publica e á salubridade de Macau. Na verdade, tornar as colonias salubres é um dos principaes objectos da sua administração. Despresado este principio, em logar de felicidade e riqueza, ver-se-ha a decadencia, o abatimento, e morte prematura dos seus habitantes. A accumulação dos dinheiros publicos nos cofres do Estado, sem attender a mais nada pode ser uma circunstancia lisongeira para as paginas do orçamento e temporariamente util á metropole mas não indica sempre a prosperidade das colonias, porque essa cirumstancia é muitas vezes ephemera e obtida á custa da saude dos povos que se degeneram e são dizimados pelas epidemias e doenças endemicas

Seria já demasiado longo descrever miudamente todos os melhoramentos feitos em Macau em dois annos, e todavia longo tempo e muita energia serão precisos para levar ao cabo, se isso é possivel, aquelles de que ainda carece esta cidade.

Algumas ruas destituiadas dessas incommodas lageas e pedras irregulares foram já preparadas com saibro convenientemente batidas, abauladas e guarnecidas nas margens de valetas de pedras regulares com os competentes ralos, o que facilitou o escoamento das aguas e tornou as ruas de melhor piso e de agradavel aparencia. Os canos tornaram se subterraneos ou completamente escondidos. Algumas rampas foram já calçadas de pedras miudas. Fez-se um jardim publico. Abriram se alguns poços para utilidade geral. Destruiram se as estreitas portas da cidade, abrindo se em seu logar larga passagem, e fazendo construir casas fóra de uma dellas com o intento de remover para ali os estabelecimentos incommodos e perigosos. Abriram-se alguns *chales* ou travessas e ruas fechadas que são fócos de immundicias e immoralidades. Fizeram-se grandes aterros para o lado do porto interior para se encanar melhor o rio, estabelecendo-se pequenos diques e angras para abrigo das embarcações miudas. Está em construcção, e bastante adiantado, um espaçoso quartel militar. A limpeza das ruas, das praças e outros logares é cuidadosamente attendida.

Ao mesmo tempo que se faziam estes já consideraveis melhoramentos, vencendo-se com perseverança as difficuldades que sempre se encontram nestes paizes, emprehendiam-se outros não menos importantes. Construiram se matadouros de gado, não com todas as condições que requerem estes estabelecimentos mas com as que se poderam obter, collocando-os em local conveniente. Estabeleceram-se telheiros para a venda da carne e do peixe em logares mais adequados. Construiram se novas latrinas publicas, melhoraram se umas, distruiram se outras. Marcaram-se as horas para a conducção das materias fecaes para o campo Prohibiu-se o enterramento de cadaveres dos chins por toda a parte, acabando se com o costume de collocarem as suas sepulturas até á beira das estradas e dos passeios mais frequentados etc.

As condições da emigração chineza, como extensamente expuz a V. Ex.ª em o meu officio n.º 3 de 25 de Agosto de 1864, foram mais convenientemente reguladas em conformidade dos preceitos da hygiene,

em beneficio dos colonos, e attendendo ao mesmo tempo aos interesses licitos dos agentes da emigração etc.

Não ha em Macau um lazareto nem existe regulamento algum sobre o serviço de saude do porto. Já referi em o meu officio n.º 18 de 13 de Novembro de 1862 quaes as difficuldades que se encontram em estabelecer nesta localidade medidas efficazes relativas ás quarentenas. As medidas que por ora se podem pôr, e se teem posto em pratica, são as medidas geraes nos casos que fortuitamente se apresentam.

Já tive occasião de fallar da qualidade da carne que se consome nesta cidade. Os vinhos d'Europa que chegam em garrafas conservam a qualidade que já trazem, não sendo na generalidade do melhor, e os que aqui se engarrafam para venda são na maior parte alterados pelos chins, como acontece com os vinhos tinto e branco.

O pão que se encontra no mercado, todo fabricado pelos chins, é feito de farinha de America, de farinha da China ou de uma mistura destas duas (1). A farinha chineza, que é mais barata, é inferior em qualidade a farinha americana, dependendo esta inferioridade da imperfeição das duas principaes operações do seu fabrico, donde resulta ficar ella contendo, mesmo á da 1.ª sorte, maior quantidade de farelo. Esta farinha tem por isso uma côr baça, é rude ao tacto, notavelmente sapido, de cheiro forte, e malaxada convenientemente não produz uma pasta homogenea e elastica como faz a boa farinha. D'aqui se vê que o pão feito com a farinha da China não é nem tão agradavel á vista e ao paladar, nem tão nutriente como o da farinha americana, por conter menos quantidade de gluten, principio essencialmente nutritivo da farinha.

O pão que é consumido na maior parte das casas das principaes familias de Macau é feito, pelo que tenho visto, da mistura das duas farinhas, e ás vezes da farinha china da primeira sorte. A classe mais necessitada só pode obter, pelo seu modico preço o pão que é feito da farinha da 2.ª e 3.ª sorte, o qual é escuro, de sabor menos agradavel e menos nutritivo. Alem de tudo isto, o processo da panificação não é executado com a devida perfeição e aceio. As cazas em que os padeiros trabalham e guardam a farinha são terreas, escuras e humidas, por que estas más condições apresentam quasi todas as casas dos chins.

Os enterramentos nos cemiterios, tanto no portuguez como nos estrangeiros, fazem-se sem notaveis irregularidades. Os seus regulamentos porém, são deficientes. O regulamento do nosso cemiterio contem apenas nove artigos. O comprimento, largura, profundidade e separação das covas não são nelle indicados. O artigo 6.º simples e confusamente declara que o espaço de terreno concedido a cada sepultura seja de dezoito covados chins quadrados. Regulam se estas dimensões pelo que se fazia nas igrejas e no antigo cemiterio de S. Paulo. A disposição do artigo 7.º, que estabelece o espaço de dois annos para o reabrimento das covas, é inconveniente. Somente os cadaveres dos pobres, menos providos dos involucros que levam os outros, poderão ser completamente decompostos neste espaço de tempo. O cemiterio, cuja administração está dependente da auctoridade ecclesiastica, carece de um novo regulamento.

O *Asilo dos pobres* enterra os seus mortos em um terreno contiguo, e o *Hospicio dos lasaros*, que lhe fica proximo, em outro terreno á beira da estrada em frente do nosso cemiterio. Sua Ex.ª o governador acaba de prohibir os enterramentos neste ultimo local, e vai tomar as medidas convenientes acerca dos que morrem no *Asylo*, pois a pratica ali adoptada é altamente prejudicial á saude publica. Encontram-se porém nisto difficuldades, em que não teem pequena parte os preconceitos.

Os cadaveres dos chins são encerrados em caixões do feitio de tronco de arvore escavada, de tres, quatro e cinco pollegadas de espessura, de madeira mais ou menos rija, com tampa corrediça, hermeticamente fechados com certa massa semelhante á dos vidraceiros, e envernizados. Deste modo conservam os mortos em casa por muitos dias, mezes, e, segundo dizem, até annos, praticando junto delles as suas supresticiosas ceremonias. A forma dos tumulos é particular, e a escolha do local para o interramento dá ás vezes muito que pensar aos que são ricos e desejam conceder todas as commodidades aos cadaveres dos seus parentes. (*Continúa.*)

(1) Quando isto foi escripto não existia ainda a *Padaria Nacional* ultimamente estabelecida, por ora com pouco incremento, mas que merece toda a protecção do publico por fornecer pão de boa qualidade.

ARCHIVO DE PHARMACIA

E

SCIENCIAS ACCESSORIAS

DA

INDIA PORTUGUEZA.

Publicado e redigido pelo Pharmaceutico — Antonio Gomes Roberto.

Numero 29 **Maio de 1866** **3. Anno**

RELATORIO

A'cerca do serviço de saude de Macau apresentado ao conselho de saude naval e do ultramar pelo dr. Lucio Augusto da Silva, cirurgião-mor de Macau (Em Junho de 1865.)

(Continuação do n.º antecedente)

IV

Hospitaes.

Ha dois hospitaes em Macau, um militar e outro pertencente á santa casa da misericordia.

No *Boletim do Governo* faz-se mensalmente uma publicação com o titulo de *movimento dos doentes no hospital e do Asylo dos pobres*. A denominação de hospital, e mesmo de *Asylo dos pobres*, não me parece adequada. Este estabelecimento, imaginado e levado a effeito pela admiravel dedicação e caridade do sr. padre Rozario de Almeida, subsistindo de esmolas particulares e administrado actualmente por uma commissão de dignos sacerdotes, recebe os chins moribundos, que para ali são condusidos, com o principal fim de os tornar catholicos. E' por isso que a mortalidade n'quella casa é espantosa: no mez de março ultimo, por exemplo, tendo ali entrado 44 individuos, falleceram 39, dos quaes 33 foram baptisados [1].

Tenho pois a tratar neste capitulo somente dos dois hospitaes acima referidos.

Hospital militar.

O hospital militar acha-se estabelecido no convento que pertenceu aos frades da ordem de Santo Agostinho. Depois da extincção dos frades, serviu este edificio de quartel ao batalhão de 1.ª linha, e mais tarde de habitação ás recolhidas que occupam actualmente o convento da Santa Clara.

A portaria do governo da colonia de 21 de novembro de 1855, extinguindo a antiga enfermaria militar, que occupava então parte do edificio do hospital da misericordia, criou o hospital militar, que como a referida enfermaria, continuou a occupar a mesma casa. Só em 6 de junho de 1857 é que os doentes militares foram transferidos para o edificio que presentemente occupam. A criação deste estabelecimento deveu se ás instancias do meu antecessor o cirurgião-mor. Antonio Luiz Pereira Crespo.

O edificio está collocado sobre uma collina, na distancia de duzentos metros pouco mais ou menos do mar, no centro das ruas mais habitadas pelos portuguezes,

(1) Neste estabelecimento os doentes são attendidos por um *mestre* ou curandeiro chim, pois os seus rendimentos não dão por ora nem para que nelle se estabeleça uma enfermaria regular. Só em 1862 fui ali tratar de alguns atacados de cholera-morbus, pelo desejo que tinha de estudar a epidemia, e então notei que o Sr. padre Rosario de Almeida, de Goa, era não só o director d'aquella casa, mas o mais incansavel e dedicado enfermeiro, chegando a ir aonde lhe diziam haver um doente abandonado para o fazer conduzir para o estabelecimento, sem pensar um só instante na sua propria saude.

e sobranceiro a quasi todos os outros edificios proximos, dos quaes está convenientemente affastado. Avista-se delle o mar e uma grande parte da cidade do lado do norte, do nascente e do sul. As condições da exposição pois são boas, e seriam excellentes se do lado do oeste não ficasse elle unido á igreja.

Compõe-se o edificio de quatro corpos de construcção, dispostos de modo a formarem um quadrado, deixando um pateo interior. Cada um destes corpos olha para um dos quatro pontos cardeaes da terra.

O corpo do sul, onde fica a fachada do edificio, contém no pavimento superior o seguinte: salla das sessões e archivo da repartição de saude, casa para recepção de saude, casa para recepção dos doentes, quarto do enfermeiro mor, casa de deposito dos appositos e instrumentos cirurgicos, dois quartos para os officiaes, um com quatro e outro com duas camas, e em frente destes quartos um corredor com uma janella no fundo aberta para leste. No pavimento inferior ha a casa da guarda, e dois calabouços soalhados, um com capacidade para oito e outro para duas camas.

O corpo de leste comprehende no pavimento superior duas enfermarias, separadas por uma pequena casa onde estão os instrumentos meteorologicos, uma das quaes tem treze e a outra quatorze camas, podendo cada uma dellas conter, em casos de necessidade, mais duas. Parallela a estas duas enfermarias ha um corredor com janella para o pateo interior. No pavimento terreo fica a caza das autopsias e uma grande enfermaria soalhada, que só uma vez, em occasião de pinturas no edificio, foi occupada por doentes. Esta enfermaria tem espaço para dezoito camas.

O corpo do norte compõe-se de um extenso corredor, pararellos e ao norte do qual ficam o quarto dos ajudantes de enfermeiro, duas enfermarias cada uma com sete camas, o quarto do segundo enfermeiro, a casa de deposito das roupas, e na extremidade de leste a latrina. No lado opposto do corredor ha tres quartos, para os officiaes inferiores, com janellas para o pateo interior e contendo duas camas cada um. No pavimento inferior fica a casa dos banhos e de deposito dos utensilios. &c.

O corpo do oeste é apenas um corredor com janellas para o pateo central, ficando do outro lado unido á igreja e por conseguinte privado desse lado da necessaria ventilação. Contém treze camas. O corredor do pavimento inferior serve de passagem para a sacristia da igreja.

O hospital tem tres quintaes, em um dos quaes, appenso ao corpo do norte, fica a cozinha, a casa dos serventes chins e um poço de abundante e boa agua, e em outro, ligado ao corpo de leste, plantaram-se ha pouco tempo algumas arvores com o fim de se fazer um pequeno passeio para os convalescentes.

O edificio está velho. Nas occasiões das grandes chuvas e vento o tecto exige sempre concertos que nunca o põem de modo a não carecer delles nessas occasiões. Só despendiosas obras dariam a este edifiicio todas as condições que requer um bom hospital. Entretanto, sem grande dispendio se podem melhorar muito as condições hygienicas das enfermarias, abrindo algumas janellas e dando ás que existem a forma propria para a ventilação de differentes modos. Sua Ex.ª o governador está disposto a mandar fazer algumas obras neste sentido. O edificio, porém, está a todos os respeitos em mui conveniente estado de aceio.

No hospital militar não faltam roupas e utensilios necessarios para o seu serviço. Quando cheguei a esta cidade fiz uma extensa requisição, que foi satisfeita e que veio supprir algumas faltas. Requisitei tambem, como V. Ex.ª sabe, algumas caixas de instrumentos cirurgicos, machina electro-magnetica &c, de modo que o hospital não carece dos principaes objectos para satisfazer ás necessidades actuaes desta colonia. Tem elle sessenta e oito leitos de ferro, e como somente em circumstancias anormaes pode haver maior numero de doentes, ha leitos destes para todos, sendo os dos quartos dos officiaes mais commodos que os outros.

O hospital militar não tem outros rendimentos que não sejam os descontos feitos aos doentes que nelle são tratados. Estas quantias ficam na Fazenda publica, para onde se remettem as importancias que pagam outros doentes que não teem vencimento pelo Estado. A Fazenda publica, como é claro, paga todas as despezas. O *deficit* porém, se assim se pode chamar, é em alguns mezes insignificante. O movimento annual do estabelecimento, tirada

a media dos ultimos tres annos, de 1862 a 1864 é de 716 doentes

Todo o serviço do hospital é feito pelo regulamento que apresentei e foi approvado pelas auctoridades superiores, e de que já remetti a V. Ex.ª um exemplar. A este regulamento estão appensos os modellos dos differentes mappas, tabellas, papeletas e altas dos doentes. A relação dos empregados do estabelecimento vai junto a este relatorio. Nelle V. Ex.ª encontrará a minha informação sobre as habilitações, moralidade e serviços de taes funccionarios.

Hospital da misericordia.

Este hospital, denominado de S. Rafael, foi estabelecido em 1569 por D. Belchior Carneiro, bispo de Nicea e governador do bispado da China e do Japão ao mesmo tempo que fundava a santa casa da misericordia, de que foi o primeiro provedor. Consta isto de uma biographia do mesmo bispo, porque os livros mais antigos que podem ser consultados neste estabelecimento datam—um de 1743 e outro, não original, de 1722.

Em 1747 o provedor Luiz Coelho propoz e levou a effeito como se lê em uma das actas das sessões da meza da misericordia d' aquelle anno, a reedificação do hospital *por ser logar immundo e incapaz de poder ficar creatura humana e precisar de portas, janellas, nova capella e logares separados para os dos sexos.* Uma inscripção que se vê na fachada do edificio declara que este fôra feito pelo referido provedor.

Em 1840, por iniciativa do cirurgião Francisco Antonio Seabra, então provedor, emprehenderam-se novas e importantes obras, consistindo ellas principalmente na construcção de um segundo pavimento, que não existia até ali, e de novo tecto. Para esse fim abriu-se uma subscripção que entre os portuguezes e os estrangeiros da cidade produziu a quantia de 3:303 patacas. As obras, que custaram 3:194 patacas, terminaram em janeiro do anno de 1842, no decurso do qual anno tendo occupado o logar de provedor o cirurgião Philipe José de Freitas, fizeram-se mais alguns melhoramentos no edificio pela quantia de 884 patacas.

Acha-se collocado o edificio á base de um monte, que o abriga da parte do norte em um logar baixo, humido e cercado de habitações particulares, muitas das quaes lhe ficam em um nivel superior. Faltam-lhe portanto as principaes condições de exposição que requerem os estabelecimentos desta ordem. E' formado de um unico corpo de construcção, lançado quazi na direcção de es-nordeste para oes-sudoeste, tendo outras dependencias em cada uma das extremidades. Este corpo é dividido por uma capella central em duas partes iguaes, inteiramente semelhantes, que se communicam interiormente pelo coro da mesma capella. De cada lado desta ha um vestibulo por onde se entra para as enfermarias. Cada uma das partes tem dois pavimentos.

A metade de es-nordeste, que é destinada aos doentes do sexo masculino, tem no pavimento inferior uma unica enfermaria com oito janellas oppostas, quatro abertas para o quintal e as outras quatro para o pateo da entrada. Estas janellas, bem como as da enfermaria do pavimento inferior da metade de oes-sudoeste, foram ultimamente rasgadas até o soalho, por pedido meu a Sua Ex.ª o governador n'uma visita que fez a este estabelecimento, com o fim de dar ás enfermarias, que são um pouco humidas, ar e luz que lhes faltavam. A enfermaria tem 16 metros de comprimento, 8 metros e 8 centimetros de largura e 3 metros e 4 centimetros de altura. O pavimento superior é formado de uma casa com 19 metros e 8 centimetros de comprimento, 3 metros e 9 centimetros de altura e a mesma largura da enfermaria inferior. Este pavimento é dividido pelo meio em um corredor com cinco janellas para o quintal, e em quatro quartos para doentes particulares, cada um com uma janella para o pateo da entrada. Na extremidade desta metade do edificio ficam appensos no pavimento superior mais tres quartos para os que soffrem doenças contagiosas, e no pavimento inferior a casa de depositos de medicamentos e appositos cirurgicos.

A metade de oes-sudoeste, occupada por mulheres, tem no pavimento inferior uma unica enfermaria com as seguintes dimensões; 10 metros de comprimento, 8 metros e 8 centimetros da largura e 3 metros e 4 centimetros de altura. As janellas são em numero de seis, tambem oppostas e abertas do mesmo modo que as da enfermaria do pavimento inferior da outra metade do edificio. O pavimento superior tem uma casa com as mesmas dimensões, o mesmo

numero de janellas, e a mesma divisão do pavimento superior da parte opposta. Na extremidade ficam duas casinhas onde residem o enfermeiro e o escripturario do estabelecimento.

O hospital tem um quintal que tambem está dividido, pertencendo parte á repartição dos homens e parte á das mulheres. No quintal ficam dois calabouços que não são soalhados, a cosinha que é má, a casa de deposito dos mortos, e pequenas habitações para velhos e velhas indigentes que a santa casa da misericordia admitte e sustenta. Na parte do quintal pertencente ás enfermarias das mulheres ha um poço, cuja agua é boa, mas insufficiente para os gastos do estabelecimento, sendo preciso nas occasiões das seccas vir agua de fóra. Era conveniente abrir um poço no quintal do outro lado, não só para haver agua sufficiente, mas para evitar a communicação frequente de uma parte do hospital com a outra.

O edificio precisa de mais algum aceio e limpeza. Se bem que este estabelecimento não apresenta grandes faltas, não está comtudo sufficientemente munido de roupas e utensilios necessarios e adequados para o uso dos doentes, nem tem instrumentos cirurgicos capazes, servindo em casos de necessidade os do hospital militar. Pela copia do inventario, que remetto, V. Ex.ª melhor verá o estado das cousas a este respeito. Vão tambem a tabella das dietas, o modello antigo das papeletas dos doentes e o que fiz adoptar quando aqui cheguei, mas que não foi ainda impresso. Adoptei neste, como no hospital militar, por ser deficiente o phormulario manuscripto que servia, o phormulario do hospital da marinha de Lisboa, acrescentando-lhe algumas formulas uteis neste paiz, em quanto não confecciono um formulario mais adequado a este clima. O numero e mais circunstancias dos empregados do hospital acha-se declarado na relação que ajunto a este relatorio. Com o titulo de regulamento ha apenas umas instrucções (para o enfermeiro e enfermeira) que datam de 1837 e cujas copias remetto.

Os lucros que resultam do tratamento de alguns doentes, e que são os unicos rendimentos do hospital, não chegam para as despezas. O movimento dos doentes é pequeno e a maior parte delles são pobres. A media tirada dos ultimos tres annos dá um movimento annual de 131 doentes. A media das despezas annuaes do hospital, tirada dos seis ultimos annos, de 1859 a 1864, dá a quantia de 1:480 patacas por anno, e a dos productos dos doentes dos mesmos annos a quantia de 564. Vê-se pois que a receita chega apenas a pouco mais de um terço da despeza.

A santa casa da misericordia parece não ter meios sufficientes para pôr o seu hospital no estado em que convinha que estivesse. Certas reformas, que os preconceitos talvez impeçam, diminuiram de um lado as suas despezas, que seriam bem empregadas no hospital.

As fontes da sua receita são as seguintes; um legado na Fazenda pública de 22:399 patacas, que dáo o rendimento de 5 por cento ao anno; 30;000 patacas em differentes bancos de Hongkon, rendendo 5, 6 e 7 por cento, 1300 patacas pouco mais ou menos de alugueis de 13 pequenas propriedades de casas; 52 patacas do fôro da dois terrenos; 788 patacas do beneficio de quatro loterias por anno, e 564 patacas que rende o hospital, afóra pequenas receitas extraordinarias. Tudo isto produz annualmente, tirando a media dos seis ultimos annos, a quantia de 5:918 patacas. A despeza é, obtida a mesma media, de 6:315. Só no anno de 1862 houve um remanecente do 191 patacas.

Conclue-se desta resumida indicação que as circunstancias actuaes parecem não permittir grandes melhoramentos no hospital da misericordia.

V.

Boticas.

Ha em Macau uma só botica, que é particular e estabelecida na melhor rua da cidade. Em o meu officio n.º 1 de 12 de janeiro de 1863, em resposta ao officio de V. Ex.ª n.º 54 de 28 de outubro do mesmo anno, informei a cerca da mesma botica e das condições porque eram fornecidos os medicamentos aos dois hospitaes desta cidade. Declarei igualmente qual era a despeza annual que faziam com ella estes dois estabelecimentos, e os motivos porque não convinha por ora estabelecer aqui uma botica á custa do Estado. Nada mais tenho a accrescentar ao que expuz n'aquella occasião.

VI.

Facultativos e Pharmaceuticos.

São sete actualmente os facultativos residentes em Macau, tres dos quaes são militares e quatro civis. Um destes ultimos tambem possue habilitações para exercer a pharmacia. Alem deste ha só o pharmaceutico a quem pertence a botica de que fallei no capitulo antecedente (2). No mappa junto encontrará V. Ex.ª todos os esclarecimentos exigidos pelas instrucções acerca dos facultativos e do pharmaceutico desta cidade.

VII.

Quarteis, prisões e cemiterios.

Tratando destes tres objectos não repetirei o que tenho tido a honra de communicar a V. Ex.ª já em officios, já no meu relatorio sobre a cholera morbus e no presente escripto.

Quarteis.

O batalhão de Macau, o corpo de policia e o batalhão nacional são os tres corpos militares desta cidade. Este ultimo, sendo formado de cidadãos que se occupam em differentes misteres, e vivem em seus domicilios particulares, não pròduz a accumulação a que nos importa attender. E' por tanto dos quarteis dos dois primeiros que devo occupar-me.

Quartel do corpo de policia. — E' um edificio particular, parte do qual é occupado pelo seu dono, que foi até a pouco tempo commandante deste corpo e que ali o tem tido sempre desde a sua organisação. Esta propriedade está collocada n'uma encosta, tendo duas entradas, uma por uma rua que lhe fica em um plano bastante superior, e outra do lado opposto, voltada aproximadamente para o sul, por uma rua baixa, onde fica a porta principal do quartel. Em frente deste ficam as inextricaveis ruas do *Bazar*, cujas cazas ainda ha poucos mezes vinham accumular-se até a porta deixando uma rua que se tornou ultimamente mais larga, tendo-se para isso aproveitado a occasião de um incendio que ali se manifestou. O local é máo,—baixo, humido, quazi sem ventilação alguma, e exposto ás exhalações do *Bazar*.

A parte do edificio occupada pelo corpo de policia é o que fica mais inferior, e tem dois pavimentos. O pavimento superior apenas contém tres casas, duas das quaes servem de secretaria do corpo, e a outra de arrecadação dos armamentos e alojamento do quarteleiro. No pavimento inferior ha na frente a casa da guarda com um calabouço e o quarto do sargento de inspecção, tendo ambos janellas para a rua. Com entrada por um pequeno pateo interior ha outro calabouço e tres casernas, não soalhadas, humidas, escuras e sem ventilação sufficiente.

O corpo de policia, pois, que faz um excellente serviço á cidade, está pessimamente alojado. Consta que S. Ex.ª o Governador, logo que esteja prompto o novo quartel do batalhão de Macau, fará transferir aquelle corpo para o convento de S. Domingos, onde ficará convenientemente accommodado.

Quartel do batalhão de Macau. — Está-se construindo um espaçoso quartel para este corpo no local em que existiu o convento de S Francisco, que foi a sua habitação nestes ultimos tempos. O local apresenta boas condições de exposição. Quando o edificio estiver acabado farei a V. Ex.ª a descripção delle.

O batalhão occupa actualmente uma casa particular, a melhor sem duvida que se podia obter para este fim, mas que não apresenta as condições de um bom quartel. Tinha ella servido em outro tempo de estabelecimento da emigração chineza e ultimamente de hospital francez. Imagine-se um terreno murado, de forma quasi quadrada, e tendo as suas quatro faces voltadas para o sueste, sudoeste, noroeste e nordeste A casa habitada pelos soldados tem tres pavimentos, janellas para todos os lados, e comprehende um espaço de terreno com a forma de um retangulo lançado ao longo da face do nordeste e occupando quasi ametade do noroeste desta face. O pavimento terreo não é habitado.

No meio do quadrado ha outro edificio de dois pavimentos, formando o superior uma especie de mirante. Este ultimo pavimento serve de secretaria do corpo, e o inferior tem varias outras serventias desta ordem. No fundo do quadrado, unida ao muro do sudoeste fica a cosinha e suas dependencias. Ao longo do muro do lado do sueste ha outra pequena casa que serve

[2] Ha presentemente mais dois pharmaceuticos.

de habitação aos musicos, e a latrina. O quintal tem tres poços, que não dão agua sufficiente para o consumo.

Os edificios descriptos ficam tambem n' uma encosta e cercados de habitações particulares. A casa occupada pelos soldados é, excepto no pavimento superior, humida, escura e pouco ventilada. Felizmente a residencia do batalhão neste local é provisoria e será transferida para um quartel expressamente feito para este corpo.

Prisões.

A cadeia publica, destinada aos presos civis, e a casa de detenção dos militares na Fortaleza do Monte são as unicas prisões que merecem ser descriptas.

Cadeia publica. — A cadeia publica está collocada na encosta do noroeste da collina em que fica o hospital militar. Entre estes dois edificios ha uma casa particular para onde dá a face da cadeia que olha para o sueste. As faces do noroeste e do sudoeste dão para duas ruas estreitas, e a de nordeste para um pequeno pateo que separa a mesma cadeia do edificio da camara municipal. Não é dos melhores este local por não ter as condições de exposição que eram de desejar, cercado como se acha de habitações particulares.

O edificio tem dois pavimentos com sufficiente altura, e apresenta em ambos elles a mesma divisão interna. Sobre um corredor, lançado na direcção de sudoeste para nordeste, cahem perpendicularmente, do lado do noroeste, tres salas, cada uma das quaes tem aproximadamente, e com pequena differença entre si, 14 metros de comprimento e 5 de largura, ou 70 metros quadrados de superficie. A primeira destas salas, a que fica proxima da escada, está dividida em duas partes desiguaes, sendo a maior, do lado da rua, destinada para os presos de uma classe menos inferior, e a outra para calabouço reservado, tendo 15 metros quadrados de superficie e o ar e a luz que lhe entram somente pelas aberturas praticadas na porta. Cada uma das salas tem uma janella para a rua, e a ultima do lado de nordeste uma outra para o pateo.

Do lado opposto do corredor, ou do sueste, ha duas prisões, que são menores que as primeiras, e não apresentam tão boas condições hygienicas; uma tem 7 metros de comprimento e 6 de largura, ou 42 metros quadrados de superficie, e a outra 10 de comprimento e os mesmos 6 de largura, ou 60 metros quadrados. A primeira tem uma janella para o pateo de que fallei, e a segunda outra janella para outro pateo ainda menor, onde fica a latrina. Na parede do fundo tem estas duas prisões pequenas aberturas proximas ao tecto para a necessaria ventilação.

No pavimento inferior as prisões, que tem as mesmas dimensões que as superiores, são humidas, menos claras, menos arejadas e não soalhadas, tendo porém boas tarimbas. Por baixo da primeira sala do pavimento superior fica a casa da guarda e outro calabouço. No pateo do lado do nordeste do edificio fica a cozinha e um poço de abundante e boa agoa.

Do lado do sudoeste, separadas das prisões pela escada que dá entrada para a cadeia, ficam as habitações do carcereiro e outros empregados do estabelecimento.

Encontram-se tambem na cadeia publica melhoramentos importantes mandados fazer por S. Exa o actual Governador da colonia. As prisões parecem outras pela limpeza e varias obras que tornaram muito melhores as suas condições hygienicas, Referirei especialmente as dimenções e a forma propria que se deram a algumas janellas.

Ha na cadeia publica na occasião em que escrevo estas linhas tres presos portuguezes, um dos quaes é europeu, e 44 chins, dos quaes 22 trabalham nas obras publicas

Calabuço da Fortaleza do monte.—Esta prisão, que tem sempre poucos presos, consiste em uma unica casa de 14 metros de comprimento e 7 metros e 50 centimetros de largura, ou 106 metros quadrados de superficie. Tem tarimbas em ambas as extremidades e de um dos lados do comprimento, ficando do outro a porta. Está separada das outras habitações e armazens da Fortaleza, e tem seis janellas oppostas, duas de cada lado no seu comprimento e uma em cada extremidade. Este calabouço, alem de achar-se collocado em um ponto elevado, é novo, limpo e bem arejado pela disposição das suas janellas.

Cemiterios.

Tenho a fallar dos logares em que os catholicos, os protestantes, os mouros, os parsis e os chins fazem os seus enterramentos,

Cemtierio catholico.—E' o cemiterio portuguez, denominado de S. Miguel, e estabelecido de um modo especial.

A portaria do governo da colonia n.º 95 de 14 de outubro de 1852 abriu uma subscripção para um emprestimo, sem juros, da quantia necessaria para a construcção deste cemiterio, devendo a importancia ser paga pelos rendimentos do estabelecimento dedusidas as suas despezas, ou descontada na compra que os contribuintes quizessem fazer de terreno para jazigos de suas familias. A contribuição chegou a 720 patacas, offerecidas por nove cidadãos, e, como esta quantia fosse insufficiente, a Fazenda publica gastou com as obras mais 230 para serem tambem descontadas nas despezas que faz o Estado com os enterramentos dos soldados, marinheiros, presos da cadeia publica &c. Concluido o cemiterio, não ficou a sua administração a cargo do municipio, mas foi entregue á auctoridade ecclesiastica. Abriu-se em 2 de novembro de 1854 e recebeu o primeiro cadaver no dia 4 do mesmo mez. Até 25 de maio ultimo estavam ali sepultados 4:309 cadaveres.

Está collocado o cemiterio fóra dos muros da cidade, pouco mais ou menos ao nordeste della e encoberto em parte pelo monte em que se acha edificada a Fortaleza deste nome. Fica porem mui proximo do pequeno bairro de S. Lazaro, e principalmente do *Hospicio dos leprosos* e do *Asylo dos pobres*, edificios que limitam d' aquelle lado o mesmo bairro. A superficie do terreno é declive e irregular, apresentando notavel pendor para o sul e sueste. E'cercado por um muro que tem altura conveniente, excepto na parte posterior, onde em certo ponto o terreno pelo lado de fora é mais elevado que de dentro, de modo que por ali facilmente se transpõe o muro. O portão foi praticado no meio da face que olha para o sul.

Tem o cemiterio 125 metros de comprimento e 70 de largura. E' pois um rectangulo lançado aproximadamente na direcção leste oeste e com 8:750 metros quadrados de superficie. Será este espaço sufficiente para as exigencias da mortalidade da parte catholica dos habitantes da cidade? A media da mortalidade annual, dedusida dos tres ultimos annos, é de 164 individuos, o espaço necessario que adopto para cada cadaver, como ja disse em outro escripto, é de 3 metros quadrados, e o tempo que a lei estabelece em Portugal para novo enterramento na mesma cova é de 5 annos. Multiplicando estes numeros teremos 2:460 metros quadrados. Este é o espaço que exige a mortalidade em Macau, afóra o terreno que deve ser occupado pela capella, pelas ruas, e pelos covões das ossadas. O cemiterio pois é mais que sufficiente em grandeza.

No meio do parallelogramo ha uma capella, cuja porta fica em frente do portão do cemiterio. O terreno de cada lado desta capella é devidido em tres partes para as sepulturas de differentes classes, denominando-se 1.ª divisão a que fica mais proxima della, 2.ª e 3.ª as immediatas. Entre cada uma das divisões ha uma rua, e outra que circunda todo o cemiterio, deixando um espaço entre si e o muro para o enterramento dos pobres. Plantaram-se arvores ao longo do muro e em differentes outros pontos sem disposição alguma.

Este cemiterio que tem já muitos tumulos, conserva-se sempre aceiado. Os seus assentamentos fazem-se em quatro livros, que servem: 1. para as receitas e despezas; 2.º para as concessões perpetuas de terreno; 3.º para as sepulturas das tres primeiras classes; e 4.º para as sepulturas da 4.ª e ultima classe.

Antes do estabelecimento do cemiterio de S. Miguel os enterramentos faziam-se na igreja de S. Paulo, já em ruinas e sem tecto. Este cemiterio, que se acha hoje fechado e coberto de plantas agrestes, é pequeno, está dentro da cidade e unido a muitas habitações particulares.

Cemiterio dos protestantes.— Os estrangeiros protestantes tiveram em uso até a poucos annos um cemiterio proximo ao largo de St.º Antonio, e collocado entre duas das melhores casas particulares. Este cemiterio, onde conservam ainda uma capella para o seu culto, é sombrio, está dividido em dois planos, e cheio de tumulos, muitos delles cobertos de plantas que espontaneamente ali crescem.

Em consequencia da falta de espaço para novas sepulturas, compraram outro terreno ao nordeste da cidade, e bastante longe desta, para os seus enterramentos. Este novo cemiterio parece estar em certo abandono. Ainda não foi murado senão em parte. De um lado é limitado por um pe-

queno monte, e de outro por uma cerca de bambús e outras plantas. Pela parte posterior é aberto e tem uma escada que dá para o terreno immediato, que é de nivel bastante inferior e tambem pertence ao cemiterio. Nesta parte do terreno ha alguns casebres de chins que vigiam o cemiterio e que aproveitam aquelle espaço plantando hortaliças, que provavelmente vendem. Ha tambem ali um poço de cuja agua se utilisam os mesmos chins

O actual cemiterio tem, na parte por ora destinada para os enterramentos, 59 metros de comprimento e 53 de largura. E' pois quazi quadrado com 3:127 metros quadrados de superficie. Ha nelle vinte e quatro tumulos ou lapidas e mais algumas sepulturas recentes.

Cemiterio dos parses.—Os parses fizeram o seu cemiterio n'um dispenhadeiro que vai ter ao mar, proximo da Fortaleza da Guia. O terreno é murado e composto de cinco planos dispostos uns a pós outros em forma de escada. Por cima corre uma estrada mui frequentada, onde no verão muitos passeantes param para tomar fresco Este pequeno cemiterio está voltado para o oriente. Sobre o muro que orla a estrada eleva-se o portal de pedra com a competente porta de ferro que fecha a entrada deste modesto logar de repouso eterno. Ha uma escada de pedra para o primeiro plano do terreno e outras lateraes para os planos immediatos. O primeiro plano tem tres tumulos, lançados parallelamente ao chão e semelhantes. No segundo plano ha uma serie de dez tumulos iguaes aos primeiros. Não ha neste logar nem arvores, nem flores nem distincções. Os tumulos ennegrecem com as intemperies. Parece aquelle o verdadeiro recinto da igualdade, que não ha no nosso cemiterio, onde até, para satisfazerem vaidades, foram sepultar dentro da capella o corpo de um recem-nascido, quando o decreto de 21 de setembro de 1835 prohibe os enterramentos nas igrejas. O cadever porém não deixou por isso de desfazer-se em podridão.

Cemiterios dos mouros. — Os mouros compraram um terreno na fralda do monte em que está a Fortaleza de D. Maria, a leste e distante da cidade, proximo do cemiterio dos protestantes. Fizeram ali uma horta, que é soffrivelmente cultivada, e uma pequena casa de recreio. Este terreno é ligeiramente declive e olha para o poente. Na sua parte mais alta, ao lado esquerdo e um pouco para traz da casa, estão cinco tumulos semelhantes aos dos parsis e mais duas sepulturas recentes, cercados de flores e arvores fructiferas E' esta a denominada *horta dos mouros*, a qual lhes serve tambem de cemiterio.

Cemiterio dos chins.— A pequena peninsula de Macau fóra dos muros da cidade representa um vasto cemiterio cruzado de estradas, e occupado aqui e acolá por pequenas varzeas e alguns grupos de cabanas. A beira das estradas, nos campos, nas encostas e nos cumes dos montes veem-se uma infinidade de sepulturas indicadas já por pequenas lapidas já por certas construcções semicirculares cheias de papelinhos vermelhos com caracteres chinezes. A remoção de algumas destas sepulturas, para a feitura das estradas que servem hoje de passeio, custou em tempo ainda proximo a traiçoeira morte, não vingada, do benemerito governador Ferreira do Amaral. S. E.ª o actual Governador, que tem feito remover muitas destas sepulturas, determinou um local distante da cidade para o enterramento dos chins, evitando assim que este se fizesse por toda a parte.

VIII

Meteorologia

O estudo de todos os phenomenos meteorologicos, que tão poderosa influencia exercem nos seres organisados, demanda tanta dedicação e trabalho, que difficilmente pode ser emprehendido por um só individuo, e de modo algum por aquelle que se vê sobrecarregado de outros encargos.

Não havendo um observatorio em Macau, tive de observar e registrar os principaes phenomenos meteorologicos, como a *temperatura*, a *humidade*, a *pressão atmospherica*, a *chuva* e o *estado do tempo*.

Estas observações poderam ser feitas apenas duas vezes no dia. Os instrumentos, aferidos pelos padrões do observatorio meteorologico da Eschola Polytechnica de Lisboa, cujas instrucções segui, foram collocados no melhor local de que pude dispor no hospital militar, a poucos metros de altura acima do nivel do mar. Remetti a V. Ex.ª mappas meteorologicos mensaes, bem como o quadro geral de cada um dos tres ultimos annos. Não são observações

completas por faltarem muitos outros dados importantes, mas apresentam aquelles a que mais geralmente se atende e a que eu pude dedicar-me.

Antes de apresentar o resumo de todos esses dados e de fazer sobre elles algumas considerações, direi o que me parece ácerca das quatro estações do anno nesta localidade.

Dependendo as estações da temperatura e esta da circumstancia geometrica que acompanha o movimento da terra em torno do sol, é claro que ellas variam em numero e duração em differentes regiões do globo. As quatro estações como se acham estabelecidas nas latitudes que se comprehendem na *zona temperada* não duram o mesmo tempo nos paizes proximos dos tropicos e reduzem-se mesmo a duas nos que ficam ao equador e aos polos. Na pequena peninsula de Macau, situada a 22°12'44" de latitude norte, isto é, quazi no *tropico de cancer*, na *zona torrida* dá-se a primeira destas circumstancias

Os *solsticios* e *equinoxios* são para os astronomos os factos que marcam os limites entre as quatro estações do anno. Os metheorologistas, porém, tendo em attenção sómente a marcha da temperatura, e deixando de parte esta precisão dos dias em que o sol no seu movimento apparente se aproxima dos dois limites ao norte e ao sul e passa por duas vezes sobre o equador, comprehendem — na *pimavera*, março, abril e maio—no *estio*, junho, julho e agosto—no *outono*, setembro, outubro e novembro—e no *inverno*, dezembro janeiro e fevereiro.

Fundando-me nos dados meteorologicos obtidos nos tres ultimos annos, podia, sendo-me permittido, estabelecer a duração das estações em Macau do modo seguinte: *primavera*, abril e maio; *estio*, junho, julho, agosto e setembro; *outono*, outubro e novembro; *inverno*, dezembro, janeiro, fevereiro e março. Parece-me isto mais razoavel, sobre tudo quando se trata de estudar as doenças; com tudo, meteorologistas de primeira plana reprovam, como introduzindo confusão na sciencia, o crear estações particulares para differentes regiões do globo.

Passarei agora a dizer como se comporta o tempo nos diferentes mezes do anno, e tratarei em seguida de outros phenomenos meteorologicos.

Janeiro — Tempo quazi constantemente encoberto e mais ou menos ennevoado. Cerração em alguns dias. Calma, aragens, vento moderado, predominando o N. e NE. Chuva miuda on chuvisco Frio.

Fevereiro. — Mesmo tempo que em janeiro, apparecendo porém varias tardes e noites descobertas. Predominam os mesmos ventos. Chuvisco e chuva miuda. Frio.

Março. — Tempo mais ou menos encoberto e ennevoado, com maior número de dias claros do que nos mezes anteriores, ainda que quazi sempre ligeiramente ennevoados. Cerração em alguns dias. Alguma chuva. Ventos do NE e E, ordinariamente moderados. Frio.

Abril. — Varios dias encobertos e ennevoados, alguns de bom tempo e completamente claros, cerração em outros. Ventos E, ESE e SE moderados. Alguns relampagos e trovões. Mais chuva. Temperatura moderada, havendo em um e outro dia alguma sensação do calor.

Maio. — Muitos dias encobertos e alguns de bom tempo. Relampagos e trovões. Muitos dias de chuva e de vento forte, predominando o SO e NO. Sensação de calor em varios dias.

Junho. — Dias claros e dias encobertos e de máo tempo. Muita chuva. Relampagos e trovões. Ventos fortes, durando um, dois ou tres dias, e predominando o SO, SE e E. Calor.

Julho. — Dias claros e quentes, e dias encobertos e de máu tempo. Muita chuva. Relampagos e trovões em alguns dias. Ventos fortes como no mez antecedente, predominando o S. e SO. A temperatura conserva-se pouco mais on menos como em junho.

Agosto. — Mesma variedade de tempo que no mez antecedente. Muita chuva. Relampagos e trovões. Ventos fortes, soprando ordinariamente do SO e NO. Calor. A temperatura pouco mais se eleva.

Setembro. — Continúa a mesma variedade de tempo, com mais alguns dias claros. Menos chuvas, relampagos e trovões, Ventos fortes do SO. SE e ás vezes do NE, Calor. A temperatura diminue um pouco. De junho a setembro ha probabilidades de tufão, que se manifesta em alguns annos.

Outubro. — Muitos dias de bom tempo. Chuvisco e chuva miuda. Ventos moderados do NE e E, Temperatura moderada. Sensação de frescura pela manhã e de noite.

Novembro.— Dias quazi constantemente claros. As vezes chuviscos e chuva miuda Ventos moderados e aragens do N, NE e E. Tempo fresco.

Dezembro —Quazi o mesmo tempo que no mez antecedente. Chuva miuda e chuviscos algumas vezes. Ventos moderados e aragens do N, NE e E. A temperatura diminue, notavelmente na ultima decada.

Temperatura.— Influindo a temperatura poderosamente na producção de todos os outros phenomenos meteorologicos, é della que devo occupar-me em primeiro logar, A tabella seguinte apresenta a temperatura media dos mezes nos tres ultimos annos, as medias das medias mensaes, a media de cada um dos annos, e a media das medias annuaes.

Mezes	*Annos*			Medias das medias mensaes
	1862	1863	1864	
Janeiro	14,°0	16,°1	15,°7	15,°3
Feveriro	14,°2	18,°9	14,°2	15,°8
Março	16,°8	18,°2	14,°7	16,°6
Abril	22,°6	22,°8	22,°5	22,°6
Maio	25,°9	25,°5	26,°2	25,°9
Junho	28,°0	28,°5	28,°1	28,°2
Julho	27,°8	28,°8	27,°9	28,°2
Agosto	28,°7	28,°3	28,°4	28,°5
Setembro	28,°2	27,°9	27,°8	28,°0
Outubro	25,°3	25,°0	25,°2	25,°2
Novembro	22,°1	20,°0	22,°0	21,°4
Dezembro	17,°6	17,°4	17,°5	17,°5
Medias annuaes	22,°6	23,°1	22,°6	22,°8

Tiram-se varias conclusões desta tabella. Ve-se em primeiro logar a differença da temperatura media nos differentes mezes.

Entre janeiro e fevereiro, em que o thermometro oscilla mais baixo, a media das differenças dos tres annos é do 0. 5, recaindo a menor temperatura media em janeiro; notando-se porem que a minima extrema do anno deu-se sempre em fevereiro. Entre fevereiro e março ha uma differença de 0,°8, sendo maior a temperatura neste ultimo mez. De março a abril, continuando o mercurio a subir, a differença é já de 4.°; de abril a maio, de 3,°3; de maio a junho de 2,°3. De junho a julho, agosto e setembro ou não ha differença alguma, ou é ella de 0,°2 a 0,°5, conservando-se a temperatura na sua maior intensidade. D'aqui em diante começa esta a diminuir sensivelmente. Entre setembro e outubro a differença é de 2,°8; entre outubro e novembro de 3,°8; entre novembro e dezembro de 3,°9; e entre dezembro e janeiro de 2,°2. Note se agora que a maior temperatura media recaiu em agosto, e que foi sempre neste mez que teve logar a maxima extrema do anno.

Dos dados expostos na mesma tabella tambem se obtem, por meio das necessarias operações, a temperatura media das quatros estações do anno. O quadro que se segue indica estas temperaturas. A primeira columna representa a temperatura das estações segundo os meteorologistas, e a segunda conforme eu disse se podia estabelecer nesta localidade.

Primavera	21,°7	19,°6
Estio	28,°3	28,°2
Outono	24,°9	23,°3
Inverno	16,°2	16,°3

Os mezes que apresentam maior variação entre a maxima e a minima extremas do mez, são dezembro, janeiro, fevereiro e março, com pequena differença entre si, sendo a media desses mezes 13,°3. Os mezes em que a variação é menor são maio, junho, julho agosto, sendo a media 8,°5. A maior variação mensal nos tres annos chegou a 17,°7 em junho de 1864, e a menor foi 6,°3 em agosto de 1863.—As maiores variações diarias, que teem logar nos mezes de dezembro a maio, chegam a 4,°5° e 6°: em outros mezes esta variação é menor, com poucas excepções. — O minimo diario tem logar quazi sempre pela madrugada, e o maximo sempre antes das 3 horas da tarde.

As temperaturas extremas e a sua variação nos tres annos foram as seguintes:

Temperaturas extremas	*Annos*			*Medias*
	1862	1863	1864	
Maxima	33,°9	32,°4	32,°1	32,°8
Minima	7,°2	8,°4	6,°2	7,°3
Variação	26,°0	24,°0	25,°9	25,°5

A tabella geral das temperatnras medias de um grande numero de logares da terra, acrescentada por varios auctores, dá a Macau as seguintes temperaturas obtidas em sete annos de observações. cinco de uma vez e dois de outra. As estações são meteorologicas.

Primavera.....	21.°1
Estio.....	28,°3
Outono.....	24,°1
Inverno.....	16,°4
Media annual.....	22.°5
Mez mais frio (fevereiro)..	14.°5
Mez mais quente (julho)..	28,°6

Como se vê estas observações aproximam-se muito das minhas. A temperatura annual apresenta apenas uma differença de 0,2, a de primavera de 0,6, a do outono de 0.°8, a do inverno de 0,°2 e a do estio nenhuma. Dividindo mesmo as estações do anno como fiz, differença notavel, de 1°.5, só se encontra na temperatura da primavera. Outras conclusões se tiram facilmente. cotejando estas temperaturas com as que foram por mim observadas.

Pressão atmospherica.—Da temperatura depende quazi exclusivamente a pressão atmospherica, estando na rasão inversa as oscillações dos dois instrumentos que indicam estes phenomenos. Assim as medias das alturas barometricas dos differentes mezes apresentaram differenças que parecem seguir a mesma marcha da temperatura, e esta variação de mez a mez chega a dar uma variação annual notavel, que não se nota nos paizes que occupam latitudes elevadas. Verifica-se pois em Macáu o que já *Buch* havia notado, isto é, que a pressão atmospherica entre os tropicos diminue á medida que o sol se aproxima do *zenith*, e vice versa.

O barometro pois, como se deprehende das medias, executa as suas mais altas oscillações em janeiro e d'ahi em diante começa a descer com a differença apenas de centessimos de millimetros, entre um e outro mez, até março. De março a junho continúa a descer com a notavel differença de 4 a 5 millimetros. De junho a agosto oscilla quazi na mesma altura com differença de centessimos de millimetros, umas vezes subindo, outras vezes descendo Em setembro começa novamente a subir, e apresenta já uma differença de 3 a 4 millimetros, differença que continúa a apresentar até novembro Entre este ultimo mez e dezembro a differença é de 1 a 2 millimetros e entre dezembro e janeiro apenas de alguns centessimos.

A maxima extrema do anno teve logar em dezembro de 1862, em novembro em 1863, e em fevereiro em 1864. A minima extrema foi em julho em 1862, em junho de 1863, e em agosto em 1864. A variação entre as 9 horas da manha e 3 de tarde (horas das observações), quando o tempo é claro e quente, é de 2 e meio a 3 millimetros e meio, e quando chove e o tempo é encoberto, é insignificante. O barometro desce consideravelmente nos dias tempestuosos, indicando os tufões ainda em pontos distantes, como aconteceu no dia 7 de agosto de 1864 em que houve um tufão nas proximadades de Amoi, havendo bom tempo em Macau.

As alturas barometricas correctas da temperatura, obtidas durante os tres ultimos annos são:

Mezes	Annos			Medias das medias
	1862	1863	1864	
Janeiro	767,12	766,52	764,91	766,18
Fevereiro	767,11	763.33	765,21	765,22
Março	765,20	762,34	765,77	764,44
Abril	760.40	760,01	759,01	759,81
Maio	757,88	756,92	758,06	757,62
Junho	754,37	753,94	753,65	753,99
Julho	752,81	753,36	754,33	753,50
Agosto	753.31	752,32	754,09	753,24
Setembro	757,45	756,80	757,07	757,11
Outubro	760,42	761,25	762,13	761,27
Novembro	762,00	764,90	765,07	763,99
Dezembro	764,75	765,63	766,35	765,58
Medias annuaes	760,24	759,78	760,47	760,16

Desta tabella se extrahem as pressões medias das estações do anno. As duas columnas representam as estações como já foram indicadas.

Primavera	760 29	758,71
Estio	753.53	754,46
Outono	760,79	762,63
Inverno	765.66	765,35

As pressões extremas e as suas variações foram:

PRESSÕES EXTREMAS	ANNOS			Medias
	1862	1863	1864	
Maxima	772,74	770,90	773.31	772,32
Minima	737,17	742,86	746,40	742,14
Variação	35,57	28,04	26,91	30,18

A minnia extrema do barometro em 1862 coincidiu com um tufão na hora da sua maior força, em 1863 com um dia de vento fortissimo, e em 1864 com outro tufão nas proximidades de Amoi, a 24 o 27' de latitude norte, havendo bom tempo em Macau.

As observações alheias que encontrei relativas ao barometro não offerecem os mesmos resultados que os que foram colhidos por mim. A tabella de *Dove* dá a Macau as seguintes pressões medias, que não me parecem correctas.

Janeiro	767,93
Fevereiro	767.01
Março	766,08
Abril	761 93
Maio	761,64
Junho	757 31
Julho	757,91
Agosto	757.91
Setembro	762,22
Outubro	763,37
Novembro	766,17
Dezembro	768,65
Media annual	763,19

Segundo *Schou* a pressão media, annual é esta:

Altura aparente	762.99
Altura correcta	761,61

Esta altura é maior do que a apresentada por mim, fazendo uma differença de 1^{mm}, 45.

Humidade.—O estado hygrometrico da atmosphera é um objecto importante pela sua influencia na producção das doenças. Este phenomeno parece não ter relação alguma com a marcha da temperatura nem tão pouco com a chuva, o que se verifica comparando as respectivas tabellas. De qualquer dos dois modos que se considerem as estações do anno, o estio é mais quente que o outono, o outono mais que a primavera, e a primavera mais que o inverno; chove mais no estio do que na primavera, mais na primavera do que no outono, e mais no outono do que no inverno: e a humidade é maior na primavera do que no estio, no estio do que no outono, e no outono do que no inverno. Mais alguma relação se encontra, mas na rasão inversa, com as oscillações do barometro.

Os mezes mais humidos são abril e maio, em que o tempo é quazi constantemente encoberto, ha nevoeiros e predominam os ventos E, ESE e SE: e os menos humidos outubro e novembro, em que a temperatura é moderada, o tempo claro e os ventos N, e NE. Naquelles dois mezes a humidade é tal, que d'ella se empregam excessivamente todos os corpos hygrometricos, deposita-se nas paredes, no soalho, oxida promptamente o ferro e de um dia para outro enche de bolor o facto, o calçado &c. A maior differença no gráu da humidade encontra se entre setembro e outubro e entre novembro e dezembro. Ve se portanto que o estado hygrometrico do ar fornece tambem dados para a divisão das estações por mim indicada. Eis as medias dadas pelo psychrometro.

MEZES	ANNOS			Medias das medias
	1862	1863	1864	
Janeiro	78,1	76,7	74,1	76.3
Fevereiro	69,8	78,3	78,6	75,6
Março	78,7	80,7	81,3	80,2
Abril	83,9	88,0	91.3	87,7
Maio	83,0	86,0	87,6	85.5
Junho	80,9	81,8	86,5	83.1
Julho	84,7	81,1	83,9	83.2
Agosto	82,2	82,6	83,0	82.6
Setembro	79,3	79,5	73,9	77.6
Outubro	64,5	72,5	68,6	68.6
Novembro	68,7	67.9	64,6	67.1
Dezembro	77,4	66,5	74,2	72.7
Medias annuaes	77,6	78.5	79,0	78,4

Seguem-se as medias das differentes estações do anno:

Primavera	84,5	83,2
Estio	83,0	80,1
Outono	71,1	69,9
Inverno	74,9	75,8

Os graus extremos da humidade foram:

Humidade	Annos			Medias
	1862	1863	1864	
Maxima	96,6	99,2	97,9	97,9
Minima	52,6	41,9	40,3	44,9
Variação	44,0	57,3	57,6	53,0

As maximas em 1862 e 1863 corresponderam a dois dias de muita chuva e em 1864 a um dia encoberto e ennevoado, mas não chuvoso; as minimas nos dois primeiros annos a dias claros e de temperatura agradavel, e no terceiro a um dia de bom tempo, ainda que ligeiramente ennevoado.

Chuva. — As observações sobre a chuva limitam-se a dois annos. Foi só em março de 1863 que pude obter e collocar convenientemente o udometro no quintal do hospital militar, distante do edificio, ficando a boca do recipiente quazi a dois metros de altura do terreno adjacente. Eis o quadro que indica a quntidade da agua que foi recebida em cada um dos mezes durante esse tempo. Achuva diaria contou-se do meio dia a meio dia.

Mezes	1863 a 1864			1864 a 1865			Medias
	Quantidade em Millimetros	*Vinte e quatro horas de mais chuva*	*Quantidade nessas vinte e quatro horas*	*Quantidade de mellimetros*	*Vinte e quatro horas de mais chuva*	*Quantidade nessas vinte e quatro horas*	
Maio	147,4	16 a 17	60,0	415,4	20 a 21	98,0	281,4
Junho	625,2	26 a 27	248,2	431,3	20 a 21	81,9	528,2
Julho	163,2	1 a 2	34,3	532,3	21 a 22	138,4	347,7
Agosto	342,2	15 a 16	63,0	390,0	14 a 15	148,4	366,1
Setembro	287,1	21 a 22	135,4	46,9	22 a 23	18,7	167,0
Outubro	52,4	4 a 5	25,0	66,3	22 a 23	21,7	59,3
Novembro	96 9	1 a 2	39,2	—	—	—	48,4
Dezembro	6 6	6 a 7	6,6	11,0	12 a 13	10,8	8,8
Janeiro	43 2	20 a 21	20,2	6,3	15 a 16	4,2	24,7
Fevereiro	37,4	22 a 23	22,4	45,4	19 a 20	13 5	41,4
Março	150,5	18 a 19	47,0	46,2	25 a 26	11,6	98,3
Abril	204,2	14 a 15	89,1	186,6	23 a 24	67,4	195,4
Total		2156,3			2177,7		2167,0

As medias dão junho, julho e agosto como os mezes mais chuvosos, e menos chuvosos dezembro janeiro e fevereiro. Isto porém não quer dizer que não aconteça alguma vez chover mais em abril do que em julho, ou em maio do que em agosto. Chove tambem muito mais no estio do que na primavera, mais na primavera, do que no outono, e muito pouco no inverno, como já disse e se vê em seguida. As duas columnas representam o que já tive occasião de dizer e de repetir.

Primavera	275,1	293,7
Estio	1242,0	1749,7
Outono	274,7	57,2
Inverno	74,9	66,1

Chove nesta localidade em um só mez, como em muitos paizes intertropicaes, quazi o dobro e as vezes mais do que chove em um anno em Portugal e em outros pontos da Europa. A agua da chuva recebida em Macau em junho de 1863, como se vio, marcou 625 e em julho do anno seguinte 552 millimetros, em quanto que em Lisboa choveu 665 millimetros em todo o anno de 1862 e 558 em 1863. Na cidade de Nova Gôa, que fica em latitude mais baixa que Macau, esta quantidade eleva se ainda mais: cahiu ali 1262 millimetros de agua em julho de 1863 e 1045 em junho de 1864. Mas a quantidade total do anno não é muito maior do que em Macau, onde a chuva é mais regularmente distribuida, sendo raro

que não chova em algum mez. N'aquella cidade, pelo contrario, não choveu em janeiro, fevereiro, e novembro de 1863, e em janeiro, fevereiro, março, maio, novembro e dezembro de 1864. A differença da chuva annual nestes dois paizes foi a segninte nestes dois annos:

	1863—1864
Nova Goa	2632,6—2253,3
Macau.....	2156,3—2177,7
Differença	476,3— 75,6

E' para notar finalmente a quantidade da chuva que cahe ás vezes em 24 horas e até em menos tempo. Aponta-se como extraordinaria a quantidade de 108 milimetros de agua que cahiu n'um dia em Bombaim, 250 em Joyeuse, 810 em Genova &c. Em Macau choveu 248 millimetros em poucas horas de 26 a 27 de junho de 1863 e 148 de 14 a 15 de julho de 1864.

IX

Doenças.

O inverno e o estio em Macau, como fica dito no capitulo antecedente, são as duas estações mais prolongadas do anno. Influenciadas por condições meteorologicas oppostas, ellas são tambem caracterisadas pela natureza das doenças que em cada uma predominam. Na primavera e outono, que fazem a transição para aquellas duas estações, como que se estabelece o equilibrio entre esses dois grupos de doenças, e o tempo, modificado nas condições meteorologicas, é igualmente o menos doentio. Isto porém não quer dizer que as doenças predominantes n'uma estação não se manifestem em pequeno numero de cazos em outra, a excepção da cholera-morbus que nestes tres ultimos annos não tem sido observada senão em epoca propria.

No *inverno* (dezembro, janeiro, fevereiro e março) predominaram as doenças proprias da estação, tendo ordinariamente por causa o resfriamento subito ou gradual a que se acham expostos muitos individuos ja pela privação das necessarias commodidades, já pela naturesa das suas profissões. Reinaram pois a febre ephemera, o rheumatismo muscular agudo, a rhinite, as anginas e bronchites. Alguns casos appareceram tambem de pneumonia e raros de pleurisia. Poucos foram os de diarrheia, dysenteria e febres intermittentes, doenças que não reinam de preferencia nesta estação. Entretanto, em 1862 appareceram no mez de fevereiro, varios casos destas febres que tomaram caracter grave, mas cederam promptamente ao tratamento adequado, manifestando se tambem, sem gravidade, em dezembro de 1863 e de 1864.

E' neste tempo que appareceram igualmente a variola e o sarampo, doenças que parecem desenvolver-se de preferencia no tempo frio. A variola manifestou-se em 1862 e 1864. No primeiro destes dois annos foi em março, prolongando-se por todo o mez de abril, e no segundo em janeiro, fevereiro e março e novamente em novembro e dezembro. O sarampo deu-se em todos os tres annos: em 1862 em novembro e dezembro, em 1863 em janeiro, e fevereiro e em 1864 em janeiro, fevereiro, e março. Estes dois morbos tomaram sempre o caracter epidemico, caracter com que tambem se manifestou a roseola em fevereiro, março e abril de 1864. A roseola e o sarampo porém não apresentaram gravidade, e em geral se curavam com promptidão.

Na *primavera* [abril e maio] o estado sanitario correu geralmente satisfatorio, as doenças foram poucas e o movimento dos hospitaes pequeno. Diminuiram então as doenças da estação fria e começaram a manifestar-se as febres intermittentes, a diarrhea e a dysenteria, principalmente em maio, quando apparecem as primeiras fructas. Em 1862, porém como acima fica dito, prolongou-se até abril a variola desenvolvida em março, e em 1864 a roseola começada em fevereiro.

No *verão* ou *estio* [junho, julho, agosto e setembro] as doenças predominantes foram a diarrhea, a dysenteria as febres remittentes e intermittentes quotidianas, algumas vezes de caracter pernicioso, as visceralgias e um e outro caso de hepatite. Nesta quadra manifestou-se tambem em todos os tres annos a cholera-morbus. Sobre esta doença disse eu no meu citado relatorio o seguinte.

" Nesta ultima estação, segundo referem os mestres chins, apparecem sempre casos de cholera-morbus na sua gente, e affirmam alguns dos nossos facultativos que é raro o anno em que não tenham a tratar na população portugueza um e outro caso desta doença, ordinariamente fatal. A doença a que no paiz dão o nome de *fai fum*, de que muitos morrem, muitas vezes não será outra cousa. Já observamos casos de cholera-morbus, perfeitamente caracteristicos, a que chamaram *fai-fum*.

" E' pois de crer (e tudo nos leva hoje a ter esta convicção) que a cholera-morbus é uma doença endemica em Macau, assim como em varios pontos da China, manifestando-se em certa epoca do anno, e poupando mais os individuos que vivem em condições diversas dos chins, entre os quaes reina principalmente. Em certos annos, porém, a favor de uma constituição atmospherica exepcional, de baixo da influencia termo-eletro-hygrometrica, a doença toma tal desenvolvimento que constitue uma endemo-epidemia. A sua duração é pequena. Parece que ella amortece e acaba com o incidente que promoveu o seu desenvolvimento. A continuação da nossa residencia nesta localidade nos dará occasião de verificar o que acabamos de expor..

O que então presumia é hoje para mim uma realidade. Em 1862 manifestou se a cholera-morbus em agosto e terminou em outubro, tomando o desenvolvimento de uma verdadeira epidemia, e em 1863 e 1864 começou em junho e terminou em setembro. No primeiro anno foram atacados na população portugueza 65 individuos, no segundo 17 e no terceiro 25. Entre os chins a manifestacão desta doença tomou em todos os tres annos muito maior desenvolvimento.

No *outono* (outubro e novembro) a constituição medica comportou-se sempre pouco mais ou menos como na primavera. As doenças que predominaram no estio começaram a diminuir logo no principio desta estação , e foram apparecendo alguns casos de angina, bronchite e rheumatismo muscular. O estado sanitario foi geralmente satisfactorio e o movimento dos hospitaes pequeno. Em 1862 porém appareceram em novembro alguns casos de sarampo, e no mesmo mez em 1864 outros de variola. Deste modo, e a pouco e pouco, as doenças proprias da estação quente cedem o seu logar, por assim dizer, as da estação fria.

Dito isto em geral, passarei a occuparme das principaes doenças que foram observadas nos dois hospitaes desta cidade, deixando de parte as que destacadamente se appresentaram e as que foram o resultado de causas accidentaes, como as contusões e as feridas incisas e contusas, que de sua parte produziram 103 casos : pois todas ellas estão incluidas nos mappas nosologicos mensaes que foram presentes a V. Ex.ª Devo porem repetir neste logar o que por vezes tenho declarado relativamente as condições diversas dos doentes de cada um d'aquelles estabelecimentos. No hospital militar os doentes são todos do sexo masculino, geralmente moços, não soffrem privações, e dão ali entrada apenas adoecem &c.; em quanto que no hospital da misericordia elles são pela maior parte indigentes, muitos de avançada idade, de constituição deteriorada, e ordinariamente entram para ali quando a doença tem tomado a sua maior gravidade ou se torna incuravel. A mortalidade neste hospital, pois, e muito superior à do primeiro.

Doenças mais frequentes observadas no hospital militar.

Doenças	1862		1863		1864		Total	
	Atacados	*Fallecidos*	*Atacados*	*Fallecidos*	*Atacados*	*Fallecidos*	*Atacados*	*Fallecidos*
Anginas	11		5		14		30	
Bronchites	59	1	40	2	32		131	3
Cholera-morbus	35	7	7	5	10	2	52	14
Conjunctivite	12		11		3		26	
Diarrhea	50	2	53	3	46		149	8
Disenteria	24		16		28		68	1
Enteralgia	6		4		5		15	
Escrofulas	6		3		2		11	
Estomatite ulcerosa			46		6		52	
Febre ephemera	35		28		20		83	
Febre remittente	8		1		2		11	
Febres intermittentes	48		67	1	49		164	1
Furunculos	10		4		14		28	
Gastralgia	4		2		8		14	
Gastrite	5		5		1		11	
Hemeralopia			28				28	
Hepatite	6		3		2		11	1
Orchite	20		26		11		57	
Pulmonite	7	2	5	2	2	1	14	5
Rheumatismo muscular	72		72		35		179	
Rhinite	14				3		17	
Sarna	10		15		65		90	
Syphilis primitiva	141		84		67		292	
Syphilis secundaria	7		11		5		23	
Syphilis tercearia	16		16	1	6		38	1
Ulceras das extremidades inferiores	8		11		17		36	

Ve-se d'aqui que as doenças que se apresentaram no hospital militar em maior numero foram pela sua ordem numerica, as differentes formas da syphilis primitiva, o rheumatismo muscular, as febres intermittentes, a diarrhea, a bronchite, a sarna, a febre ephemera, a disenteria, a cholera morbus e a estomatite ulcerosa. As unicas doenças, das que ficam indicadas, cuja relação entre os fallecidos e atacados foi maior, são a cholera-morbus e a pulmonite. Na primeira esta relação foi de 1:3,7 e na segunda de 1:3,5. Deve-se porém notar que em dois dos individuos fallecidos desta ultima doença deu-se a circumstancia de ella se complicar de outras affecções. Dos tres doentes fallecidos de bronchite, que foi capillar, dois achavam-se deteriorados por soffrerem de diarrhea chronica. A relação dos mortos para os atacados na diarrhea foi de 1:18,62. Dos 164 doentes atacados de febres intermittentes só falleceu um d'aquelles em que a doença tomou o carater pernicioso. A febre remittente, a diarrhea e dysenteria agudas &., não deram obito algum.

As doenças que produsiram os 51 fallecimentos no hospital militar durante os tres ultimos annos foram as seguintes:

Doenças e numero dos fallecidos no hospital militar

Doenças	Fallecimentos em 1862	1863	1864	Total
Apoplexia cerebral	1			1
Bronchite capillar	1			1
Cachexias	2	1		3
Cholera-morbus	7	5	2	14
Diarrhea chronica	2	3	3	8
Diarrhea chronica, bronchite capillar		2		2
Disenteria chronica			1	1
Erysipela da face	1			1
Febre typhoide		2		2
Febre intermittente perniciosa		1		1
Hepato-splenite chronica			1	1
Nephrite albuminosa			1	1
Pulmonite		1	1	2
Pleurite	1	1		2
Pneumo-pericardite etc,	1			1
Pulmonite, lesão organica de coração		1		1
Queimadura do 3.o grâu	1			1
Scorbuto		1		1
Tetano espontaneo			1	1
Tisica pulmonar	3		1	4
Variola		1	1	2
	51	12	19	20

Classificação dos doentes do hospital militar em referencia á sua collocação.

Classes	Annos 1862	1863	1864	Total
Praças da armada	144	108	61	313
Praças do batalhão de Macau	491	502	379	1373
Praças do Corpo de Policia	131	90	84	305
Praças do batalhão Nacional	10	1		11
Presos da Cadeia Publica	15	13	47	75
Servente da Repartição da Fazenda	1			1
Avulsos		3		3
	795	717	571	2083

A relação dos mortos para os atacados foi de 1:39,75 em 1862, de 1:37,73 em 1863, de 1:47,58 em 1864 e de 1:41,68 nos tres annos. O movimento total do hospital foi em 1862 de 822 doentes, em 1863 de 740, em 1864 de 587, e nos tres annos de 2149: o movimento annual medio foi pois de 716 doentes. Convém notar que em 1862 esteve em Macau ainda por dois mezes a corveta de guerra *D. João 1.º*, e mez e meio a barca transporte *Martinho de Mello*, as quaes juntamente com a lorcha *Amazona* deram os 144 doentes da Armada, sendo só deste ultimo navio 93: em 1863 só a lorcha deu 108, e em 1864 novamente a referida barca enviou ao hospital 14 doentes, sendo os outros 47 de lorcha. Para outras considerações que se queiram fazer, direi que nestes tres ultimos annos a força effectiva media do batalhão de Macau foi de 350, a do corpo de policia de 193 e a da lorcha de 55 homens.

Classificação dos doentes fallecidos no hospital militar, em referencia á sua collocação.

Classes	Fallecimento em 1862	1863	1864	Total
Praças da armada	5	3	1	9
Praças do batalhão de Macau	8	9	7	24
Praças do corpo de Policia	5	6	2	13
Prezos da cadeia publica	1	1	2	4
Servente da repartição da Fazenda	1			1
	20	19	12	51

Vejamos a relação dos mortos para os atacados nestas differentes classes de individuos.

Praças do batalhão de Macau..1:57,29

Praças da armada.....1:34,77

Praças do corpo da Policia ..1:23,46

Presos da cadeia publica. ..1:18,75

A natureza do serviço e outras circumstancias de cada uma destas classes explicam perfeitamente esta mortalidade, que é mais favoravel para o batalhão de Macau.

Classificação dos doentes do hospital militar em referencia á sua naturalidade.

Naturaes de	1862		1863		1864		Total	
	Atacados	*Fallecidos*	*Atacados*	*Fallecidos*	*Atacados*	*Fallecidos*	*Atacados*	*Fallecidos*
Portugal	540	11	519	14	453	8	1:152	33
Madeira e Açores	58		44		28		130	
Cabo Verde	4	1	1		1		6	1
Moçambique	30	4	16	1	10		56	5
Goa	62		52		14	2	128	2
Macau	47	3	53	1	28	1	128	5
Timor	14				3		17	
Hollanda					1		1	
Hespanha	1		1		1		3	
Inglaterra			1		8		9	
Italia					1		1	
Estados Unidos d'America	2						2	
Perú	2		1				3	
India Ingleza	18		16		4		38	
Manilla	3						3	
China	14	1	13	3	19	1	46	5
	795	20	717	19	571	12	2083	51

A relação entre os fallecidos e atacados foi de 1:64 entre os naturaes de Goa, de 1:45,82 entre os do continente do Reino, de 1:25,60 entre os de Macau, de 1:11,20 entre os de Moçambique, de 1:9,20 entre os chins e de 1:6 entre os de Cabo-Verde. Dos 130 individuos naturaes da Ilha da Madeira e dos Açores não falleceu nenhum. Outro tanto aconteceu entre os 38 da India ingleza e 17 de Timor.

Classificação dos doentes do hospital militar em referencia aos temperamentos

Temperamentos	Atacados	Fallecidos	Relação
Sanguineo	519	7	1:74.14
Nervoso	527	28	1:18,82
Limphatico	209	10	1:20,90
Sanguineo nervoso	364	2	1:182
Nervoso sanguineo	321	2	1:160,50
Sanguineo lymphatico	23		
Lymphatico sanguineo	39		
Nervoso lymphatico	36		
Lymphatico nervoso	45	2	1:22,50
	2083	51	

Classificação dos doentes do hospital militar em referencia ás constituições

Constituição	Atacados	Fallecidos	Relação
Forte	629	9	1:69,88
Media	1168	8	1:146,00
Fraca	193	7	1:27,53
Deteriorada	93	27	1:3,44
	2083	51	

A mortalidade é excessivamente maior entre os individuos de temperamento nervoso, e logo em seguida entre os de temperamento lymphatico, do que nos outros. A theoria parece explicar este facto. Acontecendo que nos climas quentes o calorico, a luz e a electricidade excitam vivamente o systema nervoso e produzem a pobreza do sangue pelo enfraquecimento das func-

ções que o elaboram, é claro que os individuos que tenham, qualquer d'aquelles dois temperamentos são mais atreitos ás doenças destes climas e mais expostos a serem victimas dellas.

A continuação de estudos desta ordem parece-me de summa importancia hygienica, administrativa e economica. Os dados expostos, colhidos durante os tres ultimos annos, levam-me a admittir, por exemplo, a conveniencia de que os soldados que vierem servir nesta colonia sejam recrutados entre os naturaes da ilha da Madeira, do archipelago dos Açores e de Goa, e que sejam dotados de um temperamento mixto do sanguineo e do nervoso, e de constituição mediana.

Doenças mais frequentes observadas no hospital da misericordia.

Doenças	1862		1863		1864		Total	
	Atacados	*Fallecidos*	*Atacados*	*Fallecidos*	*Atacados*	*Fallecidos*	*Atacados*	*Fallecidos*
Bronchites	8	2	10	2	8	1	26	5
Cholera morbus	9	6	3	3	9	7	21	16
Diarrhea aguda	6		8		10	3	24	3
Diarrhea chronica	2	2	2	2	13	11	17	15
Dysenteria aguda	3		3		4		10	
Dysenteria chronica	4	1	2	2			6	3
Febre remittente	5	3	3	3	3	1	11	7
Febres intermittentes	7		15	2	9		31	2
Lesões organicas do coração	3	3	4	4	2	2	9	9
Pulmonite	1		1		1		3	
Rheumatismos	3		8		7		18	
Tisica pulmonar	3	3	3	3	8	6	14	12
Variola					5	4	5	4
Syphilis primitiva	6		6		5		17	
Syphilis secundaria	3		3		2		8	
Syphilis tercearia	10		4		3		17	2

As doenças que appareceram em maior número no hospital da misericordia foram, pois, as febres, a diarrhea, as bronchites, a cholera-morbus, a syphilis, o rheumatismo, a tisica pulmonar e as lesões organicas do coração.

A relação entre os atacados e fallecidos destas principaes doenças foi como se segue:

Bronchite..... 1:5,20

Cholera-morbus..... 1:1,31

Diarrhea aguda..... 1:8,00

Diarrhea chronica..... 1:1,13

Dysenteria chronica..... 1:2,00

Febre remittente..... 1:1,57

Febres intermittentes..... 1:15,50

Variola..... 1:1,25

Syphilis terciaria..... 1:8,50

Os 9 doentes de lesões organicas do coração falleceram todos. Dos 14 de tisica pulmonar só sahiram dois melhorados. A diarrhea aguda, a pneumonite e o rheumatismo não deram obito algum. As causas desta espantosa mortalidade estão indicadas. Foram tratados neste hospital 72 individuos de 60 a 90 annos de idade, dos quaes 16 tinham 80 e 4 eram de 90 annos.

Doenças e numero dos fallecidos no hospital da misericordia.

Doenças	Fallecimentos em			Total
	1862	1863	1864	
Apoplexia cerebral	1	3	2	6
Bronchite capillar	2	2	1	5
Cachexias		1	4	5
Cancro do utero			1	1
Cirrhose do figado	1	1		2
Cholera-morbus	6	3	7	16
Diarrhei a aguda			3	3
Diarrhea chronica	2	1	12	15
Dysenteria chronica	1	2		3
Envenenamento pelo opio			1	1
Escrophulas	2	1		3
Estomatite ulcerosa			1	1
Febre thyphoide			1	1
Febre remittente	3	3	1	7
Febre intermitente perniciosa		2		2
Gangrena	1			1
Hemoptise		1		1
Hepatite aguda			1	1
Hepatite chronica	1	1	3	5
Lesões organicas do coração	3	4	2	9
Pleurite	1			1
Queimadura	1	1		2
Scorbuto		1		1
Scirro do pelouro	1			1
Tisica pulmonar	3	3	6	12
Variola			4	4
	29	38	50	109

Classificação dos doentes curados e fallecidos no hospital da misecordia em referencia ás suas profissões.

Profissões	1862	1863	1864	Total
Fstudantes	1			1
Escreventes		1	2	3
Officiaes de deligencia			1	1
Maritimos	39	41	64	141
Alfaiates		1		1
Barbeiros		1		1
Carpinteiros			1	1
Pedreiros		1	2	2
Cosinheiros			1	I
Carregadores			1	1
Vendilhões	2		2	4
Criados de servir	22	15	28	65
Parteiras	1			1
Costureiras	9			9
Expostos da misericordia	10		10	20
Indigentes	28	40	40	108
	109	100	152	361

A relação entre os mortos e atacados foi de 1:3,75 em 1862, 1:3,33 em 1863 e de 1:3,04 em 1864, ou de 1:337, tirada a media dos tres annos. O movimento total do hospital da misericordia foi em 1862 de 115 doentes, em 1863 de 116, em 1864 de 163 e nos tres annos de 394: o movimento annual médio foi pois de 131 doentes.

Classificação dos doentes fallecidos no hospital da misericordia em referencia ás profissões.

Profissões	1862	1863	1864	Total
Maritimos	1	6	9	16
Official de diligencia			1	1
Alfaiates		1		1
Carpinteiros			1	1
Creados de servir	4	7	9	20
Costureiras	2			2
Parteiras	1			1
Vendilhões	1			1
Expostos da misericordia	5		8	13
Indigentes	15	16	22	53
	29	30	50	109

Os doentes que appareceram em maior número no hospital militar foram indigentes, creados de servir, maritimos e expostos da santa caza da misericordia. A mortalidade nestas differentes classes foi: nos expostos, de 1:I,53; nos indigentes de 1:2,04; nos creados de servir de 1:3,25; e nos maritimos de 1:8,81. Relativamente aos expostos devo dizer que na maior parte essas crianças são conduzidas para o hospital em estado moribundo, umas queimadas, outras feridas e outras no estado mais grave de outras doenças, porque os chins costumam levar á roda os filhos de cujo restabelecimento duvidam &c.

Classificação dos doentes no hospital da misericordia em referencia ao sexo.

Sexo	Atacados	Fallecidos
Masculino	228	60
Femenino	133	49
	361	109

A mortalidade foi um pouco maior no sexo feminino do que no masculino; o que effectivamente devia acontecer, porque as condições individuaes dos doentes d'aquelle sexo são peiores do que as da maior parte dos homens, muitos dos quaes eram maritimos, como se viu. Assim, a relação entre os mortos e atacados foi no sexo masculino de 1:3,80 e no femeniuo de 1:2,71;

Classificação do doentes do hospital da misericordia em referencia á sua naturalidade.

Naturaes de	1862		1863		1864		Total	
	Atacados	*Fallecidos*	*Atacados*	*Fallecidos*	*Atacados*	*Fallecidos*	*Atacados*	*Fallecidos*
Portugal (continental)	9		12	1	9	3	30	4
Hespanha	1		4	1	1		6	1
Italia			1		4		5	
França	3		1		6	1	10	1
Inglaterra	3		1		9	1	13	1
Hollanda	2		1		3		6	
Dinamarca	2				3		5	
Hanover	3						3	
Hamburgo	1		4		9		14	
Austria	1		3		4		8	
Suecia					1	1	1	1
Prussia					1		1	
Russia			1	1			1	1
Estados unidos d'Amc.ª	3		2		2		7	
Chili	1						1	
Colombia	1						1	
Perú			1		2	1	3	5
Archipelago dos Açores					1		1	
Gibraltar	1						1	
Malta	1						1	
Moçambique	2	2	6	4	4	3	12	9
Goa	1		7	1	5	4	13	5
India ingleza	3		3	3	4	4	10	7
Timor	17	7	9	4	20	8	46	19
Manilla			7				7	
Macau	48	19	27	13	47	18	122	50
China	6	1	10	2	17	6	33	9
	109	29	100	30	152	50	361	109

O maior número dos doentes do hospital da misericordia eram, pela sua ordem numerica, de Macau, Timor, China, Portugal, Hamburgo, Inglaterra, Goa e Moçambique. A relação entre os mortos e atacados foi a seguinte para os naturaes destes differentes paizes.

Inglaterra.....	1:13,00
Portugal.....	1:7,50
China.....	1:3,66
Goa.....	1:2,60
Macau.....	1:2,44
Timor.....	1:2,42
Moçambique.....	1:1,33

Dos Hamburguezes, que foram em número de 14, não falleceu nenhum. Outras relações se acham á primeira vista na tabella que fica ácima. Os doentes haburguezes, inglezes e portuguezes eram quazi todos maritimos.

Classificação dos doentes do hospital da misericordia em referencia aos temperamentos

Tbmperamentos	Atacados	Falleeidos	Relação
Sanguineo	77	7	1:11,00
Nervoso	96	30	1:3,20
Limphatico	132	56	1:2,18
Sanguineo-nervoso	5	1	
Nervoso-sanguineo	5		
Sanguineo-lymphatico	3	3	
Limphatico-sanguineo	5		
Nervoso-lymphatico	22	6	1:3,66
Limphatico-nervoso	16	6	1:2,66
	361	109	

Classificação dos doentes do hospital da misericordia em referencia ás constituições.

Constituição	Atacados	Fallecidos	Relação
Forte	106	16	1:6,62
Media	93	13	1:7,15
Fraca	29	5	1:5,80
Deteriorada	133	75	1:1,77
	361	109	

Apresentados os principaes dados á cerca dos doentes que foram tratados nos dois hospitaes de Macau, passarei a fazer algumas notas relativas a um certo nùmero de doenças ali observadas.

Febre —As *febres continuas* são raras nesta localidade não tomando em conta a *febre ephemera*, ligeira e de pouca duração. A *febre typhoide* só excepcionalmente se apresenta. As febres que reinam com mais frequencia são as *intermittentes quotidianas* e depois as *remittentes*, e são estas ultimas que tomam ás vezes alguma gravidade. Poucas vezes se manifestam as *febres* do typo *terção* e são raras as *quartãs*

As *febres intermittentes quotidianas*, que são as mais frequentes de todas, raras vezes tomam caracter pernicioso, antes são simplices e se debellam facilmente com as menores dóses de sulphato de quinina. Mesmo ás outras não dão notavel contingente á mortalidade. Os 285 casos de *febre ephemeras remittentes* e *intermittentes*, que fazem a setima parte das doenças tratadas no hospital militar, apenas produziram um fallecimento.

Visceralgias. — Não deixão de se apresentar com certa frequencia as *nevralgias* do *estomago* e dos *intestinos*. Em quanto á existencia da *gastralgia* a doutrina é corrente, mas não acontece outro tanto relativamente á enteralgia. Quaesquer que sejam porém ás duvidas sobre esta doença, ja pela séde e caracter das dores, ja por exclusão de outros symtomas e pela promtidão com que cede ao tratamento puramente antispasmodico, pareceu me sempre que ella não se podia confundir com a *nevralgia dorso-lombar* com *rheumatismo das paredes abdominaes* ou com a *colica hepatica*. Mais duvidosa ainda pode ser considerada a *nevralgia* do *plexo hepatico* ou a *hepatalgia*. Toda a attenção porém que pude prestar ao diagnostico defferencial levou-me a classificar com este nome tres casos observados no hospital militar.

Diarreia e *dysenteria*. — Estas duas doenças merecem particular attenção pela sua frequencia e resultados.

Adiarreia manifesta-se em maior numero do que a *dysenteria*, e esta muitas vezes, perdendo os seus caracteres, se deixa substituir pela *dyarrea*. Ambas ellas apresentam-se ordinariamente sem gravidade, privadas de todo o apparato inflammatorio, e se debellam promtamente. Comtudo, as suas frequentes repitições acabam por estabelecer o estado chronico, que ordinariamente termina em mais ou menos tempo pela morte.

Qualquer bebida mucilaginosa ou infusão amarga com algumas gottas de laudano ou pequenas dozes de opio e a dieta conveniente curam ordinariamente a *dyarrheia aguda* que se resiste a estes meios cede de certo ao emprego de clysteres laudanisados com amido e aos adestringentes. Na *dysenteria aguda* o tratamento tem sido o emprego das pilulas *Antidisentéricas* de *Boudin* em que entram as mesmas substancias das *pilulas de Segond*, modificadas nas suas qualidades [*traité des fievres intermittentes* p. 315]. Nunca emprego nestas duas doenças as emissões sanguineas que são prejudiciaes neste clima. No estado chronico tenho feito uso de varios meios,

nenhum dos quaes posso suppor mais util do que os outros: quando se tornaram infructiferos os meios indicados, umas vezes aproveitou o extracto de noz vomica só ou reunido ao opio, outras vezes o nitrato de prata em pilulas ou em clysteres &c.

Pulmonite. — Não he uma doença frequente, mas apresenta-se muitas vezes com uma circunstancia notavel, como é a ausencia da febre. Tenho observado alguns casos em que havendo pontada, dyspnea, tosse, escarros pneumonicos, fervor crepitante &c., o calor da pelle se conservava no seu estado normal e o pulso apiretico. A doença neste caso cede com promptidão ao emprego do tartaro emetico em dose não muito elevada, vesicatorio e qualquer bebida bechica. Não emprego as emissões sanguineas senão em casos especiaes.

Estomatite ulcerosa e hemeralopia. — A estomatite ulcerosa e a hemoralopia não foram doenças desenvolvidas em Macau, mas sim trazidas pelos soldados do contingente vindo de Lisboa na galera *Deslumbrante* em Agosto de 1863. Estas doenças manifestaram-se a bordo durante a viagem, e os doentes deram baixa ao hospital apenas desembarcaram. Foram tratados até outubro, 21 casos de hemeralopia e até dezembro do mesmo anno 36 de estomatite ulcerosa, havendo mais 8 destas duas doenças reunidas. Deram-se poucas recidivas. Em 1864 appareceram mais 6 casos de estomatite ulcerosa. Foram applicados contra estas duas doenças os meios geralmente recommendados, como consta dos respectivos mappas.

Sarna.—A sarna começou a manifestar-se em grande numero de individuos, todos praças do batalhão de Macau, em janeiro de 1864, e continuou até maio. A manifestação desta doença coincidiu com a mudança do batalhão do seu antigo quartel, que se está reedificando, para uma casa particular de peiores condições hygienicas. Esta circumstancia, o pouco aceio que geralmente se encontra em taes individuos &c. foram, segundo a opinião do cirurgião ajudante d'aquelle corpo emittida em officio de 22 de março do mesmo anno, as causas do desenvolvimento desta doença. Removeram se em parte estas causas e por conseguinte cessaram os seus effeitos.

Ulceras das extremidades inferiores. — A maior parte das ulceras observadas no hospital militar eram atonicas, sem complicações, e por este motivo facilmente curaveis. Com tudo ha sempre recedivas em consequencia do desmazelo proprio dos individuos que dellas se curam.

Syphilis.— Foram numerosos os casos de syphilis que se apresentaram no hospital militar, o que não podia deixar de ser por abundarem na cidade as meretrizes chinas, por ser impossivel tomar medidas aproveitaveis a respeito dellas e pelo pouco cuidado dos que se deixam infectar da doença. As revistas repetidas dos facultativos nos corpos millitares e as baixas ao hospital dadas immediatamente ao contagio deram um resultado não pouco satisfatorio, pois, sendo tratados no hospital militar 141 casos de *siphilis primitiva* em 1862, houve apenas 84 em 1863 e 67 em 1864.

Tenho terminado o meu relatorio. — Deus Guarde a V. Ex.ª— Macau, 1 de junho de 1865. Illm.º e Exmª Sr. Conselheiro Presidente do Concelho de Saude Naval e do Ultramar.

Lucio Augusto da Silva
Cirurgião mór de Macau.

PHARMACIA

Pomada de sulfato de ferro (per):

Recommendada contra as hemorroidas

Pelo snr. Castrovigh.

Sulfato de ferro (per)..... ½ oitava.
Banha..... 1 onça.
Misture.

A quantidade de sulfato de ferro póde ser elevada a 1 oitava, para a mesma quantidade de banha.

O auctor recommenda o emprego d' esta pomada, principalmente quando as hemorrhoidas se acham ulceradas.

(*Revsta de Pharm. e Sc. Acc. do Porto*).

Chegada.

Chegou a esta cidade, vindo de Portugal, no dia 14 do corrente o Sr. Dr. Eduardo de Freitas Almeida, Physico-mor do Estado, com sua Exm.ª Esposa. Tomou posse do seu logar, no dia immediato ao da sua chegada.

ARCHIVO DE PHARMACIA

E

SCIENCIAS ACCESSORIAS

DA

INDIA PORTUGUEZA.

Publicado e redigido pelo Pharmaceutico — Antonio Gomes Roberto.

Numero 30 **Junho de 1866** **3. Anno**

PRODUCTOS ZOOLOGICOS

DA

India Portuguesa

Enviados ao Museu Nacional de Lisboa, na *Galera, Cidade de Belem*, em Março do corrente anno, em virtude das ordens do Governo.

N.º 1—*Ave*, conhecida no paiz pelo nome de —*Perecar*— e em portuguez pelo nome de *Bailadeira*. E' uma das mais bonitas aves, que aqui temos encontrado, tanto pela linda poupa de pennas encarnadas, que lhe adorna a cabeça, como pela bonita plumagem do corpo de côres, encarnada, amarella e parda. Não se domestica, nem temos noticia de que se faça uzo algum d'ella. Vive ordinariamente fora das povoações. Tanto de noite como de dia, *dizem*, que apenas sente aproximar-se alguma pessoa, dá logo sinal, soltando uns sons que imitam os d'um apito. Tem a corpulencia d'uma rola.

N.º 2—*Ave*, conhecida no paiz pelo nome de *Ambará*. Esta ave vive nas proximidades das povoações; andam muitas vezes em bandos. A plumagem é toda verde, tendo apenas uma orla de pennas pretas no pescoço. E' um pouco mais pequena que o nosso pardal. Já enviamos ao Museu outro exemplar, porém não nos veio tão perfeito como este. Foi morto no passeio do Campal, na immediação de Pangim.

N.º 3— *Ave*; E' um bonito e curioso *Pato Bravo*, que nos foi offerecido vivo em Junho de 1862 pelo Juiz de Direito d'esta comarca, o Sr. Dr. Antonio Faustino dos Santos Crespo. Estava ferido n'uma das azas, e como ainda o conservassemos vivo alguns dias, succedeu que no logar ferido perdeu algumas pennas. Tiramos-lhe a pelle, pusemos-lhe logo os arames e olhos, e depois de armado, tencionavamos reserval-o para a nossa collecção; como porèm, até hoje não podessemos obter outro exemplar, enviamos este ao Museu, por ser raro, e o considerarmos de merecimento, e porque os tres mêses de rigoroso inverno, que aqui temos, Junho, Julho, e Agosto, são um inimigo capital das collecções zoologicas; a constante humidade, que penetra em toda a parte, e em todos os objectos, actúa por tal forma sobre as pelles dos animaes, que não havendo muito cuidado com ellas, succede transtornarem-se e perderem-se em pouco tempo. Quando preparamos no inverno alguma pelle d'ave, ou reptil, ou outras quaesquer, para as conservar-mos, e obter que ellas se sequem, é preciso collocal-as bem embrulhadas em papeis, nas paredes da

cosinha da pharmacia do hospital militar, proximas dos fogões, a distancia que não sofram calôr demasiado, que possa alterar-lhes as cores.

Não tivemos noticia de especialidade alguma que se dê com este exemplar, que pertencendo á ordem dos *palmipedes*, é natural que partilhe dos habitos das aves d'essa ordem, nutrindo-se de peixe, vegetaes &.

Parece ser dos *Pelicanos do Cabo da Boa Esperança.*

N.º 4— Uma concha do *Pangolim*, conhecido aqui pelo nome de *Tilio* ou *Tirió*, e tambem pelo nome de *bixo vergonhoso*. São raros estes animaes na India portuguesa, onde apenas temos visto dois; um delles foi-nos enviado pelo Sr. Conselheiro Pestana, Governador d'este Estado; era ainda muito pequeno, e por tal forma o amarraram com uma corda junto das mãos que chegaram a cortar-lhe a pelle e a carne, entrando esta logo em putrefacção, e perdendo-se as escamas, que lhe cobriam esse logar (a). O exemplar que vai, foi-nos enviado pelo Sr. Conselheiro Dr. Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara. A carne d'este animal é muito procurada na nossa India pela grande superstição que o povo tem com ella, de que cura o rheumatismo, as bexigas, as erupções de pelle, a asthma, etc. Não são menos procuradas as suas longas e cortantes escamas, que usam na sarna e erupções de pelle com comichão, para coçarem o corpo, pois disem que as nossas unhas *teem veneno*, e que aggravam e exacerbam a pelle. Nem mesmo desperdiçam as unhas do pobre pangolim, que encastoam em prata, e usam no pescoço para afugentar os *feitiços* !!!

O Sr. Joaquim Mourão Garcez Palha, um dos dignos Redactores do jornal litterario, que se publicou em Goa, *O Tirocinio Litterario*, fez o obsequio de nos prestar a gravura do Pangolim, que muito lhe agradecemos, e que aqui reprodusimos. Transcrevemos tambem do mesmo jornal, o curioso artigo que acerca d'elle publicou.

Pangolim—Gravura de Goindasó.

="O pangolim, ou, se quereis, o pangolino (*Manis pentadactyla*), é um quadrupede que habita a India, Africa e America. Pertence á classe dos *desdentados*, e é, a bem dizer, o êlo que prende a cadêa dos quadrupedes á dos reptis. O seu comprimento varia entre 4½ e 6 palmos, desde a extremidade do focinho até á raiz da cauda, que é quasi do comprimento do corpo. Tem a cabeça alongada, os olhos pequenos, as pernas curtas, unhas compridas e curvas, e todo o corpo, excepto debaixo

(a) Recebemos já um outro pangolim, vivo e em perfeito estado, mandado tambem por S. Ex.ª o Sr. Conselheiro Pestana, a quem foi offerecido pelo Sr. Pio Fran-

da guela, peito e ventre, coberto de escamas mui rijas e ponteagudas, situadas á maneira de telhas umas sôbre outras, as quaes se levantam ou se abaixam á vontade do animal, como as púas do porco espinho.

O nome de pangolim, segundo Séva, significa na lingua javaneza « animal que se enrosca em fórma de bóla. » E de feito, o pangolim faz-se 'num novello e apresenta o cortante das escamas por toda a parte, quando se vê attacado por algum inimigo. A sua armadura fere quanto resiste, e debalde o tigre, a panthera e outros animaes carnivoros se arrojam sôbre elle, que escarnece dos maiores furores e fica apenas coberto do sangue de seus contrarios. A armadura que cobre o corpo deste quadrupede, quando adulto, é de uma natureza tão impenetravel que pode mui bem resistir a uma cutilada ou a uma bala de mosquete; e tanto isto é exacto que esta circunstancia não escapou aos antigos *rajás* da India, que da vestidura do pangolim se sirviam nas suas guerras como de coiraça.

O pangolim é manso e inoffensivo; tem grande força; excava e mina como poucos animaes o poderão fazer; e por isso facilmente se escapa do captiveiro, quando não é convenientemente retido. Vive solitario nos matos, longe de povoado e no mais recondito d'elles faz sua morada. Caminha pouco ligeiro e não pode correr, por que as escamas que lhe cobrem as pernas e mãos, e as longas unhas que lhe guarnecem as patas, prendem-lhe os movimentos. Um facto curioso é que este animal, quando váe a descer por um outeiro ou declive, enrosca-se e se deixa rolar por elle abaixo; e assim tambem se livra muitas vezes do homem que o persegue. Como é desprovido de dentes e tem os queixos demasiadamente frouxos, não pode mastigar, e por isso o seu sustento são formigas, outros insectos etc. servindo-se para os apanhar da lingua que é viscosa e muito comprida.

O pangolim é procurado na India, por quanto come-se-lhe a carne, das escamas se fazem alguns objectos de pentearia, e não poucos a ellas attribuem virtudes medicinaes.

Em Goa, onde o pangolim tem os nomes vulgares de « *Tírió* ou Bicho vergonhoso » não é raro encontrar-se d'estes animaes em certas e determinadas localidades. Ainda ha dois mezes tivemos occasião de observar um, que fôra enviado ao sr. Commendador L. X. Mourão por pessoa que dizia têl-o apanhado em funda cova 'num outeiro proximo a Moulá. Viveu cêrca de um mez, no fim do qual encontraram-n-o morto quando menos se esperava. Alimentava-se de arroz; mas não mostrava disposições para familiarisar se. Media, comprehendendo a cauda, perto de 10 palmos de comprido."=

E' da familia dos *Formigueiros*. Dizem aqui, que elle se alimenta de arrôs, todavia o que possuimos vivo, ha alguns dias já, com quanto lhe tenhamos deitado arrôs na caixa em que está, ainda não vimos que elle se servisse deste alimento, mesmo por que apenas sente gente, enrola-se logo, escondendo o rabo e a cabeça por tal forma, que parece uma bolla, e é n'esta forma que elle desce as escadas, deixando-se rolar por ellas abaixo. De noite, quando não sente gente, passeia por toda a casa, e talvez seja então que elle se alimenta de algum insecto que encontre, porque a alimentação dos animaes d'esta familia, como são os *Tamanduás* etc. disem ser exclusivamente de formigas.

N.º 5 — *Catandur*. Enviámos já ao Museu um mammifero d'esta especie, de que demos noticia no nosso *Archivo* n.º3 de Março de 1864 a pg.4.

---

cisco de Menezes, Sub-Director da Alfandega de Assolná, que dá d'elle as seguintes informações.

" E' um animal chamado—*Tirió*—que a alagação feita pela chuva, fêl-o abordar n'esta Aldeia de Assolná [em 25 de Junho de 1866): elle se conserva immovel quando se vê cercado de gente, aliás vendo-se só, foge do logar em que está guardado. A gente ordinaria faz uzo das suas escamas, quando tem palpitação, pendurando-as ao pescoço."

Este exemplar só poderá ser enviado ao Museu em Janeiro do proximo anno.

O primeiro exemplar que mandamos, era inda muito novo, este porém está no seu maior estado de desenvolvimento.

N.º 6—O Craneo d'um cavallo marinho ou dos rios (hyppopotamo], trasido de Moçambique, e offerecido ao Museu pelo Sr. Major Antonio Tavares de Almeida, que governou Tete. Segundo as noticias dadas pelo Major Gamitto, no *Muata Casembe*, os cavallos marinhos encontram-se em abundancia em alguns districtos d'aquella nossa rica e vasta provincia, sobre tudo nas terras dos pretos denominados *Muisas*, onde alguns se empregam mesmo na sua caça, chamados caçadores dos cavallos marinhos. Vivem estes caçadores em pequenas barracas nas margens dos rios e lagoas habitadas pelos hyppopotamos, que ordinariamente residem nos logares onde acham commodidades e sustento. Quando as margens dos rios são habitadas por gente, elles não saem d'agua, de dia, e só de noite, introduzindo-se muitas vezes pela terra dentro seguindo sempre por trilho onde acham rasto igual. Quando se costumam a uma lagôa, só a deixam se ali são incommodados. Os caçadores acampam nas proximidades das suas habitações, em logar que possam observar os seus movimentos, e todos os dias, já com o sol alto, vão ver os trilhos ou caminhos que elles seguiram, e n'estes, em arvores altas, armam laços com uma corda fina, cuja extremidade prendem a um toro de madeira que fica sobranceiro ao caminho; na parte inferior do tóro está um ferro hervado, de duas a tres pollegadas de comprido, com a ponta farpada, e ligeiramente cravado no lenho: a corda que o segura dá uma volta de correr, n'uma pernada da arvore em quanto a outra extremidade vem segurar ou prender um delgado páo, que atravessa o trilho, segura as duas estacas na altura de palmo e meio do chão. Quando o animal passa, como não pode saltar por sima, por ter as pernas muito curtas, quebra o páo atravessado, o que é quanto basta para desprender a corda e cair-lhe sobre as espaduas o lenho, que, pelo seu peso lhe crava no corpo o pequeno ferro, o qual estando ligeiramente unido ao tronco se separa d'este que cae no chão. Então o animal, impellido pelo susto e pela dor foge para a agua, o que accelera o effeito do veneno; e no fim de vinte e quatro horas aparece boiante. Suppõe-se que o ferro só por si não seria bastante para produzir a morte a um animal tão corpulento, se não fosse o effeito do veneno, que julgam accelerar-lhe a morte, dentro d'agua.

Logo que o cavallo marinho apareçe morto á superficie d'agua, puxam-no para terra, e cortam a carne em tiras que seccam, sem sal, ao sol. Na circunferencia do ferro, apparecem duas pollegadas de carne denegrida, que inutilisam. por a julgarem talvez affectada do veneno. Formam depositos d'esta carne, com que depois vão comprar mantimentos, roupas &.

Entre os *Muisas* e *Sengas*, não são procurados os dentes, e por isso os enterram com a cabeça, depois de limpa, em rasão de acreditarem que os miolos são um veneno activo.

N.º 7—Peixe, a que no paiz dão o nome de *Muterem*, e conhecido em portuguez pelo nome de *Gallo do mar*.

Encontra-se nas praias de Caransalem e de Sinquerim: e tem um gosto agradavel.

N.º 8 —Peixe, que vai n'um vidro, immergido em alcool. Foi trasido de Timor pelo facultativo militar d'aquella colonia o Sr. Manoel Constancio da Costa. Nada nos disse d'

este exemplar, apenas que os pretos o consideravam venenoso. Ignoramos por tanto o nome vulgar por que ali seja conhecido.

N.º 9 — Reptil, a que aqui chamam *Chirló*, os portugueses *Camaeão pardo*. Já mandámos outro exemplar (*Calotes versicolor*) Differe porém um pouco d'este, na côr.

N.º 10— Osga preta, a que aqui chamam *Chaquenim*; Disem ser venenosa.

N.º 11—Cobra, a que dão o nome de *Mandou*, e disem ser muito venenosa a sua mordedura. E' uma bonita vibora.

N.º 12— Cobra, a que dão o nome de *Alcatifa* ou *Aguió*. Já enviamos outro exemplar, e demos noticia d' elle. E' uma das cobras mais venenosa, que se encontram na India. As pessoas mordidas por ella rarissimas vezes escapam (*Archivo* n.º 8 de Agosto de 1864, pag. 113).

N.º 13 — *Ostras*, productoras das perolas. Abundam junto da nossa fortaleza de Murmugão. As perolas que se encontram n'uma ou outra d'estas ostras, julgo não serem das melhores.

A pescaria das perolas está hoje abandonada entre nós; outro tanto não succede com os ingleses, nossos visinhos, que lhe dedicam todo o cuidado.

N'um relatorio publicado ha tempo pelo inspector do governo Inglez (1) dos bancos da pescaria das perolas, disia aquelle, acharem-se exhaustos de ostras differentes pontos que havia visitado, *Cheval Paar*, *Modregam Paar*, &:e trata-se de escolher sitios accomodados á formação de bancos das ostras, para depois o governo de Ceilão, e o residente no golpho persico serem encarregados de obterem provimentos d'ellas, para serem distribuidas aos Collectores de Ahmedabad, Surrate, Ratnagherry, que fica ás portas de Goa, e outros pontos. A maneira como aconselham faser a sementeira das ostras, é deital-as em logares que não tenham mais de 6 braças d'agua, em feixes de lenha, para ellas se pegarem; os feixes devem ser ligados a pesos que os façam ir ao fundo, ficando presos a boias, que devem indicar a sua posição, e evitar a despesa com os mergulhadores, tirando-os na estação propria por meio d'um cabo. Seria bom que alguma cousa se fisesse entre nós n'este ramo de pescaria, visto não precisarmos trasel-as de fora, por abundarem na nossa bahia de Murmugão.

(1) Veja o Archivo n.º 17.

Pangim, Março de 1866.

Antonio Gomes Roberto.

Productos Vegetaes do Canará do Norte.

(Continuação do n.º 28.)

ERRATA

do n.º antecedente,

Pg. 61—col. 1.ª lin. 5—Eng.—suprima-se.

Idem na pag. 63, col. 2.ª lin. 20.

Idem na pag. 64, col. 2.ª lin. 12.

EBANO (*Diosparos melanoxylon*).

Em inglez—— *Ebony tree*
tamil—— *tumballi*, ou *Kantoo palay*
Canará —— *thoomrie*
hindustani—— *tindoo*, ou *abnus*
telegú —— *somída*
concani—— *karrie mara*.

Dá esta arvore uma boa especie de ebano, que he largamente usada

pelos *gudigares* (marceneiros, ou entalhadores) do districto para fazer imagens, cachimbos, carteiras de bilhetes &. Abunda nos concelhos(*talooks*) de Ancolá e Sirey, e produz-se tambem nos outros pontos do districto. O ebano he o amago ou parte interior da madeira, a qual se torna mais fina e mais ampla com a idade da arvore. Este páo não tem sido largamente exportado, ainda que sem duvida teria obtido bom preço nos mercados da Europa e em outros. Vende-se no districto a uma rupia e meia, ou duas rupias por *mão* de 28 libras.

A sua cultura, á semelhança da das outras arvores florestaes, podia vantajosamente extender-se.

JAQUEIRA (*Artocarpus integrifolia*).

Em inglez——— *Jak tree*
tamil——— *payla*
canará ——— *Alascena mara*
hindustani —— *Panus*
telegú ——— *Panassa*
concani ——— *Panaserook*

A Jaqueira, que dá a bem conhecida madeira usada na fabricação de moveis, he cultivada extensamente no Canará do Norte, mas mais por amor do seu fructo, do que da madeira. Produz-se facilmente por semente, e fructifica em 6 ou 7 annos, ficando dentro do mesmo tempo a sua madeira propria para uso. Da-se e medra em todo o terreno, onde não ha humidade excessiva.

O páo das raizes, assim como o do tronco he usado na fabricação de moveis.

A cultura da arvore he mui lucrativa; porque tem outros usos alem dos referidos, e delles se tratará nos seus proprios capitulos.

O nome concani *Panaserook*, isto hé, *arvore de fructo*, mostra quão grande he a estimação, em que he tida pelos naturaes do districto.

KINDUL (*Pterocarpus bilobus*)

Em tamil——— *Vayngay*
telegú ——— *Yegis*
hindustani ——— *Kindul*
Canará——— *Hongal*
Concani ——— *Kindul.*

Acha-se abundantemente nas matas do Canará do Norte, especialmente nas dos concelhos de Yellapur, Sirey, e Supem. A madeira, que esta arvore dá, he muito apreciada para obra de carpinteria, e tambem largamente usada na construcção de cazas. Não he muito inferior á madeira de teca, e he muito mais barata. Deve formar um excellente succedaneo ao carvalho e teca na construcção naval, mas até agora ainda não foi largamente exportada, provavelmente por falta de procura, que todavia deve promptamente augmentar logo que a qualidade da madeira seja mais plenamente conhecida.

PAÓ VERMELHO (*Adenantera pavonina*)

Em inglez—— *Red wood tree*
tamil —— *Annay coondoomany*
telegú —— *Bandi goorroo vindra*
canará—— *munjuti mara.*

Esta grande arvore da-se abundantemente nas matas do Canará do Norte. A madeira he mui estimada para varios usos, por respeito de sua solidez e durabilidade, e especialmente o amago ou cerne, de cuja côr principalmente os europeos tiraram o nome da arvore. A madeira he excellente para moveis, e podia especialmente aproveitar-se para os arranjos interiores dos navios, e para outros muitos usos, que seria longo referir. Até agora o verdadeiro valor desta madeira tem sido totalmente ignorado.

LIMEIRA BRAVA (*Atalantia monophylla*)

Em inglez.——— *Wild lime*

tamil ——— *cant ilimitcham*
telegú ——— *adiri nimma*
canará ——— *Kaibewoo mara*

A Limeira brava raras vezes cresce mais do que até á altura de 8 a 10 pés, em forma de arbusto, ainda que com bom tratamento, adubo &, pode chegar a formar uma arvore de arresoada grandeza, porque se dá melhor n'um terreno moderadamente rico. A madeira he rija, tenuemente granulada, e admiravelmente apropriada a differentes especies de trastes de gabinete, e para obra de torno. Acha-se, ainda que não mui abundantemente, nas matas do districto, mas de melhor qualidade acima dos Gates do que na costa. Ainda não tem valor commercial no districto; com tudo bastará que seja introduzida no commercio europeo para ter procura.

Maura' ou Mahoa' (*Bassia latifolia*).

Esta arvore já foi descripta quando se tratou dos oleos. Dá uma madeira rija e flexivel, superior a todas para fabricar rodas de carro &. e pode vantajosamente ser applicada em toda a obra, em que se requerer madeira forte e de medianas dimensões, e igualmente na construcção de pequenas embarcações.

Coqueiro (*Cocos nucifera*).

Tambem já foi descripta quando se tratou dos oleos. Produz a madeira chamada *Procupina* do commercio, estimada para fazer molduras de paineis, escriptorios, e outros moveis. Amolda-se facilmente a ser obrada, he capaz de tomar um fino polimento, e apresenta uma bella apparencia variegada de branco e preto. Obtem-se das arvores velhas, que já não podem dar fructo, isto he, quando tem 100 ou 150 annos de idade, e então a madeira he mais larga e mais rija, não sendo assim necessario para a obter destruir uma arvore em condição de dar fructo. Os troncos dos coqueiros são muito usados pelos naturaes para traves ou barrotes das casas, para pontes, e semelhantemente para outras muitas obras.

Maçã de Elefante (*Feronia elephantum*].

Em inglez ——— *Wood* ou *Elephant's Apple*
hindustani ——— *Khoet*
tamil ——— *Velam Maram*
telegú ——— *Velaga*
canará ——— *Cavil mara.*

Esta arvore acha-se, ainda que não mui abundantemente, assim nas hortas particulares, como nas matas do districto. Dá uma madeira branca, duravel, finamente granulada, e propria para fabricação de moveis, e para esculptura e entalhados ornamentaes; e acharia provavelmente boa saida na Europa. He todavia cultivada mais por amor do fructo do que pela madeira.

Mahogano da India (*Cedreta Toona*).

Em inglez ——— *Indian Mahogany*
hindustani ——— *Toona*
tamil ——— *Toon marum*
canará ——— *Gundthagerry mara*

Esta arvore, que dá excellente madeira para moveis, cria-se ainda que em limitada extensão, nas matas do districto. Posto que em outras partes da India parece ser altamente apreciada, todavia os seus usos mostram ser pouco conhecidos no districto.

A madeira, que um pouco se assemelha ao Mahogano, é de bella côr vermelha; e ainda que mais leve e menos compacta no grão do que o verdadeiro Mahogano, he capaz de receber bello polimento. Poderia formar um admiravel succedaneo ás outras madeiras mais cáras nos arranjos internos dos navios, e outras obras semelhantes. Tem, em comparação do seu valor real, um preço verdadeiramente nominal no districto; ainda que pouca duvida pode haver de que uma vez introduzida em Eu-

ropa subiria muito na estimação e apreço.

O solo e clima do Canará do Norte parece ser mui proprio para o Mahogano da India, de maneira que a sua cultura poderia facilmente, e com grande vantagem extender-se por todo o districto por meio de viveiros centraes, e tanto mais quanto a arvore alem da madeira, dá outros productos uteis.

Pao assetinado (*Chloroxylon Swietenia*).

Em inglez ——— *Satin wood*
tamil ——— *Moodooda*
telegú ——— *Billoo*

Algumas, ainda que poucas arvores da *Chloroxylon Swietenia* se criam nas matas do Canará do Norte acima dos Gates. Ainda que hoje sejam poucas, podiam estas arvores facilmente propagar-se nas matas montanhosas do districto.

Tamarindeiro [*Tamarindus indica*]

Em inglez ——— *Tamarind tree*
tamil ——— *Poolie*
telegú ——— *Chinta Chettu*
canará ——— *Oolle mara*

A bem conhecida arvore do tamarindeiro dá-se em regular abundancia no districto do Canará do Norte; e ainda que a sua maior importancia he no que toca ao capitulo dos mantimentos, dá uma madeira de qualidade não despresivel, rija, pesada, forte, e util para construcção de edificios, e outras muitas applicações. A cultura desta arvore he rendosa, e o seu fructo he abundantemente exportado, e mui estimado.

Angelim [*Artocarpus hirsuta*].

Em inglez ——— *Angelie*
tamil ——— *Angelie*
canará ——— *Chullay mara*

Esta arvore he rara no Canará do Norte, onde, ao que parece, foi introduzida do Malabar. Dá uma madeira altamente estimada, e especialmente apreciada para construcção naval, por quanto se diz ser quasi indestructivel na agua. He assaz escassa, para ser muito usada no districto; e não he absolutamente exportada, mas podia ser propagada n' um largo tracto de terreno á beira mar, aonde parece medrar bem.

Puna (*Calophyllum inophyllum*).

Já foi descripta quando se tratou dos oleos, e dá uma madeira boa, rija, de côr avermelhada, que he mui estimada para construcção de patamarins, &c. Ainda que não seja de contextura mui compacta, admitte bom polimento, e pode formar um bom e barato succedaneo á teca para a fabricação de moveis de campanha &c.

A cultura desta arvore he extremamente rendosa, porque alem da valia da madeira, quando he de idade competente, dá oleo que rende annualmente entre 20 a 30 rupias.

Varias arvores não classificadas.

Cinco especies de arvores, que dão excellente madeira, mas que ainda não vimos na florescencia, e a que por tanto não podemos designar nomes scientificos, ou classificação, produzem-se abundantemente nas matas do districto; e são as seguintes:

Mareta

Em canará ——— *Mathee*
hindustani ——— *Murthee*
concani ——— *Mardthe*
tamil ——— *Elimjee morum*

Esta arvore que se dá abundantemente nas matas densas do Canará do Norte, e especialmente nas de Supem, Yellapur, Siey, e proximo ás cataractas de Garsopá, chega á altura de 100 ou 120 pés, e em diametro a 4 pés pouco mais ou menos, e na parte inferior do tronco 30 40 pés de cir-

cumferencia, porque ahi não tem pernadas. Chega á madureza, ou ao menos a madeira he propria paro uso entre 20 a 25 annos de idade. A madeira he usada para traves das cazas, mastros de navios &c. e he barata no districto em comparação de seu verdadeiro valor.

?

Em canará ——— *Bitte honne*
tamil ——— *By rum?*

Dá-se nas mesmas situações da Mareta, e chega ás mesmas dimensões. A madeira applica-se aos mesmos usos que a Mareta, e serve tambem para fabricação de moveis.

JAMBÓ

Em canará ——— *Jambhi*
hindustani ——— *Jambá*
tamil ——— *Jambá*
concani ——— *Jambó*

Esta arvore pertence ás leguminosas, e chega ás dimensões da *Mareta* e da *Bitte honne*. A madeira he usada para traves de casas, e para construcção naval. Diz-se que he muito forte, e provavelmente, se fosse conhecida, seria muito usada para barrotes da coberta e outras partes dos navios, que não andam em contacto com a agua, com tudo não ha razão para suppor que não aguentará a immersão na agua, porque, ao qne parece, nunca foi experimentada neste particular. No que não ha duvida he em que deve formar um excellente succedaneo ás madeiras mais caras nas partes dos navios não expostas á agua.

SAGADY

Em canará ——— *Sagady*
tamil ——— *Sagady.*

Esta arvore cresce até 50 ou 60 pés em altura, e 3 a 4 pés em diametro pouco acima da terra. A madeira he mui flexivel e rija, e he usada para fabricar gráes, e mãos dos mesmos gráes, e rodas de carros; e ha outros numerosos usos a que podia ser applicada. Provavelmente he uma Acacia. Da-se nas mesmas matas, em que se dão as antecedentes, e he tambem pouco apreciada.

NANO

Em hindustani ——— *Nana*
tamil ——— *Nunthe*
canará ——— *Nunthe mara*
concani ——— *Nano*

O Nano chega á mesma altura e diametro, e cria-se nas mesmas situações que a Mareta. Dizem ser madeira mui duravel, e provavelmente seria altamente apreciada, se fosse mais conhecida. He usada para traves de edificios, moveis, e obras de gabinete, e para construir patamarins, e outras embarcações costeiras, para o que he mui procurada.

Arvores, que se devem introduzir no districto.

Entre as arvores, que com vantagem se podiam introduzir no districto, faremos menção das seguintes:

Casuarina muricata (*Linian pine* em inglez], cuja madeira he uma das mais fortes que se conhecem. Produz-se facilmente de sementeira, e já he muito frequente em grande parte da India meridional. Medra melhor no terreno arenoso proximo do mar.

Wrygtia anti-dysenterica [em tamil *veppalei*, em telegu *Codaga-palla*] e *Wrightia tinctoria* (em telegu *Chite ancaloo*). A primeira dá uma madeira propria para moveis. bella, e levemente corada; a ultima he branca, finamente granulada, e serve para obras de gabinete, e outras de ornamento. Criam-se acima dos Gates, As folhas da segunda especie dão uma tinta semelhante ao anil.

Shorea robusta. Dá a madeira co-

nhecida no commercio, pelo nome de *Sal*, cresce acima de 100 pés de altura. He mui forte, e pode servir para traves de cazas &c. Esta arvore provavelmente vegetará bem acima dos Gates, e particularmente no concelho de Supem.

Oxleya xanthoxyla (*páo amarello de Nova Galles do Sul*) podia ser introduzida no districto abaixo dos Gates, e bem assim a *Swietenia Mohagoni*, que dá a madeira de Mahogano do commercio. As differentes especies de *Triptolema*, que ministram o *páo de rosa* do commercio, e a *Hymnaea Courbaril* (*Locust tree*, em inglez) das Indias occidentaes devem medrar nos sitios maritimos do districto, e semelhantemente a *Diospyros hirsuta*, ou *Páo de salamandra de Ceilão*.

Qercus suber (sobreira), *Quercus infectoria*, e outras especies de carvalho, que se criam nas partes mais quentes da Europa, na Asia Menor, e Africa do Norte, deviam dar-se bem tanto acima como abaixo dos Gates,

(Continúa)

PHARMACIA

Pomada de veratrina:

Recommendada contra a sciatica.

Pelo snr. Oppolzer.

Veratrina.....	10 centigrammas
Banha	5 grammas.

Misture.

Usa-sa em fricções, tres vezes por dia, no lugar da dôr.

Pomada d'aconitina:

Pelo mesmo auctor.

Aconitina.....	5 centigrammas
Banha.....	5 grammas.

Misture

Usa-se como a antecedente.

Soluto d'azotato de prata ammoniacal:

Recommendado para fazer negros os cabellos.

Pelo sr. Vasse.

Azotato de prata cristalisado.....	5 grammas
Ammoniaco (para redissolver o precipitado..	q b. «
Hidrolato de rosas.....	125 «

Solva o azotato de prata no hydrolato de rosas, e junte o ammoniaco pouco a pouco, até que o precipitado que ao principio se fórma, seja redissolvido.

Applica-se molhando no liquido uma escova, e passando-a sobre os cabellos.

(*Revista de Pharm. e Sc. Acc. do Porto*)

Formulas usadas ultimamente no tratamento da cholera.

Pilulas Divilliers

Diascordio.....	8 grammas.
Subnitrato de bismutho.	4 »

Para fazer 36 pilulas.

Toma-se uma eada hora ou em cada meia hora, segundo a intensidade da diarrhea.

[*Jornal de Phrm. Sc. Acc. de Lisboa.*)

Cerveja preta.

Infusão bem saturada de especies vulnerarias ..	6 libras.
Vinho tinto.....	12 libras.
Assucar queimado	8 libras.
Balsamo peruviano liquido dissolvido em quanto baste de alcool a 36.	12 oitavas

Misture e conserve em maceração por 12 dias agitando de vez em quando

(*Jornal de Phar. e Sc. Acc. de Lisboa*).

Tinta de escrever (*Ribó*).

Galhas contusas.....	16 onças.
Sulfato de ferro.....	8 onças.
Gomma arabica.....	8 onças.
Agua fervendo.....	16 libras.

Infunda as galhas em agua a ferver por vinte e quatro horas, côe, e junte o sulfato de ferro, e gomma arabica: Agite amiudadas vezes atè perfeita solução.

Congresso medico-diplomatico de Constantinopla sobre a cholera (a),

Depois do que nos n.os 24 e 25 deste *Archivo* escrevemos acerca da origem da Cholera-morbus, e dos meios propostos na Europa para a sua extincção, ou ao menos para impedir os seus progressos, congregou-se em Constantinopla a assemblea medico-diplomatica encarrégada pelas nações de Europa, e outras de fora de Europa, de tratar aquelle assumpto. A primeira sessão desta junta, conferencia, ou congresso, (que tudo se lhe pode chamar) teve lugar a 13 de Fevereiro deste anno no palacio chamado Galata Serail. Assistiram todos os commissarios medicos e diplomaticos, e a assemblea foi presidida pelo delegado do governo turco Salit Effendi. A sublime Porta suscitou a principio difficuldades quanto ao caracter que teria este congresso, mas essas difficuldades foram removidas, e todos a final foram conformes em admittir que o congresso tivesse o caracter ao mesmo tempo diplomatico e medico. Fallou primeiro o Conde Lallemand, delegado diplomatico Francez, o qual expoz com muita distincção e clareza o objecto e fim deste congresso especial. Passou-se depois a nomear duas commissões, compostas cada uma de nove membros; a primeira das quaes foi encarregada de ordenar o programma das deliberações do congresso, e a 2.ª de fazer um relatorio sobre as mais efficazes providencias que convem tomar provisoriamente no caso que antes do encerramento do congresso, e da adopção de um systema preservativo internacional, a cholera chegasse a manifestar-se entre os peregrinos da Meca, e ameaçasse novamente derramar-se para fora das cidades santas do Hedjaz.

Os delegados da Inglaterra e da Persia fizeram suas reservas acerca desta ultima proposição; declarando que não podiam comprometter seus governos na adopção dessas providencias, antes de ser competentemente provado que a cholera he contagiosa.

Nas seguintes sessões continuou a tratar-se esta materia, que deu occasião a renhidos debates. Proposeram os delegados francezes, apoiados pelos italianos, e de outras nações, que se prohibisse aos peregrinos o regresso por mar, isto he, pelo Egypto, ao que a Porta oppoz a insufficiencia de meios de transporte por via de terra para tão grande multidão de gente, e offereceo-se a construir, sobre qualquer ponto do litoral do Mar Vermelho, lazaretos, onde os peregrinos, que seguissem a via de Suez, podessem em caso de epidemia, ficar sujeitos a uma quarentena proporcionada á intensidade do mal. Os delegados da Persia associaram-se nesta parte aos da Turquia; mas estas contra-proposições foram vivamente combatidas pelos promotores do primeiro projecto, que defendiam com razão, que nunca naquellas partes se poderá estabelecer uma qua-

[a] *Opinion Nutionale* de 24 Fevereiro, 10 Março, 12 Março; *Bombay Gazette* 26 Maio; *Times of India, Overland Summary* 13—28 Março 1866, *Gazetta de Portugal*, 13 Abril.

rentena, que offereça assaz segurança contra a invasão da cholera, e que de mais a mais o flagello reinaria permanentemente nestas agglomerações de individuos lançados a esmo nos lazaretos, e rebeldes por sua natureza a todas as providencias de hygiene e salubridade. Os delegados de Inglaterra abstiveram-se de tomar parte nestes debates, e não se mostraram inclinados nem para uma nem para outra parte, indicando que persistião na sua primeira opinião de que aquellas providencias só serião necessarias, se se provasse que a cholera he contagiosa. Finalmente depois de ser a materia discutida em muitas sessões, foram votadas e approvadas as propostas Francezas; mas na occasião da votação o presidente do congresso Salit Effendi declarou que o Governo turco estava resoluto a não dar á execução aquellas providencias, porque tendendo ellas a impedir o regresso dos peregrinos pela via de mar, offereciam grandes difficuldades na pratica; e que por tanto era inutil votar. Esta declaração promoveo um murmurio geral na assemblea. M. Lallemand levantou-se, e disse que o congresso não era poder executivo, que o seu mandato era propor as providencias urgentes, e que o havia de cumprir. Convidou os seus collegas a votar não obstante a duvida proposta pelo presidente, e assim se fez, ao mesmo tempo que Salit Effendi retirara a mesma proposta. He porem certo que a Porta hade achar graves difficuldades em obrigar mais de cem mil peregrinos a tomarem todos o caminho de terra, principalmente na falta de meios de transporte sufficientes, atravez dos desertos. E já he notorio que ha entre elles grande descontentamento só por saberem que se reune em Constantinopla um congresso de forasteiros para pôr obstaculos á peregrinação ás cidades santas. Em outra sessão posterior o congresso declarou estar persuadido que a cholera nunca fora gerada nem no Hedjaz, nem em qualquer outro paiz, salvo na Peninsula Indiana, aonde a enfermidade he constante e endemica; que a sua importação nas cidades santas se entende ser exclusivamente devida aos peregrinos indianos, que vão em navios de vela, por quanto nos vapores bem ventilados e limpos nem um só exemplo da epidemia se ha manifestado. Por esse motivo o congresso resolveo recommendar uma rigorosa quarentena a todos os navios, que chegarem da India aos portos do Mar Vermelho ou do Golfo Persico. Nota-se porem que a imposição de quarentena a navios, que chegam de portos não declarados infectados, involve um novo principio; e não constam ainda os argumentos em que foi fundado.

Os delegados do Governo Portuguez são os senhores Doutor Bernardino Antonio Gomes, e Eduardo Pinto Soveral; ambos foram mui bem recebidos pelo Governo Turco, e pelo corpo diplomatico. O Sr. Soveral, delegado diplomatico, já conseguio que os nossos vinhos fossem igualados nos direitos de entrada na Turquia aos vinhos francezes e italianos; e o Sr. Doutor Gomes, delegado medico, publicou para informação do congresso, na lingua franceza, um escripto com o titulo de *Aperçu historique sur les epidemies de cholera-morbus et de fievre jaune en Portugal dans les années de* 1833 — 1865; sem duvida a primeira obra de auctor portuguez que he impressa em Constantinopla.

O Governo Inglez da sua parte pedio para a India memorias sobre as epidemias de cholera. para serem igualmente presentes ao congresso de Constantinopla. Em outro N.º daremos conhecimento aos nossos leitores do excellente relatorio que o Presi-

dente da. commissão sanitaria de Bombaim, o Doutor Leith, enviou para aquelle effeito.

J. H. da Cunha Rivara.

LARYNGOSCOPO.

O *Laryngoscopo.* — he um instrumento inventado por Cagniard de la Tour, aperfeiçoado por Garcia, por Zermark, e ultimamente levado a maior perfeição pelo doutor Eduard Fourniè.

Este instrumento he destinado a projectar a luz do sol ou d'uma lampada no interior dos tubos respiratorios, e obter, por meio d'um pequeno espelho collocado no fundo da garganta, a imagem das partes esclarecidas.

He obvio que, por meio de *laryngoscopo*, o diagnostico das molestias da laringe he hoje quasi certo.—Mas o emprego deste instrumento exige muita habilidade, e he a esta habilidade, fruto d uma longa experiencia, que M. Fourniè deve a reputação que tem adquirido no tratamento das affecções das vias respiratorias.

Com quanto seja de grande importancia, não he, comtudo, esta a unica applicação que se faz do *laryngoscopo.*

Em todas as epocas, homens competentes teem querido indagar, mas até hoje sem um resultado satisfatorio das suas indagações, como he que a voz humana se produz, e quaes são as relações que existem entre a palavra e o pensamento, relações que não podem ser contestadas, porisso que he fóra de toda a duvida que a voz exprime certos estados da alma, como a alegria, a tristeza, espanto, e terror; em todas as linguas ha sons, e inflexões, que correspondem a estes diversos estados.

O mecanismo da voz, apezar destes exforços, não tem tido uma explicação, que tenha as garantias que deve apresentar toda a verdade scientifica.—Mas hoje M. Fournié, servindo-se do *laryngoscopo*, conseguiu, examinando as gargantas de alguns cantores illustres, como M.me Milan, Carvalho, M.me Dubois, M.me Nidá hon, Faure, etc. surprehender a natureza sobre este facto, e nos uma explicação verdadeira deste phenomeno, que tem uma immediata ligação com os pontos os mais delicados da anatomia e physiologia.

A explicação he a seguinte:

A larynge contem no seu interior duas fitas (*deux rubans*) que representam, durante a emissão da voz, os dous labios da bocca applicada sobre a embocadura d'um instrumento. O ar, sahindo dos pulmões, affasta ligeiramente estas duas fitas vocaes, determina pela sua fricção sobre as suas bordas um movimento vibratorio, e a emissão da voz resulta desta vibração.

Nova Goa, 15 de Maio de 1866.

J de Mello.

VARIEDADES

Naufragio.

O vapor mercante inglez *Maharajah*, havia saido de Goa para Bombaim no dia 30 de Abril, levando a bordo o Sr. Miguel Barbosa da Costa 2.° pharmaceutico do quadro de saude militar d'este Estado, que ia destacado para Diu, e o 2.° pharmaceutico o Sr. Francisco Lourenço da Silva, que estava destacado em Damão, donde tinha vindo a Goa com licença, e recolhia para o seu destino no mesmo vapor: succedeu que este naufragou no dia 1.° de Maio, na Costa de *Geleapur*, perden-

do-se não só o vapor, como tambem toda a carga e secenta e tantos dos passageiros que levava a bordo. Felismente no numero dos que se salvaram, contaram-se estes nossos dois collegas, que muito concorreram e trabalharam para salvar muitos dos seus companheiros de infortunio, formando, segundo se diz, com o auxilio d'um soldado portuguez que ia para Diu, uma jangada com as portas dos camarotes e outros objectos que encontraram, na qual se lançou ao mar o Sr. Silva, e conseguio chegar a terra, donde voltou logo em auxilio dos seus companheiros, que se conservavam a bordo esperando a todos os momentos serem victimas das ondas, e voltou acompanhado das tonas (pequenas embarcações] que encontrou na praia, as quaes começaram a receber os passageiros. N'esta occasião foi que se perderam muitas vidas, por que querendo todos salvarem-se ao mesmo tempo, arremessaram-se em confusão sobre as tonas, que com o peso desequilibrado e com as ondas do mar, que estava muito agitado, se voltaram, submergindo-se os passageiros que estavam dentro.

O Sr. Barbosa da Costa perdeu toda a sua bagagem; chegou a terra só com a camisa e seroulas que levava vestidas.

O Sr. Silva ainda poude salvar um bahu, que o mar arremessou á praia depois de aberto o vapor: ficou porém, com o corpo, e sobre tudo um braço, muito molestado.

Todos os passageiros do vapor confessam e reconhecem os importantes serviços prestados por estes nossos dois collegas, com especialidade o Sr. Silva que tão corajosamente arriscou a sua vida, para salvar as dos seus companheiros.

E' de esperar que o Governador d'este Estado, o Exm.º Sr. Conselheiro José Ferreira Pestana, informado como deve ter sido pelos proprios naufragos do vapor, alguns officiaes portuguezes que iam destacados para as praças de Damão e Diu, e que regressaram a Goa depois do naufragio, leve este facto ao conhecimento de Sua Magestade, que não deixará de premiar um procedimento tam heroico e nobre, como o que tiveram aquelles nossos dois patricios e collegas, procedimento, que foi admirado e elogiado por nacionaes e estrangeiros.

A. Gomes Roberto.

Transcrevemos do Jornal" *A India Portugueza*", n.º 284 de 6 do corrente, a noticia que deu á cerca do naufragio, e da maneira honrosa como se portou o Sr. Francisco Lourenço da Silva. Eis a noticia:

Merece Louvores. — Uma carta de Damão recebida por um cavalheiro que nos merece muita consideração contem o seguinte noticiario:

« O Silva [Pharmaceutico) prestou realmente serviços relevantes, por occasião do naufragio. Deve-se á sua actividade, energia e decidida coragem o não termos a lamentar a perda de muitos, ou talvez de todas as vidas, que as vagas ameaçavam de submergir — No meio daquella horrorosa confusão, o panico apoderou-se de todos. Viam a catastrophe imminente, e não ousavam, nem sabiam escapar lhe. Só o Silva conservou a presença de espirito, deu as providencias de salvação para os seus companheiros e trabalhou, empregando forças quasi sobre naturaes, rodeado dos gritos de afflicção e da consternação e falta de animo geral! Ficou, e ainda está bastante maltratado. Mas a providencia parece ter querido de algum modo recompensar a sua coragem e abnegação: foi

de todos os passageiros o que soffreu menos perdas, e estas de pequeno valor.

O Patriota.

Recebemos os n.os 1-6- e 7 deste jornal, que se publica em Bombaim.

Agradecemos á Redacção, a remessa do seu interessante jornal.

Fossil.

Acabam de descobrir-se em Nelson, na Nova-Zelandia, os restos fosseis de uma ave gigantesca, que não deveria medir menos de 25 pés de altura (7m,60). A cabeça d'este monstruoso oviparo, que, infelizmente, está privada da sua maxilla inferior, tem 1 metro de elevação por 55 centimetros de largura. A orbita do olho mede 12 por 6 centimetros.

O corpo está completo, á excepção do pescoço. Tem o thorax extraordinariamente desenvolvido e a cauda muito extensa. As azas, bem conservadas, são largas, recurvadas e cobertas de pennas collossaes.

Ha dados para crer que esta monstruosa ave é um *épiornis*, gigantesco volatil anti-diluviano, que luctava com os crocodillos e os comia.

(O Commercio do Porto).

AVISO

Pedimos disculpa aos nossos assignantes de se ter atrasado a publicação do nosso jornal, sendo distribuido o n.º 29, de Maio, só nos fins de junho; o que foi devido ao máo estado da nossa saude, que nos obrigou a estar algum tempo fora da cidade a mudar de ares, e faser uzo de banhos.

Hospitaes militares da India Portugueza.

Mappa do movimento dos doeutes, havido nos ultimos tres annos.

Annos de	1863	1864	1865
Hospital de Nova Goa	5051	4566	3488
„ de Damão ..	274	234	266
„ de Diu.. ...	228	276	242
Total.....	5553	5076	3976

Mappa da mortalidade havida nos ultimos tres annos.

Annos de	1863	1864	1865
Hospital de Nova Goa	47	42	59
„ de Damão..	2	9	7
„ de Diu....	3	7	14
Total.	52	5[illegible]	80

A mortalidade no hospital de Goa em 1865, foi maior do que nos annos anteriores, em consequencia da cholera.

Hospitaes militares da Iudia Portugueza.

Mappa do movimento dos doentes tratados nos Hospitaes de Nova Goa, Damão, e Diu no anno de 1865.

	Designações.	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Somma	
Hospital militar de Nova Goa	Existião do mez antecedente	105	67	66	71	57	79	76	90	84	52	56	72	875	4363
	Entrarão durante o mez....	321	274	322	307	288	273	317	288	234	324	285	255	3488	
	Sahirão curados	354	266	316	317	265	272	302	292	255	315	260	269	3483	4363
	Falleceram..... ..	5	9	1	4	1	4	1	2	11	5	9	7	59	
	Ficão existindo	67	66	71	57	79	76	90	84	52	56	72	51	821	
Hospital de Damão	Existião do mez antecedente	3	5	2	1	5	4	3	1	3	5	3	,,	35	281
	Entrarão durante o mez...	26	17	17	20	26	16	26	24	14	16	17	21	246	
	Sahirão curados.....	22	20	18	22	27	16	28	22	12	16	20	17	240	281
	Falleceram.....	2	,,	,,	,,	,,	1	,,	,,	,,	2	,,	2	7	
	Ficão existindo.....	5	2	1	4	4	3	1	3	5	3	,,	2	34	
Hospital de Diu	Existião do mez antecedente	6	8	10	4	9	10	9	10	17	14	2	2	102	344
	Entrarão durante o mez...	25	30	11	18	16	23	28	39	23	5	10	14	242	
	Sahirão curados	20	27	15	14	15	22	25	32	23	15	10	12	230	344
	Falleceram.....	3	1	1	,,	,,	2	2	,,	3	2	,,	,,	14	
	Ficão existindo	8	10	5	8	10	9	10	17	14	2	2	4	100	

Falleceram no Hospital Millitar de Goa ..... :59
O numero dos fallecidos está para o dos curados..... : : 1:59
Falleceram no de Damão..... 7
O numero dos fallecidos está para o dos curados..... : : 1:34
Falleceram no Hospital de Diu 14
O numero dos fallecidos está para o dos curados..... : : 1:16

ARCHIVO DE PHARMACIA

E

SCIENCIAS ACCESSORIAS

DA

INDIA PORTUGUEZA.

Publicado e redigido pelo Pharmaceutico — Antonio Gomes Roberto.

Numero 31 Julho de 1866 3. Anno

Productos Vegetaes do Canará do Norte.

(Continuação do n.º antecedente.)

FIBRAS.

Poucos paizes podem rivalisar com a India na riqueza, variedade, e qualidade de suas producções fibrosas. O não haverem estas sido mais depressa, e mais plenamente conhecidas, he devido á falta de informação da parte dos europeos, e ao desmazellado e imperfeito tratamento da parte dos naturaes, que fabricam as amostras enviadas á Europa. Estas causas de atrazo do desenvolvimento dos productos fibrosos da India vão rapidamente desaparecendo. Varios e recentes successos tem virado a attenção dos manufactores europeos para os recursos de nosso imperio oriental, ao mesmo tempo que os firmes progressos da experiencia, da parte dos manufactores indigenas, os tem impellido a adoptar mais perfeitos engenhos mechanicos para a preparação das fibras valiosas.

Em nenhuma parte da India se produzem fibras mais valiosas, e mais variadas, que no Canará do Norte, onde na verdade se dão as mais importantes fibras conhecidas nas fabricas, ou seja da Europa, ou da terra. Todavia muito he ainda mister fazer para as desenvolver até uma util extensão. O primeiro passo que se requer, he o conhecimento do seu valor pelos manufactores, e o segundo introduzir no uso o machinismo proprio para a preparação dos productos fibrosos reconhecidos e valiosos.

Entre as plantas do Canará do Norte que dão fibras, podemos enumerar o Algodão, Linho canhamo, Linho commum, Coqueiro, Piteira, Ananaz, Yercum ou herva amarella gigantesca, Cajuri, Bananeira, Pepino, Arvore de gralha, Bambú, Acacia, Herva Cus-cus, Ateira, Cardo Mexicano, e muitas outras plantas e arvores, que dão fibras proprias para a fabricação de pannos, cordoalha, e papel. Passemos a considerar em particular as condições, em que cada uma dellas se cria.

Algodão (*Gossypium indicum, seu herbaceum*, e outras variedades)

Em inglez —— *Indian cotton plant.*
hindustani —— *Cappas ke jand*
tamil —— *Parootie*
telegú —— *Puttie*
canará —— *Huthe ghudda*
concani —— *Capsachem zad.*

A planta do algodão he ainda cultivada em mui limitada extensão, posto que com bom resultado, no districto do Canará do Norte, aonde todavia a experiencia tem mostrado que assim o solo como o clima são apropriados a cria-la extensamente.

Nestes ultimos tempos tem sido

escriptos tantos excellentes manuaes sobre a cultura desta planta, que não he necessario entrar aqui na explicação das condições da sua criação, mais do que asseverar que posto que ella em geral se conheça que medra melhor no terreno negro, que he o que verdadeiramente lhe convem, tambem se dá bem n'um terreno mixto de negro e vermelho, ou ainda no que seja puramente vermelho. Para o seu desenvolvimento he mister um certo gráo de humidade; e as variedades Americana, Mexicana, e do Mar do Sul, que todas medram bem no solo e clima da India, dão uma fibra mais fina que a planta que communmente se acha na India. Só a experiencia poderá determinar qual variedade será mais proveitosa em cada sitio particular. O melhor tempo para a sementeira he antes do inverno, mas pode fazer-se até setembro ou outubro, se houver agua para rega artificial, de que então provavelmente hade carecer.

Grande extensão de bom terreno preto proprio para algodão existe no concelho [*taluq*) de Supem, junto ao Kala Naddee, e tambem nos concelhos de Yellapur e Sircey, e em pequenos pedaços de terra em outros concelhos. Muitos milhares de acres da 2.ª e 3.ª sorte se podem achar nos concelhos de cima dos Gates. Todavia ha pouca probabilidade de se haver de cultivar o algodão em larga escala no districto, a não ser que empresas e capital europeo venham em auxilio dos cultivadores naturaes, que são em regra adversos áquellas culturas, de cujos lucros certos não tem ainda tido experiencia. Uma casa de commercio, que segurasse um certo lucro sobre a colheita, faria mais para o desenvolvimento da cultura desta fibra no Canará do Norte, do que outro qualquer plano, salvo o de adiantar effectivamente o valor, em que fosse estimada a seara.

Os terrenos de algodão no Canará do Norte terão a grande vantagem de estar proximos aos portos de embarque, aonde muito daquelle genero pode ser transportado por agua pelo Kala Naddee.

He impossivel avaliar com algum gráo de certesa o custo da cultura do algodão no districto, porque isso depende em grande parte da escolha do sitio, e do preço da mão d'obra; todavia não ha rasão para crer que o custo fique mais subido que o que regula no visinho districto de Dharwar.

Linho [*Linum usitatissimum*)

O modo e extensão da cultura do linho já foi descripto quando se tratou dos oleos. Ahi se disse que esta planta se cria no Canará do Norte como em outras muitas partes da India, mais por amor da semente do que da fibra, á producção da qual se dá pouca attenção. Isto procede principalmente da timidez dos cultivadores, que semeam nachinim, mostarda etc. com o linho, para que, se este falhar, tenham ao menos uma soffrivel colheita de um genero, com que estam familiarisados. E ainda que esta mistura não causa muito dano á linhaça, todavia embarga completamente o conveniente desenvolvimento da fibra. Outra razão allegada para este systema he que o linho cança muito a terra; mas este inconveniente teria bom remedio alternando a sementeira, e adubando devidamente o terreno. O unico modo de ter boas searas, quer no que toca á semente quer á fibra, he semear o linho *só*, e em terreno competentemente aparelhado.

As plantas devem ser arrancadas pela raiz antes de chegar á completa madureza, e separando-lhe no dia seguinte as sementes, lança-las de

môlho por espaço de dous a seis dias. Depois tiram-se da agua com todo o cuidado, e poem-se em logar declive a escorrer; e estando bem seccas ficam prestes para se sedar, e vender ao commercio. A operação de sedar porém deve ser feita com maquinismo europeu, para não somente se aproveitar melhor a materia, mas para ficar de qualidade mui superior áquella que he preparada ao modo tosco usado na India.

Assim creado, e assim tratado o linho da India será igual ao de qualquer outro paiz do mundo, e redundará em lucro da Gram Bretanha o tirar de suas possessões da India o supprimento de todas as materias primas fibrosas de que carece, e ainda em parte das manufacturadas; por que poderão em beneficio commum ser levadas aos mercados a preço muito mais diminuto do que as de outro qualquer paiz.

CANHAMO (*Cannabis sativa.*)

Em inglez——— *Hemp-plant.*
hindustani —— *Ganjha*
tamil——— *Ganjha*
telegú ——— *Ganjha chetee*
canará ——— *Banji*
concani —— *Baung*

Em Onor, e outros concelhos o canhamo he cultivado em mui limitada escala, e mais por amor do seu producto narcotico (*bangue*) do que pela fibra, que todavia he de boa qualidade. Como acontece com o linho, o canhamo he geralmente semeado no districto com o nachinim, mas obter-se-hia fibra de superior qualidade, se o canhamo fosse mais frequentemente semeado só, e em um bom e rico terreno. Sendo semeada basta, dá esta planta fibras mais compridas e mais flexives. O terreno deve ser bem preparado, e a semente abundantemente lançada á terra ao tempo em que vão começar as chuvas. A colheita he em outubro, e as plantas devem estar em secco por uns poucos de dias antes de ser lançadas de molho. O modo porque os naturaes preparam a fibra, faz com que esta seja de qualidade mui inferior á que for preparada com maquinismo europeo, que se deve introduzir em toda a parte, onde se quiser obter boa fibra. Não parece fazer muito ao caso que a planta seja criada acima ou abaixo dos Gates, com tanto que se crie na estação das chuvas.

O canhamo poderia ser cultivado e preparado no Canará do Norte com grande lucro para o cultivador, na razão de 60 ou 70 rupias por tonellada quando muito, e transportado a Inglaterra valer 40 libras por tonellada. A exportação do canhamo da India para Inglaterra vai rapidamenmente augmentando. Tem sido abundantemente provado que a fibra indiana, se for convenientemente preparada, e destramente manipulada com maquinismo proprio, pode ser obrada em cordoalha etc. que exceda em rijeza e durabilidade a que he fabricada com fibra da Europa. Se aqui na India se estabelecessem fabricas aparelhadas com bom maquinismo, e tendo alguns europeos destros para instruir e superintender os operarios naturaes, as obras de canhamo poderiam sair iguaes ás das fabricas da Europa, e quasi por metade do custo. O lucro da caza da India (*Indian house*) seria portanto muito maior do que o que tira pela exportação na materia bruta.

Muito boas terras de canhamo estam ainda desaproveitadas no districto.

COQUEIRO (*Cocos nucifera*)

Do coqueiro já se tratou, no que toca a sua criação e extensão da sua cultura, no capitulo dos oleos. O *Cairo*, tão apreciado por toda a India

para a fabricação de cordas etc. he composto das fibras do côco, que formam o mesocarpo do fructo, e envolvem a noz. A materia fibrosa he facilmente separada da casca dura da noz fendendo-a n'uma das extremidades por meio de um forte cutello afiado, e depois abrindo-as em duas partes. As fibras são ordinariamente maceradas por uns poucos de mezes em agua salobra; e todavia este processo está longe de ser tão proveitoso como de antes se suppunha, produz um cairo muito mais aspero e secco do que o que se obtem batendo, e lavando simplesmente as fibras depois de haverem estado de molho por poucos dias, para facilitar a separação dellas. O cairo produzido no Canará do Norte he de superior qualidade, e seria ainda melhor, se fosse adoptado para separar e limpar as fibras o modo que ultimamente apontámos, em logar do primeiro, que he o que commumente se usa.

Os usos do cairo são numerosos, e vão-se multiplicando. Emprega-se em estofar camas, cadeiras, sellas etc. em fabricar as mais fortes e elasticas cordas, superiores a todas para cabos de navios; e em brossas, mantas, chapeos, bonés etc. He susceptivel de ser tinto de varias e bonitas cores, e he agora usado em grande escala para esteiras das igrejas, e outros edeficios publicos.

Cada coqueiro produz pouco mais ou menos 5 *mãos* de cairo por anno, que no districto vale a 12 *annás* por *mão* de 28 libras.

PITEIRA BASTARDA, OU AMERICANA (*Agave vivipara, seu aloë americana*)(a)

Em inglez——— *American aloe*, ou *Bastard aloe.*
hindustani——— *Rakus*
tamil ——— *Anai kattalay*
telegú——— *Saji mutta*
canará .——— *Bhootanas*

Esta planta ainda que não indigena da India, cria-se extensamente, e medra bem no Canará do Norte, especialmente á beira-mar. As fibras comtudo são raras vezes manufacturadas no districto, ao que parece, por falta de conhecimento de seu valor commercial. As fibras desta piteira são de mui superior qualidade, em quanto á sua força, sendo nisso superiores ao canhamo da Russia. Todavia são em geral susceptiveis de apodrecer, o que procede do modo porque são preparadas, isto he, pela maceração muito prolongada. Esta tendencia pode-se evitar, batendo simplesmente as folhas frescas com um pezado masso, ou melhor ainda, cumprimindo-as entre cylindros, e lavando depois as fibras, e assim ficarão superiores aos melhores canhamos para fabricação de cordoalha. Se as fibras desta piteira fossem preparadas e fabricadas em cordoalha por maquinismo proprio, achariam facil e lucrativo mercado em toda a Europa. Tambem se podem applicar a pannos, a papel etc.

Esta piteira podia crear-se mui abundantemente no Canará do Norte nos sitios arenosos, e em outros, que não prestam para a cultura de outras muitas plantas. As fibras podem ser colhidas e preparadas no districto ao preço de 45 rupias por cada 100 libras.

PITEIRA DA INDIA (*Aloe indica*)

Em inglez ——— *Indian Aloe*
hindustani ——— *Gheekomar*
tamil——— *Kuttalay*
telegú ——— *Kalabunda*
concani ——— *Thantyour*

A Piteira da India he como a Americana commum no Canará do Nor-

(a) O Major Heber Drury na sua obra— *Useful plants of India*— Madras, 1858; considera como duas diversas especies a *Agave Americana*, e a *A. Vivipara.*
(Nota do traductor.)

te, criando-se espontanea em algumas partes, e em outras cultivada para sebes dos campos e fazendas. As folhas, tambem como as da americana, são succulentas, contendo em abundancia um succo crasso e viscoso, que se permanecer apegado ás fibras, tende a promover-lhe a sua deterioração. O unico modo de atalhar este inconveniente he expremendo-o, e para isso bate-se a folha com um pesado masso, ou se aperta entre cylindros, como acima se recommendou quanto á piteira americana, A piteira da India produz fibras procuradas no commercio, um pouco semelhantes ás da piteira americana, pouco, ou nada inferiores a ellas, e applicadas aos mesmos usos. O preço he tambem o mesmo.

(Continúa)

PHARMACIA

Esparadrapo de glycerina,

Gomma arabica	100	grammas
Agua distillada.....	100	„
Glycerina	40	„

Dissolve-se a gomma na agua distillada, junta-se-lhe a glicerina, mixtura-se perfeitamente, e se estende sobre panno por meio d'um pincel, dando mais ou menos camadas conforme se quer um esparadrapo mais ou menos grosso.

Esta mesma mixtura pode servir para preparar o tafetá inglez juntando-lhe algumas gottas de balsamo do Perú.

Humedece-se ligeiramente quando se quer applicar, para ficar sufficientemente pegajoso.

Pomada mercurial (Savigliano),

Banha rançosa	5	grammas
Mercurio	500	„
Banha fresca.....	500	„

Extingue-se por trituração 1|3 do mercurio na banha rançosa, junta-se depois outro terço de mercurio e cinco grammas de banha fresca, triturando de novo até que este segundo terço de mercurio esteja extincto: addiciona-se o ultimo terço com outras cinco grammas de gordura fresca, tritura-se sem cessar até á completa extincção dos globulos de mercurio, e se junta em seguida por pequenas porções o restante da gordura.

Por este modo obtem-se em menos de duas horas o unguento mercurial de tal maneira bem preparado que os globulos de mercurio não se podem ver nem mesmo a favor de uma lente acromatica.

Clyster do dr. Cailard contra a diarrhea cholerica

Sulphato de soda.....	19	partes
Chlorureto de sodio.....	1	„
Agua—q. b.		

Este clyster suspende a diarrea d'uma maneira espantosa. Pode assegurar-se este facto porque mesmo antes de conhecida esta formula especial, era applicado com muita vantagem o sal commum, umas vezes só, outras vezes com o sulphato de magnesia ou outro qualquer sal calmante.

Injecção Brou.

Pelos resultados de uma rigorosa analyse, a que foi submettido o preparado, que nos é fornecido pelo commercio debaixo deste nome, conheceu o sr. José Canudas y Salada, que a formula desta injecção è a seguinte:

Acido plumbico, ou oxydo de chumbo côr de pulga	12	grammas
Agua distillada	300	„

Dilua-se perfeitamente o oxydo na

agua distillada por trituração, colloque-se em uma garrafa de capacidade conveniente, e guarde-se para a usar quando se quizer, não esquecendo primeiramente agital-a mui bem.

Mixtura narcotica, para uso externo.

Extracto d'opio	1	gramma
Extracto de belladona..	4	„
Hydrolato de loureiro-cerejo....	40	„
Agua commum..	60	„

Mistura narcotica com glycerina

Extracto d'opio..	1	gramma
Extracto de belladona.	4	„
Glycerina.....	60	„

Molha-se um pincel de fios nesta solução, corre-se repetidas vezes sobre as partes affectadas de rheumatismo ou de nevralgia, e cobre-se com uma cobertura d'algodão ou um chumaço de flanella.

Oleo camphorado terebentinado

Essencia de terebentina....	1	parte
Oleo camphorado.....	3	„

(*Jornal de Phar. e Sc. Acc. de Lisboa*)

Xaropes:

Sua preparação por meio dos extractos.

Alguns auctores recommendam, na preparação de varios xarópes. solver os extractos em agua, e fazer a juncção do soluto ao xarope simples, fervendo; é porèm, manifesta a inconveniencia que a respeito d'alguns extractos offerece esse modo de preparar os xaropes

Temos os extractos de ratanhia, de noz vomica, e outros mais, que não se solvem completamente na agua, sendo a parte insoluvel subtrahida, por conseguinte, ao xarope.

Evita-se, porém, esse mal, solvendo os extractos em alcool fraco, o que é quasi conforme á opinião do sr. *Gairand*, pharmaceutico. Serve-se elle, em vez de d'alcool fraco, de agua, sendo a solução, como se sabe incompleta; mas depois junta ao soluto alcool forte, por pequenas porções, que vai servir de complemento á solução, e isso se reconhece pela transparencia que o liquido adquire.

Depois de se opperar de qualquer dos modos, filtra-se o liquido, e junta-se ao xarope fervendo; o alcool pela ebullição evapora-se, e todo o extracto que entrou na sua preparação, fica assim perfeitamente solvido no xarope.

(J. *P. Almeida Brandão*).

(*Revista de Pharm. e Sc. Acc. do Porto*)

FEBRES

Transcrevemos *da Revista Medica Portugueza*, n.º 2 (ter) de 30 de Janeiro do corrente anno, um excellente artigo sobre a *febre continua ardente dos tropicos*, escripto pelo digno professor d'esta Eschola o sr. João Stuart da Fonseca Torrie. He este artigo precedido na *Revista* do seguinte preambulo:

Trabalhos Originaes. — Ao publicar o seguinte escripto do sr. Prof. Torrié a redacção da *Revista Medica* não póde omittir um agradecimento a tão instruido escriptor não só por este trabalho, mas pelo seu espontaneo offerecimento para correspondente da *Revista* em Nova Goa, o que a redacção acceita com satisfação e certeza da grande vantagem que d'ahi virá para esta publicação e seus leitores. — A Redacção.

Eis o artigo:

I
Causo tropical

Estudo de pathologia dos climas quentes dedicado ao meu amigo o sr, dr, Francisco Frederico Hoppfer.

Synonimos.—Febre continua da estação quente e sêcca de Bengalla [1].—Febre ardente continua da estação quente (2) – Febre continua do Carnatico (3).—Sun fever [4].—Febre continua ardente [5]

A meu ver é esta pyrexia o *kausos* dos antigos, tal como se encontra nos escriptos de Hippocrates (6), de Areto [1] e de Galeno (2); com as modificações que o clima lhe imprime.

E' bem verdade que o sr. Buchut quer que a doença antiga seja apenas uma forma da febre typhoide [3]; mas como a tal asserção faltam as provas, pouco pendor fará contra nós.

Tambem ha quem não creia na calentura (4), e todavia a sua existencia é de uma realidade assustadora.

Não discutirei a identidade do *kausos* e febre biliosa dos climas quentes [5], pela obscuridade em que se acha envolvida esta febre (6).

Nem deve maravilhar o silencio dos principaes escriptores da Europa no que toca a tão importante pyrexia; pois que « não a conhece quem a não observa nos tropicos [7]. »

O que se não explica é a omissão nas pathologias equatoriaes: não só em nenhuma se faz o parallelo com a doença antiga, mas até poucos a delimitam bem.

Twining muitas vezes a confunde com a continua simples, como attestam os casos 151, 152, 153 e sobre tudo o 154 (8); no mesmo erro cáe Annesley (9).

Martin nem sempre a distingue da calentura (10), e Geddes até nega a distincção (11).

Kill (12) e Lowe (13) agrupam-na entre as periodicas, e o mesmo faz o sr. Littré (14).

O nosso intento ao delinear esta pyrexia é fazer sobresair os seus titulos de legitimidade, como entidade nosologica, e recommenda-la como assumpto de estudo importante, por seu respeitavel aspecto, e antiga linhagem.

O parallelo não o desenvolvo quanto desejava; faltam-me os indispensaveis escriptos dos hellenistas modernos, e os meus limitados progressos na lingua grega não me consentem arrojos d'esta ordem.

Symptomas

Ha n'esta febre dois periodos perfeitamente distinctos: o *primeiro ou hypersthenico*, e o *segundo ou adynamico* (15).

Quasi nunca se dá periodo prodromico n'esta doença, e a invasão faz-se sem sensação de frio como já notára Aetio (1) e

---

1 Twining—*Clinical illustrations* — of Bengal, 2.ª ed. pag. 235, tom. 2.º

2 J. & Martin. *The influence of tropical climates*, 1856, pag. 204.

3 Annesley. *Sketches of the diseases of India*. pag. 264,

4 Ranald Martin. *Lancet*, 1.º de Janeiro de 1859.

5 Morchead. *Clinical researches ou diseases of India*. 2.ª ed. pag. 164.

6 Hippocrates. *Lib. de acutorum morborum victu*.

1 Areteus. *De caus. et sign. acutorum morborum*, lib, II, cap. 4.

2 Galenus. *Comment*. I, vid. in lib. Hipp de acut. morb. victu.

3 Buchut. *Pathologie générale*, pag. 478.

4 Fonssagrives. *Hygiene naval*, pag. 287; e Leroy de Mericourt.—*Archives Générales de Medicine*, agosto de 1857.

5 Grisolle. *Pathologie interne*. tom. I pag. 72, 8.ª ed.

6 Racle e Lorain nas addições á 4.ª ed. da *Pathologie interne de Valleix*, tom. I pag. 251.

7 Crawford. *On insolation. Madras, Quarterly journal*, n.º 2, pag. 317.

8 Twining. *Log. cit.* pag. 247-57.

9 Annesley. *Log. cit* pag. 261.

10 Ranald Martin. *Log. cit.*

11 Geddes. *Clinical illustrations of the diseases of India*, pag. 201—7.

12 Kill. *Indian annalls of medical science*, tom. III, pag. 188.

13 Lowe. *History of the Madras suppers*. Mad. quar. journ. n.º 3, pag. 136.

14 Littre. *Reqertoire générale des sciences medicales*, 2.ª ed. artg. fiévre.

15 Faço esta distincção que se não encontra nos auctores, por me parecer que assim lucra a nosographia e therapeutica.

1 Aetius. *Tetr* ·II, *term*· I, cap. 77.

e observa nos 789 casos do dr. Arnott (2).

O atacado sente a face incendida, a temperatura augmentada, falla imperativa e apressadamente, diz-se excitado, e mui sensivel á luz e som.

Examinado, apresenta a face corada, a expressão animada, olhos brilhantes, aridez e calor intenso da pelle.

O pulso cheio, forte e frequente.

A respiração normal, ou oppressa e frequente.

Perguntado o doente, accusa intensa cephalalgia frontal, dores geraes (3), insomnia, intolerancia tal de luz que o obriga a ter continuamente cerradas as palpebras, raras vezes pezo de cabeça.

Tem séde insuportavel, e appetite nullo.

A lingua sêca, aspera e amarella, escurece no segundo periodo (4), como bem distinguiu Hippocrates (5): citam-se factos em que n'este periodo a lingua estava rubra (6).

Nauseas, vomitos e dejecções biliosas, acompanhadas de anciedade precordial e mordicações de ventre; taes são os phenomenos mais frequntes n'este apparelho; ha casos em que as materias evacuadas são negras (7); e outros em que em vez de evacuações ha perfeito socego, e constipação rebelde.

Diz Lomnio que a anciedade precordial e as mordicações começam com as nauseas e evacuações (8). reflexão que me parece muito acertada porque nos casos em que estas faltam, não vejo mencionados taes symptomas (9).

As ourinas são poucas e mui córadas.

Ao passo que cresce o mal, o calor abraza o doente consumindo-o a sede, sobrevem o delirio e o doente desacordado, parece apenas viver para calmar a sêde com tudo o que apanha e leva á bóca (10).

As vinte e quatro horas (11), ou ás sessenta (12), a doença entra no periodo adynamico.

O doente já não tem sêde, arrefeceu a pelle, o pulso amollece, retarda-se, e a prostração é tal que poucos escapam.

N'este periodo amarellece ás vezes a pelle (13).

A passibilidade dos orgãos explica as congestões importantes, que empeioram a já desesperada situação do paciente.

A lingua como já dissémos enegrece; e pouco a pouco ou a vida se extingue pela crescente adynamia, ou pelas perturbações devidas ás congestões; podendo haver, sobresaltos tendinosos, soluços, vomitos, coma, etc.

Complicações

As hyperemias gastro-intestinal, a hepatica, a encephalica e mesmo a pulmonar, são as complicações as mais communs observação que não parece ter escapado a Galeno, o qual relatando a séde da doença ao figado como mais frequente (1), não exclue o estomago e mesmo o pulmão de sédes possiveis (2).

Quasi nunca se dão estas complicações no começo da doença, a sua apparição faz-se quasi sempre no fim do primeiro periodo ou no segundo; quando porém se derem, os phenomenos proprios d'estes estados morbidos, devem juntar-se ao quadro symptomatico já exarado.

Tambem podem, estas hyperemias serem phlegmasiparas, mas a doença corre com tal rapidez; que ou o doente está salvo, ou morto, e a inflammação ainda mal se desenha.

Typo

Admittiam os antigos exacerbações n'esta

---

2 *Arnot Medical history of the Bombay Fusileers*, pag. 34.

3 Annesley. *Log. cit.* pag. 264, 1853.

4 Stovell. *Annual report of the europeangeneral hospital e Annesley. Log. cit.* prg. 266. 1853.

5 Hippocrates. *Lib. de diebus judicatorus*, cap. 5.

6 Mloore. *Diseases of India*, pag. 100.

7 Moreehead. *Log. cit.* pag. 99 1 e Lomnius. *Med.* obs lih. I.

8 Lomnius. *Log. cit.*

9 Gorringe. *Annual report for* 1869. *Transactions of the Medical and Physical society of Bombay*, tom. VII, 1862, pag. 124.

10 Areteus. *Log. eit.*

11 Morehead. *Log. cit.* pag. 165.

12 Moore. *Log. cit.* pag. 100.

13 Hippocrates. *Lib de judical*, e Morehead. *Log. cit.* pag. 165.

1 Galenus. *Introdnctio seu Medicus*, cap. 13.

2 Galenus. IV, art. 4.°, in lib. Hipp. de *acut. morb. vietu*.

febre (3], razão me parece que levou o sr. Littré a considera-la remittente.

Kill e Low dizem ter observado periodo, e o sr. Ranald Martin escreve que « sendo ordinariamente continua, ás vezes é remittente [4). »

A opinião dos ultimos observadores é contraria á periodicidade e a favor da continuidade, assim pensam os srs. Day (5), Morehead (6) Crauford (7] e Moore (8].

A mim tambem me parece ser uma pyrexia continua; observei é verdade exacerbações, mas davam-se estas quando a temperatura do ambiente se elevava ou a doença crescia em intensidade; as remissões não se deram senão pelo tratamento o mais energico, e os anti-periodicos nunca aproveitaram.

Como illustração vão os seguintes casos:

N.º 8, Benjamiu Reynolds, tem 25 annos de idade, está na India ha dois annos e oito mezes adoeceu no dia 12 de junho, entrou no hospital ás duas horas e trinta minutos da tarde.

Tem todos os symptomas de uma febre continna ardente, menos as nauseas, vomitos ou dejecções a anciedade precordial e mordicações do ventre.

Pouco depois da entrada delira.

No dia 13, ao passo que a temperatura se eleva, o doente entra no segundo periodo, em breve está insensivel e pouco depois, morto : eram tres horas da tarde[9).

Agostinho Quadrado, 34 annos de idade, sanguineo, está na India como soldado ha um anno, embriaga-se frequentemente.

Tendo saido u'uma diligencia no mez de abril, esteve exposto ao sol por muito tempo, de volta sentiu-se de repente mui esquentado e sem poder fixar a luz; recolheu doente ao hospital militar.

Observado, notam-se os symptomas febris muito intensos; na idéa porém de que seja febre periodica mando dar bebidas demulcentes ao doente, e applicar lhe panos molhados sobre a cabeça: esperando pela remissão, para recorrer ao sulphato de quinino.

Depois de poucas horas informam-me que o doente tem dores muito intensas, que vomita e dejecta frequentemente ; receito opio interna e externamente, com o que o doente parece socegar um pouco.

Em pouco tempo o doente delira, as evacuações continuam e a nada cedem.

No dia seguinte á visita encontro-o sem acordo, e apesar de todos os estimulantes os mais acticos vejo-o morrer antes do meio dia.

Diagnostico

O calor ardente, a sêde intensa, a violenta cephalalgia, o augmento de sensibilidade, a dureza, plenitude e frequencia do pulso; taes são em resumo os symtomas que dão a conhecer o causo tropical.

Distingue-se da febre continua simples pela intensidade dos phenomenos, que desde o começo existe.

Mais difficil é extrema-lo da febre remittente, e sobre tudo se o causo se complica de hyperemia gastro hepatica, e se dá em individuos sujeitos á infecção palustre; como porém nas remittentes, a remissão raras vezes deixa de se manifestar, incumbe ao clinico o observar o doente amiudadas vezes, e no caso de não se dar a remissão, instituir uma medicação complexa.

E' ainda mais frequente o confundir-se com a variedade hyperemico-encephalica da calentura; ha em ambas as doenças sêde e calor intensos, e o pulso cheio e frequente: todavia na calentura o pulso é brando, e no causo forte; no causo ha sensibilidade exagerada, cephalalgia sem peso de cabeça, na calentura, zunidos, illusões opticas, sensibilidade decrescente e peso de de cabeça.

Quando porém a doença se não observa no começo e ha hyperemia encephalica, a distincção é impossivel; felizmente as indicações são as mesmas.

Prognostico

Se o causo está no primeiro periodo e é convenientemente tratado o prognostico é favoravel.

Havendo delirio, é indicio de proximo perigo.

---

3 Aetius. *Log. cit.*

4 Martin. *The influence of tropical climates*, pag. 203.

5 Day. *On Otropical fevers. Indian annals of medical science* n.o 13.

6 Morehead. *Log. cit.* pag. 164.

7 Crawford. *Log. cil.* pag. 317.

8 Moore. *Log. cit.* pag. 100.

9 Gorringe. *Log. cit.*

Se a sêde não augmenta nem ha vomitos ou dejecções o mal é benigno.

Quando a sêde depois de ter sido muito notavel, de repente falha, o doente corre grande risco, diz o nosso Zacuto com muita razão. (1)

Entrando o causo no periodo adynamico o pronostico é pessimo: alguns doentes tenho visto n'este periodo e nenhum escapou; e isto mesmo vejo nos factos compulsados.

Necropsia

O exame do cadaver nada revela em varios casos.

As lesões quasi são nullas, e de nenhum modo em relação com as perturbações (1) n'outros.

Em geral o que se encontra é a turgencia vascular: effusões sorosas nos ventriculos cerebraes e hyperemia gastro intestinal hepatica ou pulmonar no caso de haverem as complicações ordinarias (2).

Menciona Twining echymoses e amollecimento dos tecidos intestinaes, derrames no peritoneo e amollecimento do figado e pulmão (3): não foram confirmadas estas lesões pelos seus successores, e não são muito provaveis pela pouca duração do acto phlegmasico, como já se disse.

Causas

A alta temperatura é a causa determinante d'esta febre e por isso a denominam da estação quente e sêca.

Morehead dá como causas, além da temperatura, o excessivo exercicio, a excitação mental, os excessos da mesa e a excreção defficiente (4) opinião já professada por Galeno (5).

Não me parecem estas causas mais que predisponentes, e isto pelo simples motivo de existirem todo o anno estas causas, e só haver o causo na estação quente e sêca, isto é na estação em que a mais d'estas influencias ha a temperatura elevada.

A excitação do systema nervoso que é proprio dos europeos recemchegados aos climas quentes, é grande predisposição para o causo mas não essencial como quer Morehea (6), por que em muitos dos casos do dr. Milligan os doentes ja viviam nos tropicos ha vinte annos (7).

São os indios menos sujeitos ao causo, e este favor parece originar-se na alimentação menos excitante, na maior cautella em evitar a insolação e no seu temperamento em geral lymphatico.

Em reverso quando atacados, á menor demora o doente está perdido, o periodo hypersthenico é mui breve e a adynamia avança com extrema rapidez (8).

Os velhos são tambem menos vezes atacados do que os moços, tambem n'elles a doença é mais grave [9].

Pathogenesia

Dos argumentos a favor da unidade febril nenhum colhe melhor que o derivado da acção da alta temperatura.

Hoje por exemplo, estiveram alguns individuos expostos aos raios solares, e á manhã adoecem tres, um com febre ephemera, outro de febre continua simples, e o terceiro com causo.

A explicação d'estes factos que nos tropicos são de frequente occorrencia está na combinação da causa determinante com a predisposição.

Tinhão talvez todos o mesmo temperamento e idade, mas o primeiro não se afadigou em correrias, o que fez o segundo e o terceiro, que de mais a mais era recemchegado ao paiz.

Em todos a alta temperatura produziu uma excitação, branda no primeiro, mais forte no segundo e intensissima no terceiro.

O que caracterisa o primeiro periodo é a hypersthenia directamente produzida pela alta temperatura, no segundo periodo ha

---

1 *Zacutus Lusitanus De medicorum principum historia*, 1667, tom. 2.º pag. 582.

1 Gorringe Log. 125.

2 Moore Log. cit.

3 Twining Log. cit pag. 280 e 282.

4 Morchead Log. cit. pag. 165.

5 Galenus *Com.* IV in lib. Hipp. de acut morb. sictu, art. 3.

6 Morehead Log. cit. pag. 165

7 Millan *Report on the* 63, d'Foot.

8 Twining Log cit, pag. 286-7 e Annesley Log. cit pag. 267

9 Hipocrates Leccas 1.º aph. 14, estabelece o facto.

a asthenia indirecta, o collapso que segue de perto a excitação.

Tratamento

O primeiro cuidado de quem assiste a um doente de causo, deve ser collocal-o em um quarto espaçoso, fresco e bem arejado, e quando não ha viração agitar o ar por meio de um leque. Remover todo o vestido que aqueça ou opprima, deixando-o apenas coberto com um leve tecido (1)

A indicação therapeutica fundamental é antiphlogistica.

Se em todas as pyrexias tropicaes a regra é não sangrar, no causo é o contrario: a sangria é sempre indicada, como o mais efficaz, indispensavel e o unico meio therapeutico.

A quantidade de sangue a extrahir nada a limita senão sensiveis melhoras; póde ser de dez ou de doze onças, de duas e tres libras (2)

O tartarato de potassa e antimonio administrado pela bôcca como sedante ou em clyster como aconselhado pelo professor Graves (3) é indicado logo depois da sangria.

A agua fria usada ad libitum internamente, e os banhos sedantes, são meios efficazes para combater a excessiva sêde, e a grande secura de pelle.

As hyperemias logo que assumem certa importancia combatem-se pelas depleções sanguineas locaes, empregadas até cessar a complicação.

Quando ha delirio e o doente começa a apresentar symptomas adynamicos, Twining empregáva com bons resultados as affusões frias (4) devendo sempre projectar-se a agua de bastante altura sobre o corpo do doente para obter os effeitos excitantes.

No ultimo periodo convem os estimulantes geraes, Sobre tudo o café, os preparados ammoniacaes os alcoolicos; e estes empregados com os cuidados que recommenda o dr. Murchinson quando falla do typho e febre typhoide (5). *João Stuart da Fonseca Torrie.*

---

1 Aetius Log. cit.

2 Botalus. *De euratione per sauguinis missionem.*

3 *Graves. Clincial lectures*, tom. 1o. pag. 177, 184, 197, etc.

4 Twinin. Log cit, pag. 245.

5 Murchinson. *On fevers*, a pag. 260 e seguintes.

CHOLERA MORBUS.

Os Jornaes de Bombaim dão noticia das informações officiaes sobre a cholera, que daquella Presidencia foram enviadas ao congresso medico-diplomatico de Constantinopla, e são as seguintes:

Em conformidade das instrucções recebidas do Governo da India o presidente da commissão sanitaria de Bengala escreveo ao secretario do Governo de Bombaim a 23 de janeiro (deste anno de 1866) pedindo resposta ás seguintes perguntas:

=1. Qual he o numero dos peregrinos, que annualmente vão de Bombaim a Mecca?

2. Que caminhos seguem, e quantos vão por cada caminho?

3. Quantos navios sairam desta Presidencia com peregrinos no anno de 1865?

4. Rebentou a cholera a bordo de algum desses navios? No caso affirmativo, em que extensão se manifestou, e qual era a condição dos peregrinos quando desembarcaram na Arabia?

Serão recebidas com agrado quaes quer relações ou memorias contendo informação da origem, progressos, e andamento da enfermidade nos territorios, que formam o Governo de Bombaim.=

Poucos dias depois da partida da mala de 10 de janeiro o Conde Clarendon avisou pelo telegrapho ao coronel Stauton, para este requisitar ao Governador de Bombaim que mandasse á embaixada de Sua Magestade Britanica em Constantinopla resposta ás seguintes perguntas:

1. Prevalecia a cholera em algum porto da parte occidental da India ao tempo em que della partiram os navios de peregrinos no anno passado?

2. Prevaleceo a cholera em algum desses navios durante alguma parte da viagem?

3. Desembarcou delles algum doente de cholera no fim da viagem, ou em algum porto intermedio?

Pedi ao Governador que vos envie qualquer documento, que trate destes assumptos, com a maior brevidade possivel, respondendo no entretanto a estas perguntas.

Em referencia ao sobredito telegrama o Doutor Leith dirigio ao primeiro secretario do Governo a seguinte exposição, datada de Punem a 21 de Fevereiro:

= Estou receioso que se passe consideravel tempo antes que cheguem as informações pedidas dos outros portos; e por tanto tenho a honra de submetter desde já a S. Ex.ª o Governador em conselho tudo quanto tenho podido colher acerca do porto de Bombaim, em resposta ás perguntas do telegrama.

Em quanto á 1.ª A cholera prevalecia em Bombaim ao tempo, em que daqui sairam os navios de peregrinos no anno passado.

Qanto á 2.ª Só nos portos de desembarque he que se pode obter plena informação no que toca á presença, ou ausencia da cholera nos navios durante a viagem. Do superintendente do serviço preventivo das alfendegas, que tem a seu cargo inspeccionar os navios antes da partida, tenho sabido com certeza que nenhum caso de cholera occorreu em nenhum dos navios antes de sairem do porto. Não chegou a Bombaim noticia de morte alguma durante a viagem de ida; e taes accidentes são referidos na occasião do desembarque ao official da alfandega, sendo em porto britanico, e ao official consular de S. M. B. sendo em porto estrangeiro. Só duas pequenas embarcações, conduzindo cada uma trinta passageiros, sairam de Bombaim para Juddá, uma em janeiro, outra em dezembro. Nenhuma informação se alcançou dellas quanto á viagem da ida, Quinze vapores, e navios de armação quadrada sairam para Juddá com passageiros indigenas, e a volta a Bombaim de doze destas embarcações deu occasião ao *Shipping Master* de examinar os seus assentos. Em nenhum dos dos doze navios se faz menção alguma de casos de cholera na viagem de Bombaim para Juddá. Acha-se que o vapor *Lord Clyde* saio de Bombaim com passageiros para Aden e Juddá a 4 de Fevereiro, e que depois seguio para Suez, e voltou a Juddá, aonde depois do dia 7 de Maio, o navio perdeo seis homens da equipagem, por effeito da cholera, febre, e outras causas. O vapor *Sydney* saio de Bombaim para Aden e Juddá a 16 de Fevereiro, não se faz menção de morte alguma durante a viagem, nem depois no intervallo de quasi tres mezes, quando a 14 de Maio, perdeo um homem da equipagem por effeito de cholera. As mortes procedidas de cholera nestes dous navios não podem rasoa-

velmente attribuir-se a terem levado comsigo de Bombaim a enfermidade, provavelmente foram devidas á epidemia, que então se diz prevalecer em Juddá .

Quanto á 3.ª He só nos portos de desembarque que plenas informações se podem obter quanto ao desembarque de doentes de cholera. As observações que offereci acerca da 2.ª pergunta são em parte applicaveis ao assumpto da 3.ª Tenho etc. — A. H. LEITH, Presidente da commissão sanitaria.

NB. Não chegaram ainda respostas da Sinde e de Aden.—,,

Segue-se o Relatorio grande de Dr. Leith, que será publicado em outro n.º

SERVICO DE SAUDE DO ULTRAMAR

Do *Diario de Lisboa* n.º 44 de 26 de Fevereiro do corrente anno, transcrevemos o projecto de lei apresentado na Camara dos Deputados pelo Snr. Dr. Leandro José da Costa, deputado pela Ilha de S. Thomé.

E' digno dos maiores elogios o Snr. Dr Leandro pelo interesse que tem mostrado na saude publica, não só do seu paiz, que tão acertadamente lhe confiou o honroso diploma de seu representante no Parlamento, como tambem da de todas as nossas possessões do Ultramar.

Sendo a saude publica um dos pontos para que mais deveria ter convergido a attenção dos governos, foi o que por largos annos correu em abandono.

Fiseram-se ultimamente alguns melhoramentos neste ramo de serviço, mas por deficientes não deram o resultado que se pertendia obter.

A escassêz de concorrentes aos logares de medicos e de pharmaceuticos do ultramar continúa, e continuará, ate que lhes seja diminuido o tempo para a reforma, e que os pharmaceuticos de 1.ª classe possam ter a reforma no posto immediato, com os vencimentos correspondentes.

O serviço de saude do ultramar é um dos mais arriscados e penosos. Prova-se isto com o grande numero de medicos e de pharmaceuticos despachados ha trinta annos para as nossas colonias, dos quaes poucos teem voltado á Europa.

Dos pharmaceuticos, um só conseguio vencer o tempo para a reforma; foi o Snr. José Joaquim Pinto de Oliveira. Todos os mais, ou morreram, ou abandonaram os logares, por se acharem affectados de graves enfermidades, grangeadas nos inhospitos climas d'Africa, para escaparem a uma morte certa e prematura.

Este argumento, só de por si, prova que o tempo de serviço que se exige para a reforma é excessivo.

Se quiserem recorrer a dados estatisticos, vejam o que diz Eward(1).

(1) Ewart (Statistics. of the armies in India pag. 20) Dos seos numerosos dados estatisticos chegou á conclusão seguinte: que os europeos tem desapparecido na Presidencia de Bengala em $10\frac{1}{2}$ annos; na de Bombaim em $13\frac{1}{4}$ annos; na de Madrasta em 17 annos.

Termo medio, em toda a India, 13 annos e meio.

Da classe medica o numero dos reformados não excede tambem a tres ou quatro.

O projecto de lei apresentado na Camara pelo distincto deputado o Sr. Dr. Leandro, com quanto não apresente modificação alguma no tempo de serviço, aprensenta-a todavia n'um dos pontos principaes, tal é o da reforma no posto immediato.

E' de esperar que a Camara tome o projecto na consideração que merece, e que approvando-o, mostre mais uma vez o quanto zéla, e se interessa pela saude publica dos habitantes das nossas colonias,

Mil louvores merece o digno deputado, o Sr. Dr. Leandro, que velando lá do alto da tribuna pela vida e saude dos seus constituintes, torna-se credor da gratidão e profundo respeito d'estes, por tão bem comprehender e desempenhar a honrosa missão que lhe confiaram. A classe medica e pharmaceutica, por certo, que não lhe será menos reconhecida e grata.

A. Gomes Roberto.

PROJECTO DE LEI

Senhores. — A saude publica é indubitavelmente um dos ramos da administração que reclamam a séria attenção dos poderes publicos.

Se os governos devem curar em toda a parte d'esse importante ramo da publica administração, maiormente e mais detida deve ser a sua attenção em relação à saude das nossas possessões ultramarinas, onde a vida inquestionavelmente é muito mais arriscada, porque está sujeita não só á aspereza d'aquelles inhospitos climas, como rodeada de condições deletereas, que só podem ser removidas por uma sabia, acurada e diuturna administração.

Acudir com prompto serviço de homens habilitados áquelle momentoso assumpto, deve de ser o primeiro desvelo dos governos, que sabem compenetrar-se do espinhoso officio de governar. Para isso torna-se de absoluta necessidade que haja os necessarios facultativos, cuja acquisição só póde realisar-se, proporcionado-se-lhes condignas remunerações e vantagens palpaveis, que os incitem a largar a patria, que lhes è berço, para irem prestar aos nossos irmãos de alem mar os seus serviços clinicos, mais arriscados e laboriosos que em parte alguma.

Por vezes se tem reconhecido esta necessidade, promulgando-se os decretos de 14 de setembro de 1844, 11 de dezembro de 1851, e ultimamente o de 23 de Julho de 1862.

Não obstante as salutares providencias e vantagens consignadas successivamente n'aquellas disposições a provincia de S. Thomé e Principe continúua a estar sem o necessario pessoal clinico marcado na tabella annexa ao já citado decreto de 23 de Julho de 1862.

Procurando aquelle decreto organisar convenientemente o serviço de saude no ultramar, estatuindo vantagens e recompenças aos facultativos habilitados, a fim de se preencherem as faltas que se davam nos quadros, não correspondeu na pratica aos louvaveis intuitos que determinaram a sua promulgação, pelo menos em relação á provincia de S. Thomé e Principe, e que tenho a honra de representar no parlamento.

Diz o artigo 2.º d'aquelle decreto que, no provimento dos logares dos quadros de saude das provincias ultramarinas continuará a observar-se a legislação vigente.

A legislação vigente é o decreto de 11 de dezembro de 1851, que nos artigos 2.º e 3.º estatue o modo de provimento dos referidos logares.

A fórma de promoções ali estabelecida é, a meu ver, defeituosa, por não ser equitativa, nem conforme ás promoções militares, cujas honras, graduações e fóros gosam os facultativos do ultramar.

Estabelece-se ali o concurso para os logares de physicos móres; cirurgiões de 2.ª classes, e segundos pharmaceuticos; concede a promoção, a estes e áquelles, aos respectivos logares de 1.ª classe, e d'esta para os logares de cirurgiões móres, aos cirurgiões de 1.ª classe.

Param aqui as promoções. De modo que os logares de physicos móres, a que tinham direito por escala os cirurgiões móres, são dados por concurso, cuja nomeiação póde recair n'um clinico alheio ao quadro, como até aqui tem acontecido, e que nunca prestou serviços no ultramar, e que está menos habilitado a conhecer e curar as enfermidades peculiares áquellas possessões, e que só a longa pratica e o ensinamento da experiencia o poderão habilitar.

Igual anomalia se deprehende do artigo 5.º do decreto de 28 de Julho de 1862, porque, concedendo o accesso ao posto immediato aos facultativos de 1.ª e 2.ª classe quando completem o tempo de serviço designado no artigo 4.º, não comprehende n'esse beneficio os cirurgiões móres e physicos móres dos mesmos quadros.

Se as promoções são a recompensa do serviço como meio de estimular a diligencia, não ha rasão que favoreça, nem logica que abone essa recompensa só para os facultativos subalternos, cujos serviços, comquanto valiosos, são menos importantes que os dos chefes e directores dos respectivos quadros, a quem cabem grandes responsabilidades.

Ha ainda uma outra desigualdade, para a qual chamo a vossa attenção.

A todos os chefes do serviço de saude a lei impõe as mesmas obrigações e responsabilidades. Os physicos móres são chefes de repartição de saude nas provincias da India, Cabo Verde, Moçambique e Angola.

Os cirurgiões móres o são igualmente das provincias de Macau e S. Thomé e Principe. A uns e outros os mesmos deveres e iguaes attribuições pertencem; não ha pois rasão que abone a desigualdade de graduações entre os chefes de saude das outras provincias, e os das de Macau e S. Thomé e Principe.

São sempre odiosas taes distincções, que, longe de os estimularem, estabelecem uma desigualidade nos interesses e nas honras que galardoam sem duvida alguma o zêlo dos mesmos funccionarios.

Se não fosse o augmento de despeza, que não era grande, fôra mais natural a creação dos logares de physicos móres, nos quadros das duas provincias de Macau e S. Thomé e Principe, ficando assim igualados todos os chefes de repartições de saude do ultramar.

Não podendo, desde já, obviar a todos os inconvenientes, e em vista das rasões que ficam já expendidas, as quaes por certo merecerão a vossa attenção, venho submetter á vossa sabedoria o seguinte projecto de lei:

Artigo 1.º Todos os cirurgiões móres, actualmente em exercicio, pertencentes aos quadros de saude do ultramar, terão accesso aos logares de physicos móres nas provincias em que os houver, sendo preferidos em igualdade de circumstancias os que forem mais antigos.

Art. 2.º Sómente para o provimento dos logares de cirurgiões de 2.ª classe, e de segundos pharmaceuticos, haverá concurso, o qual será

feito perante o conselho de saude naval e do ultramar, na fórma da legislação vigente.

Art. 3.º Todos os empregados dos quadros de saude do ultramar, que completarem o tempo de serviço designado no artigo 4.º do decreto de 23 de julho de 1862, serão providos no posto immediato, e reformados n'elle com os respectivos soldos.

Art. 4.º Fica revogada a legislação em contrario

Sala das sessões, 21 de fevereiro de 1866.= *Leandro José da Costa.*

VARIEDADES

Vinho moscatel (*artificial*)

Vinho branco de boa qualidade..... ..	½ canada
Calda de capilé.. ..	2 onças
Agua distillada de flor de sabugueiro	4 onças

Misture tudo e deite n'uma garrafa.

Este vinho pode beber-se no mesmo dia que se fiser; mas torna-se melhor tendo-o algum tempo feito.

Vinho moscatel (*de Frentignon*).

Vinho branco.....	8 canadas
Assucar..	2 arrateis
Passas moscateis.. ...	1 «
Nós moscada rapada	1 oitava
Flor de Sabugeiro ..	1 «

Mistura-se tudo bem e deixa-se de infusão por 15 dias, e depois ajunta-se-lhe.

Espirito de vinho.. ..	2 quartilhos

Filtra-se

Vinho de Champagne (*artificial*)

Vinho branco bom, forte e bem aguardentado	1 garrafa
Assucar caudi 1 colher das de soppa.....	(1 onça)

Deite o assucar d'entro da garrafa com o vinho e rolhe esta bem, tendo o cuidado de prender a rolha com arame passados dois meses, *dizem*, que se tem um excellente vinho de champagne.

Não experimentamos ainda este processo

Vinho de Champagne (*Superior*).

Vinho branco bom.. ..	8 canadas
Assucar em pedra (o melhor é o assucar candi)	3 arrateis
Extracto de vaunilha .	½ oitava
Bicarbonato de soda ..	2 onças
Acido tartarico	2 onças

Depois de bem diluido o assucar e o extracto no vinho, junta-se-lhe.

Espirito de vinho	16 onças

Filtra-se, e junta-se lhe o bicarbonato de soda e acido tartarico, e engarrafa-se immediatamente com as precauções precisas.

Vinho de laranjas.

Espremem-se as laranjas como se pratica com as uvas, e deixam-se fermentar naturalmente. Tempera-se depois com assucar, o que o torna muito espirituoso, porém desejando-se menos alcoolico, deita-se lhe menos assucar.

Disem-ser um vinho precioso, e comparavel na qualidade como o vinho da Madeira.

Licôr estomacal de cravo e nóz moscada (*Preparado por maceração*)

Cravo da India..... ..	2½ oitavas
Flor de nós moscada..	36 grãos
Macere por oito dias em alcool de 30 graos.....	1 canada

Junte depois.

Agua pura	1 canada
Assucar fino....	20 onças

Depois de mecher bem, para se dissolver o assucar, filtre-o passadas vinte e quatro horas.

ARCHIVO DE PHARMACIA

E

SCIENCIAS ACCESSORIAS

DA

INDIA PORTUGUEZA.

Publicado e redigido pelo Pharmaceutico — Antonio Gomes Roberto.

Numero 32. Agosto de 1866 3. Anno

CHOLERA MORBUS.

Relatorio do Doutor Leith, dirigido ao principal secretario do governo de Bombaim, para ser presente ao Congresso Medico Diplomatico de Constantinopla, datado de 10 de Março de 1866.

Tenho a honra de submetter agora a S. Ex.ª o governador em conselho as informações, que me pareceram convenientes no que toca aos peregrinos que vão á Mecca, e aos navios em que foram deste porto de Bombaim para o Mar vermelho; e outrosim no que toca á cholera na forma em que foi observada entre a população militar e civil, especialmente no anno de 1865.

I

Cholera nos navios de peregrinos.

Informam que nenhum navio de peregrinos tem saido de Surrate para Mecca dentro dos ultimos cinco ou seis annos. Se de Karachi me chegar alguma informação relativa aos peregrinos procedentes daquelle porto, será enviada em separado.

Por Notificação do governo datada de 15 de Abril de 1859 os portos donde podem sair passageiros indigenas na forma do *Acto* (Lei) XXI de 1858, são os de Bombaim, Surrate, Aden, e Karachi. O *Acto* acima referido tem por fim prevenir abusos, e promover o bem estar dos passageiros indigenas; e as suas disposições se extendem a todas as embarcações, que levam mais de trinta passageiros. Muito bem tem resultado deste *Acto*: mas no que toca ao espaço para os passageiros, e aos provimentos, que são obrigados a levar, e ainda em outros pontos, está precisando revisão.

Os peregrinos musulmanos para Mecca saem desta parte da India principalmente desde Janeiro até Abril, e com raras excepções, tomam passagem para Juddá. Ha agentes, ou corretores que fazem o seu negocio em reunir estes peregrinos, e procurar-lhes passagem. O preço estabelecido eram 10 rupias, mas desde que pelo *Acto* XXI se restringio o numero de passageiros, que cada embarcação pode levar, tem-se pago por cabeça de 25 a 30 rupias. O trafico de passageiros de Bombaim para Juddá he agora quasi todo feito em vapores, ou embarcações de armação quadrada.

O numero annual de passageiros de Bombaim para Juddá desde que o *Acto* XXI está em execução, tem sido

em 1863	2346
1864	3531
1865	3521

Estes 3521 passageiros do anno passado foram transportados em quatro vapores, onze navios de vela, e duas embarcações de naturaes, pertencentes ao porto de Bombaim. Os vapores tocaram em Aden, e os outros navios geralmente tocaram em Hodeida na sua ida para Juddá.

Os passageiros registados, que no anno passado embarcaram em Bombaim em embarcações da terra para a costa Sudeste da Arabia fóra do Mar vermelho, segundo se presume, para fins commerciaes, montaram a 842, e os portos, a que se dirigiram, foram Shahr, Makalla, e Aden.

Forão 1150 passageiros de Bombaim em varias classes de embarcações para os portos do Golpho Persico, e alguns delles eram provavelmente peregrinos musulmanos da seita Shiah, que iam para Kerbala.

As embarcações que levam passageiros, são antes da sua saida inspeccionadas por um official nomeado para esse fim, e o superintendente do serviço preventivo das alfandegas, cujo dever em Bombaim he fiscalisar o cumprimeuto do *Acto*, assevera que tem invariavelmente tomado precauções contra qualquer embarcação, que queira sair com qualquer doença contagiosa a bordo, taes como bexigas, ou cholera, e que não teve conhecimento de haver apparecido a bordo caso algum de cholera, e tem razão para crer que nenhum caso appareceo tambem durante a viagem á Arabia. O *Acto* não confere poder algum para impedir que os accommetidos de cholera, ou de outra qualquer enfermidade epidemica ou contagiosa, sejam recebidos a bordo e levados nas embarcações. A prevenção do perigo, que pode resultar de entrar a infecção a bordo, não deve assim ficar ao arbitrio do não sanccionado e espontaneo zelo do official inspector. Seria para desejar que houvesse pessoa investida de auctoridade legal, e que tivesse especial dever de deter o navio até que este fosse purificado, depois de despejado de qualquer pessoa infectada que se achasse a bordo.

O mestre da embarcação, que leva passageiros, he obrigado a ter uma lista de gente que vai a bordo, e notar nella a data, e a supposta causa de qualquer morte, que haja durante a viagem, e quando chega a qualquer porto, onde determina desembarcar passageiros, he tambem obrigado a apresentar a lista ao official principal da alfandega, se he em porto britanico, ou ao official consular de S. M. B. se he em porto estrangeiro. Na torna viagem do navio para a India não se pede nota dos accidentes que nelle houve.

Sendo pois no logar da desembarque somente que se dá conta official das mortes, que houve entre os passageiros, he tambem só naquelles lugares que se pode obter plena informação sobre se no anno passado houve ou não mortes pro-

cedidas de cholera na viagem da India para a Arabia. Todavia como no mesmo anno de 1865 doze dos navios e vapores, que levaram passageiros, voltaram a Bombaim, houve aqui opportunidade de examinar seus assentos officiaes, e verificou-se que neuhum caso de cholera fora notado em qualquer delles entre a equipagem ou passageiros na sua viagem de Bombaim para Juddá.

Ao tempo em que os navios de peregrinos sairam, a cholera estava causando quinze mortes pouco mais ou menos por dia em Bombaim, n' uma pupulação de 800 por 900$ almas.

O numero das mortes procedentes desta doença em todo o anno foi superior ao que fora nos dezoito annos, em que se tem feito registo dellas, mas inferior ao do anno de 1864: a proporção da mortalidade foi de 3,5 no primeiro, e 5,9 no ultimo periodo.

II

Cholera em Bombaim.

A nota das mortes annuaes e mensaes procedentes da Cholera na ilha de Bombaim desde o principio de seu registo mostram que á excepção de poucos mezes nos annos de 1848 e 1849, nunca mais esta enfermidade cessou inteiramente. O total da mortalidade tem fluctuado muito, e com muita irregularidade em relação á estação do anno. Tem ás vezes havido rapido augmento no numero dos mortos na estação fria, outras vezes no tempo das chuvas, e annos ha em que isso acontece na estação quente.

A cholera grassou mui latamente nos districtos da Presidencia de Bombaim durante o anno de 1865; mas os casos de morte foram comparativamente poucos até Abril, e não chegaram ao maximo numero senão em Maio e Junho. Reputa-se que os Collectorados meridionaes de Sattará, Belgão, e Dharwar soffreram proporcionalmente menos estrago da epidemia do que o usual, mas como o registo somente começou no mesmo anno passado, não ha meio de determinar este ponto. A mortalidade variou de 0,8 por milhar da supposta população do Canará até 13,4 por milhar no collectorado de Punem (Poona). A proporção da mortalidade foi de 7,5 por milhar nos doze Collectorados, donde se receberam notas dos mortos relativas ao anno inteiro.

(Continúa)

CHOLERA MORBUS:

Suas causas.

A *Bombay Gazette* de 29 de Julho ultimo transcreve do *Englishman*, jornal de Calcutá, de 19 do mesmo mez, o seguinte:

=Se Calcutá he tão insalubre como o parece indicar a proporção das mortes com a população, segundo se aponta no ultimo relatorio da Municipalidade; mui bem merecido he o epitheto de « pestilencial » que os nossos contemporaneos de Bombaim folgam tanto de lhe applicar. A proporção da mortalidade durante os mezes de Fevereiro e Março diz-se ser na razão de 51 e meio por mil ao anno. Em Abril a proporção foi de 40, e em Maio de 37 (pouco mais ou

menos) por mil em relação ao anno.

Todavia a cholera entra por mais de ametade entre as causas destas mortes. E neste particular da cholera observamos uma notavel circunstancia, que, segundo nossa lembrança, ainda até agora não atrahio a attenção. Em quanto nas mortes por outras causas, a differença entre os dous sexos he tenue, as mortes procedidas da cholera são n'uma proporção superior a duas vezes e meia nos machos em comparação das femeas. E o mais singular he que as mortes causadas pela diarrhea e dysenteria, enfermidades que geralmente se suppõe serem mui proximas alliadas da cholera, são quasi iguaes nos dous sexos, por quanto durante os tres mezes sobreditos os casos destas enfermidades foram, de 306 nos machos e 302 nas femeas. A mais obvia interpretação destes curiosos numeros, parece-nos ser, que a exposição ao tempo he uma das principaes causas da cholera, e que não ha connexão entre esta enfermidade e a diarrhea ordinaria (a). As mulheres, encerradas em casas, que pela maior parte não são notaveis pela excellencia de seus arranjos sanitarios, julgar-se-hia que estam tão sugeitas, senão mais que os homens, ás causas a que a cholera geralmente he attribuida. Porem segundo os numeros acima referidos parece que ellas logram uma especial immunidade da influencia das causas, que realmente produzem a doença, Daqui quasi irresistivelmente se tira por conclusão que as causas, a que a cholera he geralmente attribuida, não são as verdadeiras, ou não são todas as verdadeiras.

Outro facto curioso, que se observa naquellas estatisticas, he que em quanto a proporção das mortes para o geral da população he na razão d'entre 40 a 50 por mil, a da communidade judia, que habita um dos menos salubres bairros da cidade, he só na razão de 5 por mil pouco mais ou menos.=

(a) Os medicos francezes tem por cousa infallivel, e até por uma descoberta mui gloriosa para um delles. que na quasi totalidade dos casos de cholera precede sempre uma diarrhea pre-monitoria, debellada a qual, se pode ordinariamente atalhar o desenvolvimento da cholera. Quem achou a verdade; os medicos francezes, ou os estatisticos de Bengala?

Nota do traductor.

Breves reflexões sobre os arrosais, considerados hygienicamente.

A medicina he uma sciencia séria, que tem feito grandes serviços á humanidade; por isso as suas illusões, as suas aberrações, são de maior importancia do que as illusões d' outras sciencias physicas e naturais, devendo por consequencia os que professão a medicina ter grande circunspecção e escruplo em adoptar, qualquer principio, em abraçar qualquer ideia que não esteja sobejamente demonstrada" Corvo. Relatorio sobre a cultura do arroz a fl.s 472.

A concessão de terrenos para a risicultura, quer o arroz seja de sorodio, quer de vangana, hé assumpto importante e difficil questão; por que votando contra, opta-se pela destruição de 14.742 cumbos d' arroz (1], ramo de industria de que vivem milhares de individuos: se por outro lado se sancciona a dita cultura, authorisa-se um erro [na opinião da maioria dos escriptores] cujas consequencias podem ser fatais á vida dos povos, como origem que são, de febres periodicas, anemias, obstrucções visceráis, cachexias, do encurtamento da vida e degeneração da especie.

Assim, no dizer do sr. Tardieu, toda a cultura de arroz he prejudicial [2].

O sr. Smith que em varios paizes estudou os arrosais, achou ser geral a impressão da sua insalubridade (3.)

1 Gomes. Economia rural da India pag. 33

2 Tardieu.. Dictionnaire d'hygiene publique artigo risiere.

3 Smith. Italian irrigation, pag. 26.

No grande diccionario de medicina, lê-se, que os arrosaes estando no mesmo caso que os pantanos, não se devem consentir onde se queira conservar a salubridade (4 A).

Todos sabem, diz Levy, que os arrozais apresentão uma superficie de evaporação deleteria, não só na peninsula Indo-gangetica, se não ainda nos paizes meridionais da Europa. (4 B).

Uma commissão da Gironde que estudou cuidadosamente os arrozais, conclue o seu trabalho do modo seguinte (5).

A commissão pôde convencer-se visitando esta parte dos brejos, onde estão estabelecidos os arrozais, que estes lugares, antes cobertos de urses, e que durante seculos teem sido considerados como estereis ou demasiadamente improductivos para merecerem cultura, estão agora, graças aos progressos da agricultura, cobertos d'uma abundante seara de arroz.

Devemos pois felicitar-nos destes felizes resultados no interesse da sociedade.

Mas infelizmente deve se reconhecer, que esta cultura faz pagar caras as vantagens que apresenta, e que, se pode fazer a prosperidade dos proprietarios, hé com detrimento da saúde dos trabalhadores.

Depois de muitas outras observações importantes a commissão formula o seu pensar propondo:

1.º Que a industria resicola seja classificada na primeira classe dos estabelecimentos insalubres;

2.º Que os arrozais não possão nunca ser auctorisados se não a tres kilometros, pelo menos, de todo o centro de população.

3.º Que não possão ser estabelecidos se não em terrenos analogos aos das nossas charnecas e com aguas correntes.

4.º Que as condições hygienicas relativas aos trabalhadores sejão obrigatorias para o industrial.

5.º Que a administração seja convidada a regulamentar todos os trabalhos relativos á cultura do arroz.

Os illustrados auctores do Relatorio sobre a cultura do arróz em Portugal obra a mais perfeita sobre o objecto em questão; tendo examinado ós arrozais de Portugal em todos os sentidos, votão contra a orysicultura em geral por que "os arrozais teem as condições de verdadeiros pantanos" e em particular por que he possivel outra cultura em Portugal, de maior valor e em nada prejudicial á saude dos povos (6).

Do que antecede e das muitas mais opiniões que não adduzimos por economia de espaço e por serem do mesmo theor, se conclue; que a risicultura no dizer da maxima parte dos escriptores he uma cultura muito insalubre, devendo como tal prohibir-se, substituindo-lhe outra menos prejudicial á saude da população.

Esta conclusão verdadeira nos climas temperados da Europa, parece-nos insustentavel nos climas quentes, ou pelo menos na India, e senão vejamos.

Admittindo mesmo que ha miasmas, cuja realidade Brown impugnara por serem no seu pensar, as febres periodicas causadas pela debilidade (7).

O Sr. Armand, por achar explicação sufficiente nas influencias thermo-electro-hygrometicas (8).

O Sr. Smart, considerando que as febres de Hong-Kong, são produsidas pela insolação, e todos os desvios dos preceitos hygienicos, que desarranjão as funcções digestivas, ou deprimem os poderes do systema nervoso (9).

O Sr. Dundas, por ter notado que na Bahia a exposição ao vento frio era seguida de attaques de febre intermittente (10).

Outros por acharem o calor intenso, causa sufficiente (11).

O sr. Knapp, porque deriva as febres da imperfeição com que se executão as func-

---

4 A. Dictionnaire des sciences medicales, artigo, pantanos.

4 B. Levi. Hygiene publique tom. 1.º pag. 531—1857.

5 Veja-se o Relatorio sobre a cultura do arróz em Portugal,

6 Relatorio sobre a cultura de arroz pag.

7 Browun. Elements of medicine prop. pag. 22.ª

8 Armand. Algerie medicale, artigo febre intermitente.

9 Smart. On deseases of Hong-Kong Lancet, agosto de 1861

10 Dundas. Sketches of Brasil, pag. 232.

11 Veja-se Chomel Pathologie generale etiologie.

ções nutritivas, a qual depende de variadas causas. [12]

O Sr. Burdel, por crêr que o miasma he um *mitho*, e a febre nada mais que perturbação das funcções dos centroscerebro-espinhais, e do grande sympathico (13).

Não descrendo dos miasmas, ou mais propriamente, dos effluvios, como emanações dos vegetaes; como fazem varios auctores, isto porque, logares aridissimos taes como Trichori na Grecia (14), são notorios pela extrema abundancia de febres periodicas; em quanto que logares extremamente pantanosos, taes como, os Pampas do Rio de la Plata, varios pontos do Perú, o delta do Mississipi, Negapatam da Presidencia de Madrasta, e principalmente o vasto paul (Dismal Slvamp) de 150,000 acres [15] das fronteiras da Virginia; são todos notaveis pelas abundantes decomposições organicas, e raridade de febres periodicas.

Finalmente, excluidas as opiniões de Si. Ranald Martim (16) do dr. Heyne [17] e em parte dos sr.s Me William [18], Ritchie [19], Kirke (20] e Moore [21], que derivão o miasma do solo ferruginoso; e bem assim a do dr. Tarker, o qual quer, que a causa das febres seja vulcanica e exista no subsolo (22).

Como disiamos, não querendo negar os miasmas por que assim cortariamos logo a questão, mas pelo contrario, admittindo que o miasma ou antes, como quer o sr. Buchut, que o effluvio he um veneno resultante da decomposição vegetal, o qual introduzido na economia humana he causa de febres periodicas e suas consequencias; resta averiguar que papel representão os arrozais da India, em relação á producção de effluvios.

Nos tropicos produzem-se effluvios, em todos os terrenos de alluvião, e naquelles em que predomina a argila, logo que haja o menor gráo de calor e humidade, por que a vegetação abunda em succos, e os detritos organicos são muitos.

O mesmo succede nas margens dos rios, principalmente nas que soffrem inundações e a influencia das marés; por que em toda a sua extensão, e notoriamente na sua terminacão, formão se vastos sapais, focos de infecção a mais violenta e intensa.

Tambem dão origem ás mesmas causas morbificas: todos os terrenos maninhos, nos quais espontaneamente brotão myriades dos vegetais, que por suas folhas obstão á insolação do solo em que nascerão, e que á sua sombra abrigão infinitos outros parasitas do mesmo reino, que sem cessar se transformão.

As florestas e em geral os logares cobertos de arvorêdo, devem ter-se na mesma conta, pois nestes pontos se accumulão as folhas que sob a influencia do calor e humidade se decompoem, viciando o ar.

As margens dos lagos, as bordas das alagôas não cortadas a pique, os canais em que corram agoas sujas, e os charcos, são outros tantos mananciais.

Pode-se mesmo sem especificar dizer nos tropicos produzir-se-hão effluvios, sempre que subtancias organicas se decomponham em contacto com o ar quente e humido.

Se considerarmos pois, que nos tropicos as origens dos effluvios são multiplices; que em muitos logares, sem haver a orysicultura, as febres periodicas são notoriamente frequentes [23]; e que em muitos outros, em que a dita cultura se dá em grande escala, as febres são notavelmente raras (24); parece me que se não pode increpar a risicultura como a unica causa de todas as doenças periodicas, e sua numerosa e funesta cohorte de sequelas; por que quando muito he ella apenas úm dos seus elementos.

---

12 Knapp. Researches on primary pathology.

13 Burdel L'Union medical, 1859 n.o 139.

14 Dundas. Log cit pag. 176.

15 Hirsch. Handbook, pag. 67.

16 Ranald Martin The influence of tropical climates 1856 pag. 15

17 Heyne Indian annals of medical science tom 1.°

18 M'William Medical history of the expedition to the Niger.

19 Ritchie Medical topography of the W. coast of Africa.

20 Kirke Veja-se History of sir C. Napiers administration of Sindh.

21 Moore Medical topography of Bhooz.

22 Barker Causation and prevention of desease.

23 Moseley Tropical deseases 1803 pag. a 55 e 56

Lind Essay ou diseases parte I.ª cap. 2.°

24 Graves. Clinical lectures, lição 52ª.

Por outro lado sendo o periodo da efflorescencia, aquelle qne a maioria dos escriptores reputa mais prejudicial á saude dos povos (25); e mostrando as grandes estatisticas qne o maximo numero das febres tem logar na India, em Setembro e Outudro (26); isto he quando já está colhido o arróz de sorodio; não nos parece evidente a perniciosa influencia dos arrosaés em que se cultiva o arrós de sorodio.

Respeito ao arróz de vangana ainda está menos provada a sua insalubridade: concordão todos os escriptores com os Srs. Webb [27] e Ewvart [28 em que por todo o Hindostão os mezes de Dezembro, Janeiro Fevereiro, Março, Abril e Maio. são aquelles em que a producção dos effluvios he minima, sendo por este motivo, o numero das febres periodicas muito menor; ora he exactamente por estes mezes que o arróz de vangana attinge o seu maximo desenvolvimento, e se colhe.

Ainda mais, admittindo que a risicultura absolutamente considerada seja úm malvisto nos seus effeitos he úm bem economico e hygyenico.

Se não fosse a cultura do arrós, muitos dos terrenos, que são improprios para outras culturas, estarião maninhos, isto he, focos de infecção, peiores que os arrosais.

Os vastos sapais que esta cultura appropriou, jazerião expostos á acção do sol e agoa, affectando assim muito mais a saude dos povos, do que os actuaes arrosais.

Finalmente sem a orysicultura a maxima parte dos logares hoje povoadissimos, estarião dezertos, soffrendo assim a felicidade das nações, cujo grande bem está na população.

A'vista do exposto as conclusões são:

1.ª A'risicultura da India he um grande bem economico.

2.ª He mesmo um bem hygienico, por destruir vastos focos de infecção.

3.ª Deve animar-se o possivel está cultura, e para ainda attenuar o mal que como elemento d'infecção possa produzir; deve sujeitar-se ás condições que a sciencia conhece, e que uma Commissão trataria de applicar á India Portugueza, como ha pouco propoz o sr. Francisco Bento Alexandre de Figueiredo Magalhães (29)

João Stuart da Fonseca Torrie.

25 Veja-se o Relatorio sobre a cultura pag. 425

26 Ewart Vital Estatic.s, cap.º 2.º

27 Webb. Bombay transactions, 1851—52 pag. 81.

28 Ewart Log cit pag. 69—70

29 Figueiredo Magalhães. Relatorio sobre a alagoa de Quepem.

TRICHINOSE.

Sobre os vermes que produsem esta enfermidade, e meio de a tratar.

No nosso *Archivo de Pharmacia* n.º 26 de Fevereiro ultimo a pag. 36, publicamos já debaixo da epigraphe de — *Molestia das Trichinas* — um artigo sobre a doença proveniente de pequenos vermes, denominados *Trichinos*, que se encontram na carne dos porcos e d'outros animaes. Hoje deparamos na *Revista de Pharmacia e Sciencias Accessorias*, do Porto, com um bem escripto artigo, do Sr. A. Vieira Lopes, sobre a mesma enfermidade e o modo de a tratar, o qual tomamos a liberdade de transcrever.

A sciencia está-se dando, desde algum tempo, com demasiada seriedade ao estudo e conhecimento de um verme microscopico, que se tem encontrado no interior dos cães, dos coelhos, dos gatos, e principalmente dos porcos, e que pela ingestão da carne d'estes animaes, se transmittem ao homem, dando lugar a serios accidentes, que teem alarmado os homens da sciencia, e obrigado a prestarem toda a attenção a estes animalculos, para vêrem o modo de os destruir, ou evitar as funestas consequencias, a que está sujeito o individuo que faz uso de carne inquinada por taes vermes.

Sobre este assumpto, encontramos na *União pharmaceutica* um artigo importante, que vamos levar ao conhecimento dos leitores d'este periodico.

Os trinchinos são vermes microscopicos, de côr branca rosada, torcidos em fórma espiral, d'um millimetro de extensão, d'um terço de millimetro de diametro, no seu maior desenvolvimento, apparecendo e propagando-se na carne muscular do porco, do cão, do gato, do coelho, dos ratos etc. (1) e transportando-se ao homem pela via da ingestão da carne infectada. São estes vermes dotados de extraordinaria potencia vital; resistem á putrefacção, ao salgamento e mesmo á cosedura pouco intensa da carne, em que nasceram

São tanto mais temiveis, porque não costumam reunir-se em massa em um kisto; bem pelo contrario, vivem e andam o seu caminho isoladamente, ou dous a dous, nos intersticios das fibras musculares, onde nada denuncia a sua presença ao olho nú e pouco exercitado, e multiplicam-se com temivel rapidez.

Em 1859, um sabio anatomico de *Berlin* o sr. *Virchow*, fez, á cerca dos trichinos, estudos mui serios e mui insistentes, que produziram grande alarme no mundo scientifico. Fez comer a um coelho trichinos, provenientes de musculos humanos, e passado um mez viu o coelho succumbir a emmagrecimento e a enfraquecimento successivos; os musculos achavão-se cheios de trichinos. Os musculos d'este coelho foram ministrados, de mistura com outros alimentos, a outro coelho, que contrahiu a molestia como o primeiro; aconteceu outro tanto a cinco ou a seis outros coelhos, a quem foi ministrada a carne dos precedentes, para observar o modo de desenvolvimento das futuras gerações d'estes roedores.

Resulta d'estas observações, que os trichinos ingestos no estomago d'um animal, ahi se desenvolvem livremente, passam ao intestino delgado, onde se reproduzem e multiplicam. Os dous sexos, confundidos no momento da ingestão, separam-se, passado o quarto dia, pela divisão do ser unico, em dous individuos; a fêmea, que é portadora dos ovos fecundados, produz pequenos trichinos vivos e todos *unisexuaes*. E' nesta occasião que esta familia numerosissima opera as suas emigrações atravez da substancia do intestino, no systema sanguineo, para chegar aos musculos de todas as partes do corpo, particularmente aos da larynge; dentro de tres semanas os trichinos teem chegado a todas as partes da economia, adquirindo logo a idade adulta, e constituindo assim uma doença, a que se deu o nome de *trichinose*, que tem infectado de maneira bastante grave os allemães, e que se tem observado igualmente em *Huy* na *Belgica*.

Quando, pela immensidade do seu numero [1], teem conseguido a destruição da maior parte das fibras musculares, e pelos seus movimentos vermiculares tem dado causa a uma irritação violenta do tecido organico, derrama-se então uma serosidade que os envolve, tornando-se espêssa, e n'essa occasião sómente, é que tem lugar a formação de kystos ou pequenas vesiculas ellipticas d'um

1 O boi, a vitella, o carneiro, o cavallo e o burro parecem ser refractarios tanto ao desenvolvimento, como á introducção experimental dos trichinos.

1 Como um pequeno bocado de carne trichinada póde conter mil mães, avaliando um macho para quarenta femeas, e que cada uma d'estas mães conteem 400 a 500 ovos, resulta d'ahi um milhão de pequenos trichinos.

quinto a um terço de melimetro, no seu maior diametro, ao principio transparentes, apparecendo mais tarde como particulas de greda, debaixo da forma de globulos esbranquiçados. Concebe-se facilmente que, quando os nossos tecidos forem assim accomettidos, a vida não pode ser compativel com os desastres produzidos por estes seres infinitamente pequenos. N'estas circumstancias o numero é que faz a força.

Em um porco paralisado da parte posterior do corpo, morto em *Koehkirch (Saxe)* encontrou o doutor *Berhrend* por meio d'um exame microscopico, milhões de pequenos vermes, abundando sobre tudo nos musculos dos presuntos.

O professor *Virchow*, examinando uma porção de carne, reconheceu, como elle menciona em uma carta dirigida ao doutor *Behernd*, o facto da presença de parasitas não dizendo comtudo se eram parasitas animaes, se parasitas vegetaes. Segundo a opinião do professor *Pagenstecher* (*de Heidelberg*), os effeitos produzidos no organismo pelos taes parasitas são exactamente os determinados pelos trichinos. O doutor *Stein* (*de Francfort*) encontrou animalculos nas beterrabas, principal nutrição dos porcos; deve comtudo dizer-se, que já se fez, no preterito anno, uma observação analoga, e os physiologistas que a fizeram não encontraram gráo de parentesco entre as duas especies d' animalculos. Estes pequenos corpos brancos, encontrados nas fibras das raizes da beterraba, conteem dous parasitas, um macho e outro fêmea, com orgãos bem distinctos, que não se podem confundir com os trichinos; apezar de haverem certos pontos de semelhança.

Na *Allemanha*, ordenou o governo, que o exame da carne suspeita fosse feito por homens especiaes: —Se houverem trichinos n'esta carne, diz a instrucção, não deixarão de se encontrar nos musculos da mastigação, nos dos olhos e nos do thorax. Para o exame microscopio deverá fazer-se uso d'uma agulha, que se introduzirá debaixo d'uma camada delgada de fibras musculares, no sentido opposto á direcção das fibras. e por um movimento de vae e vem. da agulha. tira-se uma porção que. humedecida em glycerina. deve ser posta entre duas laminas de vidro. para ser examinada.

Na carne fresca. aquecida a 50° C os trichinos começam a mover-se; a 56° C o movimento é mais pronunciado. e na temperatura de 56 a 60° C é convulsivo; acima d'esse gráo o parasita morre (1).

Em presença d'uma molestia parasitaria tão temivel, é do dever das auctoridades chamar a attenção da policia local. para o exame minucioso da carne de todos os porcos, que forem mortos.

Conhecem-se processos prophylaticos da veterinaria; mas não se conhecendo durante a vida a molestia dos trichinos, é só depois da morte que se devem fazer inspecções sevéras. Com relação á cura dos animaes infectados, ou suppostos taes, podemos conceber alguma esperança no emprego do acido phenico, que, como é bem sabido, pelas numerosas experiencias do snr. *J. Lemaaiere*, gosa da propriedade de matar quasi todas as lavras d'insectos. Mas, com se levaria a effeito o seu modo d'applicação? Indisputavelmente o melhor. seria dirigir vapores d'este agente volatil aos pulmões do animal. d'on.

---

1 Os trichinos morrem e perdem tambem toda a influencia nociva, no presunto bem defumado. Bastaria pois, submetter a carne á temperatura de 70 a 75° C, para ficar ao abrigo de todo o perigo: mas é preciso, que a carne seja elevada, pelo menos, a esta temperatura em toda a sua espessura para que a garantia seja complota.

de passariam promtamente á torrente circulatoria. e penetrariam nos mais pequenos vasos dos musculos.

O homem, que tivesse a infelicida de de estar affectado de trichinos. tal vez podésse tomar com muita vantagem uma bebida composta d'acido phenico. dissolvido na proporção de oito grammes por litro d'agua.

Esperemos saber o resultado que se tem obtido na *Allemanha* d'esta indicação (1).

Productos Vegetaes do Canará do Norte.

Continuação do n.º antecedente.

FIBRAS. [continuação]

YERCUM, OU ERVA AMARELLA GIGANTESCA (*Calotropis gigantea*]

Em inglez——*Gigantic swallow wort*
hindustani *Akor Mudar*
tamil ——*Yercum*
telegú——*Nella Jilledoo*
canará——*Ekie gudda*

Cria-se mui abundantemente nas mattas do Canará do Norte, mas parece que não he cultivada no districto, sem embargo de possuir numerosas e preciosas propriedades. Ha duas variedades desta planta, identicas nos usos; uma que tem flores côr de rosa e purpureas, e outra [chamada em tamil *Yella-yercum*, e em telegú *Tella-jilledoo*) com flores brancas ou côr de nata de leite. As fibras podem tirar-se de duas partes da planta, a saber, dos filamentos com apparencia de seda, que cercam a semente, e que podem ser tecidos em chales e lenços, e reduzidos a papel; e da casca interior fibrosa, que semelhantemente pode ser convertida em todas as obras, que se fabricam de fibras vegetaes. Serve assim para grosseira cordoalha, como para se fiar no mais delicado fio. He mais rija, segundo mostram as experiencias, do que o canhamo, pita, ou algodão, e depois de fabricada em obra parece aguentar bem a immersão em agua.

No Jornal da Sociedade das Artes se affirma que o Yercum, que muito se assemelha ao linho da Belgica, facilmente se poderá avantajar ás lãs, e vale 100 libras por tonellada. E no Relatorio dos Jurys da Exposição de Madrasta de 1855 acham-se acerca desta fibra as seguintes noticias: „ Entre as manufacturas de linho, de canhamo, e seus succedaneos, ha certos tecidos novos e interessantes, alguns dos quaes tem sido expressamente fabricados para esta Exposição. Os mais finos d'entre elles são cambraias feitas das fibras do *Yercum* ou *Calotropis gigantea*, expostas por Mr. Underwood. Esta cambraia he de mui excellente qualidade, e appropriada para lenços de assoar, ou peitilhos de camisa. Em outra classe foi concedido um premio ao fabricante de um lenço de senhora feito desta fibra, e bordado. Estas amostras foram enviadas á Exposição de Paris. „

„ Mui bellas madeixas das fibras do *Yercum* ou *Calatropis gigantea* foram expostas por Mr. F. Campton, de Madrasta, e pela Eschola de Artes industriaes de Madrasta. A commissão local de Cuddapah tambem apresentou mui limpas, alvas, e fortes fibras, meadas, e pannos da mesma substancia, a qual parece ser mui bom succedaneo do linho. Foi reconhecida por uma das mais rijas especies de

1 Preocupado com este terrivel mal, o governo francez enviou á *Allemanha* o doutor *Delpech* e o snr. *Raynal*, professor da eschola veterinaria d'*Alfort*, para estudarem a molestia dos trichinos, debaixo do ponto de vista da medicina humana, e da medicina veterinaria.

fibras; mas muitas das que vieram a exposição eram sujas e grosseiras por falta de boa preparação. ,,—,, A cordoalha que vem de Tanjor, Tranquebar, Massulipatam, Bangalor, e Coconada he toda alva, e rija. Como estas fibras se podem reduzir ao mais delicado fio, como de cambraia, e provavelmente servirão muito bem para obra de serigueria, darão muito maiór proveito nestas applicações, do que na fabricação de cordoalha grosseira. ,,

Poderiamos fazer muitos outros extractos de tratados estimaveis, que testificassem quanto esta substancia se adapta a todas as obras; mas o que fica dito he bastante.

A planta cria-se, como está mencionado, nas mattas; mas com pouca despesa e bom exito poderia ser cultivada em hortas, ou por semente, ou por meio de plantação de plantas tenras, em terreno de qualquer qualidade, posto que ella pareça preferir a terra maninha, e a que he quasi esteril. Os filamentos que estam ao redor da semente só demandam ser sedados, mas as fibras mais longas e mais fortes, que se extrahem da casca interior, requerem ser separadas por um processo descripto por Drury, na sua obra= *Useful Plants of India*= deste modo: ,, Cortem-se os ramos mais delgados, e deixem-se murchar ao menos por 24 horas; no segundo ou terceiro dia sejam levemente batidos, com isto sáe a pelle, e extrahe-se a substancia fibrosa que fica entre a casca e o lenho. Depois seccam-se as fibras ao sol. Este processo moroso he necessariamente dispendioso; mas se a casca se macera em agua, fica descorada, e facilmente se destruirão as fibras sendo pisadas. ,,

Porem a introducção de maquinismo europeu poderá tornar a separação das fibras mais facil, mais expedita, e menos dispendiosa. Ao presente pode esta planta ser obtida por qualquer manufactor pelo mero custo do apanho. Se o modo de a fabricar, e os resultados de sua fabricação chegassem a ser praticamente demonstrados no districto, he provavel que a planta seria mais latamente cultivada, e manufacturada pelos naturaes da terra. Os outros usos da planta serão considerados nos seus respectivos capitulos.

BANANEIRA (*Musa paradisiaca*)

Em inglez——— *Common plantain*
hindustani —*Kayla Maoz-kella*
tamil——— *Valei*
telegú ——— *Koma rethie*
malayalam —*Vella*
canará ——— *Vallray*

A bananeira cria-se abundantemente nas hortas por todo o districto, principalmente por amor do fructo; por quanto posto que a fibra se apura, e aproveita em obras no Malabar, este uso da planta não parece ter-se extendido muito, ao menos no Canará do Norte, segundo o que no seu relatorio diz o jury das Exposições de Madrasta. Dá porem esta planta uma fibra branca com apparencia de seda, de consideravel extensão, especificamente mais leve que as fibras de canhamo, linho, e piteira $\frac{1}{4}$ ou $\frac{1}{5}$, e possuindo consideravel rijeza.

Ha numerosas variedades de bananeira, as quaes dão fibras de differentes qualidades, e são as seguintes:

Rustaley, bananas de mesa superiores.
Puvaley, variedade de bananas pequenas.

Pavaley, fructo doce, côr de cinza.
Mouden, fructo aspero, de tres faces.
Valey, fructo grande vermelho
Put chay laden, fructo verde comprido. e curvo.

Estas variedades, como he natural,

dão fibras de mui diversas qualidades. Pode-se dizer que crescem em aspereza e força desde as primeiras duas variedades, que dão fibras mui finas semelhantes á seda, até á ultima da lista antecedente. As variedades mais finas podem servir para se fabricarem bellos tecidos com apparencia de seda; as asperas são mui proprias para cordoalha, e longas.

Todas estas variedades são cultivadas no Canará do Norte. As fibras devem ser preparadas rapidamente sem maceração, porque a immersão em agua para as separar, lhes faz perder a côr, e as torna quebradiças e propensas a avariar-se; e igualmente lhes destróe a apparencia de seda, que caracterisa, e accrescenta o valor das variedades mais finas; resultado que tambem procede de se deixarem as mesmas fibras por longo tempo em contacto com o succo depois de cortada a planta.

O seguinte he o plano para preparar as fibras da bananeira, recommendado pelo Doutor Hunter, o experimentado director da Eschola Industrial das Artes de Madrasta.

„ Tome-se o tronco recto da planta' e o talo central das folhas; se as que ficam da parte de fora são velhas, manchadas, e seccas, rejeitem-se; abram-se estas partes em differentes camadas; e proceda-se a limpa-las á sombra, se for possivel, logo depois que a arvore for cortada. Ponha-se sobre uma longa taboa plana o talo da folha com a superficie inferior virada para cima; raspe-se a polpa com um pedaço de um annel de ferro não cortante, fixo n'um longo cabo de páo (uma colher velha de ferro faz um raspador muito bom); quando a parte interior que tem as camadas mais espessas de polpa, estiver limpa, volte a folha, e descasque-a raspando-a. Quando um bom feixe de fibras houver sido desta maneira limpo, lave-se com força n'uma grande quantidade de agua, esfregando as fibras bem umas nas outras, até largarem toda a polpa e succo, o mais prestes posssivel. Fervendo as fibras n'uma dissolução alcalina (de potassa ou de soda), ou lavando-as com sabão da Europa, o succo sáe promptamente. O sabão commum da terra, que he feito com cal viva, he demasiadamente corrosivo, para ser applicado a este effeito. Depois de lavadas todas as fibras, espalhem-se em camadas mui ligeiras, ou pendurem-se ao ar para seccar. Não se exponham as fibras ao sol em quanto humidas, porque isto lhes dá uma côr amarella escura, que não pode facilmente ser dissipada pela córa ao sol. Deixando as fibras de noite ao orvalho, coram-se, mas he á custa de parte de sua rijeza; por que todas as substancias vegetaes são propensas á avaria, se por longo tempo ficarem humidas. „

O processo antecedente pode na verdade levar-se a effeito mais barata e expeditamente por meio de maquinismo proprio. O Doutor Royal menciona que está calculado que a fibra pode ser obtida a 9 libras, 13 shillings, e 4 dinheiros por tonellada. No Canará do Norte podia ser produsida por preço ainda mais baixo, se o povo fora instruido no modo proprio de preparação, porque os troncos, que agora se esperdiçam, nada custam, e as fibras podem ser preparadas pelas mulheres das familias que possuem as hortas. Na Europa valeria provavelmente 40 a 50 libras por tonellada. No Malabar a fibra da bananeira he frequentemente misturada com a da piteira, e assim largamente exportada. As fibras mais finas fazem mui delicado papel.

ANANAZ (*Ananassa sativa*]

Em inglez——— *Pine apple*
hindustani—— *Anannus*
tamil——— *Anasa*
telegú——— *Ananas*
canará ——— *Pharenghee honno*

O ananaz he cultivado, e ainda parece que se cria espontaneo, em algumas partes do districto. As folhas dão uma fibra branca e fina, da qual se pode fabricar tudo, desde a cambraia até á cordoalha. Forma excellente succedaneo ao linho, e he igualmente longa na estriga, e flexivel, e facilmente pode ser subdividida em fios cada vez mais tenues, Os tecidos obrados com o ananaz e seda da China e estreitos, logram alta reputação, posto que mais raros nos mercados da Europa. As fibras devem ser preparadas da mesma maneira recommendada para as outras plantas, sem longa maceração. A criação do ananaz poderia com grande proveito ser extendida no Canará do Norte, porque o solo e clima são mui adequados á sua cultura.

BENDÓ (*Abelmoschus esculentus*)

Em inglez——— *Esculent ókro*
hindustani—— *Ramturai*
tamil——— *Vendah*
telegú——— *Benda*
canará ——— *Bendah*
concani ——— *Bendó*

Esta planta que produz a bem conhecida hortaliça chamada *Benday-cai*, he cultivada nas hortas no Canará do Norte. Dá fibras longas, flexiveis, e com apparencia de seda, de consideravel força, e muito usadas para fabricação de cordoalha, *gunes* (saccos), e papel. São exportadas de algumas partes da India como fibras de canhamo, a que muito se assemelhão. Devem ser preparadas da mesma maneira que está recommendado para o Yercum, e outras fibras, a fim de atalhar a sua tendencia para apodrecer, e perder a côr.

As outras especies indianas de *Abelmoschus* tambem dão excellentes fibras, e algumas dellas, taes como o *A. moschatus*, e *A. ficulneus*, sãs mais rijas que as do *A. esculentus*. Como o fructo do *A. esculentus* he mui estimado, as fibras desta especie podem obter-se a menor preço que as das outras, que quando se cultivam he só a respeito das fibras.

MALVA DA INDIA (*Abutilon indicum*)(a)

Em inglez——— *Country Mallow*
tamil ——— *Perin-tootie*
telegú ——— *Nugubenda*
canará——— *Drodery gudda*

Acha-se em differentes partes do districto. O caule dá uma fibra longa, propria para cordoalha, e um pouco semelhante á do Bendó.

ACACIA ARABICA(*Acacia arabica*)

Em inglez —— *Babool tree*
hindustani — *Kali-kikar*
tamil ——— *Karoovalum*
telegú——— *Nulla-tooma*
canará ——— *Kaiserie mara*

A Acacia arabica cria-se em limitada extensão assim abaixo como acima dos Gates no Canará do Norte, porem facilmente e com proveito se podia extender a sua cultura, porque a planta cresce rapidamente, não demanda cuidado, e dá mui uteis e valiosos productos. A casca interior da arvore dá um fibra fina propria para fabricar cestos, esteiras, cordoalha, e se for convenientemente

---

[a) He a *Sida indica* de Linneo; e com essa denominação apontada pelo nosso Manoel Galvão da Silva nas suas *Observações sobre a historia natural de Goa*, feitas no anno de 1784, e publicadas em Goa em 1862, e depois transcriptas no *Jornal de Pharmacia*, e continuadas neste *Archivo*. Veja-se o 1.º vol. pag. 27.

Nota do traductor.

preparada, pode servir para obras mais delicadas, taes como pannos, lonas, etc.

A casca interior depois de arrancada da arvore deve ser bem batida até as fibras começarem a separar-se, e então devem ser bem lavadas em agoa doce, e limpa, e seccas á sombra. He provavel que com menos trabalho se tirem dos ramos mais novos e das vergonteas fibras mais delicadas do que das grandes pernadas e tronco.

As outras especies de *Acacia*, que se acham no districto, tambem dão fibras uteis da casca interior.

PIMPÔL, OU ARVORE DE GRALHA. (*Ficus bengalensis*] [b].

Em inglez —— *Common Banyan tree*
tamil —— *Ala-marum*
telegú —— *Marri*
canará —— *Atathoo Mara*
concani —— *Pimpôll.*

He commum em todo o Canará do Norte. A casca interior dá uma fibra semelhante á das *Acacias;* e da mesma sorte a *Ficus religiosa*, ou figueira com folhas de choupo [em canará *Apaven Mara*], que se encontram no districto, cujas folhas formam excellente alimento para os bichos de seda.

Seria um decidido beneficio para o districto, se a casca interior de todas as arvores de gralha, que são propriamente usadas para formar alamedas nas povoações principaes, fossem convertidas em fibras. As folhas desta familia de *Ficus* são abundante e constantemente deciduas por todo anno, de sorte que com muita difficuldade os caminhos publicos se podem dar limpos dellas. Ha sempre uma espessa camada destas folhas nos caminhos, ou em suas adjacencias em estado de decomposição adiantada, e que por consequencia dão origem a miasmas productores de febres.

As arvores de gralha são mui proveitosas nos seus lugares proprios, mas não tanto nas alamedas publicas, porque posto que seus ramos formem grande cópa, tem comparativamente poucas folhas, e não dão boa sombra. Alem disso as raizes estendem-se á flor da terra, e as arvores são constantemente sujeitas a serem derrubadas pelos ventos, e portanto a obstruir os caminhos. Esta fraqueza e tendencia he remediada pela natureza fazendo descer vergonteas do meio e da extremidade dos ramos a arreigarem-se no chão, o que alarga a base, e dá poderoso amparo contra a queda da arvore. Mas como em uma alameda se não pode admittir isto, os élos que hão de servir de espeques, são cortados á proporção que vão apparecendo, e assim fica sem seu natural apoio a arvore, cujas raizes são tão fracas. Deviam pois substituir-se nas alamedas em vez das arvores de gralha, as jaqueiras, mangueiras, nime, acacias, casuarinas, tamarindeiro, páo vermelho, e outras arvores, que dão sempre boa sombra, e tem raizes firmes e profundas.

SAGU' BASTARDO (*Caryota urens*)

Em inglez —— *Bastard sago*
tamil —— *Coondapana*
telegú —— *Teeroogoo*
canará —— *Anee mara*

Esta arvore cria-se em muitas partes do districto nas mattas. Dá uma fibra rija propria para linhas de pescar. Resiste bem á acção da humidade, mas infelizmente he propensa a quebrar quando se empeça em nós. Aquillo a que no mercado in-

[b] *Ficus indica* de Roxbur. Veja-se Galvão da Silva; no vol. I.º deste *Archivo*, pag. 45.

Nota do traductor.

glez se dá o nome de *Indian gut* he feito desta fibra. A arvore merece bem ser cultivada em razão do sagú que dá.

ROTIM (*Calamus fasciculatus*)

Em inglez ——————*Ratan cane*
tamil ——————*Paramboo*
canará ——————*Beyt Pullie*

O Rotim acha-se abundantemente em alguns sitios do Canará do Norte, como por exemplo na visinhança de Garssopá. Esta planta usa-se principalmente para formar cestos, e outras obras tecidas de verga, e para esteiras; e inteira serve de cordas. Ainda que abundante, e de algum valor no commercio, o rotim não parece ter tido grande exportação do districto, aonde todavia se podia obter a um preço quasi nominal.

BAMBU' (*Bambusa arundinacea*)

Em inglez——————*Bamboo*
hindustani——————*Bambú*
tamil ——————*Munjil* (c)
telegú——————*Veduru*
canará ——————*Bederie Gudda*
concani——————*Wanse.*

O bambú, uma das plantas mais geralmente uteis na India, cria-se exclusivamente em muitas das mattas do canará do Norte, particularmente na visinhança de Garssopá. Muitos dos usos desta planta são bem conhecidos; entre elles. no que toca ás fibras, faremos menção da fabricação de esteiras, cestos, e papel chinez (feito principalmente das folhas, e caule novo). O direito de cortar bambús nas mattas alcança-se do governo mediante pagamento de certo numero de rupias por milheiro.

Taes são as mais importantes e mais communs plantas productoras de fibras no Canara do Norte. Não se pense todavia que as temos nomeado a todas. Muitas das arvores florestaes dão na sua casca interior fibras, que podem ser convertidas em muitos usos proveitosos, mas todas ellas parecem assemelhar-se mais ou menos ás das acacias e arvores de gralha, todavia muito pouco se conhece ainda praticamente a cerca dellas.

Muitas plantas productoras de fibras valiosas, ou de outras partes da India, ou de paizes estranhos, podiam facilmente ser introduzidas no Canará do Norte. Entre ellas faremos menção da *Sansiviera zeylanica* ou *Marool* (que serve para cordas de arcos de settas), de *Hibiscus Cannabinas* ou *Ambaree lump* (chamado canhamo do Deccan, que serve para cordas), da *Fourcroya gigantea*; *Corchorus capsularis* ou *Jute*, etc. etc. mas as que já se criam no districto são sufficientemente variadas e valiosas. A extensão da cultura destas, especialmente do algodão, linho, e canhamo, seria mais proveitosa do que a introducção de outras especies novas no districto.

(Continúa)

---

[c] Hebert Drury escreve *Mungil*, e nós apropriando á orthographia e pronuncia portuguesa devemos escrever *Manjil*, *Mangil*, ou *Manchil*. He provavelmente deste vocabulo tamil que se deriva o nome de *Manchila*, que em Goa se dá hoje aos modernos palanquins, tomando-se pelo todo a parte, que principalmente facilita o transporte, que he o *Bambu* ou *Manchil*.

Nota do traductor.

VARIEDADES

Synonimia Chimico Pharmaceutica

Contendo todos os nomes antigos e modernos das substancias e medicamentos officinaes empregados em medicina bem como as origens e nomes scientificos de todos os simplices com espaço para indice para uso das pharmacias — Obra utilissima á classe medica em geral. — Confeccionada por Agostinho da Silva Vieira — Pharmaceutico

do hospital Real de S. Antonio, Director technico da lavanderia a vapor do mesmo hospital— 1.º Official do jardim botanico da Academia Polytechnica do Porto· Redactor da Revista de Pharmacia e Sciencias Accessorias do Porto etc.

Recommendamos esta interessante obra, publicada ha pouco tempo pelo nosso distincto collega o Sr. Agostinho da Silva Vieira, tanto á classe medica, como á classe pharmaceutica, a quem se torna de muita utilidade pela vantagem que lhe offerece de encontrar ali grande numero de synonimos para as differentes substancias medicinaes e preparados pharmaceuticos.

Carecem muitas vezes os pharmaceuticos de perder muitas horas a procurar em differentes livros um ou outro synonimo, que nem sempre encontram. Com a aquisição d'esta util e indispensavel obra evitarão não só o trabalho de recorrer a differentes livros, como tambem poderá servir-lhes para catalogo dos logares, em que se conservem as substancias e preparados nas pharmacias, porque o seu auctor teve a feliz ideia de lhe deixar espaços brancos accommodados a esse fim.

Todos os jornaes scientificos de Portugal teem feito os maiores, e bem merecidos elogios a esta obra, que alem de reunir um grande numero de synonimos que se encontravam dispersos em differentes livros, traz os nomes das substancias com a revelação das suas origens, não omittindo os nomes scientificos de todas ellas.

E' a primeira obra d'este genero que se publica em Portugal.

Os nossos collegas da India, que queiram ter conhecimento d'ella podem dirigir-se á pharmacia do hospital militar, onde existe já um exemplar que recebemos de Portugal pela mala de Alexandria.

Roberto.

Phenomeno geologico.

Diz o *Jornal de Pharmacia* de Lisboa, que os jornaes italianos occupam-se da descripção d'um extraordinario phenomeno geologico occorrido no archipelago grego nos dias seguintes a 18 de janeiro ultimo.

Consiste elle na elevação d'um alto penedo, feita ao som de um grande trovão subterraneo, que durou por muitos dias, e em quanto tinha logar a elevação do terreno, que no dia 24 media já 60 metros d' altura, 40 de comprimento e 20 de largura!

Este phenomeno foi acompanhado d'uma graude elevação de temperatura nas aguas, e grande exhalação de vapores sulphurosos, muito incommodos de respirar, e extraordinario movimento nas aguas, que estavam como em grande temporal.

Os homens da sciencia occupam-se em estudar este phenomeno que não se póde ainda dar por terminado.

Refutação do Folheto=o que fomos e o que somos=. Ou antes desaggravo á honra do Paiz—por— um Canarim.

Com o titulo que precede, recebemos um folheto, impresso na Tipografia do Jornal *A India Portuguesa*, que muito agradecemos.

ARCHIVO DE PHARMACIA

E

SCIENCAS ACCESSORIAS

DA

INDIA PORTUGUEZA.

Publicado e redigido pelo Pharmaceutico — ANTONIO GOMES ROBERTO.

Numero 33 **Setembro de 1866** **3. Anno**

LIÇÕES DE METEOROLOGIA.

POR

JOÃO STUART DA FONCECA TORRIE,

professor interino

Da Cadeira de Principios de Physica, Chimica e História Natural, de Goa.

LIÇÃO 1.ª

Introducção.

Não entra no programma de ensino deste curso elementar, o estudo da meteorologia, mas he tão util e interessante, que não duvidamos dedicar-lhe algumas licões, nas quais referiremos o que ha de maior importancia.

He a *meteorologia* a sciencia dos phenomenos physicos da atmosphera, os quais se denominão *meteoros*.

Acrisolada de antigas superstições e hypotheses, a meteorologia tem progredido extraordinariamente, não sendo já um romance de interessantes episodios, como a definia Herschell, mas sim uma sciencia muito agradavel e necessaria.

Por ella o nauta ousado preverá as tempestades, o agricultor regulará os seos trabalhos, o medico descobrirá factos de grande interesse para a saude.

Atmosphera.

Obra do Eterno fluido pasmoso!
Nenhum homem, nem arvore, nem bruto
Nenhum composto organico e vivente
A vida pode conservar no vacuo.
Padre Macedo na Meditação

1.º—*O que seja a atmosphera e a sua utilidade*— 2.º *Composição.*—3.º *Estabilidade de composição.* — 4.º *Acção dos componentes.*

1.º

O que seja a atmosphera e a sua utilidade,

A massa de ar que envolve a terra he a *atmosphera*.

Origem do carbonio, principal elemento do reino vegetal, offerece aos animais o oxigenio sem o qual a vida cessa.

Entre ella e a organisação as permutações são innumeras e incessantes, ou como diz o sr. Dumas, tudo o que o ar dá ás plantas, cedem estas aos animais, e estes o devolvem ao ar, circulo eterno em que se agita a vida, mas no qual a materia apenas muda de logar (1).

1 Dumas. Statique chimique pg. 21 e 46.

No vacuo a vida he impossivel, mas admittindo que assim não fosse.

Sem ar, as particulas odoriferas não tocarião o olfacto, advertindo-nos de condições que muito importão a nossa conservação.

Faltando o ar não se formarião ondas sonoras que nos deleitassem com harmonias, advertindo-nos pelos ruidos.

Sem sons não se fallaria.

Privada de ar, não se offereceriâo á visão senão pontos brilhantes, cercados de eterna escuridão.

Não teria pois a humanidade as indicações do olfacto e audição, as lições da visão e a civilisação da palavra.

O homem seria um ente de apoucada intelligencia, passando a vida em vagarosos ensaios, e continuos sustos, e ferido por milhares de objectos que só perceberia pela dor do ferimento, encontrára a cada passo o abysmo.

2.°

Composição.

Para a antiguidade o ar era um corpo simples, não se suspeitando a sua composição senão no meado do seculo desoito, demonstrando-a no fim do seculo, Lavoisier.

Depois por numerosas analyses que tiverão logar na Europa, Asia, Africa e America, conheceo-se ser a composição normal, em volume, a seguinte :

De 20,8 de oxigenio
« 79,2, de nitrogenio
« 0.0004,a 0.0006 de acido carbonico
« 0,006 a 0,009 de vapor d'agoa.

Tãobem normalmente se encontra no ar, o ozone, o ammoniaco, o hydrogenio proto-carbonado, germens de vegetais e infusorios, os fermentos, etc.

E anormalmente, o iode e os acidos: nitroso, nitrico, phosphorico, sulforoso, sulfhydrico, o chlorhydrico, etc.

Nas foses dos rios tropicais o ar tem hydrogenio sulfurado.

Osvegetais ao decomporem-se em contacto com o ar humido e quente, lanção no ar fungos, principios materiais varios, e effluvios.

Os animais produzem sempre miasmas e ás vezes outros productos materiais morbigenos, os quais se movem em suspensão no ar.

3.°

Estabilidade de composição.

Qual quer que seja o tempo, latitude ou altitude em que se analyse o ar, a sua composição he sempre a mesma, salvo pequenas exeepções, constituidas pelos logares nos quais ha preponderancia de algum dos componentes; assim

O oxigenio.

He mais abundante no ar que está em contacto com as agoas estagnadas, e os mares onde abundão os infusorios rubros e verdes.

E pelo contrario, no mar alto onde faltão os infusorios, diminue.

As mudanças de estações e as dos ventos tãobem influem na quantidade de oxigenio do ar.

Nos logares em que se não renova o ar, o oxigenio diminue todas as

vezes que ha animais a respirar, ou corpos em combustão.

O nitrogenio.

He muito menos variavel que o oxigenio, ha apenas alguns pontos em que he mais abundante, como por exemplo: o ar proximo dos vulcões de Turbaco, os quais são em numero de vinte, e exhalão seis a sete pollegadas cubicas de nitrogenio, por minuto.

O acido carbonico

Oscilla entre quatro e seis decimas millesimas, correspondendo o seo maximo ao periodo consequente ás chuvas, as quais dissolvem o acido carbonico que encontrão no ar, que cahe sobre a terra e em breve passa á atmosphera.

He mais abundante em terra do que sobre o mar, mais de noite que de dia, de verão mais que de inverno, nos terrenos seccos mais que nos humidos.

Abunda tãobem em varios logares, onde brota espontaneamente, das sulfataras, de varias agoas minerais, das crateras dos vulcões em acção, dos corpos em combustão, finalmente, do chão como na *grota del cane*, perto de Napoles; na *cava de Alexandre* perto de Tabriz, e no *Guwo Upas* (valle envenenado) em Java.

A agua.

Varía muito como veremos ao estudar os meteoros aquosos.

O ozone e ammoniaco.

Augmentão todas as vezes que na atmosphera ha descargas electricas.

O hydrogenio proto-carbonado.

Existe em maior porção no ar que cobre as agoas estagnadas, e onde se operão decomposições organicas.

A estabilidade de composição em quasi nada modificada por estas pequenas variantes que não passão de locais, fez crer a muitos chimicos que os diversos componentes da atmosphera existião unidos por effeito de combinação chimica; opinião esta refutada hoje pela generalidade dos escriptores.

Para estes o oxigenio e nitrogenio do ar, elementos que essencialmente o constituem estão apenas misturados, como se deduz:

1.° Da desegual solubilidade dos elementos do ar na agoa, o que se não dá nas combinações.

2.° Da composição que em volumes se faz por proporções que não são simples, o que se não dá nas combinações.

3.° Da producção artificial de ar, que tem logar sem desenvolvimento de calor, o que se não succede nas combinações.

4.° Da densidade, poder refrigente e calorico especifico que são a media dos dois gazes, o que se não nota nas combinações.

4.°

Acção dos componentes.

Oxigenio.

Na ha animal que possa prescindir do oxigenio, sem elle cessarião muitas transformações das quais a vida pende.

E he esta a rasão porque em toda

a serie zoologica se nota a absorpção deste gaz, fazendo-se umas vezes por todas as partes que estão em contacto com o ar, e outras por orgãos especiais.

Absorvido vai entrando em variadas combinações por toda a extensão do corpo, até voltar ao ar convertido em acido carbonico e vapor de agoa.

Ha porem infusorios que expostos a radiação solar exhalão oxigenio e absorvem acido carbonico, explicando esta circunstancia, o como no ar em que estes existão, abunde o oxigenio.

As flores por suas partes coradas absorvem oxigenio, que se vai combinar com o carbonio e hydrogenio da seiva para produsir calor, acido carbonico e agoa.

No periodo da germinação, o grão dos vegetais respira como os animais.

Nitrogenio.

Este gaz quando puro he mortal para os animais, como indica o seu nome de *azote*.

Na proporção em que existe na atmosphera não tem acção caracteristica sobre a economia animal.

Asseverão os physiologistas que o homem exhala maior porção de nitrogenio do que absorve, fixando apenas algum no estado de innanição.

Parece pois que o papel do nitrogenio se reduz a prevenir a demasiada excitação que produsiria o oxigenio puro, e a conservar este no necessario gráo de divisão e disseminação.

Acido carbonico.

Tem este gaz para os vegetais a mesma importancia que para os animais tem o oxigenio.

Depois de absorvido pelas partes verdes das plantas he decomposto, fixando estas o carbonio de que tanto precísão e envolvendo o oxigenio.

De modo que formão os animais o acido carbonico, alimento indispensavel dos vegetais, e estes a seu turno fornecem o oxigenio de que precisão os animais sustentando-se assim o que o sr Gavarret chama o equilibrio mobil de que dependem os viventes.

Para os animais o acido carbonico he tão prejudicial, que foi denominado pelos antigos chimicos —*ar mephitico*.

Para avaliar os effeitos deste gaz costumão os auctores referir o que se observa na *grotta del cane*; nós descreveremos os effeitos do *valle envenenado* de Java por ser menos conhecido, tal como o fêz Loudon, que pessoalmente o visitou (2).

A tres milhas de Balor, na estrada que vai para Djiens, está o *valle envenenado*; situado na reinterança d'uma montanha.

A alguns metros do valle o fetido he horrivel, mas este cessa á approximação das bordas desta pasmosa cavidade, de trinta a quarenta pés de profundidade e meia milha de circumferencia.

Formada de uma substancia dura e arenosa, apresentando aqui e acolá enormes rochedos, está em to-

2 Loudon vide Encyc. bitan. 7.ª ed. tom. 18 pg. 183.

da a extensão alastrada de esqueletos branquissimos de homens, tigres, pavões e toda a especie de animais.

Ao entrar na concavidade o máo cheiro augmenta, os animais que se demorão cahem, ficão inhabeis para o menor movimento e em minutos já não vivem.

Algumas aves atiradas para o centro do valle, já hião mortas antes de tocar o solo.

Creem os geologos que os extraordinarios estratos carboniferos se formarão n'uma epocha em que havia maior abundancia de acido carbonico na atmosphera do que actualmente; sendo por esse motivo desfavorecidos no seu desenvolvimento os animais.

Depois de formados estes depositos que um dia virião a ser um elemento de progresso, os animais acharão-se em melhores condições e crescêrão até serem os preponderantes.

Está opinião do sr. Adolpho Brongniart,(3) tem contra si, o como de repente deixarão de ser favorecidos os vegetais, e o poderem-se explicar os depositos carboniferos por uma temperatura e gráo de humidade superior ao da actualidade, o que he indubitavel.

Ammoniaco.

Existe em tão pequena porção, que nenhuma acção tem sobre os animais He absorvido pelas folhas dos vegetais e conjunctamente com o que entra pelas raises das plantas, forma os productos nitrogenados vegetais.

3 Bongiart. Annales des sciences naturelles, tom. 15

Hydrogenio proto-carbonado.

He inerte na dose ordinaria em que se encontra no ar: á supperficie dos pantanos como he muito abundante deve ser uma das causas da insalubridade destas localidades.

Em alta dose produz a asphyxia.

Hydrogenio sulfurado

Este gaz na proporção de $^1/_{1500}$ do ar respirado, he mortal para os pequenos animais que o inspirão; he pois bem fundado o suppor-se que deve prejudicar a saude dos povos nas paragens em que a evolução seja notoria.

Agua

A sua acção hade estudar-se em lição separada, por ora bastará dizer que sem agoa, a vida em breve terminára.

Ozone.

Este corpo que se diz ser o oxigenio electrisado, tem uma acção mui notavel sobre a economia humana.

Onde falta ozone, a face empallidece, a circulação retarda-se, os tecidos tornam-se flaccidos, em summa manifesta-se a anemia com todas as suas consequencias.

Como se combina com muita facilidade com as substancias organicas, principalmente as azotadas, he um poderoso desinfectante, sendo como tal empregado em varios estabellecimentos publicos.

Pela mesma rasão asseverão alguns escriptores, que quanto mais abunda na atmosphera, tanto menor he o numero de doenças miasmaticas.

Germens de vegetais e de infusorios

São todas estas substancias levadas pelas correntes atmosphericas a grandes distancias onde depositadas dão origem a novos seres.

Desta maneira he que se propagão alguns parasitas animais e vegetais.

Fermentos.

São a causa determinante de todas as decomposições denominadas fermentações.

Acidos.

Os diversos acidos do ar raras vezes tem acção notoria sobre os animais; o sulfuroso o que se desenvolve á superficie de algumas agoas minerais he benefico para algumas molestias da pelle; o sulfhydrico he a causa das mortes que tem logar nos que respirão o ar dos canos de despejo.

Principios materias morbigenos.

Ha tempos o sr. Eiselt foi a examinar o ar num asylo de orfãos, perto de Praga, (4) e n'uma enfermaria onde h avia varias creanças com ophtalmia, achou em fluctuação no ar uma quantidade de globulos purulentos, os quais em contacto com os olhos dos visitantes, de certo produsirião ophtalmias.

Talvez deste modo se propaguem algumas doenças virulentas, tais como as bexigas.

Effluvios.

Desde os tempos mais remotos que aos pantanos se attribue uma influencia deleteria sobre a saude dos povos, como se deprehende dos escriptos de Hippocrates e Celso.

A morte de metade dos Crusados nas planicies da Hungria quando se encaminhavão para a Terra Santa, a de desoito mil soldados em *W*alcheren, e cincoenta por cento da mortalidade actual dos climas quentes, são outros tantos effeitos da mesma influencia.

Por isso em todas as epochas se tem procurado descobrir qual a causa de tais effeitos.

Para os escriptores antigos, dos pantanos levantavão-se vapores da agoa tendo em suspensão animalculos qne causavão todo o mal; para outros o hydrogenio protocarbonado, o hydrogenio sulfurado, com o nitrogenio, o acido carbonico e o sulfhydrico erão sufficientes para tudo explicar; outros querião que todos os effeitos derivassem de uma *materia albuminoide floconosa.*

A maioria admitte os effluvios como emanações dos vegetais em via de decomposição, os quais se introduzem na economia humana e produzem febres priodicas, com todas as suas tristes sequelas.

Miasmas.

No estado de doença destacão-se principios materiais, dos animais os quais insensivelmente infeccionão o ar, e determinão nos que o respirão apparecimento de doenças.

Por isso fica sugeito ao typho quem respira o ar em que jasem os feridos desta doença, e assim se propaga a peste e outras varias doenças.

Os que não creem nas constitui-

4 Moore Sanitary art pg. 25.

ções epidemicas derivão as epidemias de identica causa.

Não he só porem no estado de doença que os animais e particularmente o homem exala miasmas, mesmo no estado de saude, os animais alem de corromperem o ar, consumindo o oxigenio e produzindo acido carbonico, polluem-no de mais a mais com miasmas.

Fêz o sr. Gavarret uma experiencia curiosa, vendo morrer num espaço fechado, animais, por causa dos miasmas, porque ao passo que o oxigenio se consumia era renovado, e absorvido o acido carbonico que se formava (5).

Pode-se pois com toda a verdade diser, que o homem he sempre um animal venenoso para o seu semelhante.

(Continùa)

CHOLERA MORBUS.

Relatorio do Doutor Leith, dirigido ao principal secretario do governo de Bombaim, para ser presente ao Congresso Medico Diplomatico de Constantinopla, datado de 10 de Março de 1866.

(Continuação do n.º antecedente).

III

Cholera no Exercito.

A cholera appareceo entre as tropas assim europeas como naturaes, e em quasi todas as estações militares houve algumas mortes ou de soldados, ou de pessoas de suas familias. A enfermidade foi muito mais devastadora entre as tropas europeas, que entre as naturaes, perdendo estas ultimas só 5, 1 por milhar da sua força total, em quanto as primeiras perderam 16, 1 por milhar, quantidade superior á mortalidade procedente de todas as outras causas no anno de 1864.

A proporção annual das mortes por effeito da cholera na parte europea do exercito foi, em

1861	3	por milhar
1862	4	»
1863	0,5	»
1864	0,7	»

Na parte indigena do exercito a mortalidade foi, em

1861	1	por milhar
1862	3	»
1863	1	»
1864	5,6	»

Desde Agosto do anno passado (1865) a enfermidade deixou o exercito indigena, e continuou a declinar rapidamente entre os paizanos. Todavia nas tropas europeas em Raipootana houve recurrencia da epidemia em setembro e outubro. Alguns facultativos exprimiram a opinião que a invasão de suas estações pela cholera, ou as exacerbações da epidemia, foram connexas com certas condições meteorologicas, mas as suas experiencias foram contradictorias. Um julgou que havia uma condição electrica especial na atmosphera quando a cholera começou, mas não foram feitas sobre a electricidade do ar observações algumas com instrumentos; e as sensações de um individuo são mui fracos substitutos de um electro-

5 Tardieu Dictionnaire de Hygiene publique tom. I.º pg. 32.

metro. Outro pensou que a condensação do ar coincidio com o augmento de virulencia da doença. O primeiro facultativo das tropas europeas em Nusseerabad assevera que muitas semanas antes que a doença apparecesse naquella estação, havia novas de grassar nas aldeas circumvisinhas de Neemuch. « Era sabido que ella hia caminhando gradualmente para Nusseerabad» — « e a diarrhea foi uma indisposição commum durante um breve periodo antes que a cholera se declarasse» — « quando esta rebentou em junho a temperatura era de 94 Fhar. ventos altos prevaleciam de dia e de noute, e eram frequentes as nuvens de poeira impellidas do sud-oeste » — nem um só dia nem noute, durante um mez antes do apparecimento da enfermidade, se podia dizer que a atmosphera fosse abafadiça.»

O calor em 1865 he universalmente admittido que foi excessivo, e isto de algum modo pode ter dado motivo á disproporcionalmente grande susceptibilidade das tropas europeas para com a enfermidade; mas os relatorios medicos dão exemplos de grassar entre ellas quasi exclusivamente a mesma enfermidade ainda depois de haver baixado a temperatura. No destacamento, que marchou de Mhow no intenso calor de Abril, 37 pessoas, entre 124 homens, mulheres, e crianças, foram accommettidas de cholera em cinco dias, e morreram 25.

Nenhum indigena dos que acompanhavam o destacamento consta que morresse; e á excepção de uma só morte oito dias antes, nenhum dos habitantes das aldeas, por onde o destacamento passou, foi accommettido de cholera, senão depois da passagem. Em Neemuch, onde uma ala de um regimento de infanteria europea, e os homens de uma bateria de artilheria habitando quarteis em differentes partes do acampamento, foram accommettidos, houve no bazar um só caso de cholera, e no ultimo periodo da epidemia, quando tinham morrido 25 homens, mulheres, e crianças, da gente europea, só morreu um homem da cavallaria indigena, e uma só mulher foi accommettida no aquartellamento do regimento de infantaria natural, que ocupava o terreno intermedio aos dous corpos europeos; e em todo o bazar e acampamento só sete servidores indigenas constou haverem fallecido.

Em Nusseerabad houve duas invasões de cholera. A primeira em junho, e então morreo o filho de um soldado europeu, e sete dias depois a doença se declarou entre a gente da artilheria e da infanteria. As tropas indigenas escaparam; e só houve dous homens naturaes accomettidos de cholera n'uma aldeia algumas marchas distante, os quaes foram trasidos a Neemuch em um carro. Não se lhes permittio que entrassem no acampamento, e foram alojados em uma caza apartada até se restabelecerem. Chegaram alguns dias depois da morte da criança. Na segunda invasão a enfermidade diz-se ter apparecido da parte de nordeste. Conta-se que a 20 de setembro um varredor foi visto vomitar e dejectar pouco

distante de um quarteirão dos aposentos das familias do regimento; o homem foi levado dalli, e morreo no dia 21. A 23 de setembro occorreu um caso de cholera naquelle quarteirão, e seguiram-se-lhe outros; e estes foram os primeiros casos da segunda invasão.

A historia da invasão da epidemia em Karachi foi descripta pelo primeiro facultativo das tropas indigenas. O primeiro caso foi o de uma rapariga moura, residente em casa de um official indigena do regimento 23 da infantaria tambem indigena. A rapariga havia morado em Dapoolee, que estava livre de cholera, até 15 de Março, tempo em que dalli saio em companhia de sua mãi. Foi para Bombaim embarcada, aonde chegou a 20 do mez, e em quanto alli estiveram, residiram no acampamento regimental proximo de Boree-Bunder. Não entraram na cidade, nem foram a lugar algum de concurrencia publica, e a esse tempo não havia annuncio algum de cholera no acampamento. A rapariga com sua mai, e outras pessoas embarcaram n'um vapor a 23 de Março, e chegaram a Karachi ao 1.º de Abril. Não havia cholera a bordo do vapor; e a rapariga continuou em perfeita saude desde a sua saida de Dapoolee, e não teve diarrhea até ao dia 3 de Abril ás 3 horas da manhã, em que foi accommettida de cholera. Falleceo no mesmo dia ás 3 horas da tarde. Ninguem mais dentre as pessoas que a acompanharam de Bombaim foi accommettido.

Seguiram-se casos da enfermidade entre as recrutas Panjabis, que recentemente haviam chegado da sua terra, e viviam a alguma distancia da caza, em que a rapariga residia, e não haviam tido communicação com a familia. Sete destas recrutas, e quatro mulheres entraram no hospital dos cholericos a 7 de Abril. No dia seguinte foram accommettidos mais quatro mancebos Panjabis, e no mesmo dia tres Musulmanos. Nesse mesmo dia 8 de Abril o regimento foi mudado pelo caminho de ferro para um dos acampamentos previamente escolhidos como refugio da cholera, deixando atraz os doentes. A epidemia não diminuio, e o acampamento foi novamente mudado, mas continuaram a occorrer casos da enfermidade até 22 de Abril, em que houve quatro mortes; e depois disso cessou. Houve ao todo 46 accommetidos, e destes morreram 25. A epidemia entrou em Kotree, sobre o Indo, a 2 de Maio, e em Hydrabad da outra banda do rio a 7 do mesmo mez.

He agora regra estabelecida no exercito de Bombaim, e nos outros da India, tratar de escapar da invasão epidemica da cholera, mudando do edificio onde ella tem apparecido, ou ainda do acampamento; e se ella ainda persiste, torna-se outra vez a mudar a vivenda. Ha exemplos, taes como o que acabamos de referir, em que esta providencia falha, e a enfermidade permanece. A experiencia do corpo de infantaria europea em Neemuch tambem não foi satisfactoria, mas nesse caso os doentes acompanharam o corpo em todas as mudanças. A efficacia da mu-

dança de logar observou-se em Barodá, aonde uma bateria de artilharia de campanha foi fortemente accommettida de cholera de sorte que em poucos dias tinha 32 doentes; mas logo que os homens foram mudados para tendas distantes apenas milha e meia proximamente do aquartellamento, sem detença se suspendeo o progresso da doença, Em Ahmednuggur parte de um regimento natural sendo accommettido, foi removido para tendas, e ainda que grossas chuvas encharcavam o terreno do acampamento, a enfermidade cessou logo. O destacamento de Mhow, de que já fizemos menção, ficou livre de cholera immediatamente que subio o *gate* para Simrole.

A temerosa mortalidade, que de tempo em tempo se tem observado quando a cholera accommette multidões congregadas em logares de romagens ou em feiras, tem levado a tomarem-se providencias que atalhem a repetição de tal calamidade. Na execução destas providencias tem-se colhido estatisticas dos logares de romagens nesta Presidencia, e nos vizinhos Estados indigenas, notando os lugares em que o concurso he de 2$ pessoas ou dahi para cima, e apontando a presença ou ausencia da cholera ao tempo do concurso no anno de 1865. O resultado foi inesperado, mas mui grato. Achou-se que no anno passado, apezar do geral derramamento da epidemia, houve muitos desses logares isentos de cholera na occasião do concurso dos peregrinos, na qual occasião, se a enfermidade apparecesse, haveria sido mui fatal aos concurrentes excessivamente fatigados, mal alimentados, e sem abrigo. A estatistica inclue noventa e quatro lugares, e só em dous appareceo a cholera; a saber Jejooree, onde se avalia o concurso a 5$ pessoas, e Sangum, onde se suppoem chegar a 50$. Parece que não houve grande mortalidade nem em hum nem em outro destes lugares.

Não se receberam notas estatisticas dos Estados indigenas de Kattywar, mas he geralmente sabido quão excessiva foi a mortalidade causada pela cholera entre os devotos, que foram assistir á abertura de um novo templo em Palitana. A epidemia parece ter sido importada no Guzerate, mas do relatorio de varios destacamentos militares no Kattywar, parece que se não extendeu ao sul daquella provincia. Cutch tambem esteve isenta de cholera no anno passado; e se esta enfermidade caminhou da India para o Sinde, devia ser por mar, e não por terra. Foi mui fatal na costa de Mekran, e outrosim ao longo da costa da Persia até Lingah, onde parou. Em appenso porei o relatorio do Cirurgião civil em Bushire mostrando o caminho que a cholera seguio. Muito se tem attendido aos meios de melhorar a condição das cidades e aldeas, espicialmente das que são proximas das estações militares, mas os esforços feitos para essa melhoria nada avultam quando se considera o numero de pessoas, a que se deve acudir, e o gráo de insalubridade de que he mister salva-las. A organisação da municipalidade da cidade de Bombaim foi agora ha pouco melhorada, e

está procedendo muito bem. De esperar he que Bombaim cesse de ser a residencia permanente da cholera e das febres, quando a sua limpeza, que já vai em progresso, estiver mais adiantada; quando o seu systema de esgoto, ha tanto tempo promettido, estiver em excecução, e se achar agua em sufficiente quantidade para o tornar effectivo, e quando o regulamento das edificações (*Building Act*), que agora se elabora, regular a altura relativa das casas, a largura das ruas, os minimos meios de ventilação dos apozentos; e quando finalmente se puzer limite á excessiva accumulação dos pobres nas cazas de pousada, e outras habitações.

Tambem he para desejar que o *Acto* XXI de 1858 seja revisto no sentido de se dar mais adequada protecção a evitar as enfermidades dos passageiros das embarcações, e aos habitadores dos portos onde aquelles passageiros desembarcam. A protecção que se presta aos emigrantes he consideravelmente maior do que a que se applica aos passageiros, que saem dos portos da India sugeitos ás regras daquelle *Acto*.—Sou etc.

A. M. LEITH, M. D., Presidente da Commissão Sanitaria.

(Continúa)

Productos Vegetaes do Canará do Norte.

Continuação do n.º antecedente.

ALIMENTOS.

ARROZ (*Oryza sativa*).

Em inglez———*Rice plant*
hindustani —*Dhan*
tamil———*Nellu*
telegú ———*Cheni*—*Uri*
bramá———*Saba*
canará ———*Batha*

O arroz, um dos productos alimenticios deste paiz mais geralmente importantes, he abundantemente cultivado, tanto acima como abaixo dos Gates, no Canará do Norte, donde he largamente exportado para outros districtos da costa. As variedades que aqui se criam são as que commummente se acham na costa occidental, e não tem valor especial. O arroz da Carolina mais excellente poderia provavelmente ser cultivado com igual bom exito e certeza no districto.

O processo de cultura do arroz he assaz conhecido para requerer aqui menção especial, e he o mesmo no Canará de Norte que nas mais partes.

Todavia o modo de enfardar o arros para a exportação no Canará do Norte differe do que usualmente he adoptado, e he muito superior ao que se úsa em outros districtos. O grão em vez de ser simplesmente mettido em saccas, he envolto em palha da mesma planta, enfardado em esteira, e amarrado ao redor com cordel da palha. Assim se arma o fardo, ou *mará* (de dous tamanhos, o menor de tres, e o maior de quatro *maõs* de 28 libras cada uma).

O fardo assemelha-se na forma a uma enorme laranja achatada, e nelle fica o arroz muito melhor guardado do que em saccas.

Largos tractos de boas terras de arroz se podem ainda aproveitar no districto.

O arroz forma no Canará do Norte, bem como em outras muitas partes da India, a base da alimentação do povo. Em algumas partes o nachinim, milho miudo, e outros grãos são comidos em pequena porção, e havidos em menos estimação que o arroz.

He singular que seja havido em tão

alto favor em grande parte da India, e outras regiões do oriente, por quanto indubitavelmente possue muito menos potencia nutritiva do que outros muitos grãos e comestiveis. Talvez que a sua reputação seja devida á facilidade da sua cultura, e proveito que ella dá, porque os naturaes da India são os agricultores mais mandriões, que ha no mundo.

Investigando a historia de varios productos naturaes da terra, geralmente achamos que a natureza tem levado o homem, assim no estado civilisado, como no selvagem, a escolher, ou fabricar sem o auxilio da sciencia aquellas substancias que são mais proprias a nutrir, ou de qualquer modo beneficiar a organisação humana, e que sem uns haverem noticia dos outros se tem encontrado em direcções e resultados admiravelmente semelhantes.

He hoje bem sabido dos chimicos physiologistas que certas substancias, taes como o alcool e o chá, quando tomadas em certa quantidade, tem tendencia a retardar as perdas dos tecidos animaes: que, por exemplo, se dous homens em circunstancias exactamente semelhantes forem sujeitos á inedia, e a um for ministrado chá ou alcool, e ao outro agoa simples, ou outra bebida, que não contenha alimento sólido, aquelle que bebe o alcool ou chá, perderá as forças muito menos rapidamente que o outro. Estas substancias por consequencia obram de semelhante modo retardando a perda de forças procedente do trabalho.

Este facto parece ter sido descoberto praticamente em muitos paizes independentemente de communicação entre elles. Dest'arte o chá foi largamente usado na China, o café na Africa do Norte e Arabia, o mate (folha de um *ilex*) na America do Sul, e infusões de varias outras ervas em outros paizes. A sciencia moderna tem verificado que os principios essenciaes destas differentes substancias são quasi identicos em constituição, e em acção.

Difficultosamente haverá paiz que não tenha descoberto por si proprio o modo de preparar o alcool, ou as variadissimas bebidas que o contem, servindo-se para isso de mui desvairadas substancias.

He portanto maravilhosa cousa que os naturaes do Oriente hajam adoptado e conservado, e ainda estimado por alimento, um grão, que a natureza lhe devia ter mostrado conter proporcionalmente mui pequeno nutrimento, porque o arroz contém uma mui pequena percentagem de materia realmente nutritiva. Segundo Fromberg o seu valor comparado com o da fava, que se toma por typo equivalente a 100, he só de 35, em quanto o da avea he de 75, o das ervilhas de 80, e o do trigo de 70.

Contém geralmente (porque as variedades mui pouco differem) acima de 85 por cento de gomma (um hydro-carbonato) isto he, composta somente dos ultimos elementos, hydrogenio, oxigenio (que são os componentes da agua) e carbonio (sem nitrogenio, ou azote) do qual carbonio comparativamente pouco he necessario á economia animal no que toca á nutrição.

Por tanto o arroz contém mui pouco nitrogenio, ou material da formação do sangue, pois na verdade apenas entra por sete até nove partes na composição daquelle cereal.

O calor animal he produzido e conservado pela combustão das substancias hydro—carbonaceas (taes como a gomma, gordura etc), mas o corpo he nutrido pelas substancias nitrogenias ou azotadas. A economia animal requer umas e outras; mas mais das primeiras nos climas frios (aonde he mister maior calor, e maior combustão se exerce para o ministrar) do que nas temperaturas mais quentes e mais

temperadas. Mas em ambos os casos se requere uma quasi igual proporção dos elementos nitrogenios, ou formadores do sangue; e isto suppondo que o trabalho corporal he tambem em ambos os casos semelhante em esforça e especie.

Achamos que em muitos paizes frios como a Laponia, Groelandia & os habitantes consomem grandes quantidades de alimento carbonaceo, como gordura de balea, de urso etc. e que podem ingerir impunemente, e ainda com vantagem, amplas quantidades de alcool, que he uma bebida altamente carbonacea. Mas esta mesma qualidade de dieta carbonacea he summamente impropria nas regiões tropicaes.

O arroz, como temos dito, contém uma larga proporção de materia carbonacea, de que pouco se carece nos climas quentes; ao mesmo tempo que encerra pouca daquella materia nitrogenia, que se requere para a construcção dos tecidos animaes, particularmente nos tropicos, a onde as perdas são maiores que nas regiões mais temperadas.

Os naturaes da India, que vivem de allimento vegetal, tem obedecido tanto aos dictames da natureza que geralmente misturam o *dall* [*cajanus indicus*] a *culita* ? (*Cicer arietinum*) e outros vegetaes nitrogenios com o arroz, mas não em sufficiente extensão, porque não são tão avisados como os Egypcios e outros povos, que vivem de lentilhas e ervilhas; e como consequencia achamos que elles são menos musculosos, e physicamente mais debeis, que os que vivem de mais nutritiva (nitrogenia) dieta; e tambem mostram tendencia para se libertar da materia carbonacea arrumando-a entre os tecidos vitaes em forma de gordura, porque não pode toda passar pela combustão na respiração.

A qualidade de alimento carbonaceo ingerido tem assignalada influencia nas enfermidades, especialmente nas febres deste paiz, ás quaes achamos que aquelles que vivem de excessivo alimento carbonaceo mui facilmente succumbem. Se os Europeos se sujeitarem á dieta de arroz, brevemente ficarão tão degenerados e languidos como a generalidade dos bramanes, e outros hindús das castas altas. A questão sobre se o arroz he proprio para base principal da dieta, he de grande importancia politica, e muito maior do que ordinariamente se cuida. No entretanto os fortes impulsos da natureza vão começando a supplantar os preconceitos da superstição e do costume.

Pode-se com muita vantagem introduzir maquinismo para descascar o arroz neste paiz e em outras partes da India, como já se tem feito em Ceylão, com que se pode poupar muito tempo e trabalho.

ADDITAMENTO DO TRADUCTOR.

Não será talvez desagradavel ao leitor achar a par deste artigo todo scientifico sobre as virtudes nutrientes do arroz, outros mais praticos, e particulares acerca da sua cultura, variedades, e iguarias, que delle commumente se preparam. São extrahidos os artigos do *Diccionario da lingua concani*, ainda inedito, (mas que nós preparamos para a impressão.), obra do mesmo Missionario Italiano, cuja *Gramatica da lingua concani* já publicamos no anno de 1859

Diz assim o Missionario Italiano:

Arroz

=Sendo o Arroz o principal e quasi unico sustento do paiz, parece-me conveniente fallar delle aqui por miudo.

1.° Os campos donde se semeia este grão, ou são planos, iguaes, e baixos, e em tal caso se chamam *oceta*,

á; *cullavaddi, y* [a), este pouco usado; ou são planos, iguaes, mas hum pouco elevados do terreno circunstante, e em tal caso se chamam *xitó, eá, mequy*, ou *maquy, ye*; ou são situados na raiz de montes algum tanto elevados, e feitos a modo de degráos, e em tal caso chamam-se *maquy*; ou são muito baixos, e paludosos, visinhos aos rios, e então se chamão *qhazona, a, ggazini; y;* ou finalmente são nas montanhas, desiguaes, e ingremes, e então se chamão *combari, y*. Nos campos planos se levantão muitos pequenos valladinhos, que dividem o campo em muitos quadrados, ou rectangulos: O officio destes valladinhos he de conservar a agua nos quadrados. O tal valladinho se chama *mera*, e cada quadrado se chama *cunnago, ea*, ou *cunnaghy, ye*. Quatro ou cinco, ou mais destes quadrados unidos em fileira se chama *bôlú*, indeclinavel, *pattaly, y*.

2.° Nos campos, em que podem ter abundancia de agua, quando se quer, se semeia o arroz duas vezes cada anno, isto he, no verão e no inverno. Tudo o que pertence á seara do verão traz comsigo por seu distinctivo o adjectivo *vainganno*; e a colheita desse tempo, ou o arroz de tal colheita se chama *vainganna, á*. Tudo o que pertence á seara do inverno recebe o adjectivo *sardo*, o que não se usa senão quando se trata de querer excluir do sentido do discurso a seara precedente.

3.° Ha tres modos de semear o arroz. O 1.° he de semear a semente secca. Isto se faz quando a terra he secca, ou somente hum pouco humida. Este modo de semear se chama *dullapa, é*; semear em tal modo *dullapeca roitã*. O 2.° modo he de fazer grelar a semente antes de semeal-a. Isto se faz banhando-a por tres vezes cada dia por alguns dias posta em cestos com pesos por cima. Esta semente assim grelada se chama *rova, á*; e se semea quando a terra já he impregnada de agua. Este modo de semear *zoddany, ye*. O 3.° modo he de semear á semente já grelada como no 2.° modo em hum peqneno espaço de terra, e por isso muito densa; depois que as plantasinhas tem crescido sufficientemente, se transplantão em conveniente distancia nos campos já preparados. Este modo de semear se chama *natti, y, tarvo, ea*. Semear deste modo se diz *nattitã*, ou *tarvo galitã*. As plantasinhas quando são tiradas para se transplantarem em outra parte se chamão *thamba, é*.

4.° Desde que o arroz he nascido no campo até que seja debulhado, ou até ser separado o fructo da palha se chama *dhana; á*. e assim esta voz significa *arroz em erva*, ou ainda unido á sua palha. Quando he nascido apenas se chama ainda *opa, é*. Quando a espiga he ainda muito tenra, e só cheia de leite, se lhe dá o epitheto *dudoghilla*. Qando a espiga he semi-madura se lhe ajunta o adjectivo *ambaddo, ambaddilo*. Quando a semente he madura se chama *bbata, á*, e assim se continua a chamar em quanto não he despido da sua casca; por tanto a voz *bbata, á*, significa arroz vestido de sua casca.

5.° Ha muitas especies de bate, que cada huma tem seu proprio nome. Seria demasiadamente longo, se quizesse referir todas. Huma divisão generica das diversas especies he, em bate de rabo, e sem rabo. O 1.° faz a espiga com barba algum tanto semelhante á do trigo; chama-no *cunsachẽ bbata*; o 2.° não tem a tal barba, e se chama *munddẽ bbata*, isto he, obtuso. Outra divisão generica he em bate grosso, e fino, *mottẽ, barica*. As especies de bate grosso são innumeraveis; as do fino são poucas; entre estas as

(a) O-a-redondo entre as letras italicas indica o *a* breve da pronuncia concani, que he a primeira letra do alphabeto *balbod*.

mais conhecidas são, *salli, y, valli, y.*

6.° Do bate antes de ser descascado preparão-se duas especies de comer; a 1.ª se chama *fova. á*; para fazer esta cosem primeiro o bate em agua com sal, e fazem-no depois seccar por metade ao fogo. pisa-se logo com uma massa de páo encastoado de ferro, chamada *latti, y*, ou com pilão. o qual o esmaga, e descasca. Este he hum comer muito estimado entre os Indianos, e se pode ainda chamar o biscoito dos viajantes. A 2.ª especie de comer preparada de bate se chama *layo, yã*, plural, no singular *lay, ye*, pouco usado: para fazer estas fazem escaldar bem sobre o fogo huma panella, e depois lançar nella o batte crú e seceo, o qual pelo calor estoura, despe-se da casca e cresce muito

7.° O bate sendo descascado se chama *tandulla, á.* A casca de fora se chama *tussa, á*, ou *motto cunddo, eá.* Tirada a casca de fora resta ainda huma pequena pellicula apegada ao arroz, a qual se chama *cunddo, ea*, Em quanto não he tirada do arroz esta pellicula dá-se-lhe o nome adjectivo *carddo*, que significa *roxo*, e dão-lhe o tal epitheto ainda quando resta hum pouco daquella pellicula, posto que a maior tenha sido tirada. Quando já não resta nada da tal pellicula lhe dão o epitheto *saddica*, que quer dizer *limpo.* Para tirar do bate as cascas e crustas usa-se pilal-o em hum gral com pilão, e ainda que o modo de pilal-o assim para tirar a casca, como o farello he o mesmo, com tudo usa-se de diversos verbos para exprimir a piladura. Para dizer *pilar o bate*, se diz *candditã*; *pilar o arroz, faraitã, sadditã.* Alguns poucos para tirar a casca do bate costumam moer em huma mó feita para tal uso. Esta operação de moer se exprime com o verbo *bãddaditã.*

8.° Antes de pilar o bate para lhe tirar a casca he uso frequentissimo cozel-o em agua, e depois seccal-o muito bem ao sol. O arroz feito deste modo recebe o adjectivo *ucaddo*, isto he, *cozido.* Se o bate não foi cozido, então recebe o adjectivo irregular *suraí, ié*, crú, pacharil.

9.° O arroz sendo, como fica dito, o principal sustento dos Indianos, comem-no de mil diversos modos; mas o modo generalissimo he de fazêl-o cozer em agua, e sal (e alguns ainda sem sal), e quando he cosido separam delle a agua: o arroz cozido deste modo, isto he, fervido em agoa, se chama *sita, á*, e por excellencia chamam-no ainda *ana, á*, isto he, *alimento*; e cozido deste modo o comem temperado com algum môlho. O *polava, á*, comer dos ricos, mas raro, he arroz cozido em pouca agua (que no cozer toda se consome) e com manteiga. O *qhiddy, yé*, he arroz cozido como o precedente ajuntando legumes. O *paissa* he arroz cozido com mediocre quantidade de agua, com manteiga, ou com muito leite de côco, e pela maior parte com jagra. Este mesmo chama-se tambem *qhira, é*, quando he doce. Alguns outros modos de comer o arroz achar-se-hão debaixo da voz *Canja*, e *Apa* Direi com tudo huma especie de comer o arroz, de que gostam muito os rapazes. He feito de arroz limpo. Molha-se o arroz em agua e sal, e feito seccar bem, se põe em huma panella com muita areia bem secca sobre o fogo vivo; com este calor o arroz se dilata em volume, e se assa, chama-se *chiramuly, ye*, usa-se no plural *chiramulye.*

Canja.

Os Indianos não usam nenhuma sôpa ao modo europeo; usam porem de varios comeres, que tem semelhança com a sôpa. O arroz cozido em muita agoa com sal sem mais nada pode dizer-se a primeira, principal,

e communissima sôpa dos Indianos, e tomam-na por almoço, muitos ainda por merenda; e este he o unico comer dos enfermos; chama-se, *peza, é*, os Portuguezes lhe deram o nome de *Canja*. A's vezes conservam o caldo, o qual depois de alguns dias vem a ser muito acido, e se servem delle para vinagre; chama-se *canzim, yá*. Parece que disto os Portuguezes tem corrompido o seu precedente nome.

Outra especie de sôpa muito commum entre os pobres se chama *ambili, y*; esta he feita de farinha de nachinim. Hum dia antes de cozêl-a a amassam, e pela fermentação vem a ser hum pouco acida. Outras sôpas de arroz vejam-se nessa palavra. Alem disso usam de outras especies de sôpas doces, como *vana, á*, que he feita de legumes moidos em farinha; *dudally, yá*, he de farinha de milho; *sazi, yá*, he de farinha de trigo, etc.

Apa.

Apa, bacary, yé, he o nome geral, como tambem *polly, yé*, Ha outros nomes particulares proprios de cada especie. *Rontty, yé*, costumam dizel-o se he de trigo, e assada no borralho. A especie mais ordinaria, isto he, feita de farinha de arroz, nachinim etc. amassada, e assada sobre uma telha, ou outro traste de barro, chama-se com o nome geral *bacary*, outra especie que assam em frigideira untada de azeite, se chama *caillivolly, ye*; a que não he assada em azeite *cailivolly*; outra de farinha fermentada he assada como a primeira em vaso de barro untado de azeite, e se chama *pollo, eá*; outra especie de farinha fermentada, que cozem ao vapor de agua fervente, se chama *sandana, a*.—

(Continúa)

J. H. da Cunha Rivara.

NOVO DESINFECTANTE

Em um paiz como este, onde o calor produz tão rapidamente a decomposição das materias organicas, o conhecimento d'um novo desinfectante he sempre uma boa acquisição.

Foram ultimamente ensaiados, com bons resultados, como desinfectantes, e permanganato de potassa e o acido phenico, cuja dissolução aquosa he d'uma bella côr de violetas.—M. Demarquay os tem empregado para destruir o máo cheiro dos cancros, das chagas de toda a especie, superficiaes ou profundas, etc.

Bastam algumas lavagens, ou injecções deste liquido, para faser desaparecer o cheiro das partes banhadas—Tem-se feito grande uso deste desinfectante nos Hospitaes de Londres.

O permanganato de potassa he preferivel ao acido phenico para o curatívo das chagas, por causa da acção irritante deste acido; mas, nos casos em que esta acção não seja nociva, acido phenice misturado com o alcool, ou vinagre he o antipudrido e o disinfectante por excellencia.—Pela sua volatilidade, ataca os miasmas espalhados na atmosphera, provenientes das materias animaes em decomposição, e promette ser d'um grande auxilio nos tempos de epidemia, e em geral como agente hygienico nos hospitaes e nos quartos dos doentes.

J. de Mello.

ARCHIVO DE PHARMACIA

E

SCIENCIAS ACCESSORIAS

DA

INDIA PORTUGUEZA.

Publicado e redigido pelo Pharmaceutico — Antonio Gomes Roberto.

Numero 34 **Outubro de 1866** **3. Anno**

LIÇÕES DE METEOROLOGIA.

POR

JOÃO STUART DA FONSECA TORRIE,

professor interino

Da Cadeira de Principios de Physica, Chimica e Historia Natural, de Goa

LIÇÃO 2.ª

Pressão atmospherica

Que enorme peso supporta
o fragil homem!
Swift. Letters.

1.º *Peso do ar* — 2.º *Variantes* — 3.º *acção.*

1.º

Peso do ar.

Desconfiara Aristoteles que o ar era pesado, para se tirar de duvidas, entendeo que o melhor era pesar um odre vasio e depois cheio de ar; por que se o ar não he imponderavel, disia elle, o odre no primeiro caso ha de ser mais leve; não succedeo assim, a balança nenhuma differença mostrou, e por isso Aristoteles continuou a negar a ponderabilidade do ar, e com elle o maior numero dos antigos philosophos.

Maior numero disemos porque deste pensar discrepárão:

Empedocles e Asclepiades que pelo peso do ar explicavão a sua entrada no pulmão.

A escola epicuriana que aos effeitos dos movimentos das agoas assemelhava os dos ventos, e declarava o ar formado de tenuissimos corpusculos invisiveis a que Lucrecio chamava *corpora secca.*

Galileo entre os modernos, por pouco não prova o peso do ar, mas a seo discipulo Torriceli cabe a gloria deste resultado.

Já na Pneumostatica dissemos, que com o *tubo* e *experiencia* que ainda hoje conserva o nome de tão illustre physico, Torricelli descobrira e indirectamente provara o peso do ar, por que só a pressão atemospherica he que podia contrabalançar o peso da columna mercurial que no tubo existe, apenas sustida lateralmente.

Pouco depois de Torricelli, provou-se de modo directo a ponderabilidade do ar.

Otto de Guericke com a mesma experiencia que obscurecera a antiguidade, descobrio a verdade, apresentando-a d'um modo inquestionavel.

O odre que quando cheio perde tanto do seo peso quanto he o peso do volume de ar que desloca, foi substituido por um balão de vidro, que não podia induzir no mesmo erro, e este balão pesado vasio e depois cheio do ar, mostrou-se mais pesado no segundo caso.

Varios observadores repetindo observações neste sentido acharão os seguintes resultados.

Prout, que 100 pollegadas cubicas de ar secco, com o barometro a 0,^{m} 76, e o thermometro a 15,56,° pesarão 31,0117 grãos (1) Dalton e Henry dizem que 31 grãos (2) Shuckburgh, quer que sejão 30,5 (3).

Um litro de ar secco a zero do thermometro centigrado e a 0,^{m}76 de pressão, pesa gr 1,30.

He 770 a 775 vezes mais pesado que a agoa.

O peso de toda a atmosphera está calculado por varios physicos, não sendo difficil o calculo por se saber que em uma dada superficie o peso de ar equivale a uma columna mercurial cuja base seja a mesma superficie e da altura de 0,^{m}76; ou a uma de agoa da mesma base e de 10,^{m}3: temos pois o peso da atmosphera egoal ao de uma camada de agoa de 10,^{m}3

Pelo calculo achou Pascal, que o peso em libras francesas, era 8,983, 889,440,000,000,000 (4).

---

1 Prout— vid. Turner. Chemes try-arti-ar.

2 Dalton and Henry. Philosoph. trans. 57 pg. 560

3 Shuckburgh, Thomson. Metereology pg. 17.

4 Pascal. De la pesanteur de la masse de l'air.

Pode-se diser que a atmosphera pesa mais que cinco quintileões de kilogramas, mas com todo o rigor he impossivel, porque he preciso descontar as montanhas e outras elevações do solo, e as depressões.

Este peso tão extraordinario que apenas se concebe, he uma insignificancia comparado com o da Terra, não chega a ser uma millionessima daquelle.

A pressão atmospherica opera em todas as direcções como mostrão varias experiencias e particularmente a que se faz com os *hemispherios de Magdebourg.*

2.°

Variação da pressão atmospherica.

A pressão atmospherica varia constantemente, porque alem doutras causas, não ha quasi meteoro algum que a não modifique.

Assim, diminue a pressão quando nos elevamos na atmosphera; quando nos approximamos do equador, desde o começo do inverno até o verão, desde a lua nova até o segundo octante, todas as vezes que se eleva a temperatura do ar, etc.

Augmenta a pressão, quando penetramos no interior da Terra, quando nos desviamos do equador, até 38.° diminuindo depois até os polos; desde o verão até o inverno; depois do segundo octante até o segundo quarto, quando esfria o ar, ect.

Para avaliar estas mudanças emprega-se o *barometro,* cuja construcção e theoria já nós conhecemos:

Toda a differença de pressão im-

prime uma modificação á columna barometrica, alongando-se toda a vez que augmente a pressão, para se retrahir quando esta diminua.

Altura media da columna.

Para obter a altura media de qualquer logar, observão-se as alturas nas differentes horas do dia, a somma destas divididas por vinte e quatro dá a *media diaria*.

A somma das medias diarias divididas pelo numero de dias do mez dá a *media mensal*.

Dividindo por doze a somma das mensais teremos a *media annual*; e a somma destas dividida por um sufficiente numero de annos dará a media do lugar onde se observa.

Ao nivel do mar a altura media he de 756^{mm}, altura que se reputa a media de todo o Globo.

A columna barometrica oscilla sem cessar, destas oscillações, umas são regulares e outras não.

Oscillações periodicas.

Estas oscillações tãobem denominadas *horarias*, *diurnas* e *regulares*, manifestão-se, pelo abaixamento progressivo da columna e augmento consecutivo.

As horas em que se suspende a descida do mercurio para subir ou vice versa disem-se *horas tropicais*.

Desde o meio dia até 3 ou 5 da tarde baixa o barometro, formando nesta epocha o seu *minimo*; sobe em seguida até 11 da noite cahindo o *maximo* entre 9 e 11 horas.

Desce outra vez até as 4 da manhãm dando-se o *segundo minimo* e sobe até 10 da manhã para se dar o *segundo maximo* (5).

Nas observações existentes nota-se a falta de coincidencia entre as horas tropicais; de differentes logares mas no diser dos meteorologistas a discordancia ha de desaparecer quando as observações forem mais longas.

As *estações* fasem com que as horas tropicais se approximem ou affastem do meio dia, dando-se a approximação no inverno, e o contrario no verão.

Nas regiões intertropicais he onde bem se observão as oscillações periodicas, porque he mui sensivel a differença da columna, e não ha tãobem as oscillações irregulares notaveis que fora dos tropicos perturbão o andamento das oscillações regulares.

O sr. Sabine observou que em lugares que por sua posição geographica sejão de secura notoria, como he a Russia entre a Europa e Azia, em vez de haver duas series de oscillações, apenas ha uma, coincidindo o maximo e minimo com os extremos da temperatura(6).

Amplitude das oscillações periodicas.

A amplitude destas oscillações he notavelmente modificada pela latitude, altitude, estação etc.

A latitude modifica de tal modo a amplitude, que entre 60 e 64° já se não observa.

---

5 Kaemtz. Cours de Metereologie. a pg. 50.

6 Sabine. Rep. British Assoc 1845 pg. 73—82

Do mesmo modo diminue com a altitude.

A estação faz com que o minimo se observe no inverno, e o maximo no verão. Pode-se diser em geral, que a amplitude augmenta na rasão inversa da temperatura; influindo por isso muito na amplitude os diversos ventos.

Variações accidentais ou irregulares.

Apparecem a todas as horas do dia, são notorias fora dos tropicos não só porque as oscillações periodicas não são tão sensiveis, como pela amplitude que he tanto maior quanto mais elevada he a latitude.

De inverno tãobem a amplitude he maior que de verão.

Os ventos frios e em geral tudo que faz diminuir a temperatura augmenta a amplitude, os ventos quentes diminuem-na.

Influencia dos ventos sobre as variações.

A influencia dos ventos sobre o barometro he muito notavel: está hoje demonstrado por grande numero de observações que o barometro sobe quando soprão certos ventos, descendo pela influencia d'outros.

Dedusindo a media das observações feitas em quinze Cidades da Europa, que o sr. Kaemtz refere (7) obtivemos o seguinte resultado.

Vento. N.-Barotr.°,	756,45	millitr.os	
N.E.	»	757,25	»
E.	»	755,97	»
S.E.	»	740,97	»
S.	»	738,77	»
S.W.	»	739,03	»
W.	»	740,70	»
N.W.	»	742,08	»

Neste quadro se vê que o maximo da altura barometrica coincide com a existencia do N. E. e o minino com a do S.

Do estudo de varias anomalías e influencia da posição geografica dedusio-se a seguinte lei.

Que o *barometro attinge o seu maximo, quando sopra o vento do norte ou interior dos continentes, e o minimo quando o vento vem do equador ou do oceano.*

Causa das variações.

De todas as causas das variaçeõs, a mais importante he a temperatura

As oscillações periodicas tem por causa a acção calorifica do sol.

As irregulares dependem da temperatura do logar em que se observem, quando esta excede a dos logares circunvisinhos o barometro baixa, elevando-se quando a temperatura he inferior.

Ha na verdade algumas anomalias que deste modo se não explicão, mas he de esperar que o progresso da sciencia em breve faça entrar a excepção na lei geral.

As oscillações tem-se explicado pelo influxo do sol ou lua que produsiria marés atmosphericas.

Meikle explica a influencia dos ventos, disendo, que quando o vento vem do N. E. a força centrifuga

7 Kaemtz. Log. cit

communicada ao ar pela rotação da Terra, he menor, e por isso a acção da gravidade sobre o ar he mais sensivel.

Pelo contrario quando o vento vem do O. a força centrifuga augmenta e a gravidade dimiuue (8).

3.°

Acção

Se o ar não fosse pesado não haveria atmosphera porque a força centrifuga gerada pela rotação do nosso globo, dissiparia no espaço um corpo que por sua natureza tende á disseminação.

Os fluidos da economia animal romperião os canais que os contem e occasionarião a morte.

De facto a pressão enorme que o homem supporta e que não sente por obrar em todos os sentidos e elasticidade dos fluidos, he-lhe essencial para a vida.

Alguns dos effeitos mais notorios da diminuição da pressão atmospherica achão-se registrados por differentes observadores.

O Barão Humboldt n'uma altura de 16000 pés sentio-se extremamente cançado, o sangue corria dos ouvidos e labios, e a respiração fazia-se difficilmente.

A combustão era mais difficil que na planicie adjacente.

A agoa fervia a uma temperatura muito inferior a 100 graos centigrados (9).

O Dr. Martin Barry que em 1834 subio ao cume do Monte Branco, diz, que entre 12 e 14 mil pés d'altura sentio grande secura, a pelle descorada, sensação de constricção; sede intensa e inappetencia; depois de 14 mil pés o appetite estava de todo perdido, mas não era grande o cansaço.

A 15 mil pés a exhaustão era notoria, e a cada 20-30 passos a oppressão da respiração crescia a ponto de ser necessario interromper o progresso; parando um pouco tudo cessava.

A 15 500 pés todos os phenomenos anteriores crescerão em intensidade e havia tendencia para a syncope.

No cume a 15666 pés os incommodos erão pequenos, quando estava quieto, ou andava pouco 10).

João Stuart da Fonseca Torrie

(Continùa)

Meio de respirar entre o fumo de um incendio.

A *Opinion Nationale*, jornal de Paris, de 15 de agosto ultimo transcreve do *Morning Post*, jornal de Londres, o seguinte:

=A 10 de agosto foi feita com o melhor exito uma mui interessante experiencia no arsenal por um Francez, M. Galibert, inventor de um aparelho, que permitte a quem delle he provido respirar livremente no meio do mais espesso fumo de um incendio

O vice-almirante Wellesley (a),

---

8 Meikle. Jameson s'jour 1827 tom. 4.° pg. 108.

9 Humboldt. Atheneeum n.° 524 pg. 833.

10 Martin Barry. Ascent of Mont Blanc 1826 pg. 104.

(a) He sobrinho de Lord Wellington, e foi ha poucos annos *Commodore*, ou com-

o Almirante director do arsenal, o Capitão Egerton, o Capitão W. C. Chamberlain, e os officiaes do arsenal assistiam á experiencia, que se fez no enxugador (*seehoir*) da forja, local apropriado ao effeito pretendido.

Acarretou-se grande quantidade de palha, cavacos, estopa&. e poz-se-lhe o fogo ás tres horas, depois de se haver mui bem fechado a porta, que era a unica abertura da caza. Dentro de alguns minutos o fumo ficou impenetravel naquelle recinto.

M. Galibert tomou então o seu aparelho, que consiste n'um sacco de panno á prova de fogo; encheo-o d'ar por meio de dous pequenos folles, ajustou-lhe dous tubos de guttapercha terminados por uma biqueira que fixou aos beiços; depois de haver tapado as ventas por meio de uma pinça de mola; e por ultimo pondo o sacco ás costas, entrou na caza, e depois de entrar mandou fechar a porta.

Ficou alli oito minutos e cincoenta segundos, e quando saio, não dava signal algum de haver padecido a menor molestia. Um official da policia, John Say, n.o 157, se offereceu depois para tambem tentar a mesma experiencia; o que sendo permittido pelo Almirante, M. Galibert entregou ao homem o aparelho, explicando-lhe o modo de usar delle.

Este mesmo homem esteve tres minutos na caza, sempre cheia de um espesso fumo, sem sentir o menor incommodo. Um operario fez o mesmo, e esteve seis minutos. Um e outro são conformes em dizer que seria possivel permanecer alli sem perigo por tempo illimitado.

Como ultima prova da excellencia do seu systema, o inventor lançou no fogo certa quantidade de enxofre, o que tornou o ar interior ainda menos respiravel. O thermometro apontava 91 gráos de Fahrenheit (32:78 centigrados); e M. Galibert saio no fim de seis minutos sem haver experimentado soffrimento algum.=

mandante da Armada de Bombaim, nos ultimos tempos da Companhia.

Nota do traductor.

Breve noticia de alguns productos medicinaes, agricolas e commerciaes de Moçambique. (a)

Sal.

Os pretos Muizas e Muembas dos sertões de Moçambique preparam para uso da cosinha, um sal, que extrahem de certas plantas por um processo curioso, e de que nos dá noticia o Major Gamitto no seu *Muata Casembe*, o qual vendem por um preço elevado.

As plantas de que se extrahe este sal, disem ser semelhantes ao *parrexil* (chritinum); nascem em quantidade nas margens dos rios de agua dôce.

O processo que seguem na sua preparação, consiste em colher as plantas, mesmo verdes, queimando-as depois até as redusirem a cinza; esta é lançada em agua, e conservada em maceração por alguns dias; filtram depois a mesma agua em panellas rachadas, e levam-na ao fogo, deixando-a evaporar até ficar um residuo côr de roza, que deitam em vasilhas

(a) Mais d'uma vêz temos mostrado n'este nosso *Archivo* a necessidade de se reunir em Lisboa amostras de todos os productos medicamentosos das nossas colonias, para serem conhecidos, ensaiados, e estudados, e por isso não nos cançaremos hoje em mostrar essa necessidade.

de barro, onde cristalisa passados alguns dias. Quebram depois as fôrmas e fica o sal em massas regissimas, e que se quebram com difficuldade. Este sal, disem ser muito fino no tacto, e muito claro, possuindo propriedades salinas inferiores ás do sal obtido nas nossas salinas (chlorureto de sodio); tres partes do mesmo equivalem a uma parte do sal commum.

Fabricam tambem um outro sal, a que chamam.

Sal mineral.

Este sal extrahem-no da terra que rapam da superficie do solo, nos sitios em que aparecem manchas brancas e salitrosas, que exsudam da terra. O processo que usam na sua fabricação é o mesmo que o do precedente; com a differença de empregarem em logar das cinzas a terra salitrosa. Disem ser bom, tanto para comida como para salga.

Oleo de ricinus, de mendobi, e d' outras sementes.

Alem das sementes do *ricinus communis*, das de mendobi, ou ginguba (*arachis hypogea*), extrahem oleos das sementes d'outros muitos fructos que abundam na provincia de Moçambique. Os processos que seguem são muito defeituosos, e por isso dão um oleo impuro, e em menos quantidade do que dariam se empregassem boas prensas.

Para obterem o oleo das sementes, dão a estas um ligeiro calor em vasilhas chatas de barro sobre o lume, mexendo-as muito bem, como se torrassem caffé, com o fim de lhe desenvolverem as partes oleosas; depois pisam-nas em pilões de páo, juntamente com a casca, até as redusirem a farinha; esta é lançada em vasilhas de barro de grande superficie, que tem ao lume com agua a ferver: vão mechendo esta, até a farinha ficar bem desfeita; deixam-na depois em repouso por algum tempo. Logo que principia a aparecer o oleo á superficie, vão-no tirando com uma colher de páo para uma vasilha de barro, que está proxima do lume, destinada já para esse fim, e na qual procedem depois á evaporação para o privarem de alguma agua que leva comsigo.

Quando não aparece na primeira vasilha mais oleo á superficie d'agua, tiram o bagaço a que chamam *cãnhe*, e tornam a renovar a farinha, e tambem a agua á proporção que vai faltando.

O bagaço, ou *cãnhe*, que fica, applicam-no depois para nutrir os porcos; tambem alguns pretos o comem.

Sabão vegetal.

E' este o nome que dão a uma gomma resina que extrahem d'umas pequenas arvores de que Gamito não sabe diser o nome. Diz-nos porém, serem ellas guarnecidas de folhas, cuja casca é verde-claro, e sempre cheia de pequenas escamas que parecem pergaminho, estando constantemente a cair. Esta casca é formada de pelles mui finas; passando-lhe a mão depois de cairem as que estão levantadas, fica a casca lisa e lustrosa, que parece polida, tornando-se poucas horas depois a vêr já com as mesmas escamas; tendo além da côr verde-claro umas

pequenas pintas brancas. A madeira é branca e pouco rija.

O processo que empregam é o seguinte: fasem incisões na arvore, e vão recebendo a resina que exsuda d' ella em dois páos, que depois de limpos ligão ao tronco da mesma. Das incisões verte um succo leitoso, muito liquido; para não se perder e o approveitarem todo, deitam bagos de milho fino sobre os páos para lhe fazer tomar uma consistencia mais dura, adherindo a elles. Repetem esta operação até estar da grossura de duas pollegadas, com um palmo de comprimento, ficando de fora as extremidades dos páos que lhes servem de cabos.

Este sabão disem fazer espuma e branquear muito, mas não o poderem applicar senão a tecidos grossos, em rasão da força que precisam empregar para o dissolver.

A forma por que os pretos fasem uso d'elle é a seguinte: metem os tecidos n'agua e depois de bem remolhados, calcam-nos aos pés, e batem-nos no chão; repetem a mesma operação, e estendem-nos no chão, esfregando-os com o sabão em todos os sentidos e direcções como se os estivessem escovando: logo que todo o panno está bem saturado, embrulham-no novamente e continuam a batel-o, e a laval-o até ficar limpo.

Este sabão gasta-se pouco e disem estragar muito a roupa.

Oleo de Frei Pedro.

Este oleo conhecido dos pretos pelo nome de *Mafuta*, vem do Zumbo. E' empregado, segundo disem, como contra veneno nas feridas provenientes das flexas hervadas, que produsem a morte em menos de duas horas, não lhe acudindo promptamente com este oleo. E'uma especie de triaga, que foi descuberta por um frade portuguez que houve no Zumbo.

Muita utilidade poderia talvez tirar a humanidade do conhecimento, d'este virtuoso remedio.

O verdadeiro oleo vem do Zumbo, mas algumas vezes aparece falsificado.

O veneno que empregam nas flexas disem conter, entre outras cousas, fel de crocodillo, miolos de cavallo marinho, uma especie de sumauma, e o succo de algumas hervas; o effeito que produz, disem ser embaraçar que o veneno circule no sangue, coagulando-o immediatamente.

Vinho de milho.

Usam os pretos d'uma bebida alcoolica o *Pombe*, a que chamam *Bádua*, feita de milho e d'outras substancias farinaceas. Preparam-no pelo seguinte processo: molham uma porção de milho, e passadas algumas horas vão-o arrumando em camadas entre folhas de mamona, ficando bem abafado n'estas até germinar, para o que parecem bastar vinte e quatro horas; redusem-no depois a farinha, com a qual fasem ao lume uma calda grossa que guardam até fermentar; teem já uma porção da farinha de milho, mandioca, batata, arroz etc. proveniente de grão não germinado, com a qual fasem igualmente calda ao lume; e quando a primeira principia a fermentar vão-na misturando ao lu-

me com esta, que serve de fermento; quando está sufficientemente temperado, o que conhecem pelo gráo de doçura que tem, guardam-no em panellas até fermentar, que é quando o principiam a beber. Todo este processo lhes leva oito dias.

Tinta para tingir os pannos.

Para tingir os pannos quando já são velhos e sujos servem-se d'uma tinta preta que preparam da seguinte forma. Tomam as vagens d'uma arvore a que chamam *Quicio*, que disem ser semelhante ao *tamarindeiro*, e d'uma côr pardo escura como as do senne; depois de pisadas as mesmas vagens põem-as a macerar em pequenas covas, feitas na margem d' uma alagoa ou rio, com tanto que esta seja de lodo, e nunca de area; tendo passado vinte e quatro horas infundem nas covas os pannos que querem tingir, e quanto mais sujos estão melhor tomam a tinta; quando estão bem embebidos e pisados, estendem-os ao sol. Depois de seccos ficam com boa côr preta e fixa. O panno é ali conservado quatro a cinco horas. (b) *A. Gomes Roberto.*

PHARMACIA

Pomada d'iodureto de chumbo e de potassio:

Sobre a côr que deve ter, e modo de a preparar.

O snr. *Emayel*, pharmaceutico de *Gand*, deu conhecimento d'uma consulta que lhe fôra feita por um dos medicos da sua localidade, ácerca de duas pomadas que apresentou, feitas ambas pela mesma receita, em officinas de pharmacia differentes.

A formula era a seguinte:

Iodureto de potassio..	6	gram.as
Iodureto de chumbo ...	1	«
Banha..	60	«

As duas pomadas appresentaram-se, uma de côr amarella clara, a outra branca com pintas amarelladas.

E' sabido, que o iodureto de potassio tem a propriedade de solver, com o intermedio da agua, varios ioduretos metallicos córados, ficando os solutos incoloros.

Ahi, encontrou o snr. *Emayel* a explicação da differença de côr das duas pomadas, differença que, não se estando prevenido, poderia dar logar a suspeitar menos escrupulo no aviamento da formula.

O snr. *Emayel* verificou por si mesmo que, triturando os dous ioduretos com a addição d'agua, antes de juntar a banha, a pomada fica branca, em quanto que, não fazendo intervir a agua, ella fica amarella.

Explicada assim a razão da differença de côr, offerece agora o snr. *Emayel* a seguinte consideração: qual dos dois modos de preparação é preferivel, com ou sem o intermedio da agua? Com razão opta elle pelo primeiro, pois que na pomada em que interveio a agua, o iodureto de chumbo acha se no estado de solução, e por isso mais facil de ser absorvido, em quanto que, não intervindo a agua, elle se acha em estado insoluvel.

Já o snr. *Soubeiran*, fallando na sua pharmacopea, da pomada d'iodureto de chumbo, observa a pouca efficacia d'esta pomada, quando o iodureto de chumbo não é associado ao io-

(b) No nosso *Archivo* n.º 10 de outubro de 1864 a pag. 151 se encontra a descripção de muitos outros productos medicinaes da provincia de Moçambique.

dureto de potassio, e recommenda mesmo o emprego da agua para operar a solução do iodureto de chumbo, antes de juntar a banha.

Revista de Ph. do Porto.

(*F. A. Gonçalves.*)

Narração da Inquisição de Goa, escripta em francez por Mr. Dellon e vertida em portuguez, accrescentada com varias memorias, notas e um appendice, contendo a noticia que da mesma inquisição deu o inglez Claudio Buchanan: por Miguel Vicente de Abreu, cavalleiro da ordem de Christo, e official da Secretaria do Governo geral do Estado da India portugueza.

Mais uma publicação importante, com a epigraphe que precede, acaba de sair dos prelos da Imprensa do Governo d'este Estado, devida a um dos mais notaveis escriptores d'este paiz o Sr. Miguel Vicente de Abreu, sempre incansavel e assiduo na difficil tarefa de dar cochecimento ao publico de varios escriptos que existiam com referencia a este paiz, alguns ainda ineditos, e outros em idiomas estrangeiros, que o Sr. Abreu tem vertido em portuguez.

A historia de Inquisição de Goa escripta em francez por Dellon, e vertida hoje em portuguez pelo Sr. Abreu, é uma obra importante, e que nos patenteia os rigores d'aquelle tribunal estabelecido em Goa, onde tão graves damnos causou, afastando para longe d'ella o commercio e os homens ricos e poderosos, que professavam outra religião que não era a catholica.

Esta obra alem da traducção de Dellon, contém differentes documentos officiaes, memorias, e a noticia que da mesma inquisição deu o inglez Claudio Buchanan.

Todos estes documentos reunidos n'um corpo só, formam um livro importante, que muito honra o seu auctor, e que mereceu, como era de esperar, a melhor aceitação não só do publico, como tambem da imprensa.

Aqui tributamos ao Sr. Abreu os nossos sinceros agradecimentos pelo exemplar com que honrou a redacção d'este jornal. *Roberto.*

RELATORIO

SOBRE A QUESTÃO DA REPREZA

feita por

RAMACHONDRÁ SYNAI SIRVOICAR

em Quepem,

CONTRA A QUAL REPRESENTA

o encarregado

DO

Cabido da Sé Primacial d'este Estado.

Confeccionado

POR

FRANCISCO BENTO ALEXANDRE DE FIGUEIREDO MAGALHÃES.

Facultativo do Quadro de Saude

do Estado da India.

Illm.º Sr.—Em cumprimento das ordens que pessoalmente recebi de V. S.ª, para ir a Quepem tomar conhecimento de uma repreza feita por Ramachondra Synai Sir-

voicar (vulgo *Bobrú Synai*), contra a qual representa Roque Caetano da Costa, encarregado do Cabido da Sé Primacial d'este Estado, allegando varias rasões, entre as quaes figura o detrimentro da salubridade da povoação, que a dita repreza pode causar, tenho a honra de participar á V. S.ª: que no dia 16 do corrente, pelas 10 horas da manhãa, chegado com effeito ao local em questão, na companhia do Administrador Fiscal da provincia, ahi procedi ao exame do quanto se precisava attender, para se concluir do falso, ou verdadeiro damno para a saude publica, attribuido á repreza referida; e em seguida passo a faser as considerações que occorrem sobre tal assumpto.

Conhecido o modo tosco como no paiz se fasem reprezas, e formam lagos, para servirem á rega da vangana; sabido que estes lagos de área consideravel, estão expostos continuamente ao intenso calor solar desta latitude, sem ao menos serem guarnecidos da conveniente arborisação; que não são contidos por supportes perpendiculares a um plano horisontal, conservando sempre a conveniente porção de boa agua para cobrir-lhes o fundo (de necessidade pedrado ou ladrilhado), mas sim desenhados pelas caprichosas formas do lodôso terreno em que assentam, espraiando-se assim muitas vezes em planos pouco inclinados, ou rampas de insignificante declive; provado que estes lagos são renovados apenas pelas aguas das chuvas do inverno; que não são cuidadosamente limpos de todas as plantas, e mais productos que nelles se desenvolvem; reconhecido que pela continua evaporação, e repetidos esgotamentos, chegam a tornar-se verdadeiros pantanos, accrescendo a circunstancia de que isso tem logar quando neste clima é mais intenso o calor; e reputado finalmente temivel o foco de emanações paludosas; fica demonstrado que todos os lagos são nocivos á saude publica, e pode a priori decidir-se hygienicamente contra todos elles, segundo os principios da sciencia geralmente acceites na actualidade, e desde longa data promulgados pelos mais illustres escriptores.

Estava pois condemnado o lago de que se tracta, á vista do que genericamente se acha estabelecido pela Hygiene, e podia a Junta desde logo decidir medicamente contra a sua conservação. Mandando porém a Junta proceder a um exame, não para certificar-se da existencia de tal lago, porque não tinha, creio eu, duvida alguma a esse respeito, mas para seguramente resolver a questão de insalubridade que lhe é imputada, e contra a qual se representa, poderia faser suppôr a alguem (talvez) que admittia actualmente no Estado a existencia de lagos inoffensivos para a saude publica, ou que acima desta consideração collocava alguma outra de maior monta; mas a mim só me fez sentir o melindre do assumpto, e recommendar todo o escrupulo na appreciação das circunstancias, que se dão entre a repreza de que se tracta, e o facto—*infecção deleteria*—, que se lhe attribue, para melhor baseada responder á consulta do Governo. Foi assim que interpretei o officio no qual V. S.ª me incumbe esta commissão, e é nesta convicção que vou satisfazer aos quesitos essencialmente precisos, dentro da esphera das minhas forças, e até onde alcanção os meios de que pude dispor.

Pode dar se o caso de ser util e proveitosa, senão necessaria, a existencia d'um lago, porque este seja com effeito uma fonte de ricos productos da agricultura, ou porque a sua falta affecte consideravelmente os primeiros generos alimenticios do paiz: e o facto—*alimentação*—importa comsigo o facto *vida*; mas se não pode deixar de reconhecer-se como questão de primeira ordem para todo o paiz a protecção da agricultura, tambem a Hygiene não cede todo o campo ao agronomo, porque se apresenta uma outra questão de igual importancia, ou claramente superior, se não é exagerada a maxima—*Salus populi suprema iex est*—; e neste caso teem que harmonisar-se quanto possivel as duas potencias, ou render-se a que for reputada de menor monta.

Se por tanto os beneficios que qualquer lago possa faser a uma povoação forem maiores, que os damnos partidos d'ahi para ella, e a represa de que se tracta está nesse caso, temos a seu favor a logica maxima—Do mal o menor—, e deve ella por conseguinte conservar-se; dando-se porém a hypothese contraria, manda a mesma logica que lhe seja adversa a conclusão.

Vamos pois fazer as rasoaveis consideração

rações precisas, para se deduzir vantagem, ou prejuizo que d'ahi resulte.

A repreza de Ramachondrá Sinay abrange actualmente uma área consideravel, cuja extensão é de 98 braças no rumo *E—O*, e de 104 ditas—*N—S*, segundo a medição feita pelo Administrador Fiscal, e hade ainda aquella augmentar, quando fôr maior o deposito das aguas, porque todos os seus bordos, desde *E.* a *O.* pelo lado do Sul, são formados á custa da rampa do monte, que, por ser suave, muito se prestará ao expraiamento das aguas, e conseguintemente ao crescimento da área do lago. Já por esta circunstancia se pode provar que deste lado hade necessariamente formar-se uma zona pantanosa á medida que for diminuindo a agua estagnada. Mas ainda a repreza está dividida em duas partes por uma especie de paredão de terra, que forma á primeira o bordo do Norte, desde *E.* a *O.*, e circunda a segunda pelo Sul até fechar no monte, que se lhe oppõe ao Norte, e deste modo angmentam então as condições insalubres pelas duas faces de paredão medio, sem deixar de figurar o resbordo do monte—supporte ao Norte do segunda parte da repreza—, porque todas estas superficies descem do seu cimo até á base em plano inclinado, e facultam o seu terreno ao desenvolvimento de plantas terminantemente condemnadas pela Hygiene nestes locaes. As paredes do lago estão pois fóra da tolerancia da Hygiene; e pode já concluir-se que ellas concorrerão para o desenvolvimento de productos nocivos á salubridade do local. Pelo que toca ao fundo, em que assenta o dito lago, basta assegurar-se que elle é formado por terreno desigual, apparecendo até pequenas ilhotas fóra do lume d'agua em varios pontos, coberto de lôdo, e povoado de innumeras plantas aquaticas, que pela sua putrefacção representam o primeiro papel nos focos de infecções paludosas. A agua da repreza é fornecida pelas chuvas do inverno, e á custa d'alguma que corria ali em um pequeno regato, que ficou deste modo alagado. Serve esta agua estagnada para rega de vángana de uma pequena varzea [pequena em relação á área da represa), e vai por tanto esgotando-se até descobrir-se todo o fundo do lago, ou ficarem pequenos charcos nos pontos do terreno que estiverem abaixo do nivel da via do esgoto, o que parece mais provavel, pelas desigualdades do terreno; e deste modo temos, não só já um lago de consideravel grandeza, continuamente exposto ao intenso calor deste clima, evaporando sem cessar miasmas fornecidos pela decomposição da agua, e dos vegetaes e animaes que ali forem morrendo, mas tambem a certeza d'um pantano mais tarde com todos os predicados temiveis que lhe são inherentes, que existirá quando nesta latitude é mais intenso o calor solar, até que novas chuvas o tornem a alagar.

A situação da repreza é [pode dizer-se] no centro de povoado, porque a povoação de Quepem corre-lhe quasi parallela desde *N. O.* até *N.—E*; e do Sul até *S O* se encontram tambem habitações de colonos. O espaço que medeia entre o lago e povoado é tão insignificante, que o bairro mais visinho prolonga-se todo a distancia menor que 12 braças, e o mais afastado não excede a extensão de 100 ditas, entrando neste caso o grupo dos edificios do Estado.

Temos por tanto um lago consideravel, que hade necessariamente tornar-se pantano, entre povoado, que quasi o circunda por tres lados, a distancia em que positivamente podem influir com toda a sua força os principios nocivos dos miasmas paludosos; e conseguintemente *demonstrado o damno, que d'aqui pode resultar, não só da repreza ja, mas tambem da lagôa, que forçosamente hade seguir-se-lhe, attendidos os previos conhecimentos da sciencia.*

Comparemos agora as vantagens agricolas com os prejuizos da salubridade. A varzea, que hade ser beneficiada pelas regas, e que por isso fornecerá mais uma certa porção de generos alimenticios, tem uma área menor, que o terço da comprehendida pela represa, e não produz (talvez) com o melhoramento das regas meios de alimentação para mais de dez pessoas, em quanto que os damnos causados pela represa podem chegar para mais de 1,000; a conveniencia agricola do lago é para uma familia só, em quanto que o prejuizo da salubridade por elle causado (sem poupar a mesma familia] pode chegar para todas as mais da povoação, e até das localidades visinhas; o bem que se protege absolvendo a represa é de utilidade particular; o que se consegue condemnando-a é de utilidade geral;

sem uma pouca de vangana vivia-se, ha muito tempo, em Quepem; com o melhoramento agricola de Ramachondrá Sinay pode soffrer-se bastante em toda a povoação, como ella já se queixa, pelo crescimento dos casos de febres, e atè de colera desenvolvida ali ha pouco; em fim pequenos interesses particulares não compensão grandes prejuizos, que d'ahi podem resultar para a saude publica. E Ramachondrá Sinay tem ainda menos direito a ser contemplado pelo lado das suas conveniencias particulares, *porque uzurpa (como confessa) terreno alheio*, para formar a grande parte do seu lago, e vai impreterivelmente no acto das regas damnificar com a agua decomposta da repreza a agua de um poço, que está aberto na sua varzea, e d'onde gasta o publico.

Pareceu-me rasoavel tocar todos estes pontos, para já prevenir qualquer pretexto, que por ventura fosse allegado contra o parecer, que aqui deixo emittido.

Admittido mesmo que a represa concôrra para obter mais uma porção de arroz, não será este pessima alimentação, em virtude dos principios nocivos de que é impregnado pelas aguas impuras, que elle absorveu no acto das regas? Não será este facto o que fornece qualidades pelas quaes geralmente se reputa a vangana muito inferior ao arroz de primeira colheita ? Muito estimava ver esta minha suspeita demonstrada pela sciencia!

Temos ainda mais a considerar contra o beneficio das lagoas para com o arroz o damno que ellas produzem nas hortaliças, e muitas mais plantas tambem uteis ao homem, e o mal que causam a uma das fontes de riqueza do paiz, que igualmente serve á alimentação :— os gados. Diz Dupuy que a acção dos effluvios pantanosos se faz sentir nos animaes como nos homens; e conta a proposito o facto de ter morrido com todos os symptomas de febres intermittentes, infartes de baço, etc. um rebanho que andou pastando em um pantano perto de Perpinham. Worms diz tambem que na Argelia se conhece nos bois e cavallos a influencia das emanações palustres; e mais adiante farei menção de outras auctoridades, que tambem abonam a historia desta verdade. Eu mesmo tive já occasião de observar este facto em S. Thiago de Cabo Verde, tocando ali de viagem para o Brazil; e tão manifesta estava a infecção no gado, que não deixei servir carne fresca á guarnição do navio, depois que vi as más condições dos bois fornecidos.

Estou pois decidido, principalmente neste paiz, e nos mais de temperatura elevada, a votar contra todos os pantanos, charcos, lagos, represas, e lagoas, sem deixar todavia de *admittir a possibilidade d'estes pestilentos mananciaes se tornarem* quasi, ou totalmente inoffensivos, se for creada uma commissão especial, revestida de todo o auxilio e força do Governo, que estude os meios de cortar, ou pelo menos minorar o mal que se attribue a estes focos de infecção, ensaiando e promovendo outro genero de cultura, como a batata, o milho, etc. que dispense estas fontes de epidemias, dirigindo e policiando a limpeza, e mais condições das represas, ou melhorando as aguas estagnadas com alguma substancia desinfectante, como carvão, &. Mas, em quanto qualquer individuo poder a seu modo fazer uma repreza, formar uma lagôa, e arranjar um pantano, onde muito bem lhe convenha, sem contemplação com a salubridade publica, sem respeito á Hygiene dos povos, e sem homenagem ao que a sciencia aconselha para se attenuar quanto possivel o perigo da viciação atmospherica, eu serei sempre um adversario dos *agronomos palustres* com todas as forças da minha humilde convicção.

Poderá pareçer ella um pouco exagerada, ou suspeitará alguem que eu não tenha noticia do que se tem dito em defeza dos miasmas paludosos ; mas a isso responde a Chimica, que no ar atmospherico dos logares pantanosos encontra, alem do oxygenio e azote, acido carbonico, vapor de agua, hydrogenio sulfurado ; amoniaco, hydrogeneo carbonado, iodo, corpusculos de natureza organica, que se decompõem rapidamente á temperatura ordinaria exhalando um cheiro fetido: acido sulphidrico: ozone: etc. e responde tambem o resumido extracto de todos os meus poucos livros, que se occupam da questão, e que me acompanham na India, de que vou fazer menção, para mostrar o que auctoridades reconhecidas dizem sobre o assumpto O grande Hygienista espanhol —Monlau—, de quem recebi as primeiras noções sobre o assumpto, proclamadas do alto da cadeira do professor distincto,

que m'as recommendou', diz: — que as aguas impuras, e estagnadas, em geral, se tornam funestas para os povos, que respiram suas emanações ..... e que importa sobremaneira, pois, dár curso veloz ás aguas impuras ou estagnadas, desaguar e seccar os pantanos e lagôas prejudiciaes, e e pôl-as no caso de que (como dizia Horacio referindo-se aos grandes trabalhos de desecação dos Romanos)..... Sterilis que diú palus apta que remis vicinas urbes alat, et grave sentiat aratrum. Diz mais:— que se desconhecemos *a composição dos effluvios* pantanosos, sabemos que taes effluvios existem; que infeccionam o ar; que esta infecção, ou intoxicação especial é mais intensa ao anoitecer, durante a noite. e na madrugada, que durante o dia; mais nas planices, que nos montes; e que em fim o perigo das aguas estagnadas está na rasão directa da superficie destas, e na inversa da sua profundidade.

Continúa: — Quando a temperatura é baixa, as aguas estagnadas são quasi inoffensivas; porem quando a temperatura é alta, são innumeraveis os effluvios infectantes, salvo se o calor sobe tanto, que chega a evaporar completamente o lago. E' por isto que os logares pantanosos dos nossos climas se veem tão acommettidos de enfermidades no verão, e no outono, e é por essas enfermidades que nos destrictos pantanosos os habitantes são achacados, alcançam curta vida, e a povoação decresce continuamente. A acção dos miasmas paludosos estende-se a maior ou menor distancia, conforme os casos e as localidades; mas, para contrahir as enfermidides devidas á influencia das aguas estagnadas, basta permanecer por algum tempo em habitações proximas a ellas, ou atravessar simplesmente por terrenos pantanosos, ou receber seus effluvios a curta distancia. Remata em fim Monlau provando que nas planuras palustres a vida media é mais curta, que nas localidades seccas e elevadas, e que até naquellas se encontra a fecundidade notavelmente diminuida. Foy, quando falla das lagôas, que para os effeitos valem como os pantanos, principia assim:—De todos os logares os mais doentios, sem contradicção, são as lagôas, — extensões, mais, ou menos consideraveis, de terrenos habitualmente cobertos de aguas estagnadas, e composta em grande parte de detritos vegetaes, que crescem e morrem nestes lugares. Mais adiante diz:—Nos nossos climas (temperados) as lagôas são nocivas e perniciosas em todo o anno; mas muito mais no estio, que durante o inverno. No estio, o calor reduzindo a vapor uma grande parte das aguas, fazendo morrer os animaes e vegetaes aquaticos, estes se decompoem, e se putrificam, o ar se carrega de emanações ou exhalações, que umas veses ficam nas localidades, e ahi exercem todo o furor. outras vezes são transportadas mais ou menos longe pelos ventos que assopram nessas localidades. No estio ainda se escapa dos terrenos lodosos e humidos quer hydrogeneo carbonado [observação de Volta], quer hydrogeneo sulfurado (considerado por Daniel Gardner principio pathogenico das febres paludosas), quer emfim hydrogeneo phosphorado, etc. No inverno é mais pela humidade que espalham em torno de si, do que pelas exhalações que fornecem, que os pantanos se tornam perigosos. Estas exalações condensadas pelo frio, e abafadas pelo gêlo, teem com effeito uma acção deleteria nulla ou pouco activa, mas não acontece o mesmo entre os tropicos, porque lá a influencia temivel dos miasmas paludosos é permanente. Antes de terminar o capitulo sobre o assumpto escreve ainda Foy o seguinte:— Os auctores teem distinguido em *febris* e não *febris* as doenças produzidas pelos pantanos. Muitas destas molestias são complicadas de symtomas nervosos, quasi todas são endemicas, promptamente mortaes, sobre tudo nos climas quentes. Na India, a *cholera-morbus*, doença collocada por alguns entre as doenças chamadas *pantanosas* ou *paludosas* etc. assim como se tem feito para a *febre amarella* o *typho*, os *engorgitamentos lymphaticos*, o *escorbuto*, as *hydropesias*, a *papeira* etc. ect. a *cholera-morbus*, dizemos nós, mata em alguns dias ou algumas horas.

(Continúa)

PHARMACIA DA SANTA CASA DA MISERICORDIA DA CIDADE DE EVORA.

Por favor do senhor Francisco de Paula Macedo, antigo Pharmaceutico da Santa Casa da Misericordia da Cidade de Evora, recebemos o curioso mappa, que aqui offerecemos aos nossos leitores, e agradecemos ao seu auctor. — *J. H. da Cunha Rivara.*

Conta da receita e despesa virtual e effectiva da pharmacia da Santa Casa da Misericordia d'Evora no anno economico de 1865-1866.

RECEITA

Mezes	Valor dos medicamentos dados por esmolla: Para o Hospital	Valor dos medicamentos dados por esmolla: Para as Quadrellas [A]	Medicamentos vendidos ao publico a dinheiro de contado	Total
Julho	345.510	91.750	226.440	663»700
Agosto	434.350	84.610	216.020	734»980
Septembro	430.780	84.480	215.220	730»480
Outubro	539.880	55.490	204.620	799»990
Novembro	370.100	47.020	180.940	598»660
Dezembro	398.060	80.780	160.970	639»810
Janeiro	347.430	56.870	122.980	527»280
Fevereiro	281.150	48.490	126.150	455»790
Março	259.530	40.660	148.360	448»550
Abril	297.790	67.090	141.720	506»600
Maio	326160	71.010	115.1.0	512»2[illegible]0
Junho	278.320	50.300	239.670	568»290
Rs	4.309.060	778.550	2.098.200	7.185.810

DESPEZA

Meses	Utensilios e combustivel	Drogas	Ordenados	Total
Julho	4840	47.400	50.000	102»240
Agosto	26380	53.770	50.000	130»150
Septembro	3620	467.9.0	50.000	521»610
Outubro	120	36.740	50.000	86»860
Novembro	4060	27.200	50.000	81»260
Dezembro	7220	389.020	50.090	446»240
Janeiro	4300	57.099	50.000	111»399
Fevereiro	8670	16 330	50.000	75»000
Março	5620	281.230	50.000	336»850
Abril	2800	33.8.5	50.090	86»615
Maio	3520	25.600	50 000	79»120
Junho	3200	415.442	50.0[illegible]0	468»642
(a)	11.012	[b] 4.5[illegible]0	[c] 80.250	95»762
Somma	85.362	1.856.136	680.250	2.621.748
Saldo				1.564.062
Rs				7.185.810

(a) Contribuição industrial e municipal (b) Valor de 15 alqueires de cevada para decoctos. [c] Valor de 150 alqueires de trigo de ordenado.

Pharmacia da Santa Casa da Misericordia, 30 de Junho de 1866. — O pharmaceutico director, *Francisco de Paula Macedo.*

Está conforme com o livro da pharmacia — Secretaria da Misericordia de Evora, 30 de junho de 1866. = O escrivão da mesa, *Alexandre José Freire de Faria e Silva.*

(A) Para effeito do tratamento dos doentes, que esta Misericordia soccorre em suas casas, he a cidade dividida em quatro districtos, a que Por isso chamam *Quadrellas.* — *J. H. da Cunha Rivara.*

POSTO METEOROLOGICO NA ESCOLA MATHEMATICA E MILITAR

DE NOVA-GOA.

Quadro comparativo da quantidade de chuva, durante os ultimos quatro annos,

Mezes.	Annos. 1862. Mil.	1862. Pol.Port.	1863. Mil.	1863. Pol.Port.	1864. Mil.	1864. Pol.Port.	1865. Mil.	1865. Pol.Port.	Termo medio annual. Em Millimetros	Termo medio annual. Em Pol. Portuguezas.
Maio	,,	,,	5,2	0,19	,,	,,	35,3	1,28		
Junho	1039,1	37,79	882,5	32,09	1045,9	38,03	588,9	21,41		
Julho	397,5	14,45	1262,1	45,89	586,5	21,33	525,0	19,09		
Agosto	807,1	29,35	252,7	9,19	276,5	10,05	1093,5	39,76		
Setembro	451,2	16,41	126,8	4,61	323,8	11,78	50,0	1,82		
Outubro	65,4	2,38	61,8	2,25	19,9	0,72	35,7	1,30		
Novembro	36,7	1,33	,,	,,	,,	,,	144,5	5,26		
Total de cada anno	2797,0	101,71	2591,1	94,22	2252,6	81,91	2472,9	89,92	2528,4	91,94

Janeiro — 1866.

(*Boletim do Governo*)

Raymundo M. C. Mendes, Capitão d'Artilheria.

ARCHIVO DE PHARMACIA

E

SCIENCIAS ACCESSORIAS

DA

INDIA PORTUGUEZA.

Publicado e redigido pelo Pharmaceutico — Antonio Gomes Roberto.

Numero 35. Novembro de 1866 3. Anno

LIÇÕES DE METEOROLOGIA.

POR

JOÃO STUART DA FONSECA TORRIE,

professor interino

Da Cadeira de Principios de Physica, Chimica e Historia Natural, de Goa.

LIÇÃO 3.ª

Temperatura

E sem almo calor, que a Natureza
Em toda a parte accende, em toda espalha!
Nenhum, nenhum dos animaes existe.
Padre Macedo na Meditação [Canto 1.º)

1.º Importancia da temperatura — 2.º Origem — 3.º Avaliação — 4.º Temperaturas medias e extremas — 5.º Modificadores — 6.º Acção.

1.º

Importancia da temperatura.

Em Meteorologia, a temperatura he um facto dominante.

Da sua existencia pende a de quasi todos os meteoros, do seo estudo resulta a explicação de muitos phenomenos.

2.º

Origem.

He opinião geral, que em tempos mui remotos existira a Terra no estado de fusão ignea; devendo nessas epochas derivar-se a temperatura da atmosphera do corpo que envolve.

Com o volver dos tempos espessou-se a crusta do globo, e sendo formada de materiais nada bons conductores, tão pouco calorico deixa passar, que plenamente se pode desprezar nos estudos meteoreologicos.

Do Sol he que nos vem quasi todo o calor, verificando-se assim o pensar de Ovidio, o qual na sua linda primeira metamorphose, ao explicar o como o chaos se dividio nos quatro elementos distinctos, diz, que o fogo brilha e occupa a parte mais elevada:

Emicuit summa que locum sibi legit in arce.

Dos raios que penetrão a atmosphera mais de metade são absorvidos pelo ar, e dos que attingem a superficie da terra, parte penetra a crusta do globo, reflectindo-se o resto para o ar.

3.º

Avaliação.

A determinação das temperaturas

obtem-se pelos *thermometros*, que podem ser de *mercurio, alcool, ar, maximos, minimos*, *registadores*, etc.

Demoramo-nos tanto na Thermometria com a descripção e collocação de todos estes importantissimos instrumentos, que nada mais accrescentaremos: quem quizer amplas informações leia as secções sobre calorico dos tratados de Physica dos sr^s^. *Albuquerque, Pegado, Guedes, Peclet, Daguin, Pouillet, Hunt, e Peschel.*

4.º

Temperaturas medias e extremas.

Observado o thermometro *horariamente* nota-se a sua constante oscillação, parece pois á primeira vista que não ha regularidade alguma no que respeita as temperaturas, porque horas homonimas de diversos dias apresentão quasi sempre temperaturas mui diversas.

Comparando porém longas series de observações, conhece-se que diariamente se dá um *minimo* da temperatura, entre 3 e 7 da manham; um *maximo* das 2 ás 3 da tarde; uma *media* a hora variavel.

Nos tropicos o *maximo* observa-se muito antes do que nos paizes temperados, como depois mostraremos.

Assim como estas temperaturas se notão diariamente, do mesmo modo ha medias, minimos e maximos mensais e annuais.

Os meteorologistas europeos não acordão na epocha fixa em que se observem estas diversas temperaturas, todavia a differença não he grande.

O sr. Kaemtz quer que 26 de julho seja o dia do maximo da temperatura; 14 de Janeiro o do minimo, e 24 de Abril e 21 de Outubro, dias da media (1).

O sr. Crahay assevera que por seos calculos achou o maximo no dia 17 de Julho, e em 22 de Janeiro o minimo (2).

O sr. Arago que compulsou numerosas observações feitas de 1665 a 1823, diz que por todo o mez de Julho ou Agosto se dá o maximo, e o minimo no meado de Janeiro (3)

Nos tropicos estas epochas não são as mesmas da Europa, assim na India Portugueza o maximo observa-se nos meses de Abril ou Maio, como em seo logar se mostrará.

Determinação das medias, minimos e maximos.

Se só podessemos conhecer a *media* diaria, dividindo a somma das temperaturas horarias por 24, a tarefa seria mui penosa e a sciencia não chegaria facilmente a formular leis, porque á falta de sufficiente numero de factos a inducção seria pouco segura.

Depois de laboriosas investigações conheceo-se que a media de tres observações feitas, a primeira ao nascer, a segunda ao por do Sol e a terceira ao meio dia, mui pouco differia da media diaria (a).

---

1 Kaemtz Cours de meteoreologie pg. 23.

2 Crahay. Nota de Martins na obra de Kaemtz.

3 Arago. Annuaire des Long. 1825.

a *Ramond* foi ainda mais feliz em relação ao meio mais facil de achar a *pressão media diaria* conhecendo que esta quasi coincide com o meio dia.

As medias mensais e as annuais obtem-se do modo descripto na ultima lição.

O Barão de Humbolt unio com linhas, todos os pontos da Terra, da mesma temperatura media, e denominou estas linhas *isothermicas* e *zonas isothermicas* os espaços incluidos nestas linhas.

As temperaturas extremas considederão-se absolutamente, ou a media das minimas e das maximas são as extremas.

Ao sr. Saigey se deve um curioso quadro em que se comparão as medias de diversas latitudes; concluindo-se deste quadro que tanto mais baixa he a media do logar, tanto mais differem as temperaturas extremas.(4).

Temperaturas,							
Media	30°	20°	10°	0°	—1°	0-20°	-23
Maxima	48	41	34	26	19	12	9
Minima	12	--1--	14--	26--	36--	52--	57
Variação total	36	42	48	52	58	64	66

As temperaturas extremas as mais notaveis de que ha noticia, são:

A observada por Lyon e Ritchie no oasis de Mourzouck, o thermometro marcou 54.°

A temperatura menor que existe registrada, refere-se á America do norte onde o capitão Black vio o thermometro descer a —56°,7.

Entre estes extremos de calor e frio a differença he de 110°,7.

Causa das oscilações.

Directa ou indirectamente o Sol he a causa de quasi todas as oscillações thermometricas; derivando-se a temperatura diaria do seu movimento de rotação; a mensal e annual do de translação (b).

Do Sol tãobem derivão meteoros que alterão a temperatura.

5.°
Modificadores

Latitude.

No mesmo meridiano a temperatura decresce ao passo que nos desviamos do equador, o que se explica principalmente pelas differentes elevações do Sol ao meio dia, nos diversos logares.

No equador a temperatura media he de 27 a 30°; a 48° a media he de 10°, 8; a 90° de latitude,—25° a 30°

A differença entre maximo e minimo he de 103° nas diversas latitudes, de—56° sobe a+47°,4.

Longitude.

A longitude só influe pela proximidade das costas, grandes lagos ou rios.

Altitude.

A altitude he um dos notaveis modificadores da temperatura, a cada 188 metros de elevação na atmosphera baixa o thermometro um grao (c).

---

4 Saigey. Physique du globe. tom. I.° pg.

b Como na geographia, tãobem em meteorologia adoptamos o systema de Ptolomeo, por ser o que masi facilmente se presta ao ensino

c Ramond, Kaemtz, Schow Guerin, Martins e Bravais, Humboldt e Boussingault pouco differem neste ponto; 188 metros e uma fracção he a media que obtivemos dos numeros dos citados auctores, despresamos a fracção pela sua pouca importancia.

Gay Lussac, na sua celebre viagem de 15 de setembro de 1804, ás nove horas e quarenta minutos da manhã, quando partia, observou o thermometro e achou 27,77°, a 6,977 metros o thermometro baixara a—20°.

A *cordilheira real das neves* que na America está no equador, dá uma boa ideia do quanto a altura modifica a temperatura.

A diathermaneidade do ar, que se oppoem ao seo aquecimento directo explica bem esta modificação.

A descida do thermometro nas diversas alturas he ainda modificada pela natureza da superficie do globo, a epoca do anno, etc.

Estações.

A temperatura de qualquer lugar variará o minimo no periodo do anno em que a duração do dia se approximar mais da duração da noite.

Exemplos: em Bosekop (na Laponia) a 10° de latitude, nos 80 dias de continua noite, a temperatura nas 24 horas apenas oscilla entre — 9°,31 a—8°94: na Guiné onde durão 12 horas os dias, a temperatura media dos differentes epochas do anno, apenas varia 2 graos: em Paris onde a duração do dia varia de 9 h, e 45 m. a 14 h e 30 m., as variações da temperatura media de verão para inverno são de 15 a 20 gráos. He pois clara a influencia das estações sobre a temperatura.

As linhas que unem os pontos de temperaturas medias iguais, no inverno disem-se *isothericas*,e *isochimenicas* os que unem pontos de iguais temperaturas medias estivais.

Estas linhas differem muito das isothermicas, estão ainda mui imperfeitamente determinados, mas já nos fornecem factos muito importantes.

Por ellas se determinão as regiões botanicas de muitos vegetais.

E por ellas se sabe que no interior dos continentes onde o calor he mais intenso, tãobem he onde mais baixa o thermometro.

Mares.

A proximidade de grandes massas de agoa e principalmente de mares, faz com que a temperatura não oscille frequente, brusca ou extensamente.

Nas regiões boreais a visinhança do mar suavisa o rigor do frio, nos tropicos mitiga o excessivo calor.

De modo que nas ilhas de Feroé a 62° de lat. a media hibernal he +4°3 e a estival+12°, não excede pois a variação a 8 graos e por isso não admira o não gelarem os lagos.

Na Siberia que do mesmo modo está a 62° de lat, mas n'uma região continental, as temperaturas medias são: a hibernal — 40° e a estival + 17°,5, ha pois uma differença de 5 7 graos na temperatura das duas estações.

A ilha da Madeira e archipelago dos Açores são provas mui conhecidas do quanto pode este modificador.

Varios outros modificadores.

Os ventos, os hydrometeoros, a constituição geologica e estado de cultura dos terrenos, etc.

6.°

Acção.

A influencia da temperatura he tão importante que por muito tempo passou por constituir de per si o que se chama clima, hoje embora se considere, só cahem neste erro escriptores de mui limitados conhecimentos.

No reino organico a temperatura he de tal modo influente que se encontrão as zonas isothermicas habitadas por diversos seres, muitos dos quais só na sua zona podem viver.

O calor quando he moderado actuando sobre o homem, expande os fluidos e dilata os solidos;exalta a sensibilidade e accelera a circulação a respiração e transpiração; eleva a temperatura, augmenta a sêde e diminue as secreções mucosas.

Quando excessivo, obra como um intenso estimulante, podendo matar pela estimulação, que em todo o caso he seguida de perda de forças e languidez geral.

O frio moderado he tonico, a vida debaixo desta influencia concentra-se, ha menor actividade das funcções da pelle, mas he melhor o appetite, ha menos seccura, e augmento nas secreções mucosas e renal.

O frio excessivo he mortal, he essencialmente antivital, oppõe-se ás manifestações phenomenais as mais simplices.

Esta acção he todavia muito modificada pela humidade,, assim o calor e humidade deprime muito mais que o calor e seccura; o frio e humidade perturbão e obrão com maior intensidade que o frio e seccura.

O homem pode supportar grandes extremos de temperatura , mas he necessario que as transições sejão graduais, produzindo as rapidas com grande frequencia a morte.

Nos Circares do N. em 1799 a temperatura á meia noite era de 42.°,22 parecia que tudo pereceria suffocado (5) (d)

No *Pandemonium asphyxiante* situado no lago salgado de Bahr Assal, o thermometro marcava 52°, 22 (6); os effeitos de uma tal temperatura são caracterizados bem pelo auctor que denomina o local –*diabolico.*

Na India a exposição demorada aos raios solares, he seguida de erysipelas , opthalmias , calenturas, causos.

Os effeitos de frio excessivo não são menos notorios, os individuos sentem um enfraquecimento progressivo, e um somno insensivel, entregues a si dormem, para rarissimas vezes accordar.

He muito conhecida a desgraçada retirada de Moscow do exercito de Napoleão, referiremos por isso um exemplo menos notorio.

Em 176), Sir Joseph Banks, o dr. Solander e mais alguns emprehenderão uma excursão exploradora para as montanhas da Terra-del-Fuego.

O dr. Solander conhecendo por experiencia os terriveis effeitos do

d D'uma vez para sempre direi que todas as temperaturas inglesas que os seus auctores referem ao thermometro Fahrenheit, vão por mim redusidas ao centigrado.

5 Thomson, Metereology pg. 55.

6 Harr's. Higlands of Ethiopia tom. I.°

frio, instou muito com todos antes de partir, para que não parassem e de nenhum modo cedessem á vontade de dormir.

Quem quer que se sente, disse elle, ha de dormir, e quem quer que durmá jamais accordará."

Assim advertidos, partirão todos no firme proposito de não parar.

Tinhão porém subido ainda pouco, e o frio era tão intenso que todos soffrião os conhecidos effeitos.

O dr. Solander que tanto exhortara os outros sentia-se agora tão affectado, que nada mais pedia se não que o deixassem deitar.

Ao sr. Banks foi impossivel o conservar-se em pé, apesar de mui reprehendido, extendeo-se sobre o nevado chão e só a muito custo foi possivel conserva-lo accordado.

Richmond, um dos criados pretos, começou a sentir o mesmo que o doutor, e por isso o sr. Banks mandou o seu Buchan e mais quatro pessoas para que no primeiro logar que encontrassem preparassem uma boa fogueira, e no entretanto elle e mais quatro ficarão com o doutor e Richmond, aquem elles excitárão para que de uma vez se determinasse a andar o restante caminho.

Esta resolução pouco durou, em breve Richmond e o doutor declararão que não podião andar mais, este dizia que o deixassem dormir um pouco e que depois continuaria a jornada, á quelle tendo-se-lhe dito que se dormisse morreria, respondeo que eu quero he dormir e morrer.

Não foi possivel conserval-os em pé mais tempo, ambos se deitárão cahindo logo em somno profundo.

Pouco depois tendo chegado a noticia que havia a um quarto de milha uma boa fogueira foi possivel despertar com muita difficuldade o dr. Solander, Richmond, esse nunca accordou. (7)

João Stuart da Fonseca Torrie

Continúa

PHARMACIA

Papel anti-asthmatico.

Belladona,	as folhas..	5	grammas.
Stramonio,	idem ..	5	«
Digitalis,	idem ..	5	«
Salva,	idem...	5	«
Azotato de potassa ...		75	«
Alcooleo de benjoim..		40	«
Agua fervendo.....		1000	

Faça infundir as plantas na agua, côe, solva o azotato de potassa e junte o alcooleo. Faça immergir n'este liquido papel sem colla, folha a folha, e deixe-o immergido por 24 horas; tire-o do liquido, deixe-o seccar e corte-o em tiras de 40 centimetros de comprimento e 7 centimetros de largura, que guardará em caixas de 100 papeis. Esta formula foi publicada pelo *Pabellon Medico*.

Tubos anti-asthmaticos.

Preparam-se com o papel anti-asthmatico, em tiras de 15 centimetros de comprimento por 7 centimetros de largura, rolando-o e prendendo-o com gomma.

[*Revista de Ph. do Porto.*)

7 Hellis. Medical transac. tom. I.° pg. 84.

CHIMICA ORGANICA

Piperina — Sua composição chimica — Preparação — Caracteres — Acção physiologica e therapeutica — Carta que contem as observações feitas pelo Sr. Dr. Torrie — Conclusão.

Todos conhecem, por ser um dos condimentos mais vulgares, a pimenta negra, fructo do — *Piper nigrum*, de Lin. da familia das *Piperineas*. E' nella que existe a piperina, misturada com um oleo concreto acre; oleo volatil balsamico; materia gommosa, e extractiva; acido malico e tartarico; amido; e bassorina, (Segundo as analises de Pelletier.)

E' a piperina a parte activa da pimenta negra, e aquella em que reside a sua força medicatriz.

Por muito tempo se negou, que a piperina fosse um principio azotado; depois, porem, das minuciosas analyses de Liebig e Pelletier toda a duvida desappareceu.

Liebig dá-nos o resultado das suas analyses, apresentando-nos a piperina como composta dos seguintes elementos:

Carboneo.	40	atmos
Hydrogeneo.	44	«
Oxigeneo.	8	«
Azote	2	«

Podendo, por conseguite, ser representada a sua composição pela formula — C40, H 44, Az 2, O8.

Convidados pelo Sr. Torrie, digno facultaivo do quadro de saude deste Estado, para proceder-mos á preparação da piperina, que não existe na pharmacia do hospital militar, não podia-mos deixar de gostosos acceder a tão honroso convite.

Seguimos o processo de Pontet, e para isso tomámos um apparelho de deslocação, em que fisemos introduzir a pimenta, convenientemente contundida. Tratámol-a, repetidas vezes, pelo alcool a 33.° Cart. e reunidas, por fim, todas as dissoluções alcoolicas submetemo-las á evaporação até á consistencia d'extracto. Este residuo, contendo uma substancia graxa e resinoza, e a piperina, foi depois tratado por uma dissolução de potassa caustica a 20.° de concentração, que apoderando-se da materia graxa, deixou livre a substancia, que fornece a piperina. Diluimos, depois, repetidas vezes, em agoa esta substancia, e dissolvemos em alcool de 33°, quente, o residuo da ultima filtração.

Pouco tempo depois a dissolução alcoolica deixou depositar uma grande quantidade de cristáes, de quatro faces, esverdeados, que novamente dissolvemos no alcool quente e tratámos pelo carvão, dando-nos a ultima dissolução cristáes um pouco amarellados.

A piperina tem os seguintes caracteres.

Funde-se a 100°; é insoluvel na agoa fria; a agoa fervente dissolve uma pequena quantidade; é muito soluvel no alcool, sobre tudo a quente; é pouco soluvel no ether, que dissolve 1/100 do seu peso; dissolve-se muito bem no acido acetico; o acido sulfurico concentrado faz-lhe tomar uma cor vermelha de sangue; o acido hydroclorico uma cor amarella

esverdeada, depois côr de laranja, e por fim vermelha.

A piperina tem sido empregada por muitos medicos para combater as intermittentes simplices. Muitos tem elogiado a sua acção; e o Sr. Dr. Beirão no seu compendio de Materia-medica diz tel-a empregado com muito bom resultado, mesmo depois do emprego inefficaz do sulfato de quinino.

O Sr. Torrie tem-na ultimamente ensaiado em alguns doentes no hospital militar desta cidade. Dos resultados, que o estudioso facultativo tirou do seu emprego, dá-nos noticia a seguinte carta, que tomamos a liberdade de publicar, e a que cortamos algumas phrases, sendo obvio o motivo porque o fasemos.

Sr. J. H. de Moura.

Veio muito a tempo a ..... piperina, n'uma epocha em que estou experimentando a acção da maior parte dos agentes pharmacologicos sobre as pyrexias periodicas

De oito casos tratados por este meio, nada se pode concluir; em Pyretologia só tem pendor a inducção, quando os factos são numerosos

Digo isto para que do bom resultado colhido agora não exultemos, tendo talvez no futuro de abjurar *il dolce inganno*; espero pois que dos poucos momentos livres que V pode dispor, roube alguns, dedicando os á extracção d'uma substancia que ..... sabe preparar, e que tão util pode ser á humanidade.

Dentre os medicos que empregarão a piperina, os mais notaveis são: os srs. Orsted, Paoli, Meli Coatte, Brandolini, Gordini, St. Andre, Colombot, Goulard, Beirão, Hartle e Blom.

Destes, Colombot chegou a dar sem inconveniente sessenta grãos nas 24 horas.

Eu administrei a a oito individuos que soffrião de febres intermittentes quotidianas; vinte grãos em 5 pilulas era a dose que se administrava ao doente na intermissão da febre; de hora a hora uma pilula.

Effeitos physiologicos mui pronunciados, não os houve; os pacientes queixarão-se em dois casos de pequeno ardor nas fauces quando engulião as pilulas, e depois um calor no estomago, mas nada desagradavel.

Num dos casos o doente dejectou mais duas vezes que de costume, mas sem o menor incommodo.

Todos os doentes menos um, se curarão, dois com a 1.ª dose, quatro tomarão duas doses; um tomou 3 doses.

Do caso em que falhou nada se pode inferir, porque nas minhas experiencias suspendo sempre o medicamento todas as vezes que o seguinte accesso augmenta de intensidade; ora isto dá-se com o quinino sem em nada lhe modificar o seu credito.

Temos pois seis casos de cura em 2 dias, exactamente, como succede nos tratados pelo quinino.

A administração da piperina em maiores doses, e a sua ingestão logo depois do accesso de modo que os 20 grãos tivessem o tempo necessario para desenvolver completamente a sua acção, de certo devem dar resultados ainda mais satisfactorios.

De V. etc.

João Stuart da Fonseca Torrie.

Foram, pois, satisfatorios os resultados que obteve o Sr. Torrie.

Pela nossa parte, teremos a maior satisfação de com o nosso trabalho poder-mos contribuir a bem da humanidade afflicta.

Foi está a primeira vez que preparámos a piperina; e por isso a preparámos em pequena quantidade. Sendo este o paiz em que nasce a pimenta, e em que as febres tanto flagellão a humanidade, poderá

a piperina, se continuar a dar resultados satisfatorios vir a ser um poderoso auxilio para o combate das mesmas febres, que tanto nos perseguem; sem que o seu preço seja demasiadamente elevado.

O sulfato de quinino, esse agente febrifugo poderoso, que tanta gente tem salvado, póde-nos, um dia, faltar, e nós, com tão dura falta, poderemos, ao menos, achar-lhe um succedaneo, que nasce, e se pode preparar entre nós, sem carecer-mos de o ir buscar á Europa, com quem temos cortadas, uma boa parte do anno, as nossas communicações commerciaes.

Nova Goa 27 de Novembro de 1866. — *J. Herculano de Moura.*

Pharmaceutico de primeira classe, e 2.º deste quadro de saude.

INDUSTRIA E ARTES.

Tinta vermelha extrahida do sandalo, (côr nova):

Pelo sr. Dussauge.

Os pintores fazem uso de muito pequeno numero de tintas tiradas dos reinos organicos e as que empregam são ordinariamente no estado de laccas, combinações d'um principio corante com um oxido metallico ou um sal. Havendo me occupado, desde algum tempo, de investigações sobre os principios corantes d'origem organica, consegui do pau de sandalo um d'estes productos que, pela sua belleza e brilho, é quasi igual ao carmim, e será de grande interesse para os pintores.

Este producto é de côr vermelha solida; funde pouco abaixo da temperatura do 100° Cent. e decompõe-se depois em temperatura mais elevada. E' insoluvel na agua e nos oleos fixos; porém muito soluvel no alcool no ether, no acido acetico e nos oleos volateis. O chloro secco não tem acção sobre elle, porém, com auxilio da humidade destroe-o. Os acidos, á excepção do azotico, do chromico e dos outros ricos em oxigenio, não tem acção sobre elle. O acido sulfhydrico que, de todos os gazes, é o que mais altera as côres d'este genero não tem acção sobre elle, e o mesmo acontece com o ar e a luz. Os pintores encontrarão pois n'elle uma côr vegetal muito solida.

A preparação d'este producto é muito simples. Trata-se pelo alcool pau de sandalo vermelho, previamente pulverisado, até o privar completamente da materia corante. Lança-se no soluto alcoolico oxido de chumbo hydratado em excesso, e reune-se sobre um filtro o precipitado que se forma; lava-se com alcool e faz se seccar. Solve se no acido acetico, e dilue-se com muita agua. A materia corante, que é insoluvel n'este liquido precipita-se, em quanto que o acetato de chumbo fica solvido e póde servir para formar novo oxido de chumbo. Lava-se então com cuidado, a materia corante precipitada, e faz-se seccar a calôr brando.

Investigações que seria enfadonho enumerar aqui, mostram que esta côr é santalina pura; o seu preço não passa de 10 francos o kilogramma. (*Revista de I h. do Porto*).

No *Ultramar* n.º 396 de 1.º de Novembro, lê-se o seguinte artigo, escripto pelo Sr. B. F. da Costa, sobre a tinta vermelha extrahida da *Teca*, arvore que abunda em quasi todas as provincias deste estado.

Trabalhos desta ordem, são sempre curiosos e honrosos para quem os enceta, porque d'ell.s pode resul-

tar beneficio não só para o paiz, com tambem para a industria e artes. Com mais algumas experiencias e estudo sobre o modo de extrahir a tinta da *teca*, pode obter-se um producto de muita utilidade. Eis o artigo:

Teca — Tectona grandis L.

(Tinta vermelha extrahida de Teca).

Mandei á exposição universal de 1867 em Paris a tinta vermelha, extrahida da teca, acompanhada d'uma memoria, datada de 3 de setembro ultimo.

No curto periodo de que pude então dispor para as experiencias, não me era possivel relatar mais do que os resultados que até aquella data havia eu obtido.

No ponto de vista industrial, varias considerações se offereciam ao meu espirito; e eram:

1.º Com quanto as flores de teca sejam tão abundantes, que quasi encobrem a folhagem na parte mais alta da arvore; todavia ellas encontram-se apenas uma vez no anno, só no mez de agosto, chuvoso e humido, limitando assim a quantidade da materia prima, e obrigando á exploração em um tempo determinado, restricto e pouco commodo.

2.º s folhas de cada ramo vão desde o ôlho successivamente crescendo até chegarem a quasi 3 palmos de comprido sobre dois de largo: todas as folhas que excediam a meio palmo de comprimento, não podiam entrar no rol das tenras, e pela moagem e pressão não davão senão sumo verde ligeiramente avermelhado. Era uma grande parte, para não dizer a maior parte, da folhagem inutilizada, em quanto que, se das folhas maiores se pudesse tirar a tinta, deixando continuar os renovos a desenvolverem-se, haveria materia crescente e trabalho successivo para muitos mezes do anno.

3.º Sendo forçoso fazer a extracção da tinta de folhas recentemente colhidas, tornava-se indispensavel entrar nesse trabalho de prompto em lugares mui proximos das arvores, ficando sujeita á perda toda a materia que retardasse a entrar em immediata laboração.

4.º Desta necessidade resultava a de se ter primeiro promptos os braços e os instrumentos todos do trabalho para depois ir colher as folhas, em quanto que se, esta materia pudesse ser conservada para entrar em serviço á hora mais opportuna, a classe trabalhadora, o ganha pão poderia pôr a proveito as suas horas vagas, ou os dias em que lhe faltasse o trabalho ordinario, em uma palavra poderia combater d'algum modo as férias obrigadas.

5.º Qual seria o meio de se obter a tinta mais barata, e se poderia dispensar o emprego do acido sulfurico ou pelo menos diminuir a sua dose?

Com a mira na solução destas questões dirigi as minhas pesquizas.

Em balde trabalhei para deslocar a tinta pela acção só da agua ajudada da fermentação da cal, ou da pedra hume, etc. por differentes modos tentei ver se chegava a esse resultado. Tudo foi em vão: as folhas entravam em putrefacção exhalando um cheiro infecto e insupportavel.

Porém, como se vai ver adiante, o problema não ficou sem solução. Pude conseguir, por outros meios, dispensar o acido para uns casos, e empregal-o com grande economia para outros, pondo sempre a proveito toda a folhagem tenra, e não tenra, fresca, murcha ou sêcca, em uma palavra todas as flores e folhas de teca em qualquer estado em que se achem.

Folhas tenras e flôres frescas.

O sumo das folhas tenras e o das flôres frescas he, como tenho dito na minha memoria de 3 de setembro, vermelho. Conservei este sumo por espaço de 15 dias: foi entrando em fermentação lenta, que a pouco e pouco parou, e acabou por depositar no fundo do vaso um pó roxo castanho, ficando o liquido quasi claro ligeiramente amarellado. Para este resultado não he preciso pois, o acido sulfurico.

Folhas não tenras, murchas, e sêccas a diversos graus.

Tomei folhas frescas não tenras, e pulas de infusão na agua acidulada na proporção de 1 oitava de acido sulfurico por 28 onças d'agua, isto he, 1 por 224; deixei-

as por 48 horas e de pois moendo-as e expremendo obtive um sumo d'um bello vermelho.

Tomei folhas sêccas á sombra por 8 dias, e pul-as de infusão na mesma agua; depois de 4 dias obtive tambem um summo igualmente vermelho.

Tomei folhas seccas á sombra por 25 dias, pulas de infusão na mesma agua por 5 dias, e consegui tinta igual.

Tomei folhas seccas ao sol até estarem quasi torradas e prestes a se pulverisarem pela menor compressão, e pul-as na mesma agua, reforçando-a com duas gotas d'acido, e depois de 10 dias obtive uma côr igualmente vermelha.

Tomei flôres sêccas ao sol, e que estavam quasi dois mezes expostas ao ar; pul-as de infusão na mesma agua por 48 horas, e deram-me tinta igual, parecendo-me um pouco inferior à das folhas assim preparadas.

Vê-se daqui que a quantidade do acido que requer a operação he minima, e que o mesmo banho serve para muitas e successivas infusões.

Os dias da infusão que eu designo não podem ser julgados como termo infalivel, pois que as folhas levam pesos para que não nadem; a maior ou menor pressão destes pesos pode influir para mais ou menos prompta infiltração do liquido em todas as suas partes, e isto pode variar o tempo requerido pela infusão.

Além disto, se não houver cuidado em agrupar para cada infusão as folhas da mesma natureza, seja em relação á sua maturação, seja em respeito á sua seccagem, podem umas estarem promptas em quanto outras ainda requerem tempo.

Para evitar estes enganos eu separo as folhas em classes, e ponho em infusão separadamente as da mesma classe: passado o tempo que calculo sufficiente, levanto os pesos, e examino uma das folhas tiradas do meio da camada; se me não parece bem embebida do liquido deixo continuar no banho; se porém me parece já prompta, tiro outra ao caso, mando-a moer e se dá sumo francamente vermelho, então entrego á moagem todas as folhas daquelle banho.

A infusão das folhas sêccas produz uma camada d'um pó na superficie do banho, e se o tempo fôr humido bolorêce. Nada disto estorva a operação; vencidos os dias necessarios, as folhas darão a cor que a ellas se pede.

O sumo assim extrahido não tarda a fazer o deposito da materia corante no fundo do vaso, mas como os primeiros depositos não deixam de trazer alguns fragmentos grosseiros que atravessaram o pano no acto da pressão, he util decantar o liquido depois d'umas 12 horas, separar o deposito que não he inutil, e depois expor o liquido á evaporação ao sol. O deposito cresce á medida da evaporação, e os nossos ardentes sôes são excellentes para este fim.

A materia corante he insoluvel na agua, e esta circumstancia me traz mais esperança de que ella será boa para as tinturarias dos tecidos.

E se effectivamente assim for, penso que este paiz, além de poder alimentar uma industria importante, além de dar um trabalho inexgotavel ao povo, ganhará tambem pelo lado da salubridade, porque me dizem que os lugares onde apodrece a abundante folhagem de tecca são insalubres, e eu o creio em vista do cheiro infecto e nauseabundo que exhalam aquellas folhas no estado de putrefacção, como acima referi, e porque se attribue ás folhagens corruptas as febres que estão grassando nas povoações campestres desde alguns annos para cá, depois que se tem posto maior rigor para impedir a queima das arvores das fraldas das montanhas em beneficio da conservação das mattas, queima que reduzia a cinzas essas folhagens. Entre essas folhagens que apodrecem, não podem deixar de estar as de teca.

Utilisando-as para a tinturaria, poderia pois tirar-se dellas fructo dobrado, criar a riquesa industrial, e evitar o damno que dellas provém.

Com este duplo intuito não me cançarei em estudar cada vez mais esta arvore.

(*B. F. da Costa.*)

RELATORIO

SOBRE A QUESTÃO DA REPREZA

feita por

RAMACHONDRÁ SYNAI SIRVOICAR

em Quepem,

CONTRA A QUAL REPRESENTA

o encarregado

DO

Cabido da Sé Primacial d'este Estado

Confeccionado

POR

FRANCISCO BENTO ALEXANDRE DE FIGUEIREDO MAGALHÃES.

Facultativo do Quadro de Saude

do Estado da India.

[Continuação do numero antecedente].

Tenho á mão um artigo da nova *Encyclopedia Universal*, d'essa obra colossal redigida por uma respeitabilissima sociedade de sabios, em que se encontra o seguinte:— Em summa, nos terrenos pantanosos, mesmo os mais benignos, a vegetação soffre sempre. As arvores são pêcas e definhadas; os fructos não teem sabôr nem aroma; e as plantas de hortaliça não se desenvolvem se não imperfeitamente. Os animaes de raça ovina, quando são exclusivamente alimentados com hervas dos pantanos, são logo accommettidos de cachexia aquosa; os de raça bovina, posto que menos sensiveis á acção malefica d'esta alimentação, são tambem algumas vezes atacados por esta affecção. N'uma palavra, as aguas dos pantanos, estando continuamente misturadas com substancias organicas em decomposição, provenientes umas dos vegetaes, que ali se desenvolvem, outras de animalculos que lá se acham sempre em profusão, contrahem cheiro e sabôr fetidos, e exhalam durante a estação quente effluvios, que causam as febres chamadas paludosas. Estes effluvios são levantados pelo vapor da agua, espalhados na atmosphera pela influencia da radiação solar, e transportados muitas vezes a grandes distancias pelos ventos, descem á tarde, e durante a noite, á medida que o vapor se condensa, o que faz com que então sua acção deleterea seja temivel. Elles são sobre tudo funestos ao homem, e nos paizes submettidos á sua acção a vida media é muito curta, tendo-se mesmo visto desapparecer gerações inteiras antes de vinte annos.

Tudo isto, e mais ainda, diz Nysten tambem nos termos seguintes:—Estas aguas [das lagôas] mais ou menos lodosas, de um cheiro e sabôr muitas vezes fetidos, alimentam uma vegetação toda especial. Do seu seio se desenvolvem incessantemente gaz hydrogeneo carbonado, ou phosphorado, e acido carbonico. Debaixo da influencia da luz, mesmo diffusa, e dos animalculos verdes que nellas estão espalhados com profusão, as aguas estagnadas adquirem um grau de oxigenação, que pode ir até 61 por 100 do ar dissolvido. Os effluvios suspensos pelo vapor da agua espalham-se na atmosphera debaixo da influencia da radiação solar, e cahem á tarde, e durante a noite, á medida que o vapor se condensa; em virtude do que sua acção deleteria se torna então mais temivel. Os ventos são o agente mais activo desta dispersão, que se extende ás vezes a grandes distancias. As lagôas não são favoraveis se não ás plantas aquaticas, toda a mais vegetação soffre com ellas; as arvores são geralmente pêcas e definhadas, os fructos são engorgitados de succos aquosos, sem sabor e sem aroma; os cereaes são de qualidade muito inferior; as hortaliças não se desenvolvem perfeitamente. Os animaes das raças bovina e cavallar resistem mais á acção dos pastos insalubres das lagôas, mas não é raro ver bois e vaccas accomettidos de cachexia aquosa. Em quanto aos gados lanigeros, estes alimentos não fornecem ao seu apparelho digestivo os materiaes sufficientes; seu sangue se empobrece, e em seguida uma abundancia d'agua se infiltra pouco a pouco nos tecidos. Mas é sobre tudo o homem que resente estes effeitos perniciosos. A cachexia paludosa é um sinete dos habitantes das localidades pantanosas. A vida media nestes pontos é extremamente curta, e ha exemplos de gerações inteiras terem succumbido antes do periodo de vinte annos.

Em fim para ainda mais dizer em favor do meu parecer, Galeno, Areteo, e Celso

já attribuiram aos paúes e pantanos a infecção miasmatica. Macculloch, Hersch, Pechford, Shonbein, Parker. Moore, Angus Smith, e muitos outros, qne se teem dedicado ao estudo das molestias mais reinantes nos climas quentes, e com especialidade no Indostão, apesar das differentes hypotheses que emittem sobre o facto miasmas, todos admittem infecções miasmaticas. Passa como ponto de fé que dous terços, pelo menos, das molestias que accommettem os Europeos na India. vem directa ou indirectamente da infecção miasmatica, e alguns auctores de reconhecido merito, como Norman Chevers, Morehead, Martin, chegam mesmo a asseverar que em todas as causas de morte neste clima ha a contribuição dos miasmas. Não sei pois como defender a repreza de Ramachondrá Sinay, tão accusada pelas partes, que concorrem nella, e figurando ainda a provavel deterioração da agua do poço, que se acha na varzea a regar, e de que se serve o publico.

A suspeita, que tenho, de que a pessima agua da repreza. que escorre na occasião da rega da vangana para o poço, vá prejudicar a salubridade publica, não é ideia nova. porque já Hippocrates attribuia ás aguas impuras as febres e obstrucções do baço: e alguem ha, como Pedduch, que tem curado febres, empregando unicamente boa agua em lugar da impura que ás havia causado.

Hoje mesmo os habitantes de muitos povos não desconhecem os perigos, que correm uzando das suas más aguas; e este facto tem impressionado os homens peritos, como confessa Lelland, Mashall, Lyell, Cornish. Casos de febres violentas por infecção miasmatica, proveniente do uzo das aguas impuras, são bem conhecidos, e factos de se haverem curado febres deste caracter pela simples mudança da pessima agua para ella boa ninguem os ignora. Tem-se. é verdade, defendido os pantanos, e até se tem dito que a agua delles se pode beber na Hungria e Hollanda sem inconveniente; mas as condições, em que elles se acham nesses climas, são por todos os respeitos mui differentes ás do que temos aqui; e uma grande maioria dos primeiros escriptores ainda condemnna uma e outra cousa, sem acreditar na virtude *anti-miasmatica* e *desinfectante*, que se attribue á tal *planta verde* similhante á ervilhaca ou lentilhas, que apparece em alguns pantanos.

Não quero ainda terminar sem mostrar o que se encontra nos Annaes do Conselho de Saude Publica do Reino com referencia a este assumpto, e que deve considerar-se pelo menos simi official. No Tomo 2.º, pag 192 vê-se o Art.º X, que falla dos pantanos, dizer o seguinte, que transcrevo fielmente:—

{ Pantanos, charcos, aguas estagnadas etc. etc. como foco d'infecção. }

Muitos e assaz importantes objectos que são da competencia da Policia Medica, estão a cargo das Municipalidades do Reino; e é sem duvida um dos mais notaveis o melhoramento dos pantanos, charcos, e quaesquer aguas estagnadas, que muitas vezes com certas condições se tornam mui virulentos fócos de infecção.

O Codigo administrativo, no Artigo 97 § 13 n.º 1, obriga as Juntas de Parochia a exigirem providencias das Camaras Municipaes particularmente sobre o assumpto de que tratamos; e do mesmo. Art. 82 do Codigo bem se deprehende, que estes melhoramentos indispensaveis para a salubridade publica, e para o bem estar, e commodidades dos moradores do Concelho, é da competencia das Municipalidades. E se mais legislação é necessario accumular á já citada, o artigo 16 § 10 do Regulamento, que accompanha o decreto de 3 de Janeiro de 1837, é bem expresso e cathegorico sobre o assumpto em questão. Tanto cuidado e tanta consideração tem merecido aos legisladores a saude dos povos!.... E tantos males (com bom fundamento) se julga poder originar a existencia de taes focos de infecção.

Diz-se desde a mais alta antiguidade, e a dura experiencia tem mostrado aos homens, que se tem dito uma verdade incontestavel; disse-se nos mais remotos tempos, e diz-se ainda hoje:—Que o elemento pantanoso é dos mais formidaveis e terriveis inimigos da população dos Estados. — Os dous dos mais devastadores flagellos da especie humana teem o seu berço em lugares baixos, humidos, e pantanosos, a *peste* e a *febre amarella* tem o seu paiz natal nas margens do Nilo, em o baixo Egipto, e nos paludosos lugares das Ilhas do Golfo

do Mexico, é de lá que todos os escriptores dão como oriundas estas terriveis enfermidades, que tem ferido de morte todos os pontos do Globo, que habitamos; porem a mesma Europa, o nosso mesmo Portugal contém tambem lugares pantanosos, que, se não dão origem áquelles dous terriveis flagellos, produzem outros, que teem assolado muitas povoações.

He innegavel, que os lugares paludosos e humidos, seccando-se, e expondo se á acção dos raios do sol na estação calmosa, dão origem a desenvolução de miasmas, que produzem febres, com o *typho intermittente*, ou outro. Alem disto é tambem innegavel, que os charcos, ou as aguas estagnadas, e em pequena porção, sendo expostas á acção do calor intenso na mesma estação, e as quaes contenham materias vegetaes e animaes em putrefacção, originam tambem as referidas febres. As febres intermittentes podem passar a remittentes e a continuas, e estas terem o caracter ataxico, ou adynamico; e são então contagiosas. As mesmas causas produzem tambem as dysenterias; estas, como é asseverado por mui grandes escriptores, teem o caracter contagioso; os miasmas paludosos, qualquer que seja seu modo de obrar sobre a economia animal, vê-se que produzem uma forte irritação nas vias digestivas, e que estas *gastrites*, *enterites* ou *gastro enterites*, que apparecem, teem muitas vezes, ou podem ter o caracter contagioso. E eis como uma epidemia limitada a um local, pois que é desenvolvida por causas locaes, dá de si estragos na população de mui remotos lugares pelo transporte dos miasmas contagiosos.

Ora, tem vindo ao conhecimento do Conselho de Saude, que nos pequenos rios, ou ribeiras que existem nas visinhanças desta Cidade, e no seu termo, ficam na presente estação do verão pequenas porções d'aguas estagnadas, e sem communicação umas com as outras, as quaes, ou seccando-se pouco a pouco, e expondo se o sólo humido á acção dos raios solares, ou ellas contendo materias vegetaes, e tambem animaes alteradas, e em fermentação putrida, são outros tantos focos de desenvolução de miasmas, que produzem as *gastro enterites* intermittentes. Além disto consta ao Conselho tambem, que em algumas ribeiras se teem formado assudes e reprezas no tempo d'inverno, para fazerem andar varias azenhas, e que na presença do verão, e não tendo a sufficiente agua para as fazer moer, ficam com tudo com as mesmas reprezas, e nellas essa pequena quantidade d'agua, que se altera e corrompe, e se torna um foco d'infecção, e pode em consequencia dar occasião ás *intermittentes*, como se verifica; e é bem possivel, que degenerando em outras febres, estas tomem o caractar contagioso, e devastem as povoações proximas, e mesmo se propaguem á cidade.

Além disto, não podemos deixar de confessar, que em algumas povoações do termo desta cidade, e proximas ao Tejo, existem tambem frequentes febres intermittentes, as quaes são devidas ás marinhas, que se teem construido na margem direita do Tejo, que muito se podiam melhorar em quanto á sua parte sanitaria: ellas não deixam de conter aguas estagnadas, e corrompidas neste ou naquelle ponto com materias vegetaes e animaes em fermentação putrida; e que dão origem ás *intermittentes*, que nesses sitios se observam accommettendo os operarios e os habitantes visinhos; o que em parte se podia obviar regulando-se competentemente este objecto, e sugeitando-se a uma assidua inspecção e fiscalisação das Juntas de Parochia respectivas.

Por conseguinte a Commissão muito deseja se recommende á Camara Municipal desta cidade todos os objectos acima referidos neste Artigo; afim de se emendarem praticas nocivas, e abusos, que tanto podem comprometter a saude, e a vida dos habitantes deste Municipio, mandando se demolir os assudes e reprezas das azenhas, ou propondo-se uma nova construcção, para que no estio não fiquem as aguas estagnadas, cuidar de se limpar bem as ribeiras para o mesmo fim, e finalmente melhorar quanto possivel for as marinhas, que existem no termo desta cidade.

Quizera pôr termo aqui á minha dissertação, que vai já longa, mas não posso resistir á tentação de transcrever um artigo, com que agora deparei na illustrada—Revolução de Setembro—do dia 4 de novembro ultimo, porque me auxiliam todos os toques do articulista, que bem mostra não ser leigo na materia. Peço permissão ao auctor para o copiar na sua integra, e a V.

Sr.ª, Senhor. Presidente, desculpa se me torno enfadonho.

Ha alguns annos que se ventila entre nós uma questão, que pela sua relação com a saude publica. deve merecer ao parlamento, na sua proxima sessão, toda a sollicitude e toda a energia; é a questão dos arrozaes.

As considerações aprezentadas já por muitas vezes na imprensa a semelhante respeito, os estudos que sobre este assumpto teem sido feitos pelos homens mais eminentes da especialidade, parece que já deveriam ter resolvido esta questão. Infelizmente o estado, em que hoje se acha, é o mesmo em que se encontrava ha alguns annos; a differença é que o numero de suas victimas é hoje muito mais crescido.

Seria curioso, e demasiadamente notavel que ao mesmo tempo que a Europa, por iniciativa da França, reune no Oriente um congresso internacional sanitario para conhecer quaes as causas das epidemias cholericas. e quaes os meios que se devem pôr em acção para as impedir e combater, nós que tantos e tão fortes esforços temos empregado para acompanhar a civilisação. deixassemos a salubridade publica no estado de abandono e miseria em que hoje se acha.

Seria uma vergonha para o nosso paiz, que em presença dos sacrificios, que outras nações fazem para elevar o nivel da saude dos seus povos, nós deixassemos definhar e morrer o nosso, deixando sem resolução a importante questão da cultura do arroz.

Diz-nos a estatistica, diz-nos a experiencia que em Portugal a população é muito menos condensada do que na maior parte dos paizes da Europa; e qual é o remedio que applicamos a isso? Nenhum; em lugar de diminuirmos, augmentamos o mal, consentindo que uma cultura homicida campeie, e prospere até no meio de populações importantes.

Se a Azia tem a triste celebridade de ter como molestia indigena, o *cholera-morbus*, se a America tambem se torna tristemente celebre com a sua *febre amarella*, Portugal pode igualmente requerer para si o desastroso privilegio de estimular-as *febres intermittentes*.

Hontem era Obidos que exhibia os tristes effeitos de similhante mal. Hoje não é só Obidos, mas toda, ou quasi toda a provincia da Estremadura, que os mostra, que os deixa ver.

Quem viaja pelas povoações, que pertencentes ainda ao districto de Lisboa, se approximam do Tejo na direcção de Santarem, não pode ficar silencioso diante de tão grande mal. O aspecto dos individuos, os signaes de soffrimento, a deficiencia das forças, tudo revela o estado morbido, e os perniciosos ataques a que estão sujeitos.

E o que é que se tem feito? O que é que temos a fazer?

Pois prohibe-se a cultura do tabaco, por que prejudica os interesses do thesouro, e não se prohibe a do arroz, que não só prejudica, mas ataca completamente um dos interesses mais vitaes do individuo, — que é ser sadio e forte?

Pois policiam-se as industrias fabris, quando as suas operações podem ser nocivas á saude de alguns individuos, e havemos de consentir o *laissez-faire*, o *laissez passer* á agricultura, para que ella, sem responsabilidade, offenda e comprometta a saude não d'alguns, mas de muitos dos nossos concidadãos?

Não pode ser.

E' impossivel que o parlamento portuguez deixe correr á revelia os interesses de um grande numero de habitantes do paiz. E' impossivel que o *statu quo* continúe em materia e assumpto tão vital.

A questão dos arrozaes hade ser forçosamente resolvida na actual sessão, e se até hoje os pantanos artificiaes, que aquella cultura promove, existiram contra as indicações da Hygiene, da policia e da economia, chegou de certo o momento em que estas sciencias hão de ser attendidas, e que aquelle mal seja completamente curado.

E não se cuide que marchando desta forma os poderes publicos tenham offendido a ideia da liberdade; não terão de certo, porque, se acima do interesse particular e individual está o de todos e o geral, acima da liberdade da cultura do arroz, para matar, está a liberdade dos cidadãos para viverem.

Urge remediar o mal; urge resolver tal questão.—

Com as ultimas expressões do articulista rematarei pois o meu parecer contra a existencia da repreza em questão, dispen-

sando o fazer sentir a letra do Artigo 15 n.º 7 do Regulamento do Conselho de Saude Publica do Reino de 15 de Fevereiro de 1841, ou do Artigo 16 § 9 do Regulamento de 1839, por que sendo, como è, lei vigente, será applicada certamente pela Junta de Saude ao caso de que se tracta, Por tanto, dou como findo o meu trabalho remettendo um desenho, devido ao favor d'um amigo, pelo qual, se não fiel, ao menos approximadamente, se pode fazer ideia da forma da repreza e varzea, das suas proporções, das suas posições com referencia á povoação etc. etc.

E queira V. Sr.ª desculpar-me perante a Junta, se não satisfiz cabalmente ao que desejava, fazendo attender os justos motivos, de V. Sr.ª já sabidos, que me levaram a não dar mais cedo conta de mim.

Deus Guarde a V. S.ª—Ilm.º Sr. Presidente da Junta de Saude do Estado da India—Pangim 30 de Novembro de 1865—*Francisco Bento Alexandre de Figueiredo Magalhães*, Facultativo da 2.ª classe do Quadro de Saude do Estado da India.

O Pneumogastrico preside á tonicidade da fibra muscular do coração.

These apresentada e defendida em Julho de 1866 por *José Thomás de Sousa Martins*, Alumno da Escola Medico cirurgica de Lisboa.

O nosso amigo e collega o sr. Souza Martins, um dos alumnos mais distinctos da escola de Lisboa, e que durante o seu curso, tanto no de pharmacia, que primeiro frequentou, como no de medicina que ultimamente concluio obtendo sempre os primeiros premios d'aquella escola, acaba de honrar-nos com um exemplar da sua these, cujo titulo é o quo acima se lê.

Divide-se esta em tres capitulos: 1.º Factos que provam a influencia do pneumogastrico sobre o coração; 2.º Refutação das theorias propostas para explicar a iufluencia do pneumogastrico sobre a coração; 3.º O coração entra nas leis communs a todos os musculos

Estes capitulos, segundo refere o auctor, são extrahidos d'uma obra inedita, que brevemente tenciona publicar com o titulo de *O Pneumogastrico, os Antimoniaes e a Pneumonia*, e com o fim de provar que *o tartaro emetico cura a pneumonia, excitando as origens centraes do pneumogastrico.*

A imprensa medica de Portugal tem sido unanime em elogiar a these do sr. Souza Martins, o que mostra quanto temos a esperar da promettida obra do joven e talentoso escriptor a quem esperamos e desejamos ver conquistar em breve um logar importante nas sciencias a que se dedicou, e de que virá a ser um dos seus mais bellos ornamentos.

A. G. Roberto.

VARIEDADES

Envenenamento pela Cobra de capello.

No Jornal *A India Portugueza*—de 21 de Novembro, le-se debaixo da epigrafe de—*Desastre*—o seguinte: Em Chorão houve uma fatalidade que decepou 3 vidas. Foi o caso:

Debulhavam arroz tres jornaleiros na eira de uma lavradora que lhes estava, em sua caza, cosinhando canja para o almoço; ás horas de aprompta-se, a mulher metteu o colherão na panella, e eis se não quando, entre'arroz, vê uma cobra—capello—despellada, cozida e morta; horrorisada a mulher tirou a panella do fogão, separou o arroz, deitando fóra o caldo da canja e pedaços da cobra e ajuntou-lhe nova agôa, deu uma nova fervura e foi o que offereceu para almoço aos pobres trabalhadores.= Os infelizes depois de almoçarem, expiraram entre horriveis agonias.

ARCHIVO DE PHARMACIA

E

SCIENCIAS ACCESSORIAS

DA

INDIA PORTUGUEZA.

Publicado e redigido pelo Pharmaceutico — Antonio Gomes Roberto.

Numero 36. Dezembro de 1866 3. Anno

LIÇÕES DE METEOROLOGIA.

POR

JOÃO STUART DA FONSECA TORRIE,

professor interino

Da Cadeira de Principios de Physica, Chimica e Historia Natural, de Goa

LIÇÃO 4.ª

Hydrometeoros.

A agoa que no universo existe em todas as formas que a materia assume, representa realmente o papel de elemento que lhe attribuia a sciencia antiga.

Tardieu no artigo—agoa do Diccionario de Hygiene.

1.º Definição e utilidade=2.º=Evaporação=3.º Theoria=4.º Instrumentos de avaliação= 5.º Modificadores = 6.º Acção=7.º Humidade= 8.º Instrumentos de avaliação= 9.º Variações= 10.º Modificadores=11.º Acção= 12.º Orvalho=13.º Instrumentos de avaliação — 14.º Circumstancias em que se forma 15.º Theoria — 16.º Acção. = 17.º Geada.

1.º

Difinição e utilidade.

Os phenomenos meteorologicos produzidos pelos vapores aquosos, denominão-se *hydrometeoros* ou *meteoros aquosos.*

A grande modificação operada por estes na temperatura e a sua poderosa acção sobre os seres organisados, são os motivos da importancia que tem esta parte da sciencia.

Pela boa conductibilidade do vapor aquoso se explica o como as baixas e altas temperaturas nos affectão muito mais intensamente quando o ar está humido.

Para os vegetais a agoa he alimento.

Nos sitios seccos, ou he completa a esterilidade, ou as plantas são acanhadas nas proporções, desmaiadas na côr e insipidas.

Onde ha frescura, a vida he exhuberante, as hervas tornão-se arbustos, e as arvores são de dimensões assombrosas, cobrem-se de relva os prados, as flores ostentão variados matizes e os fructos deliciosos sabores.

Destes meteoros os mais notaveis são a *humidade*, o *orvalho*, a *geada*, o *nevoeiro*, a *chuva*, etc., todos derivão a sua origem da evaporação, e he esta a rasão para primeiro nos occuparmos della.

2.º

Evaporação.

Os corpos que se vaporisão chegão a este estado por tres diversos modos.

Uns de solidos passão logo ao estado de vapor sem passarem pela liquidez, tais são por exemplo, a neve, e a camphora; esta acção he conhecida em physica pelo nome de —*sublimação.*

Outros no estado liquido estão sempre convertendo-se em vapores, e isto em todas as temperaturas inferiores ás de ebullição, este modo de vaporisação, chama-se *evaporação.*

Finalmente ha liquidos que só pela *ebullição* he que passão a vapores.

Quer o sr. Ganot que evaporação seja, a producção lenta de vapor á superficie d'um liquido (1); esta definição do illustrado physico francez não me parece acceitavel, e isto por que em muitos casos a producção do vapor he tão rapida e dissemina-se com tal intensidade que comsigo arrasta varias particulas solidas, como succede por exemplo nos tropicos onde esta evaporação se denomina *tumultuosa.*

No meo entender, tãobem se engana o sr. Thomson em dizer que a evaporação se dá nos solidos, e em confundir a vaporisação por ebullição, com a vaporisação em geral. (2)

Como dissemos a vaporisação fazse de tres modos, por *sublimação, evaporação* e *ebullição,* nestes diversos modos de chegar ao mesmo estado, ha differenças que convem conservar, não parece pois bem confundir, como o sr. Thomson faz, a evaporação com a sublimação, e a ebullição com o vaporisação, que em linguagem technica tem accepção mais lata.

3.º

Theoria.

A evaporação he o resultado da acção repulsiva do calorico.

Crião os antigos physicos com Kooke, Haley, Leroy, Monge, & (3) que o ar era necessario á evaporação, e que obrava como um dissolvente, de modo que, assim como com o maior numero dos dissolventes accontece,não poderem conter senão uma dada porção de substancia dissolvida, assim o ar saturado não podia conter mais vapor.

Foi Dalton quem provou que o vapor existia de per si, visto formarse no vacuo : o mesmo physico mostrou que o ar longe de ser vehiculo do vapor, era um obstaculo á sua formação (4).

4.º

Instrnmento de avaliação.

Para conhecer a quantidade de liquido que se evapora num dado lugar, emprega-se um instrumento conhecido pelo nome de *atmidometro.*

---

1 *Ganot.* Traite de Physsique —8.ª ed pg 256,

2 *Thomson* Metereology, pg, 97.

3 Vejão-se os Tratados de Physica de Daguin e Peschel.

4 Dalton—Veja-se Thomson Metereology. Log. cit.

5.º

Modificadores, Temperatura.

Quanto mais elevada for a temperatura tanto mais rapida será a evaporação, o que facilmente se concebe pela acção repulsiva do calorico.

Da influencia da temperatura se deduz a da latitude; assim como a temperatura augmenta dos polos para o equador, o mesmo succede á evaporação.

Superficie de evaporação.

A superficie de evaporação he uma influencia clara, porque formando-se o vapor em todos os pontos da superficie, quanto maior for o numero destes, tanto mais vapor se formará.

Quantidade de vapor que existe no ar.

N'um espaço saturado de vapor, a evaporação he impossivel, num lugar em que o ar esteja perfeitamente secco a evaporação fornece a maior porção possivel de vapor: do que precede he facil deduzir a influencia que na evaporação exerce a seccura ou humidade do ar.

Do conhecimento deste modificador deriva a explicação relativa á influencia dos ventos, os quaís favorecem a evaporação se renovão ar que está mais secco.

6.º

Acção.

A' evaporação se deve o vapor aquoso que no ar existe, a este se deve o orvalho, a chuva &, por isso directa ou indirectamente todos os hydrometros se devem á evaporação.

No acto da evaporação o corpo que se vaporisa absorve grande quantidade dos corpos visinhos, havendo em consequencia grande esfriamento.

Este facto explica-nos o como nas proximidades das grandes massas de agoa, a temperatura não offerece grandes e rapidas oscillações: se a temperatura se eleva, a evaporação augmenta dando em resultado um esfriamento, se baixa a temperatura o vapor de agoa liquefaz-se e ha evolução de calorico.

Da influencia da evaporação sobre a temperatura se deprehende a que dá com a pressão atmospherica.

A humidade he especificamente mais leve do que o ar, e he esta a rasão porque o ar humido pesa menos que o secco.

7.º

Humidade.

No ar nunca falta completamente o vapor de agoa, e nem isto he para admirar sendo a evaporação tão constante e geral.

Pode porém, quando a temperatura he alta, haver muito vapor aquoso, e ao mesmo tempo seccura.

Inversamente, o ar pode produzir a impressão de humido contendo pequena porção de vapor, como succede quando he baixa a temperatura.

Por outra a quantidade de vapor absoluto he digna de conhecer-se, mas mais nos convem saber a relação que existe entre o vapor que o ar contem e o que conteria estando saturado á mesma temperatura, isto he o seu *vapor relativo*.

Nestas lições o vapor relativo havemos de distingui-lo pelo nome de *humidade* e o grupo de condições a que dá logar, pelo nome de *estado hygrometrico*, sendo a *Hygrometria*, a parte da sciencia que se occupa deste estudo.

8.º

Instrumentos de avaliação.

Os principais são os *hygrometros de Saussure, Babinet, Daniell, Pouillet, Belli, Majocchi, Regnault, Leslie, e o psychrometro de Agust*.

9.º

Variações.

Os trabalhos dos sr.s Neuber, Kupper e Kaemts (5), são os unicos que a sciencia possue sobre assumpto tão importante: apesar de incompletos e pelo seo numero insufficientes para a resolução de varios pontos, servem já de poderoso auxilio para a solução de interessantes factos.

Variação diaria.

Antes de nascer o sol o vapor absoluto acha-se reduzido ao minimo, e a humidade tem attingido o maximo.

A elevação progressiva da temperatura que diariamente se nota, he acompanhada de augmento no vapor absoluto e diminuição na humidade.

De hinverno o maximo gráo do vapor absoluto coincide com o maximo da temperatura.

No verão da-se antes do meio dia, o maximo do vapor.

Variação annual.

Em janeiro o vapor absoluto está no minimo, em maio e junho ha um augmento rapido; em junho ás vezes attinge o maximo, que quasi sempre se observa em agosto: depois deste mez ha decrescimento até voltar o janeiro.

A' humidade succede o contrario, com pequena alteração; como se verá no quadro que segue e que foi feito em Halle. (6)

	Tensão do vapor aquoso.	Humidade.
Janeiro.	4,509	85,0
Fevereiro	4,749	79,9
Março.	5,107	76,4
Abril	6,247	71,4
Maio.	7,836	69,1
Junho.	10,843	69,7
Julho.	11,626	66,5
Agosto.	10,701	66,1
Setembro.	9,560	72,8
Outubro.	7,868	78,9
Novembro. . . .	5,644	85,3
Dezembro . . .	5,599	86,2

10.º

Modificadores.

Latitude.

A modificação que a latidude opera não se conhece ainda bem, o que se sabe he que o vapor augmenta dos polos para o equador.

O que dissemos respeito á temperatura em quanto influenciada pela latitude, faz comprehender o que suc-

5 Neuber—Kupper e Kaemts: veja se o Cours de Metereologie deste. pg. 75

6 Kaemts; Log. cit, pg. 84

cede relativamente ao augmento do vapor absoluto.

Longitude.

No mesmo paralello o vapor absoluto e a humidade augmentão quando nos approximamos das costas, havendo sobre os mares um estado mui visinho da saturação.

A' proporção que se penetra no interior dos grandes continentes o vapor aquoso escaceia.

Os desertos interiores da Africa, Asia e Nova Hollanda são os logares mais seccos do mundo.

Faltão os liquidos evaporaveis e disto procede a differença.

Altitude.

Affirmárão os sr.s Saussure, Deluc e Humboldt (7) que no cume das montanhas o ar era muito mais secco que na base; os sr.s Kaemts; Martins e Bravais (8) fizerão novas experiencias e dellas concluirão: que no cume das montanhas a humidade he ás vezes insignificante, sendo termo medio tão abundante no cume como na base.

Ventos.

Os ventos alterão grandemente o estado hygrometrico, o que facilmente se comprehende sabendo-se o quanto alterão a temperatura, e o vapor aquoso que trazem ou levão quando soprão.

No seguinte quadro, resumo de quatro annos de observações feitas em Halle, apparece bem clara esta influencia. (9)

Seccura relativa dos ventos.

Norte	6,69
Nordeste	6,56
Este	6,90
Sudeste	7,31
Sul	7,82
Sudoeste	7,46
Oeste	7,26
Noroeste	6,90

Nas proximidades dos mares, os ventos que passão sobre a agoa são muito mais humidos, que os que vem de terra.

Estado da superficie.

Num dado logar, a formação de um pantano he motivo para que haja augmento no vapor absoluto e humidade.

Sabido como he que uma superficie coberta de vegetais exhala um terço de vapor mais, do que se estivesse coberta de agoa (10), não se pode duvidar do augmento de humidade nos logares que de aridos passárão a cultos.

A qualidade dos vegetais he tãobem uma circunstancia que influe, como mostra o *heliantus annus*, o qual em egoaldade de superficie produz sete vezes mais vapor que o homem.

---

7 Saussure, Deluc e Humboldt veja-se Tardieu Log. cit. art. clima.

8 Kaemts, Martinset Bravais — veja-se Metereologie et Physique du globe de Martins no Million de faits.

9 Kaemts. Log. cit. pg. os numeros indicão a força elastica media do vopor aquoso para cada vento.

10 Martin On the influence of climate. 1856 pg. 5.

11.º

Acção.

A humidade faz o ar mais leve, faz com que o calor ou frio nos sejão mais sensiveis, combina-se com uma infinidade de corpos, he essencial para a existencia dos seres organicos e fornece o vapor origem dos outros hydrometeoros.

12.º

Orvalho.

Tu dás vida aos vergeis com teu suave.
Prolifico lentor; a curva rosa.
O lirio, aquem pendeu o sol ardente
Se erguem, e se retoucão.
Philinto Elysio na Ode A noite.

O *orvalho* he o vapor aquoso do ar que durante a noite se liquefaz e adhere aos corpos.

A agoa deste meteoro he mais pura que a da chuva, todavia pelo contacto com diversas substancias adquire por vezes propriedades singulares.

O *vinagre de sennagala* tão estimado na India, he o orvalho que se recolhe sobre as flores do *cicer arietenum.*

O *orvalho gelea* suppõe-se ser produzido pela cryptogamica por Linneo denominada *tremella nostoc.*

O *orvalho mel*, que Virgilio chama *mel aerio* e dadiva dos numes (11), e que Plinio julgava ser suor do ceo ou saliva das estrellas etc. (12), he segundo uns a exudação das folhas de certas arvores, como por exemplo da tilia; para outros he segregado pelos aphidios.

11 Virgilio Georgicas — cant. 4.º v. 2.º

12 Plinio. Hist. nat.—18.º

13.º

Instrumentos de avaliação.

Estes instrumentos são os *drososometros*, sendo os principais: os de *Flaegergues*, de *Gasparin* e o de *Wells*; o deste ultimo observador he o preferido pela maior parte ds meteorologistas.

14.º

Circunstancias em que se forma.

Só ha orvalho estando o ar saturado de vapor.

Quando os solidos proximos do solo não esfrião mais que o ar ambiente, não appareçe o orvalho.

Nas noites nubladas não se forma orvalho.

Não existe nas noites muito ventosas.

Sobre as rochas, e terrenos compactos, encontra-se mui pouco orvalho.

He mais abundante nos terrenos cultos do que nos incultos.

Abunda mais nas proximidades do solo do que nos pontos distantes.

Adhere de preferencia a determinados objectos.

Forma-se ás vezes durante a noite inteira, mas sempre em maior porção depois da meia noite.

15.º

Theoria.

Não comprehendeo a antiguidade o como se formava este hydrometeoro, e quando Aristoteles disse ser agoa que em particulas se separava do ar (13), julgárão-no fabulando.

13 Aristoteles De mundo, cap. 3.º

Para uns o orvalho provinha dos astros e a prova estava em só se formar em noites limpidas.

Esta opinião passava por muito verdadeira para os alchimistas, por isso, não cessavão de cuidadosamente recolher todo o orvalho possivel, no doce engano de encontrar o ouro, que o orvalho não podia deixar de ter, vindo dos astros.

O facto de se formar orvalho dentro das campanullas que cobrem os vegetais, fez com que varios physicos dissessem que o orvalho vinha do solo.

Mussenbroek com melhores intenções ecleticas que rasões entendeo, que o melhor era suppor tres qualidades de orvalho, — o que cahe do ar, o que se eleva das agoas, e o que o solo produz.

Tais erão as hypotheses que na sciencia corrião, quando o illustrado dr. Wells por uma inducção das mais perfeitas descobrio a verdadeira theoria (14).

Provou elle que o arrefecimento que durante a noite se opera nos corpos que existem á superficie do nosso globo, he a causa deste hydrometeoro.

De facto o ar que envolve os corpos arrefecendo pelo contacto destes, chega a um ponto em que ha saturação, ora se o arrefecimento continúa o vapor liquefaz-se e neste estado adhere aos corpos.

Tal he a theoria do dr. Wells que hoje he a unica merecedora de acceitação por ser aquella que as experiencias e analogia sustentão, e porque explica o maior numero de factos connexos com este meteoro.

14 Wells. Essay on dew.

Factos analogos.

Quando se bafeja um espelho este embacia e em breve se ha demora, corre o liquido sobre o espelho: o vapor do ar expirado encontrando o espelho de temperatura inferior condensou-se.

Quando se lanção pedaços de gelo dentro de um vaso de vidro e depois se expõem ao ar, as paredes do vaso cobrem-se de agoa, proveniente do vapor aquoso do ar que encontrou um corpo de temperatura muito baixa e liquefez-se.

Em varios escriptos antigos, principalmente de poetas, se mencionão estatuas que choravão, suando outras (15); muitos criticos considerão estas asserções como filhas da liberdade poetica; a nós parece-nos que estas passagens são outras tantas referencias á condensação dos vapores sobre corpos que são mais frios que o ambiente.

Virgilio (16), por exemplo, ao descrever os prodigios que precedêrão e succedêrão á morte de Julio Cezar, diz, nos templos chora o marfim e sua o bronse.

Et mœstum illacrymat templis ebur, æraque sudant.

Factos que não admirão por

15 Tibullo — Opera liv. 2.º — v. 5 — Livio — liv. 53 cap. 13. Plutarco — Coriolano.

16 Virgilio — Georgicas. cant. I. vd. 555.

estar o ar quasi saturado de vapor aquoso, attentas as grandes chuvas; as quais como diz o mesmo poeta, fizerão trasbordar o alto Eridano. de modo a alagar bosques e arrastar comsigo currais e armentos.

Explicação das circunstancias.

Em quanto não ha saturação o vapor não se liquefaz.

O esfriamento dos corpos proximos do solo condensa os vapores ambientes, se o esfriamento fosse geral os vapores liquefeitos cahirião em forma de chuva.

Os vapores durante o dia conservão-se disseminados no ar, o abaixamento da temperatura durante a noite, faz com que haja a saturação e em seguida a formação do orvalho; he esta a razão porque à temperatura do dia deve exceder a da noite.

O vento intenso eleva a temperatura dos corpos pelo attrito, e pelo movimento que communica ao ar não permitte que haja a sufficiente quietação necessaria á liquefacção dos vapores, assim se explica a ausencia do orvalho em noites ventosas.

As nuvens reverberão os raios calorificos emanados do solo, e por este modo fazem com que haja equilibrio de temperatura entre os corpos solidos e ar ambiente, estado este contrario á existencia do orvalho.

A quantidade de orvalho que adhere aos objectos está na razão directa de seo esfriamento.

Assim, as rochas e terrenos compactos que perdem o calorico difficil e lentamente, são pouco orvalhados.

Os terrenos cultos que perdem maior porção de calorico do que os incultos, são tãobem mais orvalhados.

A pennugem dos cisnes que dos corpos conhecidos he o que mais calorico perde, he o mais orvalhoso:

Nas proximidades do solo he onde ha maior esfriamento, e por isso he ahi que mais abunda o orvalho.

Depois da meia noite he o periodo em que a temperatura mais tem descido, e he este o periodo de maximo orvalho.

16.º

Acção.

O orvalho he uma das fontes donde os vegetais tirão grande porção de agoa, he este o motivo porque a natureza fez com que fossem as plantas os objectos que mais se cobrem de orvalho.

Refresca o ar, porque de noite se deposita e pela manhãa vai pouco a pouco desapparecendo, voltando parte ao ar, sendo o resto absorvido pelas plantas e solo.

17.º

Geada.

A geada he geralmente considerada como orvalho congelado, não parece haver nisto verdade, porque a ser assim, deveria apresentar-se com a forma globulosa, e não em forma de camadas cristalinas opacas como se encontra.

He mais provavel que se forme quando a temperatura seja inferior a 0°, passando o vapor aquoso do ar immediatamente ao estado solido, ou mediatamente, com demora instantanea no estado liquido

(Continúa).

VARIEDADES

Mordexim.

Gaspar Correa nas suas *Lendas da India*, Tom 1.º Livro 1.º pag. 489, depois de contar largamente as façanhas de Duarte Pacheco na defensão dos rios de Cochim contra o Samorim no inverno de 1503, diz assim:

= E El-Rey de Cochim teve cuidado, e soube em verdade que o Samorym perdera nesta guerra passante de vinre mil homens, naires, e remeiros, e muitos que ficarão aleijados, ao que muyto ajudou doença de corrença no tempo do inverno, e bexigas, de que muytos morrião, afóra outra doença que era como supitanea, que dava na barriga huma dor, que nem durava hum homem oito horas acabadas —»

Esta doença supitanea com dor de barriga seria a cholera-morbus? pode crer-se que sim; e que seria o *Mordexim* em forma epidemica, de que o mesmo auctor das *Lendas* dá uma excellente descripção no anno de 1543, e nós trasladaremos de outra vez.

Extirpação do baço.

Segundo refere a *Gazeta Medica de Lisboa*, foi extirpado, pelos snr.s Wells e Jenner, o baço a uma mulher de trinta e quatro annos de idade, cuja vida, esta viscera enormemente hypertrophiada, comprimindo os orgãos abdominaes, punha em risco. A operada ia bem, quando no oitavo dia depois da operação foi atacada pela infecção purulenta que a matou. O baço extirpado tinha de pezo mais de 2 Kilos, e foi apresentado á sociedade pathologica de Londres.

Aborto aos setenta e dois annos.

Foi o Dr. Prion que verificou este facto. Segundo refere o *Bulletim de la societé medicale d'Angers*, o feto tinha dois mezes a dois mezes e meio; era do sexo masculino. O marido tinha setenta e oito annos e a mulher setenta e dois.

(*Gazeta Medica*).

Couraças de aluminio para desviar uma bala de espingarda.

Diz o *Escholiaste Medico* que se comprovou por experiencias effectuadas em Florença, que uma couraça de aluminio, com o ser tão leve como um colete ordinario, é capaz de desviar uma bala de espingarda que atire a distancia de 38 passos, ou fazer resvalar a ponta d'uma baioneta, por muito poderosa que seja a mão que a dirija.

Uma couraça de aluminio está calculado que custará 25 francos.

Longevidade.

Morreu na America, em Wisconsin, o homem mais velho do mundo. Chamava-se José Crélo, cujo assento de baptismo foi encontrado no registro da egreja catholica de Detroit na data de 1725, contando por tanto 141 annos!.

Oleo de Madeira de Santal, (*omyrium mirtifolium*) das Indias Orientaes, e o Oleo da madeira do *Dipterocarpus turbinatus*; como especificos no tratamento das gonorrheas.

Dá-nos a *gazeta medica* de Lisboa referindo-se ao jornal = *The Glascow medical* a seguinte curiosa noticia destes dois oleos. — O dr. Henderson, de Glascow, diz ter obtido no tratamento das gonorrheas excellentes resultados da applicação d'estes dois especificos, que, pelo que observou, podem ser considerados como magnificos succedaneos das cubebas, ou da copahiba.

Um destes especificos é o oleo da madeira de Santal, o *mirium myrtifolium*, das Indias orientaes. Este oleo não apresenta inconveniente, administrado até em altas dóses. O dr. Henderson emprega de 20 a 40 gotas d'este oleo diluido em tres partes de aguardente rectificada, aromatisada com oleo essencial de canella ou de quassia. Em casos em que a doença não está muito inveterada, a gonorrhea supprime-se no espaço de quarenta e oito horas.

O outro remedio é tambem o oleo da madeira do *dipterocarpus turbinatus*, arvore immensa das Indias. Os dr.s O'dhanghuessy e Waring têem-no administrado na dóse de 10 a 15 gotas, tres vezes por dia, e parece ter algumas vezes seccado no espaço de uma semana gonorrheas que tinham resistido á acção das cubebas e da copahiba.

Venda da carne de cavallo em París.

Affixou-se em varias ruas de París um edito do prefeito de policia, regulando a matança, o transporte e consumo da carne de cavallo, de modo a salvaguardar os interesses da salubridade e da hygiene publica. Os cavallos destinados ao consumo publico serão mortos em matadouros especiaes em presença de um inspector e de um veterinario. Os cavallos mortos, doentes ou abatidos com febre ou em estremo grau de magreza são considerados como improprios para o consumo.

LISTA DOS SNR.s COLLABORADORES.

EM

1866.

Francisco Bento Alexandre de Figueiredo Magalhães.
(Veja pag. 174)

João Stuart da Fonseca Torrie
(Veja pag.—8—136—149)

João de Mello Sampaio
(Veja pag. 21—36—113—164)

João Herculano de Moura
(Veja pag. 187)

Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara (Dr.)
(Veja pag. 14—20—56—65—111—133)

Suriagy Ananda Rau
(Veja pag. 40)

INDICE GERAL

DAS

MATERIAS CONTIDAS

NOS 12 NUMEROS D'ESTE JORNAL, PUBLICADOS NO

ANNO DE 1866.

Aborto aos 72 annos.—205
Acacia arabica—145
Algodão—117
Aloé indica (ou piteira da India)—120
Alimentos—159
Aluminio [couraças de].—205
Annanáz—145
Angelim—108
Apa—164
Apontamentos sobre alguns agentes pharmacologicos da India portugueza.—8—25—41
« para a historia da pharmacia e da medicina portugueza na India.—36—57
Areulites triloba de Froster.—28
Arvore de Belgão.—28
« que devem introduzir no Canará do Norte.—109
« de gralha [Pimpôl).—146
Arrôz.—159
Arrôz (Peso do).—165.
Arrosaes (breves reflexões sobre os).—136—174—192
Atmosphera.—149
Avisos.—115
Baço, extirpação do.—205
Bambu (Bambusa arundinacea).—147
Bananeira.—143
Bendó (hortaliça].—145
Bexigas.—66
Bibliographia.—56
Bette honne ou By-rum.—109
Bombaim, (Sociedade medica de] —23
Brahmá.—38—57
Calamus fasciculatus [Rotim).—147
Canja.—163
Canhamo.—119
Cadaveres dos cholericos.—60
Canará do Norte [productos vegetaes do) —20—30—46—61—105'—117
Carne de cavallo, venda da.206.
Carta do Vice-Rei D. Jeronimo de Asevêdo a Sua Magestade sobre o Fisico-mor da India.—36
Caracteres botanicos das cucurbitaceas.—41
Carrapateiro.—46
Causo tropical.—123

Cerveja preta.— 110
Chegada.—100
Chinchona, sua plantação na India portuguesa.—65
Cholera morbus.—14—33—34—48—60—110—111—127—133-135-155-205
« suas causas.—135
Chuva cahida em Goa nos annos de 1862, 1863, 1864, e 1865.—180
Chimica organica.—187
Cigarrilhas anti-asthmaticas (tubos).—186
Clister do Dr. Cailard (contra a diarrheia cholerica)—121
Conferencia medico-diplomatica para propor os meios de atalhar os progressos da cholera.—14—111
Coqueiro.—20—107—119
Collegio de Grant em Bombaim.— 23
Coloquintidas.—42
Congresso medico-diplomatico sobre a cholera em Constantinopla.—14—111
« —127—133—155
Cobra de capello, (envenenamento pela].— 196
Couraças de alumiuio.—205
Croton tiglium.—9
« pavana.—29
« poliandrum.— 29
« obongifolium.—29
Chronista de Tissuary. — 37
Creação do mundo [a) segundo as leis de Manú filho de Bramá.—38—57
Cucurbitaceas, caracteres botanicos da familia das.—41
Cucumis acutangula, Lín. —45
« pseudo.—46
« Hardiwickia.—46
« colocynthes.—42
Desinfectante [Novo).—164
Despachos.—55—60
Documentos para a historia da pharmacia e da medicina portuguesa na India,—36—67.
« para a historia da medicina empirica na India.—36—67
Ebano:—105
Elementos de construcção por C. J. Mourão Garcez Palha.—49
Enganchados(Os).—50
Envenenamento pela cobra de capello.—196
Estampa dos enganchados.—54
« do pangolim.—102
Eschola mathematica e militar de Goa [Posto meteorologico da].— 180
Esparadrapo de glicerina.— 121
Estirpação do baço.—205
Euphorbiaceas.—8
Euphorbio.—29
Euphorbia antiquorum de Lin.— 28
« canariensis.— 28
« tortilis.—28
Evora (Pharmacia da misericordia de].—172
Febres.—122
Festa dos Enganchados.—50

Fibras.—117—142
Ficus Bengalensis (Pimpôl).—146
Formulas empregadas pelo dr. Jasé Moreno Fernandes, no tratamento da cholera morbus.—33
« recommendadas no tratamento da cholera por Ernest Baudrimont.—48
« empregadas na cholera—33—48—110
Fossil.—115
Folheto [Refutação do] o que fomos e o que somos.—148
Fumo dos iucendios (meio de respirar no].—169
Gomma arabica (Acaçia arabica] —145
Gonçalinhos (Cucumis acutangula).—45
Gralha (arvore de).—146
Historia da pharmacia e da medicina portuguesa na India [apontamentos para a]. —36—57
Hospitaes militares da India portuguesa.—115—116
Incendios, (meio de respirar entre o fumo dos].—169
Industria e artes.— 189
Indice.—207
Informações officiaes sobre a cholera , mandadas da Presidencia de Bombaim ao congresso medico diplomatico de Constantinopla.—127
Ingeção de Brou. — 121
Inquisição de Goa, (Narração da) por M. Vicente d'Abreu.— 174
Instrucções para prevenir e combater a cholera, mandadas publicar pelo Conselho de Saude Publica.—34
Jambo.—109
Jaqueira·—106
Jatropha curcas de Lin.—25
« multifida.—30
« glandulifera.—30
« monihot.—30
Kindul.—106
Laringoscopo.—113
Leis de Manu, filho de Brahma.—38—57
Lendas de Gaspar Correia.— 205
Licor estomacal de cravo e nós moscada.—132
Lições de meteorologia, por J.S. da Fonseca Torrie.—149—165—181—197
Limeira brava.—106
Linho.—118
Lista dos Collaboradores d'este jornal em 1866.—206
Longividade.—205
Luses (novas) e suas applicações.—21
Macã de elefante.—107
Mohogano da India.—10
Malva da India.—105
Manu, filho de Brahmá, leis de.—38—52
Madeiras.—61
Mappa do movimento havido nos hospitaes militares da India portuguesa nos ultimos 3 annos.—115—116
« da mortalidade havida nos hospitaes militares da India portuguesa nos ultimos 3 annos.—115—116

Mappa da conta da receita e despesa da Pharmacia do hospital de Evora.—179
« do Posto meteorologico de Nova Goa.—180
Mareta.—108
Meios propostos para atalhar os progressos da cholera.—14
Meio de respirar entre o fumo d'um incendio.—169
Meteorologia.—149—165—181—197.
Mistura narcotica com glicerina.—122
« para uso externo—.122
« de carvão e sulfato de ferro.—49
Moçambique, (Breve noticia de alguns productos medicinaes, agricolas e e commerciaes de) por A. Gomes Roberto.—170
Molestia das trichinas.— 36
Mordexim.—205
Museu em Lisboa, para os productos medicinaes das colonias.— 5
« zoologico de Lisboa [Relatorio á cerca do).—56
« zoologico de Lisboa, (productos zoologicos da India para o). —101
Nanó.—109
Narração da Inquisição de *G*oa por M. Vicente d'Abreu.—174
Naufragio.—113
Necessidade de haver em Lisboa nm museu, ou Gabinete onde se reunam amostras de todos os productos medicinaes das nossas colonias.—5
Nogueira da India.—28
« de Belgão.48
Noses medicinaes da America .—25
Nota-Bene do Sr. Dr. Miguel Antonio Dias .—59
Noticia (Breve) de alguns productos medicinaes, agricolas e commerciaes de Moçambique.—170
Novo desinfectante.—164
Officios sobre a plantação da chiuchona na India portugueza —65
Oleos.—20—30—46
Oleo de croton tiglium.—10
« de coco.—20
« de mamona—26—46—171
« de Puna.—31
« de Linhaça.—32
« gergelim.—32
« de nós terrestre. —47
« de nime.—48
« de noses de Belgão.—48
« de Mahoa ou Maura.—48
« de papoula do Mexico.—48
« de Jasmim.—48
« de sandalo.—48
« de canella.—48
« canforado terebentinado.—122
« de meudobi e outras sementes.—171
« de Frei Pedro.—172
« de ricino.—26—46—171
« de madeira de santal.—205
de madeira do dipterocarpus.—205

Ordem do Governo, prohibindo a ceremonia dos enganchados.— 52
Palmeira.—20
Páo preto (Sissó).—64
« vermelho.—106
« assetinado.—108
Papel anti-asthmatico —186
Patriota [o).=115
Peso do ar.—165
Petição de varios cidadãos gentios ao governo da India pedindolhes seja restituida a ceremonia dos enganchados —55
Phenomeno geologico.—148
Pharmacia.—33—48—100—110—121—173—186
Pharmacia da Misericordia de Evora.—179
Philantus.—embelica.—30
Phisico-mor da India Dr. Paulo Ximenes [carta do) —36
Piteira bastarda ou americana.—120
« da India.—120
Pimpol (arvore de gralha).—146
Piperina —187
Pinhões da India e da Barbaria.—25
Pneumogastrico preside a tonicidade da fibra do coração.—196
Pomada mercurial (Savigliano).—121
« de iodureto de chumbo e potassio.—173
« de sulfato de ferro, contra as hemoirhoidas.—100
Posto meteorologico de Nova Goa.—180
Poção de bi-carbonato de soda e hidrolato de hortelã.—48
« de quina e canella.—49
« de acetato de morfina e de acetato d'ammoniaco.—49
Projecto de lei sobre o serviço de saude do ultramar apresentado nas Camaras pelo Dr. Leandro José da Costa —130
Pressão atmospherica.—165
Productos medicinaes, agricolas e commerciaes de Moçambique (Breve noticia dos).—170
« medicinaes das nossas colonias.—5
« vegetaes do Canará do Norte.—20—30—46—61—105e117 142.159
« zoologicos da India Portuguesa enviados ao Museu de Lisboa por A. Gomes Roberto.—101
Preceitos hygienicos contra a cholera.—34
Puberdade estemporanea .—60
Puna.—108
Quadro comparativo da quantidade de chuva durante os ultimos quatro annos, em Goa, de 1862—1863—1864—1865.— 180
Quinas, [plantação das) na India portuguesa —65
Raizes, caule e folhas de croton tiglium.—10
Reflexões sobre os arrosaes.—136
Refutação do folheto, o que fomos e o que somos.—148
Relatorio á cerca do Museu de Lisboa por J. V. Barbosa Du Bocage.—56
« a cerca do serviço de saude de Macau pelo Dr. Lucio Augusto da Silva.—71—77
« do Dr. Leith ao governo de Bombaim para ser presente ao Congresso medico-diplomatico de Constantinopla.— 133—155

Relatorio sobre os arrosaes da India, por J. S. da Fonseca Torrie.—136
« sobre os arrosaes da India, por F. B. A. de Figueiredo Magalhães—174—192
Relatorio sobre a questão da represa feita por Ramachondrá Synai Sirvoicar em Quepem, contra a qual representa o encarregado do Cabido da Sé Primacial de Goa.—174—192
Remedio para destruir a tenia.—40
Requerimentos ao Governo do Estado da India.—55—67
Resposta ao Nota-Bene do Sr. Dr. Miguel Antonio Dias por J. José Alves—59
Ricinus communis de Lin.—26—36
Rotim [Calamus fasciculatus).—147
Sabão vegetal de Moçambique.—171
Sagady.—109
Sagu bastardo.—146
Sal de Moçambique.—171
« mineral.—171
Sandalo.—63—189
Sementes de croton tiglium.—10
Sissó (páo preto).—64
Serviço de Saude do Ultramar.—129
Sociedade Medica do collegio de Grant, em Bombaim.—23
Soluços, [receita para os]—40
Synonimia chimico-pharmaceutica.—147
Tamarindeiro.—108
Temperatura.181
Tenia, novo remedio para a destruir.—40
Teca (arvore de].—61—190
These de José Thomás de Souza Martins.—196
Tinta vermelha extrahida da teca.—190
» vermelha extrahida do Sandalo.—189
« para tingir pannos.—173
« de escrever (Ribó).—110
Tratamento que se deve empregar na cholera.—35
Trichinas (molestia das).—36—139
« sobre os vermes que a produzem.—36—139
Trichosantes dioica·Roxburg,—45
« cucumeriana Lin.—45
Tubos anti-asthmaticos—186
Ultramar (serviço de saude do).—129
Variedades—37—57—113—132—147—196
Varias arvores não classificadas—108
Venda da carne de cavallo em Pariz.—206
Vinho moscatel (artificial).—132
« moscatel [de Frentingnon].—132
« de champagne (artificial).—132
« de laranjas.—132
« de milho.—172
Xaropes [sua preparação por meio dos extractos).—122
Yercum (ou erva amarella gigantesca).—142

AVISO

A assignatura e venda d'este jornal faz-se em Nova Goa, na pharmacia do hospital militar, para onde deve ser dirigida, franca de porte, toda a correspondencia que lhe diga respeito, com direcção a Antonio Gomes Roberto.

Os artigos scientificos enviados á redacção, ou outros quaesquer escriptos, sejam ou não publicados, ficam sendo propriedade sua.

Em Lisboa, na pharmacia do Caes de Sodré (ou rua dos Romulares n.º 28) pertencente ao sr. José de Matos Saraiva, se acham á venda collecções completas d'este jornal, em brochura, pertencentes, aos annos de 1862 a 1866. seu custo é

1362 } 1863 }	Preços	Rs. fortes		2:400
1864	«	«		1:600
1365	«	«		1:600
1866	«	«		1:600

O nosso correspondente em Lisboa. é o sr. Lasaro Joaquin de Sousa Pereira, na Pharmacia Ultramarina, rua de S. Paulo Ns 27—a quem se poderão dirigir as Redacções dos jornaes, que nos honram com a troca dos seus jornaes, para reclamarem qualquer numero dos que lhes teem sido enviados e que possam ter-se extraviado

---

PREÇO DA ASSIGNATURA

Em Pangim	Para Bombaim, Damão, e Diu.
Por anno ..... 4 Rupias	Por anno, porte franco, 5 Rupias
Por semestre ..... 2 «	PARA MOÇAMBIQUE.
Numeros avulsos ..... 1 Xerafim	Por anno..... 1:600 Reis fortes.
	PARA MACAU
	Por anno..... 2:250 "

Publica-se um numero de 16 paginas por mez, em dias indeterminados.

Na Pharmacia de Domingos Luis Gonsalves, na rua das 7 janellas, em NovaGoa se acham á venda os seguintes livros.

	Rupias.	R.s for.
Jornal de Pharmacia e Sciencias medicas da India portugueza, 1.º e 2.º anno 1862 e 1863, em brochura.....	6	2:400
Archivo de Pharmacia e Sciencias Accessorias da India portugueza 1.º anno, 1864, em brochura.....	4	1:600
« 2.º anno 1865, em brochura.....	4	1:600
« 3.º anno 1866 em brochura.....	4	1:600
Numeros avulsos dos mesmos jornaes, (de alguns mezes) « [tangas 5]		160
Curso de Physica elementar (Guedes) 1 volume encadernado	6	2:400
Materia Medica, do Dr. Beirão, 1.º e 2.os volumes encadernados.....	10	4:000
Codigo Pharmaceutico (ultima edição) encadernado ..	5	2:400